

RESISTENCIA

N.º 102

COIMBRA — Domingo, 9 de fevereiro de 1896

1.º ANNO

9 DE FEVEREIRO DE 95

Ha datas que se não apagam, infamias que nunca esquecem.

Ha um anno que, d'uma caverna soturna, d'uma encruzilhada traiçoeira de sicarios, irrompeu feroz o represado odio da monarchia e dos seus domesticos, a tudo que seja digno, a tudo que seja honesto, a tudo o que seja ativo e nobre, e, á falsa fé, pelas costas, calcando a lei, despedaçando direitos sacratissimos, esbofetou-se a dignidade d'um povo apunhalando a carreira immaculada d'um homem que, na grandeza da sua austeridade, soubera collocar acima das suas conveniencias, a conveniencia da sua patria, acima do amor á sua vida, o amor ao seu Ideal.

Demittiram ha um anno o dr. Cerqueira Coimbra.

Dizia assim o decreto da exoneração:

Ministerio dos negocios do reino — Direcção geral da instrucção publica — 3.ª Repartição

Por decreto de 7 do corrente mez:

Bacharel Antonio Augusto Cerqueira Coimbra, secretario e mestre de ceremonias da Universidade de Coimbra — Exonerado d'estes logares.

Direcção da instrucção publica, 9 de fevereiro de 1895 — Pelo Director Geral Luciano Cordeiro.

Não nos irrita a sordida imbecilidade dos que não trepidaram em referendar este documento.

Não nos irrita a mesquinharía torpe do processo.

Cada um defende-se com as armas que tem, e as armas da monarchia são estas: a violencia, a torpésa, quando não podem ser a corrupção, o suborno.

Não nos irrita a brutalidade rude do golpe que ha um anno cabiu sobre a cabeça do dr. Coimbra.

Na lucta travada entre todos os portuguezes honestos e os bandoleiros que terçam armas pela monarchia, no combate acceso entre a causa santa da patria e a causa nefanda do rei, que importa virem os ferimentos para o campo da honra, se a victoria não vae, se o triumpho não pôde ir para o campo da indignidade, para o campo da traição? Não nos irrita.

Cicatriz gloriosa, não é um motivo de desanimo, é antes o incitamento para continuarmos na brecha, de cabeça erguida, o espirito socegado, desafiando as iras burlescas, os odios miseraveis dos inimigos da republica, que são os inimigos de Portugal.

9 de fevereiro de 95, não é uma data triste, dolorosa, para a democracia.

Pelo contrario.

Quando tudo se corrompe, quando cahem em frangalhos na lama glauca dos sobornos e dos egoísmos, homens que todos julgavam puros; quando as almas se prostituem e as consciencias se arrematam, quando o lódo pestifero dos interesses pessoaes, das pequeninas ambições, tudo subverte e tudo corrompe, o podermos atirar á cara dos nossos adversarios com a granada mortifera dos nossos exemplos, o podermos chicotea-los com a hombridade, com o desassombro dos nossos correligionarios, não é um motivo de dôr, de lucto: é um orgulho legitimo, é a mais sagrada das soberbas.

9 de fevereiro de 95, representa um dos maiores e mais rutilos triumphos da causa do Povo contra a causa do rei.

O dr. Coimbra foi demittido pela sua honestidade inconcussa, pela pureza immaculada das suas convicções, pela intemerata hombridade do seu caracter.

A monarchia demittindo-o, veiu apenas delimitar os campos: d'uma banda os fastigios do poder para os deshonestos, para os corruptos; d'outra as perseguições, as violencias, para os allivos, para os patriotas. D'um lado a monarchia, do outro a Republica.

É para evitar sophismas, para prevenir confusões, 9 de fevereiro de 95 veiu mostrar bem claro, bem alto que ao nosso lado está a causa do Povo.

Não é uma data dolorosa, uma data triste.

É simplesmente uma data que os impõe o dever inadiavel de pugnar pela implatação da republica.

E como esta será o triumpho da honra, a victoria da dignidade, 9 de fevereiro de 95 é uma data de lucto, mas para a monarchia.

Tem sido lida com avidéz a Patria, de Guerra Junqueiro.

Joaquim Martins de Carvalho

Continua doente este velho e valente jornalista, que tem sempre luctado pelas garantias liberaes. Felizmente, nestes ultimos dias tem sentido algumas melhoras.

Em virtude da doença do nosso amigo, suspendeu a sua publicação o *Conimbricense*.

Desejamos que as melhoras do nosso illustre correligionario se accentuem, para que continue a propugnar pela causa da liberdade.

Caminho a seguir

O caso da suppressão da *Van-guarda*, veiu radicar mais no nosso espirito, a convicção de que a propaganda pela imprensa já fez o seu tempo.

Jornaes! jornaes para quê?

Não é com jornaes, nem com artigos, mais ou menos revolucionarios, que poderemos agitar os nervos d'este povo, chama-lo á revolta, ao desforço, á honra, no accordar estrepitoso d'um grande sentimento.

Não! a experiencia o diz.

Outro o caminho a seguir.

Caminho cheio de difficuldades, mas os jornaes tambem não nos amaciam a estrada que nos ha de levar á Republica.

Pelo contrario. Estamos á mercê de beleguins arvorados em dictionarios de synonymos e carrascos do pensamento.

A febre d'uma idéa, a altivez de uma energia temos de ir suffocallas nas prisões, ás ordens de el-rei.

A monarchia não respeita as nossas idéas, não nos dá liberdade de as exprimir?

Pois bem: nós não queremos a monarchia.

O direito é igual para todos: para monarchicos e para republicanos.

Convençam-se d'isto os melquetres da politica e d'uma vez para sempre.

Elles têm o seu gabinete negro, elles abrem a nossa correspondencia, elles cospem nos nossos direitos mais sagrados!

E que a nossa voz proteste... ao cabo do protesto accordamos algemados, escarnecidos, ainda, por cima.

Para que serve, então, o protesto da nossa voz, se não tem a cobri-lo o escudo do nosso braço?

Vale mais protestar d'outra forma.

Protesto que nos accorde a todos...

De trabalho e de energia é que se precisa.

Prudencia e coragem é que todos devemos ter.

O mais é tudo secundario.

A educação do povo?

O povo não lê os jornaes... não sabe lêr. Ouve, de preferencia, as patranhas dos missionarios que o embrutecem e fanatisam.

Para quê, então, os jornaes? — Principalmente, na vida anormal da sociedade, e em que são precisos trabalhos d'uma outra ordem que accordem a nossa indolencia meridional.

Indolencia que nos faz morrer sem um ranger de dentes contra os tyrannos, sem o bramir d'um canhão contra a ladroeira.

Para que são precisos, então, os jornaes?

Agora, precisam-se de braços para a lucta, e de idéas para a victoria.

A hora deve estar prestes a soar, o 31 já lá vae ha tanto tempo... e nós sempre indolentes...

Indolentes ou cobardes! Não quero destrinçar.

Mesmo não valeria a pena. Mas se houve cobardia, é precisa a penitencia.

Abençoar-nos-ha, depois, a Patria.

Veiga — o corregedor — pede a sua demissão.

Não é vergonha, é cubiça. Como se falla em leis de repressão, talvez se abra concurso para carrasco. E elle apresenta requerimento.

Um jornal progressista e liberal diz que a *Patria* devia ser apprehendida, porque é pornographica.

E não pede que João VI seja supprido da historia!

Mais uma incoherencia.

Ha dias o sr. conde Thomar, referindo-se aos acontecimentos tumultuarios que se deram por occasião e depois do centenario de Santo Antonio, disse o seguinte:

«Ha um assumpto, sr. presidente, sobre todos, que não posso deixar de trazer a lume, por ter feito uma grande impressão no pais. Foi a caçada aos membros do clero, a ponto de serem perseguidas pessoas nas ruas de Lisboa que pareciam padres, porque não usavam barba. Esses caçadores desappareceram como fumo.

Pois, se procurassem bem, estou convencido de que achavam a chave do enigma, e que não era a população honesta de Lisboa que assim procedia. Talvez na travessa da Parreirinha podessem dizer alguma coisa sobre os papeis anarchistas da occasião».

Eseusado será pôr em relevo a insinuação que nas palavras transcriptas se contém. Lembremos só que, por occasião dos tumultos, os jornaes assalariados pelo governo pretenderam attribuir á imprensa republicana a responsabilidade d'elles.

As *Novidades* ganem, irreverentes e infames, á obra de Junqueiro...

Não admira, tambem ha cães que ladram á lua.

E ella não os ouve...

Simplemente infame

É simplesmente infame o que o governo e os seus sicarios fazem espalhar acerca dos republicanos e dos seus jornaes.

Exerce-se a censura previa sobre dois jornaes republicanos de Lisboa. Porque? porque esses jornaes, dizem elles, continham artigos atacando os valentes soldados que foram á Africa.

Ora é de todos sabido que os artigos censurados apenas pretendiam evitar que se fizesse uma exploração ignobil a favor d'outras pessoas, que em nada concorreram para as nossas victorias em Africa.

Practicam-se os attentados anarchistas. A quem é lançada a culpa d'esses attentados pelos jornaes assalariados? Aos jornaes republicanos porque incitam e applaudem os seus attentados.

Percebe-se perfeitamente que o governo deseja malquistar os republicanos com a opinião publica, mas, felizmente, todo o pais percebe esse jogo e vê que o partido republicano não pôde applaudir attentados d'aquella ordem, que só poderiam ter justificação no estado desgraçado a que o pais tem sido arrastado pela monarchia.

Pótem proseguir á vontade. Nós continuaremos a revoltar-nos contra todas as infames ladroeiras e prepotencias d'esses defensores da monarchia.

Bagatellas

Não me farto de carpir, — como o bem conhecido Mario, — sobre as ruínas de outros tempos!

Como a transformação dos costumes é rapida na onda afanosa do cosmopolitismo actual!

Veneraveis anciãos, meus contemporaneos, sacudi as encanecidas melénas, e lançando sobre os acontecimentos historicos o telescopio das vossas reminiscencias, ensinae ás gentes novas o que era o Entrudo de ha trinta annos!...

Semanas antes, a annunciar-lhe o advento, começavam de chegar pelo correio cartas e versos anonymos com illustrações picantes de porcarias; presentes de pasteis de estopa, pudins de cascas de cebola; rãs vivas e ratos mortos em cartonagens garridas, e os trocadilhos de baboseiras, exigindo replicas.

Semanas antes já havia nas ruas, o rabo-leva, o pinto falso preso por um prego, a chave quente, a luva pintada de graxa; e das janellas a sacca de areia atirada, a valer, sobre os transeuntes incautos!

Os camponios eram victimas de lógrós e faceis cruéis; e soffriam barbaridades desabafando em ameaças de facadas para fóra dos muros da cidade.

Desde Domingo Magro suspendiam-se as garantias. Os merencorios, que não queriam sujeitar-se ás contingencias da anarchia, emigravam com mulher e filhos e iam coçar a misantropia funeraria para a solidão dos arrabaldes, a sós com a natureza e o gado domestico.

Na cidade ficavam os fortes, os sadios, — os arruaceiros.

Os estudantes em troupes, armados de seringas collossaes, bem providos de material de guerra, punham verdadeiros assédios ás casas das familias então afamadas pela expansão da sua jovialidade. E quasi sempre a ferocidade da defeza, não ficava atraz á energia da aggressão. Porque se arremessavam legitimas granadas e pelouros sobre a turba dos assaltantes!

Trocados os preliminares de tremoços, bombas e agua, seguiam-se de parte a parte os projectis mais contundentes e decisivos. Debaixo, além dos jactos constantes, que repuchavam dos pipos das seringas até ao segundo andar, eram lançados ovos e laranjas; de cima, batatas, toda a fructa pôdre ajuntada em dois mezes, hortaliças, a bateria velha da cozinha, os moveis partidos e pás de lixo. Era a limpeza annual da casa!

Toda uma rua em alarme, numa algazarra de ensurdecer!

Vidraças fóra, portas fechadas, os assaltantes entravam pelas janellas, numa folia doida, numa audacia familiar e perigosa.

Havia cabeças quebradas, entorces, contusões, mas... e os diabos! era

esturdia para arrebentar. A velha portu-guêsa, e uma vez no anno!

Estes eram os episodios heroicos; mas o ardor do folgado generalisa-va-se por todas as ruas. Estabelecia-se pequenos combates de domicilio para domicilio, numa gana crescente de tres dias!

A noite vinham as ciladas: as ca-cadas ruidosas, que se despenhavam pela escada abaixo, puchadas por um cordel; os ingredientes no corrimão; os roubos simulados, os sustos, as chufas, as pulhas, as mil arrelias da galhofa insaciavel e ousada!

Depois os bailaricos!... Mas isso é interminavel, Santo Deus!

No ditoso periodo que atravessamos foi inventada a policia que em nome do progresso nos mette na cadeia se nos rimos. O progresso só consente que choremos!

O riso é sedicioso, porque no rir ha superioridade, saude e energia; a lagrima, pelo contrario, é o quebrantamento e a fraquêsia. Ora o cidadão, pelos modos, quer-se bem fraco, bem pusillanime, em obediencia á ordem, a bem da civilisação!...

O que actualmente por ali se exhibe é um *Carnaval*, corothico, e pie-gas, muito civilisado, que, por entre casquilhadas de infinita graça, queima bixas chinêsas nas salas, e lança pôs brilhantes e bisnagas de água perfumada nas damas!...

Se aquelle antigo e glorioso Entru-do, o velho histrião de outros tempos, voltasse e desse de frente com este espartilhado e anemico intruso de monoculo no olho, violetas na lapella, enfesado de vermes e de namoro, machucava-o nas mãos cabelludas — e comia-o, como Saturno fez aos filhos!...

A.

Na noute de 4 do corrente mês um anarchista lançou uma bomba no portal da casa do illustre clinico sr. José Joyce. O repugnante attentado é censurado com toda a vehemencia pela imprensa republicana, e, não obstante isso, ha uma folha immunda, dirigida por um tal *Jago*, que pretende imputar a responsabilidade d'esse facto ao partido republicano, instigando assim o governo a que adopte as mais rigorosas providencias não só contra os anarchistas mas tambem contra a imprensa republicana.

Não ligariamos a minima importancia ao facto, se não fôssemos, no nosso distincto collega o *Commercio do Porto*, o seguinte telegramma do seu correspondente da capital:

«Consta que, ponderando-se a necessidade de fortalecer o governo para dominar as audacias dos anarchistas e para pacificar a India, vaе haver remodelação ministerial, no que, ao que tambem consta, trabalha com afan o sr. ministro do reino. A nova situação, a dar-se, conterá como predominante os amigos do sr. João Franco.»

E se não vissemos esse mesmo boato reproduzido no *Jornal do Commercio*, do seguinte modo:

«Consta-nos que o sr. ministro do reino, ponderando a sua majestade el-rei a necessidade de ser reforçado o governo, pois que, como se sabe, a crise que abriu o sr. ministro da guerra está latente á espera, como tambem ainda se sabe, da liquidação da dictadura do governo perante o parlamento, consta-nos, vinhamos dizendo, que o sr. ministro do reino pensa em aproveitar o presente ensejo, com o fim de extirpar os anarchistas e de concluir a obra da pacificação da India (a qual, a continuar assim, vaе excellentemente), para uma larga recomposição ministerial, na qual sua

ex.ª cuida, dizem-nos, desde muito, e a qual, dizem-nos ainda, não desejará para já.

Mas, na imminencia da queda e afirmando-se-lhe propicia a occasião para afastar collegas que lhe não agradam em extremo, procura obter do chefe do estado uma remodelação ministerial, em que d'ante-hontem para hontem tem trabalhado com afan. Emfim, veremos o que sae d'esta nova manobra politica.»

Assim approximamos os factos, e ficamos a pensar:

O que dirá a historia, quando falar fria e serenamente?

Distribuiu-se profusamente pela cidade o telegramma que o sr. D. Antonio de Lencastre (Alentem) mandou ao seu parente D. Carlos, em nome do centro monarchico academico, felicitando o por ter escapado ao attentado da pedra *vivrada* pelo anarchista Mattos.

Acompanhavam o telegramma commentarios adequados ao caso.

O ATTENTADO ANARCHISTA

Assumpto palpitante é este, que vaе deslizando, agora, por todos os jornaes, cingido, aqui, pela armadura ferrenha de blasphemias e indignações conservadoras, aureolado, além, dos impetus accessos na febricitação d'um ideal societario, talvez phantastico e sem base, mas sem duvida nenhuma, vago, indefinido, escoando-se pelas brumas do futuro, numa grande incerteza de realisação.

A Humanidade soffre. Indubitavelmente o periodo que atravessamos, é uma crise revolucionaria de transição, moldada ainda nas fórmulas platonicas d'um Ideal apenas esboçado mas que, levada na ardencia torturante do soffrimento, nos sublimes vôos do sentimento, ha de necessariamente, fatalmente, assimilar o que de pratico e positivo restar dos devaneios da imaginação e das locubrações do pensamento.

Qual será essa fórmula? O socialismo, o anarchismo?

Entre nós, ha o costume de, dadas duas opiniões contradictorias, seguir-se, geralmente, um caminho intermedio.

Posto que eu não seja d'esta opinião, aliás commoda, parece-me todavia, e tudo nos leva a crer assim, que estas duas torrentes da mentalidade humana— anarchismo e socialismo, se hão de cingir e temperar, de modo que o resultado não dê nem a pressão, mais ou menos auctoritaria da primeira, nem a selvageria, mais ou menos pronunciada, da segunda.

Assumpto palpitante, ha eu dizendo, e todavia quasi que passou despercebido. Fallaram, é verdade, os jornaes, mas fallaram *ex-officio*, porque tinham obrigação de fallar, quando mais não fosse, para encher columnas.

E um attentado anarchista não é prato de todos os dias offerecido ao repasto da curiosidade indolgenta.

Qual a razão, portanto, de similhante indifferença?

Parece-nos poder explical-a.

E effectivamente, porque é que nos haviamos de admirar?

Se o anarchista saltou da esphera da lei para o campo da lucta violenta, é sem duvida attenuado o seu crime pelas agruras de miseria, pelas imposições d'um capitalismo egoista!

A sociedade, agora, condemna-o pelas infracções á lei.

A sociedade condemna-o, mas não condemna o governo, maior anarchista ainda, porque, enquanto um desrespeita a lei, o outro a rasga impunemente!

O que é que vem fazendo, ha tanto tempo, o sr. João Franco e mais comparsaria, senão atrando bombas sob a fórmula de decretos, a tudo o que havia ainda de livre, neste país, de dignidade, neste povo?!

Todavia o Mattos foi dado por doído e o auctor do attentado, se o descobrirem, é provavel que vá apodrecer em Africa!...

E não querem que haja anarchistas, se a lei é tão desigual!...

Carta aberta

... Mandas-me o teu livro e pedes que me azede. Escusavas pedir — bastava mandares-m'o. Elle só, na sua insignificancia, seria bastante e eu embirro com pleonasmos.

Porém, irritou-me, veiu cocegar-me o espirito num desejo fundo, irremprimivel, de lambada o teu requerimento. Que os teus versos — valha a verdade — azedaram-me mas não me irritaram. Eram lá capazes d'isso, coitaditos!... Lê-os a gente e fica-se como se não os houvesse lido, frio, impassivel, sem um entusiasmo, sem uma commoção, sem uma idéa. Talqualmente como depois de ter escripto um artigo de fundo ou de ter lido um *Seculo* de 8 paginas, numero cheio, com prosa do Magalhães e mônos illustrativos do Roque Gameiro. Têm apenas isso de bom, de apreciavel: fazem o vacuo. Numa aula de physica pobretona, sem apetrechos, surrelfa, poderiam substituir a machina pneumática para edificação e ensinamento da mocidade que estuda.

Dizes que são teus, que os fizeste tu; acredito na tua palavra, apesar de te conhecer com talento, com originalidade e elles me parecerem os de toda a gente que fazia versos, que publicava versos, ha dez annos, em pleno lamechismo romantico, nos tempos bons em que havia paixões, castellos feudaes, guitarrilhas de pagens, em que se mediam os versos e em que os lycurios de Andrinopola, as extravagancias picaras da Decadencia, não haviam entrado nas cabecinhas ôcas e bem penteadas dos jovens prodigios nacionaes.

Parecem os versos de toda a gente, os versos que todo o cidadão portuguez tem dentro de si antes mesmo de usufruir as delicias de uma alma christã, porque, se a alma lh'a ferram no baptismo, o lyrisimo, mais remoto, mais entranhado ainda, acompanha-o desde o ventre materno.

E uns parem-n'os: são poetas; outros transformam-n'os em cartas de namoro: são valdevinos, tunantes, que mais dia menos dia apunham doenças venereas ou cahem na arriosa do santo matrimonio.

Ora, positivamente, tu não nasceste para parir. A natureza fez-te macho, e muito feio. Deus te preserve das más doenças, mas estás talhado para um bom pae de familia, um bom marido, um bom avozinho — mais tarde — com caturrices pittorescas sobre a metrificaçao e os bons costumes.

Não versejes, namora. E foi isto que me azedou: sempre te julguei com o senso preciso para ficares na carta de namoro e o teu volume mostra-me, numa derrocada de rimas incolores, inodoras, pirangas e insulsas, a illusao em que heí vivido. Enganei-me.

Mea culpa e não te zangues.

Não te zangues e ouve. Eu não fallo no teu livro, embora do coração agradeça a penhorante amabilidade da sua offerta.

Não fallo, pois não alapardo em minha alma energia bastante para dizer, em publico, mal da obra de um amigo, quando a amizade me obrigaria a saltar por cima das minhas impressões para d'ella dizer bem; e tambem em meu espirito se não acoita cynismo que bonde para dizer bem quando a boa justiça das minhas impressões me incitasse a dizer mal. Isso, quando muito, faz-

se a um indifferente, a um inimigo a quem se deseja vêr entalado numa reincidencia, a esparrinhar-se no ridiculo, no grutesco, com os assobios da populaça, ou com as consagrações da Academia: diplomas d'honra, habitos de Christo e pontapés no rabo.

A ti, meu companheiro dos primeiros annos coinbrões, o unico, cujo paradeiro eu sei, d'essa *troupe* que dispersou toda, que levou mundo fóra um bocado da minha alma, um frangalho do meu espirito, a ti, eu não podia, eu não devia fazê-lo.

Digo-t'ó sob palavra: considero-te com talento para fazeres coisa que fique e esperava que a fizesses, mas o teu livro, longe de m'o provar, veiu dar-me um repellão brutal, muito rijo, nessa convicção e nessa esperança.

Isto é rude.

Desculpa. Por isso mesmo eu comecei dizendo que o teu requerimento me irritara.

Veiu pôr-me na dura contingencia de te dizer uma verdade.

Verdade desagradavel, verdade que se não diz, mas que eu não podia callar, mercê da gentileza com que me outhorgas o titulo d'amigo.

Olha: Namora, casa-te e quando tiveres um filho poderei apadrinha-lo na pia do baptismo, poderei ajudar a metter-lhe no corpo uma alma christã; o que não posso é tornar-me complice no crime escandaloso de te tirar do ventre outro volume de versos.

Falta-me o *forceps* da lisonja e nem sequer tenho carta de parreira.

Adeus.

Todo teu,

F. V.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

Navarro, por causa das duvidas, guarda e preceitua silencio sobre os anarchistas.

O seguro morreu de velho e a prudencia foi-lhe ao enterro.

Que o forte do homem não é positivamente a coragem...

Começaram as obras da installação do museu do Instituto.

A installação é feita segundo desenhos de A. Gonçalves e deve achar-se concluida para abril d'este anno.

Da comissão municipal republicana de Santarem, recebeu a comissão de estudantes republicanos que trata da reedição da «Cartilha do Povo» a quantia de 19\$100 réis.

O sr. juiz de direito d'esta comarca já reformou o seu despacho em que pronunciou os estudantes José Luciano de Castro Pires Corte Real e Agostinho da Costa Alemão pelo crime de homicidio voluntario.

Este sãtu na sexta feira ultima da cadeia. O primeiro tem de prestar fiança.

Carta de Lisboa

Lisboa, 7 de fevereiro de 1896.

Quanto a bombas, a policia que lhes diga como arranja essas coisas.

O attentado contra o nosso amigo D. Carlos era hontem apreciado por um palaciano, pela seguinte fórma— «Pelo muito que respeito S. M. protestou contra o attentado; principalmente porque a arma usada, uma pedra, revela desejos de depreciar o soberano. E' sobretudo na insignificancia do instrumento do crime que está o desperstigio, pois assim não tardará que lancem contra o monarcha bollas de papel.»

Não deixa de ter razão este amigo dos diabos, porquanto o indigena, que tudo abandalha é capaz de converter em realidade as suas apprehensões.

Começam alguns ingenuos abrindo os olhos, e descobrindo, perante a comedia das recompensas, que nos altos poderes sómente ha em vista especular com o exercito contra o povo. Queira a Divina Providencia illuminar a todos, convencendo-os de que realmente não é gloria digna de um poema heroico desancar o povo para agradecer ao rei.

Da India ha o seguinte resumo: 1.º um telegramma do Raphael dizendo que houve uma batalha com 80 inimigos mortos e 70 feridos.

2.º telegramma do Raphael explicando que os 80 mortos são de toda a campanha e que não houve tal combate.

3.º Louvores do Raphael ao Infante, dizendo que os rebeldes alvejavam especialmente Sua Alteza.

4.º Um edital dos reaes dizendo que o seu livro sagrado não lhes permite offender os irmãos ou filhos dos reis. Motivo este por que, *sempre* que em qualquer parte apparecia o D. Affonso, elles fugiam.

5.º Novo telegramma do Raphael, dizendo que houve o tal combate.

6.º Explicação do *Seculo* afirmando que o telegramma noticiando a batalha acima referida é exaggerado, porque foi redigido por outro individuo que não o Raphael.

Já viram descaramento mais desaforado?

A camara de Lisboa tencionara offerecer um baile ao D. Affonso.

Que me dizem á recepção feita pelo povo de Madrid ao heroe Martinez Campos?

E, a proposito do Martinez Campos, não imaginam que sincera alegria eu tive quando o vi liquidar. A' sua chegada a Coruña recebeu o heroe de Sagunto um telegramma de Canovas saudando ao iniciador da restauração monarchica em Hespanha.

Bello! Eis porque a monarchia o lisonjeia ainda. Não assim o povo, que o assobiou. Foi morto um popular por causa d'isso. E' destino do general avançar para a ignominia sobre cada-veres. Glorioso bandido!

Tremenda lição para todos...

O governo prepara-se para perseguir os republicanos. A certos, principalmente.

As mesmas intenções tem a respeito dos socialistas. A certos, tambem.

O livro de Guerra Junqueiro estorrou como uma bomba e tem enfurecido os monarchicos. Essa furia rebenta hoje num artigo do *Diario Popular*.

Deve ser do Alberto Pimentel. O Fernão Vaz que averigue e commente em doce e ameno estylo.

João da Nova.

Acha-se doente, ha dias, o illustrado lente da Faculdade de Direito, sr. dr. Henriques da Silva.

Desejamos ardentemente as suas melhoras.

Associação Commercial de Coimbra

Acabamos de receber o *Relatório e contas da gerencia de 1895* d'esta importante Associação, cuja leitura nos deixou a mais grata impressão tanto pela elegancia e naturalidade com que está escripto, como pelo desassombro com que nelle se expõem e criticam alguns factos.

Com esse *Relatório* terminou brilhantemente essa gerencia, de que foi digno presidente o nosso presado amigo sr. Antonio Francisco do Valle, um dos mais conceituados commerciantes d'esta cidade.

Agradecendo o offerecimento de um exemplar, não nos podemos furtar ao desejo de transcrever d'elle os seguintes periodos:

«No nosso meio pouco vale a iniciativa individual e a politica avassaladora. Não se attende ordinariamente aos motivos que legitimam uma pretensão, á maior ou menor utilidade publica que do seu deferimento derivará. São as conveniencias partidarias que se pesam, é a influencia politica de quem pede que se presta attenção. E, penoso nos é confessal-o, não tem Coimbra procedido sempre de modo a merecer a gratidão de quem lhe presta relevantes serviços, nem sabido manter uma independencia que a torne respeitada. D'ahi deriva que os governos quasi sempre se mostram insensíveis ás suas queixas, por mais justificadas que sejam. As representações, em que se formulam pedidos para os mais urgentes melhoramentos locais, parece que não dão entrada em activas secretarias de estado, mas sim num sepulchro.

«Não logramos nós, sempre que nos dirigimos aos poderes publicos, pedindo uteis e imprescindiveis providencias a favor dos interesses do commercio e da cidade, conseguir que fossem attendidas as nossas representações. Continuou a tradição. Sentimo-lo e muito pela associação de que tínhamos a honra de ser representantes; pelo commercio cujo desenvolvimento ambicionavamos; pela cidade cujos melhoramentos desejavamos promover. Individualmente, não temos de que nos queixar; nenhum motivo havia para que os poderes publicos para nós abrissem uma excepção.

«Ninguem queira ver nestas palavras uma manifestação de desanimo. Nunca o sentimos.

«Tambem não se deve ver nellas a affirmação d'uma completa descrença no bom exito de qualquer empreendimento por parte de futuras direcções d'esta associação. Sabemos quanto vale o trabalho methodico e assiduo; sempre confiamos na justiça. Perante elles cedem as maiores resistencias.

«E, em todo o caso, o nosso dever é lutar.

«Tivemos nós mesmos o prazer de ver satisfeitos dois pedidos que pela direcção anterior foram feitos á companhia real dos caminhos de ferro portuguezes.

«Modesto como é esse melhoramento, somos nós os primeiros a reconhecê-lo e confessal-o, bem demonstra quanto a nossa associação pôde ser util ao commercio e á cidade.

«E para desejar seria que a nossa associação se desenvolvesse, e que por meio d'ella se revelasse a força, a energia e a actividade da classe commercial, sempre unida quando se tractasse de promover ou defender interesses communs. Teriam assim as suas direcções um firme apoio para fazerem valer as suas pretensões; jámais lhes faltaria incentivo para o trabalho, força para vencer os obstaculos que se lhes oppozessem.

«Infelizmente a nossa associação está longe de corresponder á importancia que podia e devia ter. Não anima a classe commercial um forte espirito de solidariedade, condição imprescindivel para que a nossa associação, que devia ser a sua expressão mais genuina, adquirisse verdadeiro vigor.»

Ninguem deixará de reconhecer quão exactas e rigorosas são estas considerações, e bom é que sejam devidamente meditadas.

Falando da escola do commercio, cuja fundação foi pedida ao governo, diz o *Relatório*:

«Muito lento é o progresso que, tanto sob o ponto de vista industrial como commercial, se tem dado em Coimbra. E, para isso, não pouco tem contribuido o abandono a que quasi systematicamente têm sido votados pelo governo os melhoramentos de que tanto necessita, entre os quaes deve incluir-se, sem duvida, e em primeira plana, os meios de instrucção que tornem fecunda a iniciativa da classe commercial e industrial.

«A séde do primeiro estabelecimento scientifico do país só ha poucos annos foi dotada com uma escola industrial; escola de commercio nunca a teve. E, todavia, ninguem poderá affirmar, pensar sequer, que se possa exercer actualmente a função commercial e industrial com os conhecimentos que ainda ha poucos annos se exigiam.

«A facilidade e multiplicidade dos meios de communicação entre os diversos mercados, tanto nacionaes como estrangeiros; a abertura e incessante desenvolvimento de novos e importantes centros de produção e consumo, têm dificultado extraordinariamente o exercicio da função commercial. É necessario que o commerciante conheça os diversos centros de produção e de consumo; que tenha a possibilidade de se corresponder com elles; que saiba onde mais vantajosamente

pôde obter a mercadoria e onde lhe é possível revendê-la.

«Sem isso, continuará o commerciante na rotina em que foi educado. Vindo da aldeia para o commercio, como empregado, mal sabendo lêr, escrever e contar, aprende a tractar os freguezes com certa amabilidade, a pesar ou medir fazendas e a fazer lançamentos. E mais nada.

«E os empregados, em geral assim educados, serão amanhã commerciantes. Alguns poderão, pelo trabalho e esforço proprio, preparar-se convenientemente para o exercicio d'essa profissão. O numero d'estes, porém, será sempre muito limitado.

«Rasgos de fecunda iniciativa, o emprego de novos e mais vantajosos processos, não os pôde haver. E assim vai vegetando o nosso commercio com grave prejuizo, não só para elle, mas para o consumidor e para o país.

«Quando lá fora se estudam praticamente os meios de desenvolver o commercio e as industrias, e, por meio d'elles, a riqueza nacional, entre nós descru-se completamente esse assumpto. E, todavia, Portugal acha-se em condições de, mais que nenhum dos outros países, dever envidar para o desenvolvimento do seu commercio e da sua industria os maiores esforços. É necessario que d'isto se convençam os governos e de que, em vez de gastarem a sua actividade numa politica estéril, devem sábia e prudentemente dirigir a acção do país no sentido de se aproveitarem os enormes recursos que das colonias lhe podem vir.

«E neste momento em que estamos escrevendo, factos se passam em uma das mais importantes, que parece deverem influir sobre os governos para que entrem rasgadamente nesse caminho.

«O nosso exercito e a marinha acabam de affirmar mais uma vez e pelo modo mais brilhante o seu heroismo em Lourenço Marques.

«Na lucta contra um poderoso inimigo, cujas forças eram incomparavelmente superiores ás nossas, sujeitos ás contingencias d'um clima inhospito, embaraçados por vezes com difficuldades gravissimas, cuja origem não nos cumpre aqui determinar, animou-os sempre o mais firme e arraigado amor da patria, nunca recearam expôr-se ao perigo e á morte, e, por meio dos mais heroicos feitos, das mais brilhantes victorias, dos actos da mais assinalada valentia, honraram a sua patria, tornaram-na ainda hoje digna das tradições gloriosas que a enobrecem.

«Honra pois ao nosso exercito e á nossa marinha! Vieram provar do modo mais eloquente que Portugal não se pôde considerar um país perdido, que ainda ha nelle energias veronais, que não duvidam em se sacrificarem pela patria até ao heroismo.

«E que no meio do delirio com que a patria agradece os acclama, que entre as justissimas consagrações em que lhes presta a mais calorosa home-

nagem, o governo pense em aproveitar, d'um modo eficaz e duradouro, a paz que elles acabam de conquistar.

«É necessario desinvolver o commercio e as industrias nas nossas colonias, unico meio por que poderão ser uteis á mãe patria e manter-se nellas o nosso dominio. E, para isso, é necessario não só attrahir para lá a corrente da emigração, que d'um modo assustador se está dando para a America, mas habilitar os individuos que para lá vão procurar fortuna ou meios de subsistencia com os recursos indispensaveis para vantajosamente poderem lutar.»

Sentimos não poder transcrever ainda, por falta de espaço, as considerações respeitantes ao aproveitamento do edificio da Penitenciaria.

No relatório ha documentos de valor, principalmente as representações relativas ao edificio da Penitenciaria, ás apprehensões de phosphoros e á fundação d'uma escola de commercio.

O Grupo Irmãos Unidos publicou um manifesto, apresentando o seu programma e explicando o apparecimento d'esse novo grupo academico.

A forma de governo que prefere é a seguinte: Só a viuva do Padre Antonio Vieira é grande e a Marrafa sua legitima sucessora.

E' uma blague com graça.

Theatro Circo

Tem continuado a agradar a companhia equestre, gymnastica e comica que está a funcionar n'este circo. Os seis cavallos apresentados em liberdade pelo director Mr. Herzog, trabalham com uma precisão admiravel. Os restantes artistas muito applaudidos, com especialidade o *jongleur* Roberto Afonso. Os palhaços sempre engraçados.

Cuba

São já conhecidos pelos jornaes hespanhoes pormenores da chegada a Madrid do *heroe* Martinez Campos. Recebido em algumas estações com evidentes signaes de desagrado, noutras com um silencio significativo, o general era esperado na estação de Madrid pelo mundo official e por muito povo. Soldados alguns vivos, o povo irrompeu n'uma vozearia enorme e estridentes assobios. Os *carabineros* dispersaram os manifestantes, e um d'estes, tendo sido preso, fugiu, sendo perseguido por dois carabineiros que lhe dispararam dois tiros, cahindo o pobre homem morto. Os jornaes madri-

nos revoltam-se contra esta scena tão barbara e que não tem justificação possível.

Do theatro da guerra, tem-se recebido ultimamente noticias não muito agradaveis para os insurrectos. Devemos porém po-las de quarentena porque todas ellas são fornecidas pelo governo de Hespanha.

Dr. Manuel Justino d'Azevedo

Na sexta feira, 7, foi commemorada a morte do sr. dr. Manuel Justino de Azevedo, illustrado professor do lyceu d'esta cidade, fallecido ha um anno, resando-se missas na igreja de Cellas e na igreja da Louzã. Nesta villa, reuniu-se naquella dia a familia do saudoso professor em casa de seu genro, o nosso amigo e correligionario, sr. dr. Guilherme Franqueira, assistindo todos á missa que na Louzã mandaram resar. A nobreza de sentir d'estes nossos amigos é affirmada novamente no culto doloroso que prestam á memoria inolvidavel do sr. dr. Azevedo.

Theatro-Circo Principe Real

HOJE

Dois espectaculos pela companhia dirigida por Mr. Herzog, ás 3 da tarde e 8 1/4 da noite.

A pantomima *O Barbeiro de Sevilha*. No 1.º espectáculo têm entrada gratuita as creanças até 10 annos, acompanhadas de suas familias.

Professores primarios

Os boletins mensaes, em harmonia com o decreto de 22 de dezembro de 1894, vendem-se a 50 réis cada caderno na livraria França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

NOTICIA HISTORICA

VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

Penitencia do S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas
Preço 400 réis

A venda no estabelecimento dos srs. Machado & Ferreira, rua do Visconde da Luz, n.º 40.

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XV

Herminia tornou a collocar distrahiadamente o volume de Shakspeare no fundo da bibliotheca e tocou casualmente na caixa de metal que M.^{lle} de Villy lhe tinha outrora mostrado com horror.—uma caixa d'arsenico, como devemos estar lembrados.— De repente, pegou-lhe e depois, lançando instinctivamente os olhos em torao, M.^{lle} de Croizy aconchegou-a contra o peito entre os braços, como se um olhar atravez das paredes podesse ainda lobriga-la.

Uma chamma sombria jorrava da sua pupilla dilatada; cerrava os dentes como se lvesse medo de gritar contra vontade e no rosto espelhava-se-lhe essa pallidez que imprimem todos os designios criminosos e com a qual o proprio culpado se espanta.

Subitamente tambem, esta tensão do seu ser quebrou-se; os braços tornaram a cair, a bocca abriu-se-lhe num suspiro profundo.

—Oh! disse ella! E' horroroso!... O veneno? Estou louca, estou louca! E, com passo sacudido, as mãos nas fontes, como se duvidasse da solidez

da sua cabeça contra qualquer assalto interior, alcançou a porta e saiu da bibliotheca.

XVI

Clic! clac! clic! Um chicote brandido por mão exercitada estalava no ar fresco e sonoro da collina de Villy.

Eram nove horas da manhã. M. de Argouges não tinha ido para a caça nesse dia e andava passeando com M. de Villy na grande alea do parque. Alice e M.^{lle} de Croizy seguiram-nos a pouca distancia, uma não lhe dando o menor cuidado o assumpto possível da conversa de seu pae com Emmanuel, outra muito preocupada, pelo contrario, com as palavras que podiam ser trocadas entre tio e sobrinho. Cuidado inutil, porque Emmanuel sentia-se sempre estrangulado pelos mesmos escrúpulos e pela mesma timidez em frente de M. de Villy.

Clic! clac! Ia-se aproximando, ao mesmo tempo que um ruido de guizos, a principio bastante vago, se ouvia cada vez mais claro.

—Aposto, disse M. de Villy, fazendo parar M. d'Argouges pelo braço e voltando-se para a filha e para Herminia, que é o coronel de Lambrune que nos chega.

—Com tanto apparato? perguntou M.^{lle} de Croizy que neste momento olhava para Emmanuel,

—Oh! A culpa não é d'elle, minha querida filha; mas é que todo o cochelo que conduz o coronel se julga obrigado a fazê-lo com espalhafato.

—Toquem os clarins! disse Emmanuel com um tom de leve ironia que só podia ser comprehendido por Herminia.

—Lá estão tocando, primo, observou Alice.

Com effeito, o toque da corneta dos antigos conductores annunciando a sua chegada a uma cidade ou aldeia ou ao termo da sua viagem começava a ouvir-se. A medida que a distancia diminuia, o metal parecia prestes a rebrantar, tal era a vontade com que o postilhão se esforçava por fazer ouvir o seu canto triumphal.

Era, como M. de Villy tinha previsto o coronel, mas emmagrecido e entristecido, sem o bomhear espaventoso que era o encanto da sua propria pessoa. M. de Villy e Emmanuel, que tinham vindo espera-lo á grade, repararam logo nisso. O primeiro não pôde mesmo evitar dizer-lhe, passados momentos:

—Parece que te não divertiste por lá muito sem nós!

—E' verdade, meu velho amigo, respondeu M. de Lambrune, é muito verdade. A vida militar tem isto de mau e é que acaba por tornar qualquer outra impossível. Está-se preso ao regimento, que nos estraga.

E como reparasse que estava sendo

objecto de minuciosa observação da parte de M. d'Argouges, continuou:

—Ainda tenho medo de que com o habito, essa Africa maldita que toda a gente teme e odeta, acaba por se me tornar indispensavel, mesmo para a saúde!

—Então, disse Emmanuel o beneficio do ar natal não é mais do que um prejuizo popular?

—Pela minha fé, respondeu o coronel, bem vêdes que se algum dia me dá para cantar o «Irei vêr a minha Normandia» não é com a esperanza de engordar...

—Mas conservas sempre a tua alegria, tornou M. de Villy que não tinha reparado no tom que a conversa tomara. Isso é o essencial, tanto mais que te has de restabelecer aqui, onde toda a gente, sem faltar M.^{lle} de Croizy, te espera ha bastantes dias.

—Ah! M.^{lle} de Croizy!... Agora me lembro, é isso! M.^{lle} de Villy escreveu á velha demoiselle de Fayolles...

—Que lhe respondeu immediatamente com uma pequena homilia a cuja leitura tu não assististe.

—E não tenho motivos para me arrepender!

O espanto de M. de Lambrune, que parecia ter-se recordado de repente de M.^{lle} de Croizy porque lhe tinham fallado nella, tinha sido tão bem fingido que Emmanuel chegou a censurar-

se por ter imaginado um romance acerca das ultimas aspirações do coronel. Um momento depois a franqueza com que Herminia se aproximou de M. de Lambrune acabou de o tranquilisar, decerto porque M. de Argouges só olhou para M.^{lle} de Croizy, aliás poderia ter surpreendido a melancolia que se pintou nos olhos do coronel e a inquietação que a perturbava.

—Emfim, coronel, exclamou Herminia já sahista da vossa barraca!

—Isto quer dizer, minhas jovens amiguinhas, que volto para lá dentro de poucos dias, respondeu Roland apertando em cada uma das mãos a extremidade dos dedos de Alice e de Herminia.

Esta notara a tristeza occulta no fundo do seu sorriso e durante o resto da soirée reparou em certas palavras e até reticencias que passavam despercebidas a Emmanuel mas que a ella lhe mostravam que o futuro de M. de Lambrune dependia ainda de um capricho seu e este mesmo de uma decisão. Decisão infelizmente mais do que tomada: Herminia queria M. d'Argouges. Estava ligado por todas as sensações do seu ser a este homem, cujo beijo, na tarde da queda do cavallo abaixo e do desmaio, lhe permanecia sempre sobre os labios, dando-lhe como que o espasmo da lembrança...

(Continúa)

BANCO COMMERCIAL

DE COIMBRA
Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Convida os srs. accionistas d'este Banco, que fazem parte da assembleia geral, a reunirem na casa do Banco, na rua do Visconde da Luz, n.º 86, no dia 15 de fevereiro, pelas 7 horas da tarde, a fim de dar cumprimento ao disposto no artigo 14.º dos Estatutos.
Coimbra, 31 de janeiro de 1896.
O presidente da assembleia geral, Antonio Rodrigues Pinto.

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 23 de fevereiro, por onze horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca de Coimbra, e pelo inventario por obito de José Jorge Gandara, da Ciga do Campo, que corre pelo cartorio do escrivão Joaquim Antonio Rodrigues Nunes, vende-se o predio seguinte:—O dominio util d'um prazo, composto de terra de semeadura com oliveiras, arvoredos de fructo e corrimões de videiras, denominada as Miguellas, no limite da Ciga do Campo, avaliadas em réis 286\$940.
Paga de fóro annual ao dr. Antonio de Azevedo, de Ança, 114,72 de milho. A contribuição de registo será paga por inteiro pelo arrematante.
Pelo presente são citados os credores incertos ou quaesquer interessados para virem deduzir o seu direito.
Verifiquei a exactidão,
Neves e Castro.

VACCINA da ultima colheita do «Instituto Vaccinico Portuense». Vende-se pelo preço do Instituto.

QUINTA

Vende-se uma proximo d'esta cidade.
Dá bom rendimento, tem terra de semeadura, pinhal, arvoredos de fructo, olival, vinha, etc.
Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

Pechincha

Magníficos vinhos de meza a 80, 90 e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 o litro.
Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; engarrafados, desde 240 réis para cima.
Acabam de chegar mais de mil garrafas de Champagne, Cognac, Rhum, Curaçao, Jaune, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro:
Collares, Bucellas, Carcavellos, etc.
Garante-se todas as qualidades, e cinco por cento a menos do que em outra qualquer parte.
Experimentem no

CAFÉ COMMERCIO
RUA VISCONDE DA LUZ
Coimbra

VINHO ANALEPTICO
DE
A. GUERRA

Util nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o appetite e enriquece o sangue.
Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.
Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.
Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de cordões e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123 — Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

Este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:
Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.
Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.
Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.
Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacos com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8\$500.
Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.
Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smoking, sobrecasacas e casacas.
Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudoos de agasalho.
Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.
Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.
Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatica, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.
BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 a 45\$000 !!
Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.
NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:
a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

53, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'outras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Vendem-se as propriedades seguintes: em S. Martinho d'Arvore:
Uma terra de 40 aguilhadas, aos Cadavaes;
—Outra dita, que confronta com José Mixanga e dr. Cabral;
—Outra dita, aos Lombos;
—Outra ao mesmo sitio;
—Ainda outra no mesmo sitio;
—Outra á Jaria, no campo de S. Facundo;
—Outra dita ás Varellas, no campo de S. Silvestre.
—O dominio directo de um fóro de 20 alqueires de milho, imposto num predio em Andazubre.
O sr. Antonio de Carvalho Moura, em Coimbra, rua do Sargento-Mór, loja, n.º 50, recebe as competentes propostas.

Atenção

ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frlas

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680
Sem estampilha:	
Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

AGUAS MEDICINAES

DA **FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithias hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloretado de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarrias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar emplgens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



RESISTENCIA

N.º 103

COIMBRA — Quinta feira, 13 de fevereiro de 1896

1.º ANNO

MOSSAMEDES

D'um nosso amigo residente no districto de Mossamedes recebemos pelo ultimo paquete uma carta, de que vamos transcrever alguns periodos.

Os factos que nelles se revelam são de tal gravidade e o assumpto é tão importante, que lhe damos o logar de honra no nosso jornal.

O governo, completamente entregue á mesquinha politica, descarta completamente os mais momentosos assumptos da administração e economia nacional. As colonias, essas são votadas a um completo desprêso até que nellas surjam conflictos graves que exijam os mais penosos sacrificios de dinheiro e de vidas.

E' o que se está dando em Angola, como os leitores poderão verificar, lendo a exposição que se segue.

«Districto de Mossamedes, 27 de dezembro de 1895.

Sobre alta politica ha casos graves e d'um aspecto nada tranquillizador.

O major Lentwein, governador de Damerland, foi ultimamente ao Cabo, onde dizia ter negocios importantes a tractar. Cartas d'alli, dizem que elle, em conversa com um alto personagem, fez notar o pouco ou nenhum valor do Damara sem Angola e a necessidade d'um accôrdo com o governo português dando a entender que, não se realisando o tal accôrdo ás boas, o peor seria para nós. Ora isto concorda com o que dizem os membros de uma commissão boer que foi ao Damara vér em que condições alli se podiam estabelecer. Referem elles que ouviram dizer a um tal dr. Hatmann, representante d'uma companhia allema, que as fronteiras naturaes das possessões allemãs eram; as margens esquerda do Cunene e direita do Cubango.

A bahia dos Tigres tambem lhes faz conta ao que parece, pois, apezar de estar occupada, cruza alli constantemente, ha um certo tempo para cá, um navio de guerra allemão.

No Cabo parece que disseram ao tal major que Angola já não era terra que se podesse annexar, dando-lhe a entender que a Africa era para os africanos.

A companhia de Mossamedes tambem foi uma nuvem negra que appareceu sobre este districto e que ameaça grande tempestade. Em 1892 foram descobertas, por um syndicato, composto de portugueses, boers, ingleses e suecos, umas minas d'ouro em Cassinga e ainda outras ao sul do Cunene por um boer de nome Robbertse, que não pertence ao syndicato.

Estas minas foram registadas em nome dos descobridores.

Posteriormente foi concedido o districto de Mossamedes, na sua maior parte, a uma companhia portuguesa, composta de estrangeiros. O unico homem português que ella aqui tinha, foi posto fóra.

Pois esta companhia, assim que tomou posse dos seus territorios, a primeira cousa que fez foi processar os possuidores das minas já registadas, a titulo de falsificação de registo!

O governo que no acto da concessão não salvaguardou os direitos adquiridos, ao que parece, mandou syndicar sobre a falsificação de registos a que a companhia se referia, mas até hoje nada se sabe sobre tal syndicancia.

O sr. Guilmin, gerente da companhia, assim que aqui chegou mandou imprimir um edital prohibindo o commercio, a caça, o córte de madeiras e ter curraes de gado nos territorios da companhia! Este edital foi publicado em português e hollandês, por onde ficamos sabendo que a lingua hollandesa é official em territorios da companhia. Está claro que tudo se levantou num protesto energico. Na Chibia houve mosquitos por cordas, tendo o Guilmin de fugir para Mossamedes.

O que ainda mais exaltou os animos, foi o ajudante d'elle, o muito conhecido Van der Kellen, declarar perante numeroso publico que os fins da companhia não eram exclusivamente commerciaes mas sim uma garantia que o governo português dera aos seus crédores francezes!!!... De maneira que fomos vendidos como carneiros. O bom e o bonito será se a decisão da questão da companhia com o syndicato fór contra este.

Os que ouviram a proclamação do Van der Kellen disseram-lhe terminantemente que fizesse constar á companhia que as minas só a tiro as levarão. Apesar d'isto, pessoa bem informada me affiançou que a companhia já vendeu as minas de Cassinga em Paris por sete milhoes de francos e que as acções d'esta empresa já tinham cotação na bolsa!

A concessão diz que a companhia de Mossamedes não pôde vender nem ceder terrenos sem licença do governo. Ora se o governo concedeu licença para vender uma cousa em litigio, onde está publicado o decreto?

Por ultimo a companhia prohibe uma cousa completamente livre por lei, como é a exploração do ouro de alluvião por meio de lavagens com instrumentos volantes. Assim, foram intimados a retirar uns individuos que andavam trabalhando por conta do syndicato e alguns colonos madeirenses que já tinham colhido algum ouro.

O amigo não pôde calcular como os espiritos estão exaltados e receio muito que o governo se veja obrigado a mandar aqui uma expedição, com resultado muito problematico.

Como se falla muito pelo norte em autonomia, independencia e outros palavões, é quasi certo estender-se o incendio por toda a provincia, logo que elle aqui rebente. As cousas que menos dão que fallar são de ordinario as que mais dão que fazer, e a questão d'Angola está neste caso.

Por outro lado o Estado do Congo convidou os boers para os seus ter-

ritorios de Cassai (!) e pretende estabelecer-los nas nossas fronteiras. Na Humpata houve meetings onde foram expostos os offercimentos officiaes d'aquelle Estado e breve partirá para alli uma commissão de boers, por mar, á custa do Estado do Congo, vér os terrenos offercidos.

Imagine os boers como vizinhos e instigados pelos Belgas o que nos não faráo. E o governo dorme!...

Agora outra. Não se admire, por que ainda não chega para abrir os olhos dos nossos governantes que teimam em os ter fechados.

Por carta recebida recentemente da colonia penal, sabe-se que o commandante, tendo noticia de que os ingleses da Chartre Company marchavam sobre o Lobale, mandou a toda a pressa occupar com 30 homens em ponto d'aquella região. Pouco depois chegam os ingleses, arreiam a nossa bandeira e põem fóra a força.

Os ingleses entraram pelo Barotze fazendo com que o soba d'este ponto invadissem Quijama e Lobale e agora dizem que os terrenos pertencem ao Barotze que os cedeu á Inglaterra!!...

Apesar da gravidade d'estas noticias, nada tem transpirado para fóra das altas regiões officiaes.

Os casos são tão sérios que é indispensavel que o governo diga categoricamente o que sabe sobre tão momentoso assumpto.

A pessoa que nos escreve é da maior confiança e além d'isso está, pela sua posição, a par de tudo quanto se passa officialmente. Por isso não pomos em duvida estas noticias.

É pois urgente que se dêem as providencias necessarias para que em muito pouco tempo não fiquemos sem a nossa Africa do sul e talvez sem a provincia d'Angola.

Os boers estabelecidos no nosso planalto da Chella representam hoje uma força respeitavel, e não se deixarão expoliar pela companhia de Mossamedes. Isto é certo. Por outro lado a companhia, apoiada pelo procedimento leviano senão criminoso do governo, ha de fazer tudo para apanhar o bocado mais rico do districto e, portanto, o conflicto é inevitavel.

Pensou alguma vez o governo nas consequencias d'uma guerra com os boers residentes nos nossos territorios que aggregarão em caso grave os buschmans, bastards, muchimas e hantentotes?

Cremos bem que não.

Combater os boers não é combater pretos e nós hoje, para termos um bom exito provavel, precisavamos d'uma expedição superior a 10:000 homens. O governo tem gente e dinheiro para isto?

Pense e responda.

A Provincia atrai-se ao governo com factos d'uma esmagante verdade. Do rei nada diz.

Ai, é verdade, ante-hontem era terça feira e nesse dia o rei continua illudido.

Os Bispos

Na camara dos pares, os prelados portugueses manifestaram-se d'uma independencia e altivez a toda a prova. E senão veja-se.

O arcebispo de Leiria diz:

«Que a dictadura seria mesquinha se obedecesse á melhora das conveniencias da engrenagem politica; mas os seus actos obedeceram aos verdadeiros interesses do paiz.»

E este, que veiu de Faro dar o seu voto ao governo:

«O sr. bispo do Algarve applaude os actos do governo, pois perante a attitudão dos factos occorridos em 1894 ceder seria um exemplo lastimavel de fraqueza e reprova as theorias nefastas que quebrantam a fé e esterilizam as virtudes.»

Mais este, muito nosso conhecido:

«O sr. bispo conde de Coimbra sente a ausencia do partido progressista ás sessões da camara e pede que todos congreguem os seus esforços a bem do pais e das instituições, terminando por pedir que se entre na votação. Os bispos não são politicos e apenas são interessados na ordem e na prosperidade do pais, na fé e na religião.»

Todos estes altos dignatarios da egreja tiveram a palavra numa sessão, o que fez dizer ao sr. conde de Thomar que mais lhe parecia estar num concilio do que numa assemblea legislativa.

Como se vê, todos elles applaudiram a attitudão do governo, porque, como disse o sr. bispo conde, os bispos devem votar com o governo, mediante certas concessões á egreja.

Christo prégou doutrina muito boa, mas esqueceu-se de deixar na terra um homem que perpetuamente azorrasse os vendilhões, como elle o fez. Foi pena, porque era agora uma bella occasião de se fazer essa operação.

Pegamos no Nacional, da Covilhã, para lermos uma correspondencia do Megre, um bom rapaz, quando deparamos na primeira pagina com umas infamiasinhas atridas aos jornaes republicanos. Vamos para lhe responder, mas lembramo-nos de esse que jornal é redigido por um sr. Quental Calheiros, antigo redactor do jornal revolucionario A Patria e hoje defensor da reacção jesuitica. Com tal gente nem para o céu.

A titulo de informação, acrescentaremos que o cabeçalho do jornal é muito similhante ao das Novidades e os processos são os mesmos.

E não nos ponha cá mais os pés, ouviu?...

Indigna-se a Provincia, porque o governo flica. Se não ficasse...

Oicamos a rudeza provinciana do Correio de Ceia:

«Tudo pois aconselha um ministerio progressista, e qualquer das soluções que não fór esta, é uma affronta a um partido leal, que para salvar as instituições e servir os interesses do pais, tem feito sacrificios, dignos dos mais rasgados elogios.

*Abi fica a nossa opinião, fundamentada nos mais rigorosos principios da justiça.

Este não está com papas na lingua; diz francamente o que quer.

Oh santa ingenuidade!

Cartilha do Povo

Para a reedição d'este pamphletto recebeu mais a commissão de estudantes republicanos a quantia de 4000 réis, dos republicanos da Vidigueira.

Instrucção publica Instrucção secundaria

XXI

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

Continuando a analysar o programma d'história, e abstrahindo da parte destinada á primeira classe, é forçoso confessar que, sobretudo no curso geral, um tal programma nos parece absurdissimo, uma verdadeira monstruosidade.

Costa a comprehender realmente como é que os seus auctores poderam imaginar que tudo aquillo podia ser bem entendido e assimilado por alumnos de dez ou onze annos, e com uma lição apenas por semana. É simplesmente espantoso.

Ninguem ignora hoje que, se é incontestavel que o ensino da historia, quando racionalmente comprehendido, é d'uma utilidade manifesta, absolutamente indispensavel, um bom systema de instrucção publica; se todos os grandes mestres são conformes em assignar-lhe um logar preponderante, entre os elementos essenciaes da educação moral e civica, contribuindo poderosamente para despertar e desenvolver o verdadeiro patriotismo: não é menos certo nem menos sabido que é absolutamente esteril, senão prejudicial, quando reduzido, como geralmente succede entre nós, a uma simples enumeração de nomes e datas, o que, sobrecarregando extraordinariamente a memoria, converte-se num grande obstaculo para o desenvolvimento regular e harmonico de todas as faculdades. E os programmas novissimos não nos parecem talhados para remediar os inconvenientes apontados: não conseguirão certamente elevar o ensino historico nos lyceos ao nivel que seria para desejar, libertando-o da rotina que o tem completamente desvirtuado.

Mas os auctores da reforma, que parece viverem no reino da Lua, entendem que tudo se resolve, que todos os vicios desaparecem com a elaboração de programmas vastissimos, sobretudo nas primeiras classes — exactamente as que deviam ser menos sobrecarregadas! — programmas a trasbordar de inutilidades, senão de inconveniencias, e das quaes nenhum proveito pôde advir, quer para a instrucção, quer para a educação da infancia.

Cumpre notar ainda que neste programma d'história ha materia que nos parece perigosa e que por isso deveria ser eliminada. Sendo destinado a creanças de dez a doze annos, reputamos perigoso para a sua educação moral pôr-lhes deante dos olhos, como querem os auctores do programma, episodios de monstros de perversidade, exemplos de devassidão, caracteres depravados como os de Nero, Calígula, Commodo e outros imperadores semelhantes, de que infelizmente abunda a historia imperial de Roma.

E, comtudo, foi tal a imprevidencia dos auctores do programma, que lá apparecem esses exemplares, para serem admirados por alumnos de onze annos! Lá fóra, onde se tracta d'isto a sério, ninguem o acreditaria.

E suppõem os reformadores, ou pelo menos, pretendem fazer acreditar-lo, que a sua obra é a ultima palavra da inspiração pedagogica, o termo desejado, a suprema aspiração, em materia de ensino médio! Uma simples questão de modestia...

Nós julgamos ter provado sufficientemente a nossa excepção, a mais completa imparcialidade, uma absoluta independencia, uma indiscutível sinceridade, na critica que estamos fazendo da reforma de 14 d'agosto e dos programmas que lhe serviram de complemento, louvando o que nos pareceu digno de louvor e censurando abertamente, sem contemplações, o que não pôde passar sem um correctivo severo. E assim é que elogiamos francamente, apenas com as necessarias reservas, algumas disposições da reforma, e do mesmo modo e com igual criterio applaudimos no artigo anterior a primeira parte do programma de historia, por nos parecer conscienciosamente elaborado e concebido num proposito honesto—formar o coração e o caracter do alumno. Assiste-nos, por conseguinte, o direito de apreciar severamente, sem que, por isso, possam classificar de facciosa ou de menos justa a nossa critica, as restantes partes do mesmo programma, as quaes estão, na verdade, inteiramente fóra de todos os limites do justo. Nem parecem obra do mesmo auctor. E é facil demonstrar-lo.

E devêras espantoso e de todo incomprehensível como logo na passagem da primeira para a segunda classe, e sem que o alumno esteja para isso preparado, se dá um salto immenso, absolutamente perigoso, e com infracção clara e manifesta dos mais elementares principios da methodica, e da segunda para a terceira não é menor nem menos contraria aos preceitos da mais sã pedagogia, a desproporção entre o que deve suppôr-se já sabido pelo alumno e o que de novo vae aprender-se. E facilmente se chega ao convencimento d'esta verdade, lendo-se detidamente essa monstruosidade pedagogica. É demasiado extenso o programma d'esta classe, e por isso não nos é possível reproduzi-lo; mas os leitores poderão verificar facilmente a exactidão do que estamos afirmando.

Não ha, pois, na passagem de uma classe para a immediata a necessaria e indispensavel gradação, como judiciosamente aconselham todos os mestres, a fim de que o alumno não encontre nunca difficuldades que não possa vencer com o proprio esforço, servindo-se dos elementos já adquiridos, nas classes anteriores, e de modo a caminhar gradualmente, sem soluções de continuidade, sempre inconvenientes e perigosas, na estrada que tem a percorrer. A isto, que é elementarissimo, não attenderam os sabios reformadores, os quaes, com uma ou duas licções semanaes, pretendem que uma creança de onze annos estude um programma que a um adulto, já sufficientemente instruido, não seria facil vencer com um trabalho diario de muitas horas; devendo notar-se que, na terceira classe, tem o alumno de haver-se, além do vasto programma de historia, com mais oito materias diferentes!

Isto, porém, ainda não é tudo, como demonstraremos no proximo artigo.

Tem estado bastante doente o sr. dr. Sousa Refoios, illustre leute da Faculdade de Medicina.

Felizmente nos ultimos dias tem sentido algumas melhoras, o que sinceramente estimamos.

Academia Republicana de Coimbra

Os estudantes republicanos da Universidade, reunidos em assembleia geral, no passado domingo, resolveram mandar um telegramma de saudação ao dr. Cerqueira Coimbra, ex-secretario da Universidade, protestando assim mais uma vez contra a prepotencia de que foi victima ha um anno aquelle nosso amigo.

Egualmente resolveram felicitar o grande poeta Guerra Junqueiro, pelo apparecimento do seu stygmatisante livro a Patria.

Foram indicados varios nomes de estudantes para se entenderem com os seus collegas republicanos de Lisboa e Porto a fim de se conseguir a aproximação das tres academias republicanas.

Na impossibilidade, porém, de enviarem telegramma ao nosso querido amigo dr. Coimbra, por á hora a que foi tomada aquella resolução estar já fechado o telegrapho, dirigiram-lhe a mensagem que, junctamente com a enviada ao grande poeta Guerra Junqueiro, publicamos em seguida:

Ao dr. Antonio Augusto Cerqueira Coimbra

Cidadão e prestantissimo correligionario:

O grupo dos estudantes revolucionarios de Coimbra, reunido hontem, 9 de fevereiro, deliberou unanimemente enviar-vos um telegramma saudando o vosso caracter immaculado e a austera inquebrantabilidade das vossas convicções, no primeiro anniversario do odioso decreto em que o governo do rei vos demittiu pelo crime nefando de amardes o Povo.

O adiantado da hora, não nos permittiu, porém, o dar immediato cumprimento a esta deliberação do grupo e, por isso, nós vimos hoje, interpretando o sentir de todos os nossos companheiros, apresentar-vos a homenagem do nosso respeito e da nossa solidariedade politica.

Os estudantes revolucionarios de Coimbra, amando fervorosamente a causa santa da Revolução, nutrem em seus peitos um ardente odio contra todos os inimigos da Patria e a mais viva das sympathias por todos os que na lucta contra o Despotismo, tendo cabido mal feridos pelos seus golpes traiçoeiros, sabem erguer-se, fortes e integros, revigorados para o combate, na firmesa stoica de quem se não curva, de quem se não submete.

E nas paginas gloriosas das luctas do Povo contra o rei, da Democracia contra o despotismo, esculpido em caracteres luminosos está o vosso nome aureolado, a data fulgente da vossa demissão.

Não o esquece o Povo Português, não o esquece a Republica e, como tal, não o poderiam esquecer os estudantes revolucionarios de Coimbra em cujo nome nós vos saudamos como encarnação fulgida e vivida da Revolução que ha de triumphar.

Coimbra, 10 de fevereiro de 1896.

Augusto Cymbron Borges de Sousa, Antonio Alexandre Saraiva da Rocha, Affonso Vianna, Antonio Olympio Cagigal, Diogo João Mascarenhas Marreiros Netto, Antonio Maria Malva do Valle, Victor José de Deus, Germano Martins, Joaquim Madureira, José Maria Joaquim Tavares, Ricardo Paes Gomes, Carlos Fuzzeta, Evaristo de Carvalho, Alexandre Braga, Luiz Rozette e Arnaldo Bilotte.

A Guerra Junqueiro, eminente poeta e nosso correligionario

O grupo dos estudantes republicanos da Academia de Coimbra, reunido em assembleia, resolveu por unanimidade, e com um vivo entusiasmo, felicitar calorosamente a V. Ex.^a pela recente publicação do seu ultimo e revoltado poema.

Em face da miseravel e cobarde vileza dos que mandam nesta hora singular de desgraça e agonia, a todos se impõe, pela sua grandeza, a nobre attitude de altiva serenidade com que falla, na voz do nosso maior Poeta, a alma livre da Patria escravizada, e aos nossos corações de portuguezes veiu a estranha poesia d'esse livro justiceiro abrir uma nova biblia: — biblia de odio implacavel e sagrado, a cujo alento nos retemperamos, mais fortes, mais unidos, para a suprema e desejada lucta.

Nas paginas vingadoras de «Patria» saudamos nós todos, os que pugnamos pela Republica, um nobilissimo espirito de patriota e uma alma perturbante e dominadora de Poeta.

Coimbra, 11 de fevereiro de 1896.

(Seguem as mesmas assignaturas da mensagem precedente.)

O Universal chama ao Poema do Ideal, de Fernandes Costa, O Processo do Ideal.

Realmente o auctor precisava processo crime e na sentença cadêa e costas d'Africa.

Germano d'Araujo

Falleceu no dia 11 do corrente mês, após longo e cruciante soffrimento, o nosso querido amigo e correligionario Francisco Germano d'Araujo, habil director da importante officina do sr. Manuel José da Costa Soares e membro substituto da commissão municipal republicana. Era um trabalhador intelligente e infatigavel, sendo a elle principalmente devida a prosperidade e importancia da officina que tão habilmente dirigia. Tão affavel no tracto como integro e austero no caracter, era considerado por todos que o conheciam e estremecido pelos seus amigos.

O seu funeral foi muito concorrido, achando se representada nelle a commissão republicana pelos nossos correligionarios Rodrigues da Silva, Casiano Ribeiro e Francisco Meira. A hora do funeral, dez da manhã, inhibiu alguns dos membros da commissão, que tinham serviço official inadiavel, de assistir a elle, como era desejo e dever seu.

A viuva e filhos do nosso fiado correligionario e a seu cunhado, o sr. Manuel José da Costa Soares, as nossas condolencias.

Jornal dos Estudantes.

Appareceu na segunda feira este jornal, órgão da Academia portuguesa, de cujo programma extrahimos as seguintes palavras:

«E, assim, vimos á arena da imprensa envergando apenas as nossas batinas e cobrindo as nossas capas, sem outros intentos que não sejam os de crear caracteres, sadios e bons, plenos de sentimentos nobres e capazes d'heroicas abnegações; conservar, bem alto, a dignidade academica, e defender, acima de tudo e calorosamente, sempre que as circunstancias o exijam, os nossos direitos e os nossos interesses».

Como se vê, as intenções são as mais justas e nobres, e não seremos nós que deixaremos de as applaudir. Lendo, porém, as paginas d'esse jornal, esta impressão nos ficou: mais parece uma revista de estudantes do lyceu do que um jornal órgão de estudantes de cursos superiores. Doe-nos, por isso, a alma ao ver assim representada na imprensa a Academia do País.

Comtudo, as nossas saudações e o desejo sincero de que venha a ser um jornal á altura do fim a que se destina.

No dia 10 do corrente descarrillon na ponte de Arzilla, juncto de Pereira, o tramway entre esta cidade e a da Figueira, em virtude de avarias causadas na linha pelo sud-expres.

O descarrilamento, que podia ter terribes consequências, não as teve felizmente, indo a machina de encontro á trincheira proxima. Ainda assim ficaram feridos o machinista e o fogueiro e contusos alguns passageiros. No local do sinistro houve trasbordos em barcos.

A lei dos anarchistas

Já foi votado no Solar dos Barrigas o projecto de lei que o governo elaborou contra os anarchistas (?), sendo insignificantes as modificações que lhe introduziu. Na camera dos dezanove será convertido em decreto sem alterações algumas e, immediatamente sancionado e homologado, vê-lo-hemos dentro de curto prazo publicado como lei no Diario do Governo.

Em harmonia com elle, o governo poderá (art. 3.º, § unico) mandar prender immediatamente sem culpa formada, e conservar em custodia sem admissão de fiança, todos os cidadãos que, de ha cinco annos para cá, tenham praticado algum dos factos que a nova lei incrimina, isto é, todos aquelles que por discursos ou palavras proferidas publicamente, por escripto de qualquer modo publicado ou por qualquer outro meio de publicação tiverem defendido, applaudido, aconselhado ou provocado, embora a provocação não produzisse effeito, actos subversivos quer da existencia da ordem social, quer da segurança das pessoas ou da propriedade, e bem assim os que tiverem professado doutrinas de anarchismo conducentes á practica d'esses actos (art. 1.º).

Um codigo penal, num artigo só, para uso da monarchia!

Quem tenha impugnado a actual organização capitalistica e o principio da propriedade privada; quem tenha combatido a constituição familiar existente; quem tenha condemnado a monarchia, por meio de discursos ou palavras proferidas publicamente ou em qualquer escripto, — factos que não podem deixar de considerar-se subversivos da ordem social existente embora obedeçam á generosa idéa de a substituir por outra mais racional, util e justa, poderão ser considerados como anarchistas e enclausurados na cadêa. Verificada a existencia d'esses factos pelo poder judicial, os seus auctores serão condemnados na pena de prisão correccional até 6 meses e em seguida entregues ao governo que os mandará, como vadios, para a Africa, ficando o seu regresso ao reino dependente d'um arbitrario despacho. Nem sequer se lhes concedem as garantias que têm os vadios!

Grifamos as palavras poderá e poderão, porque a lei não impõe ao governo a obrigação de mandar metter em custodia os anarchistas (?) sem culpa formada; concede-lhe a esse respeito uma faculdade arbitraria. O governo não se verá assim obrigado a mandar prender os anarchistas amigos, que tão intimas relações mantêm com a sua policia e tão largamente por elle são subsidiados; mas, em compensação, poderá mandar metter na cadêa cidadãos dignos e honestos que, revoltados contra as iniquidades da actual organização social, convictamente a critiquem e combatam.

E para que recordar as conquistas liberaes da liberdade de pensamento; para que avivar os ominosos tempos que as precederam? No meio do atroz egoismo que tudo avassala e domina, não ha ideias que se imponham; ha interesses mesquinhos e inconfessaveis como supremas aspirações. Venha a dura experiencia revelar a necessidade de luctar de novo pela posse de ga-

rantias que eram obstaculo a infames iniquidades, torpes explorações, odiosos crimes, garantidos por um direito mais odioso ainda. E soffram então em horas de cruel desespero, que arraste ás mais horribes vinganças, os que agora assistem de braços cruzados aos desvarios dos poderes constituídos.

E para que criticar uma lei que, no fim do seculo 19, dá effeito retroactivo ás suas disposições, em que são, em termos vagos e indeterminados, considerados como crimes factos que a legislação anterior permitia? Ninguem que nos possa ler desconhecera o absurdo de tal disposição; todos nella verão uma inqualificavel arbitrariedade. Não gerariam, pois, as nossas palavras convicções platonicas que já não existam, e, se outro intuito as animasse, obteriamos como unico resultado soffrer as consequências do absurdo e da arbitrariedade.

E para que estygmatisar os poderes extraordinarios que são conferidos ao governo, entidade onde mais se faz sentir a politica mesquinha e vingativa, de mandar metter na cadeia sem culpa formada os cidadãos que commettam o nefando crime de impugnarem num ou noutro ponto a actual ordem social, e, depois de condemnados pelo poder judicial, os degredar para a Africa, onde os pôde conservar em quanto lhe aprouver? Todos diriam que é realmente uma arma terrivel que se colloca nas mãos do governo; mas, esperando não ser vingativamente assassinados por ella, ficariam numa beatifica indifferença.

Não nos entregaremos, pois, ao inglorio e inutil trabalho de criticar a nova lei contra os anarchistas (?). Como, porém, a imprensa assalariada tem dicto que ella é a traducção da lei franceza de 28 de julho de 1894, não podemos deixar de traduzir os seguintes periodos da circular que, em 6 d'agosto do mesmo anno, o ministro da justiça Guérin, dirigiu aos procuradores geraes, a fim de os esclarecer sobre o caracter d'essa lei. Eis o que elle diz a este respeito:

«No decorrer da discussão que precedeu a votação da lei de 28 de julho de 1894, o governo teve repetidas vezes ensejo de precisar o caracter e o alcance das disposições legislativas que submettia ao parlamento.

A lei que acaba de ser promulgada tem por objecto a repressão dos attentados anarchistas. Não pôde, portanto, na minima cousa, constituir uma ameaça para aquelles que se esforçam por fazer triumphar as suas doutrinas pelos meios legais. Votado pelo parlamento para defender a segurança publica ameaçada, ella não pôde e não deve attingir senão sectarios da propaganda pelo facto. A vontade muito formal do legislador acha a este respeito, no proprio texto da lei, o mais explicito commentario».

A lei franceza, que não defendemos, é só para os anarchistas de propaganda pelo facto. A lei que esta sendo votada no pseudo-parlamento abraça todos os que defendam ou professem doutrinas contrarias á ordem social!

E será escusado dizer que, não obstante ser applicavel só aos anarchistas pelo facto, o governo francez não recebeu os poderes arbitrarios que ao nosso vão ser conferidos pelo pseudo-parlamento,

Carta de Lisboa

Lisboa, 11 de fevereiro de 1896.

Hontem á noite disse-se em S. Carlos que o general Weyler fóra assassinado em Cuba. E' mentira. Este general é o ultimo grande espada que vae a tourear los cubanos, com a promessa de ser implacavel. Applaudem *nuestros hermanos* a ferocidade do homem, e, todos quantos dentro em si abrigam um principio de justiça perguntam, porque se vae assassinar um povo generoso que quer e póde ser independente. O patriotismo hespanhol podia deixar de exaltar-se contra homens livres com quem podia viver bem, e lembrar-se de que peor do que a insurreição de Cuba, é a monarchia hespanhola. Mas não se pensa nisso.

E agora vejo eu que Portugal póde bem viver só, sem a Hespanha que, no fim de qualquer laço mais apertado que conosco tivesse contrahido, podia lembrar-se que nós eramos uma segunda Cuba.

Ainda que, se para vencer trinta mil revoltosos são necessarios cento e cincoenta mil soldados e não sei quantos centos de generaes, podemos estar descansados a esse respeito que Weyler ou Martinez Campos não conseguiriam dominar-nos. Digo isto sinceramente, sem invocar as hypocrias dos monarchicos dispostos a vender-nos a quem mais dê e sem pedir o hymno do 1.º de dezembro.

Lembrei-me agora de fallar nestas coisas porque tenho um sincero desejo de vêr Cuba independente. Mas, como lhes disse, o general Weyler está são como um péro e não faltará ao seu compromisso. Deve ser implacavel, deve ser cruel. Vão os hespanhoes pensando na espada de honra. E não esqueçam que, para defesa de uma rainha estrangeira, essa espada lhes ha de cahir sobre as costellas.

E' velho destino dos povos: aclamar heroes que os desancam.

O Gungunhana deve chegar no mês proximo.

O commandante do Africa telegraphou para cá, pedindo licença para comprar, em Loanda, fatos á europêa para o preto e sua familia. Triste destino o d'um rei cahido.

Não tarda por ahi tambem o sr. D. Affonso.

Vae ser promovido a general. Acho bem. Diz o livro sagrado dos ranes que não devem atacar os filhos ou irmãos dos seus reis. Acrescento que elles reconhecem como seu rei o sr. D. Carlos. Rei dos ranes ou dos portuguezes. Somos todos o mesmo.

Convém notar que o Raphael mandou para cá dizer que o Infante, nas batalhas que não se deram, foi alvejado em especial, pelos ranes. Os laes do livro sagrado.

Afinal já leram a recepção feita pelo povo de Madrid ao *heroe* Martinez Campos?

O homem da bomba não apparece.

A policia, diz-se, anda preocupada com o holidie que estoirou sobre Madrid.

O Juiz Veiga diz que tinha na mão os fogos do céu, e que não sabe como lhe escapou agora o aerolito.

E está logrado, que a lei contra o anarchismo não abrange o Ente Supremo. Mas agarra os republicanos.

E sobre a bomba, a policia que lhes explique.

Vae por Lisboa uma enorme pasmeira. Preparam-se todos para a folia do Carnaval. O Monte-Pio começa a ter movimento. Vae tudo para o prégio. Claro que eu não posso dizer que o governo mente quando afirma que o povo está feliz.

Feliz e desavergonhado.

O governo pensou em apprehender o livro de Guerra Junqueiro. Desistiu. O nosso amigo D. Carlos communicou as suas impressões ao João Franco. Varias pessoas de bem, que não podem ouvir poucas vergonhas, atiraram-se desalmadamente á *Patria*.

Estes paladinos recordam-me a phrase que serve de distico á *Besta Esfolada*, do José Agostinho:

Omnes bestiae agri

Sahem a campo todas as bestas. Tem a palavra o Sergio.

João da Nova.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

Casou-se hontem, na Sé Cathedral, a ex.^{ma} sr.^a D. Eugenia Themudo, gentilissima filha do distincto engenheiro Fortunato Freire Themudo, com o sr. Carlos Monteiro, que se formou no anno lectivo findo.

Os nubentes, depois de servido um copo d'agua, em casa dos paes da noiva, partiram para Luso.

Desejamos-lhes uma ininterrupta lua de mel.

Gymnasio de Coimbra

Da velha e suja rua dos Sapateiros, onde, por alguns annos, esteve a séde d'este tão útil club, mudou-se para uma casa expressamente construida para elle, na Estrada da Beira, pelo sr. Alvaro Castanheira.

O Gymnasio occupa todo o primeiro andar d'esta casa, espaçosa, cheia de luz e com todos os requisitos para o fim a que se destina. Com o fim de inaugurar a sua nova instalação, resolveu a direcção realizar um sarau, offerecido aos socios e suas familias, que teve lugar no sabbado ultimo. Empenhou-se a direcção auxiliada por alguns socios em que esta festa não destoasse das que alli se tem realisado, e conseguiu o. O vasto salão estava cuidadosa e artisticamente ornamentado com apparatus gymnasticos, ar bustos e enorme quantidade de camelias, produzindo um effeito lindissimo.

Os logares reservados no salão, aos socios e suas familias bem como a galeria que o circunda estavam completamente cheios, vendo-se na sala muitas senhoras, que davam com os seus rostos gentis e *toilettes* claras um tom alegre e festivo áquella festa.

Começou o sarau por um pequeno discurso, pronunciado pelo nosso amigo Victor de Deus, sympathico e intelligente presidente d'este club, que explicou em phrase elegante o fim d'aquella festa, saudando as gentis damas que com a sua presença a tloham vindo animar.

Em seguida executaram-se todos os numeros do programma que era o seguinte:

1.ª PARTE

- 1.º Troupe musical.
 - 2.º Exercícios elementares — pelos socios alumnos.
 - 3.º Argolas e paralelas — pelos socios Oliveira, Coelho, Oliveira Fernandes, Bastos, Seabra e E. N.
 - 4.º Troupe musical.
- Surpresa — pelo ex.^{mo} sr. Carlos Lopes d'Almeida.

2.ª PARTE

- 1.º Troupe musical.
- 2.º Duplo trapezio — pelos socios Fernandes e E. N.
- 3.º Exercícios athleticos — pelo socio João d'Azevedo.

Todos os numeros foram muito bem desempenhados, recebendo todos os socios muitas palmas. Não podemos deixar de especialisar, pela admiração que entre todos causaram os seus exercicios de força, o socio João d'Azevedo.

Realmente parece impossivel que entre esta rachitica e anemica raça portuguesa haja homens com uma força descommunal como aquella. Com uma barra de 60 kilos, fez uma série de elevações, deixando-a cahir sobre os braços e, como esta, outras *brincadeiras* semelhantes.

No fim do sarau dançou-se animadamente até depois das 3 horas da madrugada, sempre com grande enthusiasmo e retirando-se todos com saudade de tão depressa ter acabado aquella festa, uma das mais brilhantes a que temos assistido.

Felicitemos a direcção por vêr coroados com tanto exito os seus esforços e que hão de dar ao Gymnasio de Coimbra uma epocha de prosperidades de que é digno pelos serviços que póde prestar ao desenvolvimento physico dos seus associados.

Agradecemos á digna direcção o amavel convite com que a *Resistencia* foi honrada.

Assumiu a direcção politica do *Correio da Noite* o sr. José d'Alpoim.

Casou hontem de manhã na Figueira da Foz o nosso presado amigo sr. José Doria, sympathico presidente da Associação Commercial e gerente da companhia do Gaz, com a ex.^{ma} sr.^a D. Virginia Rocha, irmã do distincto archeologo sr. dr. Antonio dos Santos Rocha.

Appetecemos-lhes as maiores felicidades.

Desappareceu o escrivão interino do 2.º officio d'esta comarca. Corre que deixou um alcance importante.

Theatro Circo

Têm continuado a agradar os espectaculos da companhia de Mr. Herzog. O spectaculo de segunda feira, a meios preços, teve uma casa á cunha. Hontem o beneficio de Tonito, o sym

M. de Lambrune estava aterrorisado.

— Vejo com effeito, mademoiselle, que reflectistes bastante.

— E peço-vos que vejaes tambem, monsieur de Lambrune, que isto não é uma recusa formal como tinheis imaginado mas antes uma abdicção.

H rminia estava adoravel de expressão e de attitude.

Roland, que não tornara a sentir uma lagrima nos olhos desde a morte de sua mãe, difficilmente continha as lagrimas.

— Querida criança, murmurou elle, succeda o que succeder, jámais vos esquecerei!

Acabava de a deixar quando o velho carteiro que, segundo o costume, tinha subido até ao castello onde o recompensavam generosamente d'este excesso de trabalho, entregou uma carta a M.^{elle} de Croizy.

A letra do envelope não lhe deixou duvida alguma: a carta era de M.^{elle} de Fayolles, cuja austeridade de principios lhe tinha servido um momento antes contra M. de Lambrune e já na conversa da bibliotheca com M. d'Argouges. A velha Aurelia vendo appropiar-se o termo da licença concedida a Herminia, lembrava este facto á sua estimada sobrinha nas poucas linhas seguintes:

pathico palhaço que tanto tem agradado.

Hoje ha spectaculo dedicado ás damas. Cada cavalheiro póde ir acompanhado d'uma dama, que tem entrada gratuita.

É aproveitar, porque são as ultimas funcções.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 23 de janeiro de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arceediago José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes. Administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Arrematou em praça pelo corrente anno os impostos indirectos dos generos a consumir na freguezia de Castello Viegas, pela quantia de vinte mil e cem réis, e os da freguezia d'Assafage, por vinte cinco mil e cem réis.

Autorisou a reparação de um cano de exgotos na rua do Norte.

Nomeou, sob proposta da presidencia, para vogal effectivo da commissão do recenseamento eleitoral, nos termos do decreto de 28 de março de 1895, o vereador effectivo, Manuel Miranda e para substituto, o vereador, tambem effectivo, Antonio José de Moura Bastos.

Resolveu, sob igual proposta, ir saudar á estação do caminho de ferro, na sua passagem para o norte, as forças que fizeram parte da expedição africana.

Mandou intimar um proprietario, do logar do Chão do Bispo, para fazer apagar o balaço de uma casa construida sem licença e em prejuizo do publico.

Autorisou o pagamento de dois mil e sessenta réis pela publicação de dois annuncios no *Diario do Governo*; e de nove mil réis pela assignatura do mesmo *Diario* no corrente anno.

Despachou requerimentos, autorisando: a substituição dos dizeres de taboetas de estabelecimentos particulares; a occupação com utensilios diversos das lojas 25 e 26 do mercado, destinadas a venda de carneiro, que não se arrendam em praça pela má situação em que se acham, mediante a quantia de tres mil e trescentos réis, cada uma, preço igual ao dos logares fixos; a collocação de signaes funerarios em sepulturas particulares no cemiterio da Conchada; a venda, pela quantia de doze mil réis, da madeira do corte d'arvores no mesmo cemiterio, que não póde ser aproveitada para queimar nas machinas das aguas; e a reconstrução de parte de um muro d'um predio ao Almeque e de duas paredes em ruina, de uma casa em Pé de Cão.

Vende-se uma casa na rua dos Estudos, n.º 44, e Marco da Feira, n.º 9 e 11, e um terreno em Santa Cruz, Praça de D. Luiz.

Trata-se na Pharmacia do Castello com Camillo & Costa.

NOTICIA HISTORICA

DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

DA Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas
Preço 400 réis

«Convento de Bayeux, 20 de setembro de 186...

«Minha querida Herminia.

«Foi com muito agrado que no mês passado, tive a felicidade de acceder aos desejos de M.^{me} de Villy prolongando as vossas ferias juncto d'ella e da sua querida filha; mas espero que a amizade de que tantas provas vos têm dado ahi vos não terá feito esquecer a data do vosso proximo regresso.

«A boa madre espera-vos, as nossas irmãs desejam-vos, e nós, minha querida filha, cujo dever é pensar no vosso futuro, anseamos pela vossa prompta entrada no convento. A elegancia, o luxo em que sem duvida vireis no castello de Villy, os habitos mundanos que ahi podeis contrahir, tudo se tornaria funesto a uma joven que, como vós, depois das desgraças da sua familia, deve fazer voto de humildade e de pobreza.

«Não quero duvidar, minha filha, do vosso fervor pela vocação a que sois destinada; mas desde a primeira hora, o retiro convém ás que são chamadas a viver no espirito do Senhor.

(Continúa).

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XVI

Herminia não estava, pois, já entre a ambição apenas e o amor; tinha-o sentido irremediavelmente nas suas reflexões da vespera, quando se encontrou com M. de Lambrune, no terrão.

Muito leal agora, como as almas audaciosas cujo partido está tomado, nem sequer pensou em evitar a conversa ou a entrevista. Roland deixou-se mesmo enganar a principio pelo gesto amavel com que ella lhe estendeu a mão.

— Ah! M. de Lambrune, disse ella, como sou feliz em vos tornar a vêr!

O coronel agourava mais ainda d'esta primeira phrase e foi com grande commoção que perguntou:

— Tinheis que me dizer, mademoiselle?

— Seria um desconsolo ter de me recolher ao convento sem dizer adeus a um velho amigo de meu pa?

— E que tambem o é vosso, sabeis?

— Já accrescenta-lo e agradecer-vos mais uma vez, coronel.

— Era só isso?

— Estaes-me interrogando, M. de

Lambrune; permite-me pois que vos dê uma prova da minha respeitosa e sincera affeição.

— Estou-vos escutando, M.^{elle} de Croizy, tornou Roland com um suspiro de resignação.

— Vós tivestes o desejo, respondeu Herminia, julgando-me infeliz, de me associar a um sonho no qual julgaveis encontrar a minha felicidade e a vossa, não é verdade?

— É, mademoiselle; mas aquillo que chamaes um sonho é, nos homens da minha idade, um projecto solido que só póde ser destruido pela vossa recusa formal.

— Ah! essa palavra de recusa formal acho-a dura, M. de Lambrune, porque me não acudiria ao pensamento tendo de responder a uma pessoa com o vosso caracter e com a vossa pureza de intenções.

— Não é preciso lisongear-me, mademoiselle. Botão que fazeis se não recusaes?

— Raciocino; é o que se aprende no convento.

— Raciocinar aos dezoito annos, é maravilhoso! disse Roland. Converter-me hei, sem duvida, em ouvindo as vossas razões, senhora noiva!

O coronel sorria, mas havia muito de amargura no tom prasenteiro das suas ultimas palavras. E como M.^{elle} de

Croizy se calasse, procurando de algum modo responder sem o ferir mais vivamente, perguntou:

— A vossa velha prima, M.^{elle} Aurelia de Fayolles, operava milagres escrevendo sermões como aquelle de que já me fallaram?

Herminia readquiriu o sangue frio ouvindo esta pergunta que lhe parecia cheia de suspellas sobre o que se tinha passado em Villy durante a ausencia do coronel.

— É tempo de reflectir, disse ella. A reflexão, M. de Lambrune, opera muitas mudanças, deixae que vo-lo repita. Estaes-me fallando de M.^{elle} de Fayolles; essa consideração me-hia uma pequena intriguista no dia em que eu me associasse abertamente ao vosso projecto e não seria a unica. Na minha idade, tem-se judo a temer do mundo e a joven esposa do coronel de Lambrune seria mais infeliz em qualquer parte do que M.^{elle} de Croizy no convento de Bayeux, lembrando-se de que a accusariam de toda a casta de artificios e que, por detraz, seria maliciosamente apontada a dedo...

— Apontada a dedo! exclamou Roland.

— Ah! Revoltaes-vos já, coronel? Compreendeis então que até vós serieis desgraçado!

QUINTA

Vende-se uma proximo d'esta cidade.
Da bom rendimento, tem terra de sementeira, pinhal, arvores de fructo, olival, vinha, etc.
Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

Pechincha

Magníficos vinhos de meza a 80, 90 e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 o litro.
Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; engarrafados, desde 240 réis para cima.
Acabam de chegar mais de mil garrafas de Champagne, Cognac, Rhum, Coração, Jaune, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro:
Collares, Bucellas, Carcavellos, etc.
Garante-se todas as qualidades, e cinco por cento a menos do que em outra qualquer parte.
Experimentem no
Café Comercio
RUA VISCONDE DA LUZ
Coimbra.

VINHO ANALEPTICO DE A. GUERRA

Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.
Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de effeito seguro.
Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.
Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

AGUAS MEDICINAES

FONTE NOVA (TORRES VEDRAS)

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chlorethadas e odicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Perelra, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—S.tero Simões de Oliveira (pharmacia).

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



Variola

VACCINA da ultima colheita do Instituto Vaccinico Portuense. Vende-se pelo preço do Instituto.

CALLOS

Extracção dos callos em 4 dias, com os Columbus Plates.

Cabello

Agua Cesarvna

Este bem conhecido restaurador da cor do cabelo vende-se nesta pharmacia.

Rhum, quina e glicerina

É um bom preparado para a conservação do cabelo. Além de ser um excellente tónico, é tambem um bom desinfectante. Impede, pelo seu uso, a formação da caspa e constitue, pelo seu perfume, uma excellente agua de toilette.

Pharmacia do Castello
—CAMILLO & COSTA—Coimbra.

BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade Rupestriz, a 6\$000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3\$000 réis o milheiro.
Rua das Figueirinhas, 45.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herouano Caryalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

Consultas todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

Aeste bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8\$500.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de cor, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 a 45\$000 !!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Vendem-se as propriedades seguintes: em S. Martinho d'Arvore:

Uma terra de 40 agulhadas, aos Cadavaes;

—Outra dita, que confronta com José Mixanga e dr. Cabral;

—Outra dita, aos Lombos;

—Outra no mesmo sitio;

—Ainda outra no mesmo sitio;

—Outra á Jarja, no campo de S. Facundo;

—Outra dita ás Varellas, no campo de S. Silvestre.

—O dominio directo de um fôro de 20 alqueires de milho, imposto num predio em Andazubre.

O sr. Antonio de Carvalho Moura, em Coimbra, rua do Sargento-Mór, loja, n.º 50, recebe as competentes propostas

Atenção

ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680
Sem estampilha:	
Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. Franca Amado — COIMBRA



Encarrega-se da encadernação de collecções da Resistencia e de todos os trabalhos concernentes á sua arte.

RESISTENCIA

N.º 104

COIMBRA — Domingo, 16 de fevereiro de 1896

1.º ANNO



Passam sem novidade na sua importante saude Suas Magestades e Altezas.

EXPEDIENTE

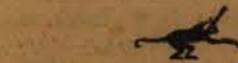
Deixaram de fazer parte da redacção da *Resistencia* todos os salta-pocinhas, que em prol da Republica e d'outras futilidades correlativas, tem desconceituado, na opinião sensata de muita gente, este jornal.

Fartos de esperar por sapatos de defuncto, os proprietarios da *Resistencia* mudam de tactica e de politica.

Não nos assusta a deserção d'algum assignante mais cabeçudo; temos um subsidio do cofre da policia que nos permitirá uma vida desafogada e independente; temos um pessoal honestissimo, que ha de saber impôr-se pelo seu talento e pela sua austeridade ao publico ajuizado e de bons costumes.

Além d'isso não nos poupamos a sacrificios pecuniarios e já entabolamos negociações com a Curia Romana por intermedio do sr. conselheiro Carvalho Megre da Mocidade Catholica e com o ministerio do reino com a intervenção do sr. Manuel Miranda da camara municipal, para podermos brindar no fim de cada semestre os srs. assignantes com a benção apostolica ou um habito de Christo.

A Empresa.



NOVOS IDEAES, PROCESSOS NOVOS

Não desceriamos a discutir com a canalha os nossos processos e as nossas aspirações, se lançássemos aos quatro ventos da publicidade um jornal novo, virgem, sem maculas e sem manchas.

Assim não.

Este jornal tem um passado odioso, nojento, que nos obriga a explicações categoricas.

Como os grandes criminosos que jam lançar-se aos pés de S. Santi-

dade — «nos tempos felizes em que a Cruz consoladora, eterno symbolo das grandes abnegações, chamava ás devoções sublimes os eleitos da Fé e da Caridade e abria os seus braços immensos e cariciosos» a todas as almas bemitadas do Creador, como esses grandes criminosos que aos pés do Summo Pontifice faziam confissão geral e publica dos seus erros e dos seus peccados; assim a *Resistencia* ao abjurar dos seus desvarios e dos seus crimes, rojando-se submissa nos degraus do throno, tem de publicamente, cobrir de cinza o seu passado e de gritar bem alto qual vae ser o seu futuro de regeneração e penitencia.

A *Resistencia* tem sido um covil de feras, uma caverna de scelerados, um manicomio de possessos: tem seaqui desrespeitado a Sacratissima Realteza, tem-se coberto de lama a reputação e a honra dos mais fieis e inconcussos cidadãos, sustentaculos gloriosos do throno, garantias excepcionaes da Ordem e das Instituições.

Brandiam-se nestas columnas duas armas: a calumnia para ferir os bons e a lisonja para incensar os perversos.

Teciam-se sudarios de infamias para as carnes sas e immaculadas das Instituições e desfolhavam-se petalas sobre as gangrenas putridas e abjectas da Republica.

Havia um idolo que dictava todas as campanhas, que guiava todas as pennas, que subjugava todas as consciencias: chamavam-lhe sacrilegamente *Patria* para encobrir a vileza sordida do seu real chamadoiro: — *Ambição, ganancia, vaidade, despeito.*

De enojada a penna recusa-se ir mais além na enumeração infinita de tanta vilania.

Demais, agoas passadas não moem moinhos e se é gravissimo pesadelo a tradição ignominiosa que a *Resistencia* crearam os sevandijas que nella vomitavam as postemas cancerosas das suas almas, as latrinarias dejecções das suas consciencias, é comtudo sorridente a esperança de que o periodo das vacas magras passou e de que, d'hoje em diante, órgão official do governo, este jornal entrará no periodo florescente e risonho das vacas gordas.

É d'isso penhor a collaboração distincta e effectiva dos Ex.ªs Srs. José d'Azevedo Castello Branco, Mariano Cyrilo de Carvalho, João Marcellino Arroyo, Marçal Pacheco, Conselheiro Mendonça Cortez, Ressano Garcia, Conde de Burnay, Gaspar Queiroz Ribeiro, José Augusto Corrêa de Barros, João Lopes Carneiro de Moura, Luiz Augusto Pimentel Pinto, Sergio de Castro e tantos outros nomes prestigiosos que sob a minha direcção politica se esforçarão por bem servir a causa do Rei e das Instituições.

Os bandidos que até agora prostituiram a nobre missão da imprensa, neste templo do paganismo ora convertido ao culto do verdadeiro Deus, barafustariam ao lér os

nomes respeitabilissimos dos nossos collaboradores:

Cautella com as algibeiras!

O publico honesto grite o que lhe aprouver.

Nós levantamos do fundo da nossa alma este brado que é todo um programma

Viva Sua Magestade El-Rei!
Viva a Serenissima Casa de Bragança!

Viva a Monarchia Portuguesa!

Emygdio Navarro.



Na administração do concelho casou civilmente o dr. Alipio Albano Camello com a ex.ª sr.ª Andresa da Motta Capitão, gentilissima dama da nossa primeira sociedade.



Foi eleito grão-mestre da maçonaria portuguesa o dr. Fortunato d'Almeida, conspicuo redactor da *Ordem*.



Comissionado pelo governo para estudar o systema anthropometrico de Bertillon partiu para baixo de Braga o sr. dr. Bernardo Ayres.



O sr. dr. Joaquim M. Teixeira de Carvalho, distincto colleccionador e critico d'arte, deu começo a importantes excavações no sitio da *Figueira Velha*, onde existem soterradas as ruinas do antigo mosteiro de S. Domingos.

Entre outras curiosidades já descobriu uma estatua de alabastro, paramentos de brocado rico e alfaias de prata e ouro.

E pode dizer-se que os trabalhos estão em principio!



Os srs. D. Simão Arouca e D. Vasco Sabugosa foram raptados por duas gentis *ecuyères*, ignorando-se, apesar das delicias empregadas pela policia, o seu paradeiro.

Fazemos votos para que tão nobres fidalgos voltem em breve ao seio dos seus amigos.



Rectificação

Na noticia publicada no ultimo numero d'este jornal, acerca do nosso espirituoso collega Fernão Vaz, sahio um lapso que é evidente, mas que ainda assim sinceramente nos apressamos a rectificar.

Tinhamos nós escripto que o scintillante escriptor — *planeava uma viagem ao estrangeiro*; e em vez d'isto sahio, que — *raptara uma virgem estrangeira*; — o que, como é natural, magouo profundamente o nosso amigo.

Por esta forma esclarecido o equivoço, achamos desnecessaria a publicação do attestado, alias muito honroso, de comportamento moral e civil, que nos foi enviado.

O entrudo ás soltas

No baile do Zé Guilherme:

—Um estroina de braço dado com uma *circassiana*.

—Deixem-me passar!...

Um gracioso emphaticamente:

—Suspende-te á beira d'esse abysmo, desgraçado!

—Agora é tarde! Vamos ao hymineu ou ao crime: É o destino que nos impelle!

—Segue a tua estrella: Mas compõe-lhe a trunfa! Olha que lhe vai a cahir a corôa de laranjeira!...

Um vacão intervindo:

—Ó calháu! esconde-a no curral, que já lá vamos!...

×

Um mascara:

—Pagas uma bebida?

O outro chamando:

—O' coiso! leva este Lourenço ali ao chafariz da Sé Velha, que está com sede!

×

Uma *gandareza* esganiçando a voz:

—Adeos! adeos!

Um espirituoso pucha-lhe a saia.

A *gandareza* tirando a mascara:

—O sr. não seja atrevido! Respeite um homem casado e pai de filhos!

×

Um fantazista meio tachado:

—Oh! como és deliciosa, creatura gentil que te escondes sob esse dominó estrellado!...

—Olha o pelintra!

×

—Quem é essa princeza!

—Ainda lhe não vi a lata; mas penso ser rapariga decente e honesta, porque lhe desapertei as ligas e fingiu não perceber... provavelmente para evitar escandalol!

×

Um lapão berrante:

—Eh! raio!... Tu és o novato Fonseca Dinel!...

—Tambem eu já te matei. E's, sem tirar nem pôr,—um burro!

O mascara formalisado e resmungando em voz natural:

—Se não fosse n'este lugar, dava-lhe duas bofetadas!

×

Um estudante persegue um dominó:

—Dá-me uma piada! Uma faisca, sequer do teu espirito!

—O sr. deixe-me. Eu não me metto com ninguém, já lh'o disse... Olhe que eu chamo um policial!...

×

Um poetastro cambaleando atraz d'uma pastora, de cabellos soltos:

—Anjo cahido, quem ousará arremessar-te a primeira pedra!

Oh! n'insultez jamais la femme qui tombe!...

×

Áparte:

—Ouve lá, tu conheces-me!

—Eu não!

—Pouco importa. Emprasta-me dez tostões!...

—Tu és doido!

—Palavra de honra, dout'os amanhã!...

—Isso é piada de semsaborão!...

×

Um par que dança furiosamente. Elle para ella.

—Tu não sabes dançar? Diabos te levem! Levanta essas patas e pula para o ar!

×

Um fardalhão de chapéu embicado para um *vaccão*:

—Povo ludibriado, tens na tua presença um ministro de estado. Pede reformas e expõe os teus agravos!

—Eh! raio! chega-te para lá! Quem vai, vai!... Quem fica, fica! Eu não sou para graças!

×

Elle:

—Eis um homem a teus pés, que se offerece rendido ás algemas d'um amor eterno! Que mais queres tu, mulher idolatrada!

Ella:

—Tira-te para lá que cheiras á aguardente que *trezandas!*



Deu hontem á luz uma robusta criança a esposa morgantica do sr. dr. Joaquim Mendes, distincto quintanista de Direito.

Felicitemos cordealmente s. ex.ª



Uma commissão de operarios sem trabalho, composta dos bachareis Eduardo Vieira, Antonio Maria de Sousa Bastos, Frederico Guilherme de Carvalho, Francisco Fernandes Costa e Poyares, procurou hontem o sr. governador civil.

Ouvidas as suas reclamações o illustre chefe do districto attendendo a que elles não tinham mais aptidões alem das cartas de bachareis em Direito, condoido com a sua sorte, deu-lhes o exclusivo da venda ambulante das laranjinhãs, durante os tres dias do carnaval.



Actos grandes

Estão marcados para depois d'amanhã as primeiras provas publicas e solemnes do acto de licenciatura na Faculdade de Direito do nosso amigo dr. Cesar Augusto Coelho da Silva, ornamento do fôro e robustissimo talento, de todos bem conhecido.

S. ex.ª vem disposto a quebrar os dentes á calumnia e a fazer triumphar o seu valor das cabalas que lhe movem os seus inimigos e detractores.



O illustre escriptor e estranho poeta Fialho d'Almeida vae intentar um processo por diffamação contra o venerando critico Gualdino Gomes, que anda a attribuir-lhe a paternidade do *Poema do Ideal*, que, como todos sabem, é um delicto da mocidade promettedora da illustre poetisa D. Amelia Janny.

BALLADA ROENTGENICA

(COIMBRA MEDICA, n.º 5—16.º anno)
Ao Lopo de Carvalho

I
O successo do teu progresso
Oh photographia!
Devemos signalar, quiçá notar,
Oh photographia!
E confesso que um congresso
De photographia
Vinha a calhar, p'ra popularisar
A photographia.

II
Corpos opacos
Estaes mais abertos do que buracos.
Corpos opacos, corpos opacos!

Linda donzella, flor de liz!...
Cautella!... bella donzella
Não venhas á rua...
Não venhas á rua...
Agora, com os raios x,
Andando vestida, andas nua.
Cautella!... bella donzella...
Andando vestida, andas nua.

Nem dentro de casa estás bem segura,
Lá mesmo podemos signalar,
Quiçá notar, quiçá notar,
Qualquer fractura;
Pois agora com taes descobertas,
Portas fechadas são portas abertas,
Portas fechadas são portas abertas.

Corpos opacos,
Estaes mais abertos do que buracos.
Corpos opacos, corpos opacos!

III
D'hoje em deante:—
(Apanha-se uma bala...)
«Venha a machina, ide busca-la,
Ide busca-la!»
Grita o medico-legal,
(Depois triumphante:)
«Cá está ella,
A cadella!
Na ultima vertebra dorsal—
A cadella!... a cadella!... a cadella!...
Cá está ella.»

Corpos opacos
Estaes mais abertos do que buracos.
Corpos opacos, corpos opacos!

IV
Fez uma revolução de sensação
Tal descoberta!
Fez uma revolução de sensação
Que espantou toda a gente;
Até á mais esperta
Deu volta aos cacos, deu volta aos cacos;
Até á mais esperta!
Pois agora os corpos opacos
Transparentes são
Como o cartão, como o cartão...
E o vidro que era transparente
(Caso que espanta a gente!)
Ficou opaco
Como um pataco.
Ficou opaco
Como um pataco.

V
Para terminar
Vou-lhes contar, vou-lhes signalar
Um caso de sensação p'rá Europa:
—A velha Europa, a velha Europa!—
—Estava doente uma cachopa,
Estava doente e muito mal,
Estava doente uma cachopa,
Não se sabia de que padecia...
Applicou-se-lhe a photographia
E viu-se logo, que era hemorrhoïdal
De que soffria,
Hemorrhoïdal... hemorrhoïdal... hemorrhoïdal...

Com o successo e progresso de tal processo
Eu confesso que só peço—um congresso
De photographia
P'ra qualquer dia.
Para qualquer dia eu peço
Um congresso, um congresso, um congresso
De photographia; para qualquer dia
Um congresso, um congresso, um congresso...

Coimbra, XII—II—XCVI.

Prof. Augusto Rocha (Dr.)

José Joaquim da Ressurreição
FALLECEU

R. I. P.

Foi hontem o enterro do nosso amigo José Joaquim da Ressurreição que ainda ante-hontem sorria na sua barba grisalha.

A sua morte, como bem disse a inspirada voz do sr. Mourinha, no brilhante discurso que pronunciou á beira da sepultura, verdadeira joia litteraria, primor de factura, a sua morte, deixa uma lacuna que ficará muito tempo, por preencher no movimento politico portuguez.

O enterro do illustre extinto, que pouco antes de morrer viera tão alegre felicitar-nos pela mudança da orientação politica do nosso jornal e offerecer nos a sua collaboração, foi dos mais concorridos, tornando-se por isso muito notada a ausencia completa do corpo docente.

Não lh'o merecia José Joaquim da Ressurreição...

Fallaram além do sr. Mourinha, o sr. Director das Obras Publicas em nome da Sociedade dos Archeologos e Architetos Portuguezes, Guilherme Alves Moreira em nome do governo, Bernardino Machado pela Mocidade Catholica e dr. José Augusto Ferraz de Carvalho Megre em seu nome, pois tinha em José Joaquim da Ressurreição um protector e um amigo.

Transcrevemos as breves palavras pronunciadas pelo illustre academico por que elle disse, como ninguem o que sentia e fallou, como nós, a linguagem do coração:

«Meus senhores: A vós me dirijo em primeiro lugar, porque não há damas, senão seria vósso o segundo, pois ás damas deveram sempre portuguezes a gentileza do primeiro lugar.

Meus senhores: Está de lucto a nação, está de lucto a secretaria da Universidade...

—O sr. José Albino da Conceição Alves:—(tremulo de commoção) Muito bem! Muito bem!...

O orador.—Está de luto a Havaneza... O sr. Conde da Foz de Arouce—Muito bem!... Muito bem!...

O orador.—E estou de lucto eu. (1) Ainda hontem vivias, meu bom amigo José Joaquim da Ressurreição. Nunca mais te verei, nunca mais passarei a mão pelo alamar da tua capa á hespanhola que cubria um tão grande coração, José Joaquim da Ressurreição!

Quero fallar e não posso, apagam-me a voz as lagrimas.

Amigo... Amigo... Adeus! Disse: O sr. José Guilherme com Restaurante no largo da Sé Velha—Então, meu senhor, meu senhor...

O sr. dr. Carvalho Megre cahiu commovido nos braços de José Guilherme que chorava como um louco e perguntou-lhe: O que tens?... O que tens?...

O sr. José Guilherme, (a chorar respondeu como de costume) Pastelinhos de marisco, Pastelinhos de carne, chouriço com ovos. Carne para bifes, costeletta de porco... Conservas, não quer...?

O sr. Carvalho Megre, abraçado a elle comia-o de beijos e recebia os abraços de mais de quatro mil pessoas que tinham ido ao cemiterio prestar homenagem a Joaquim José da Ressurreição.

O sr. commissario de policia fez dispersar tudo na melhor ordem.

Chamado telegraphicamente pelo sr. João Franco partio hontem á noite para capital o sr. José Duque.

S. Ex.^a foi conferenciar com o ministro do reino sob os graves problemas de politica internacional e de Peacova.

(1) Estava tambem de lucto o Hospital de José, mas lucto alliviado.

A moral jacobina

Casou a semana passada no velho templo de S. Gonçalo, em Amaranthe, o dr. Antonio Augusto Cerqueira Coimbra, que bem conhecido é nesta cidade.

Consta-nos que era zeloso cumpridor dos seus deveres, nada dizendo o cadastro da policia a seu respeito, até que, tendo-se ligado com a ralé republiceira começou a commetter toda a especie de proezas e desvarios.

Em Amaranthe, seduziu uma herdeira riquissima, da mais nobre estirpe de Entre-Doiro e Minho, e, como fosse obrigado pela justiça, a reparar, pelo casamento, a sua infamia, o desgraçado casou.

Casou; mas a sogra, uma dama respeitabilissima e d'uma piedade evangelica, vem de participar ás auctoridades que o monstro tentara envenenar a esposa com uma bebida qualquer.

Procedendo-se a averiguações, confessou tudo e disse que procedia assim para herdar a fortuna da sua infeliz consorte.

Interrogado sobre o fim que pensava em dar a tão grande somma, respondeu cynicamente:—Conspirar. Derrubar as instituições que nos aviltam e proclamar a Republica Universal.

Está preso. Espera-o a Penitenciaria.

Que as mães ponham os olhos neste exemplo, que mais uma vez vem provar até onde póde levar a nefanda moral jacobina que, no prazo de um anno, transforma num monstro de perversidade um pacifico cidadão.



Deixou a administração d'este periodico o sr. Rodrigues da Silva, um dos taes vermelhos que tinha assentado arraiaes no campo de ataque a causa santa do Rei e das Instituições.

Foi substituido pelo sr. José d'Azevedo Castello Branco, homem d'uma honestidade inconcussa e que em todas as empresas, de que tem feito parte, soube sempre manter um nome digno do respeito e da consideração dos caracteres puros. Com estes predicados estamos certos que a Resistencia navegara de vento em pópa num mar de plenas prosperidades.

Pela imprensa

Deixou de fazer parte da redacção da Correspondencia de Coimbra, o nosso estimado collega Sergio de Castro.

Tomou a direcção politica do *Sculo*, importante orgão da firma commercial Silva Graça & Magalhães, em commenda, o illustre sacerdote Reverendo Senna Freitas.

O nosso collega o Povo da Figueira, considerando que o José Luciano é o Thiers portuguez, filiou-se no partido progressista e tomou a sua direcção politica o mimoso poeta e gentil administrador d'aquelle concelho sr. Augusto Forjaz.

A Empresa do theatro do Rato, do actor Chaves, anda em contracto com os actores Brazão, Augusto de Mello, Christiano de Sousa e com as actrizes Rosa Damasceno e Lucinda Simões para substituirem nos cartazes d'aquella casa de espectáculo, a Companhia Infantil, que, com tanto colorido, interpretou as *Intrigas do Bairro* do sr. Henrique Lopes de Mendonça.

Secção Litteraria

Uma reforma ainda mais radical que na politica, soffre a Resistencia: é a reforma completa, de *fond en comble*, no seu pessoal litterario.

Até aqui, havia dois imbecis algo desavergonhados, como todos os jacobinos a tonitroarem litteratura nestas columnas.

Agora, a secção litteraria da Resistencia fica um verdadeiro *bijou*. Á sua frente, com poderes descriçionarios, está o nome aureolado e inconcusso do grande Poeta:

Prof. Augusto Rocha. (Dr.)

que, se tornou immortal ha annos com o seu Poema *Intestino Grosso*, cuja reedição fazemos no folhetim, e que, evolucionando, em curvas macabras, como a poesia contemporanea, é hoje um dos chefes prestigiosos e gloriosissimos da Nova Escóla decadente.

Da nova phase litteraria de s. ex.^a damos hoje um brilhantissimo *specimen*, a *Ballada Roentgenica*, suggestivo trecho arrancado ao seu livro *Obices moleculares*, a sua ultima producção que vae ser stereotypada em edição de luxo pelo editor Augusto de Oliveira. Agoiramos ao novo livro um successo compensador das perdas que este arrojado editor soffreu em contractos com gente de má nota.



Fonseca Barata e a Camara Municipal

Inaugurou-se hontem na sala das sessões dos Paços Municipaes o busto do antigo vereador Fonseca Barata.

Foi uma festa cheia de entusiasmo: a Camara mandou armar em louvor o esplendido coreto que mandou construir por occasião do Congresso de Tuberculose e nella tocava a Philharmonica «Conimbricense» o hymno da Carta.

No atrio dos Paços do Concelho a «Boa União» sob a batuta prestigiosa do Augusto Paes executava com brio e colorido o hymno da Carta.

Ao cimo das escadas a banda regimental executava, com unidade e *entrain* que não extranha quem conhece a batuta magica e disciplinadora de Alves, esse cantico sublime nascido numa cabeça real em hora de inspiração e a que os criticos musicaes estão accordes em chamar hymno da Carta.

O sr. Fonseca Barata cahiu nos braços do sr. Manuel Miranda, que se adiantara a recebe-lo, quasi desmaiado de commoção. Corriam as lagrimas a quatro e quatro na face palida de cera do austero vereador que elegeu Coimbra para patria adoptiva. Conservou-se esta nota sympathica de fraternidade camararia durante toda a festa, a ponto do sr. dr. Luiz Pereira da Costa assignar a acta, estar tão commovido, que errou o nome.

A officialidade de infantaria 23 foi cumprimentar a camara que a seu turno foi cumprimentar a Associação Commercial.

A precaria saude do sr. Reitor da Universidade não permittir que o Venerando Prelado podesse comparecer em festa tão significativa, fazendo-se, porém, representar pelo Bernardino, sem duvida um dos vultos mais eruditos do corpo dos archeiros.

Á tarde, a officialidade do 23, a Associação Commercial e a Camara, foram cumprimentar o sr. Reitor, levando o sr. Barata á frente.

O venerando Prelado, com a sua amabilidade tão distincta e peborante, recebeu-os mesmo no leito.

A camara prepara novos festejos. Esqueçiamo-nos de dizer que o busto foi modelado em pedra das obras publicas pelo bem conhecido artista Ferraz.

Dizer o nome do auctor é fazer o logio da obra.

Carta de Lisboa

Lisboa, 14 de fevereiro de 1896.

Estou d'aqui vendo os jornaes jacobinos, irritados contra a *Resistencia*, por virtude da sua nova orientação politica. Deixa los, coitados, escabujar na sua furia impotente contra o bom senso e as conveniencias do pais. Felizmente que ainda no chamado partido republicano ha homens prudentes e jornaes sérios que hão de concordar com a nossa attitud. Sim! O *Seculo*, habilmente redigido não nos cobrirá de insultos. O *Dia*, jornal precioso pelo colorido do estylo, fidalguia na discussão e nobre para com aquelles que suppõe adversarios mas que são seus amigos, não nos acolherá com o desbragamento de lingoagem dos papeis infectos da republicanagem.

Não! Á frente do *Dia* está um empregado de confiança do governo, o director da fazenda do municipio e que é, no dizer honesto do *Seculo* «alma e inspiração da camara de Lisboa» municipio dignamente dirigido pelo sr. conde de Restello, o velho e honrado amigo do rei. D'este jornal, pois, cujo director é um evolucionista, não temos que receiar insultos. A sua fórmula politica, apresentada no congresso dos *societarios*, por occasião das festas antonianas é bastante sensata. A formula é esta: «A democracia faz com que a sociedade funcione tão suavemente como o homem sobre a tibia e o pezoneo. A republica é a rotula do joelho social.» Concordo quasi com este principio, substituindo a rotula da republica pela rotula da corã, que é em Portugal o symbolo da ordem e da independencia. Mas deixando divagações sociologicas, esperemos a arremetida da jacobinada, com desprêso.

D'aqui saúdo com enthusiasmo a mocidade monarchica de Coimbra. Os nobres academicos têm jus ao reconhecimento de el-rei que saberá contemplá-los.

O futuro é d'elles, d'esses generosos mancebos que estão dispostos a verter a ultima gota de sangue em defesa do glorioso throno do bisneto de D. João VI.

Sua Magestade El-Rei continúa sendo popularissimo. Quando vae passear pela Avenida não é raro ser aclamado pela multidão que pressurosa lhe cerca a carruagem, affectuosa e dedicada. É que El-Rei conquistou o coração de todos os portuguezes já prostrados de joelhos perante o throno, mercê da piedosa rainha D. Amelia, cuja caridade inextinguível desde que se despojou do seu broche em favor dos pobres, fazia inveja a Santa Isabel, se as santas podessem ser invejadas.

Salvé, Rainha.

Polhem da RESISTENCIA

Poesia scientifica

Poucas vezes me tem acontecido pegar na penna para escrever, tão alegre, tão entusiasmado como hoje. Depositario de uma grande novidade, trago-a para o publico nova, em folha, perfeitamente virgem. E então como eu a obtive, como o acaso me favoreceu neste desejo de agradar e de ser lido. Foi o mez passado, num sabbado, se bem me ricordo.

Tomava café no Lusitano. Era uma noite invernos, oito horas, e a chuva cahia lá fóra, o vento soprava rijo, e de quando em quando os garotos dos jornaes, molhados e esfarrapados, entravam apregoando: — é o *Reporter*, é o *Correio da Manhã*.

Comprei o *Reporter*; por signal até que já se vendia a dez réis.

Vinha um artigo de Maria Amalia Vaz de Carvalho a respeito d'um livro de versos que ultimamente se publicou. Nem já sei de quem era o livro: publicam-se tantos, Santo Deus!

Preparava-me para ler o artigo de D. Amalia, quando de repente vejo entrar, ainda salpicado de chuva, com o lenço a enxugar o sobretudo, o dr. Augusto Rocha, o distincto homem de sciencia, que é ao mesmo tempo um

Os intrigantes não conseguiram indispor os expedicionarios com o nobre ministro da guerra, o nosso organisador da victoria. Bem trabalharam para isso os mal intencionados, que até com o throno quizeram malquistar aquelles que só têm palavras de justiça para as recompensas. Ninguem se queixa, todos estão satisfeitos. Bravo!

A alliança inglesa fortalece-se dia a dia. Já ninguém falla contra o *ultimatum* e todos reconhecem os benefícios do tractado. Muita paciência tem o nobre povo inglês quando o insultamos. Generoso sempre, ei-lo a nosso lado, prestes a cooperar conosco em Moçambique.

A habilidade de El-Rei e a diplomacia do grande estadista Luiz do Soveral, muito concorreram para isso.

El Rei é patriota, é grande, é nobre!

Não lhes fallo hoje do immundo livro de Junqueiro a *Patria*. Que insolente desbragamento de lingoagem! Insultos a Emygdio Navarro, o honrado ministro, a Lopo Vaz, que morreu pobre, por dispendir toda a sua fortuna em favor dos infelizes, a todos os dedicados servidores da monarchia! Que demencia!

O que naquelle livro se diz da dynastia de Bragança, meu Deus! Que improperios contra D. João VI, o glorioso monarcha!

E creve-se um livro assim! O povo não o comprou, ninguém o conhece. De resto os jornaes monarchicos cumpriram o seu dever, combatendo com energia as arremetidas jacobinas do poeta. El-Rei sentiu-se um pouco maguado por se vêr retratado no livro, ainda que, com certo elogio. Mas as manifestações de que tem sido alvo, desvaneceram o seu desgosto. Ainda bem, ainda bem.

Sobre o supposto attentado anarchista contra El-Rei é espantoso o que se disse. Luiz de Mattos atirou flores sobre Sua Magestade, mas os jornaes jacobinos disseram terem sido pedras. Que malvada insinuação! Despeito vil no fim de tudo.

A lei contra os anarchistas já foi votada nas duas camaras. Até que effim vão acabar os desmandos dos republicanos, pois a lei é principalmente contra elles, como o exigia a opinião publica. Agora fallem que lá está a costa d'África.

Tem decorrido no meio da maior animação as sessões da camara dos deputados. O sr. Motta Gomes fez um discurso brilhantissimo sobre a lei dos anarchistas, respondendo num só dis-

medico illustre e um dos nossos primeiros polemistas.

Fui comprimental-o, porque em summa eu tenho o prazer, a doce consolação, o infinito orgulho de conhecer s. ex.^a

De resto o dr. Augusto Rocha (e antes de continuar abramos desde já um parenthesis para dizer que fallamos do dr. Augusto Rocha lente da Universidade, e não do outro Vicente Augusto Rocha, o do posto-medico, que affinal de contas não passa d'um simples bacharel em medicina) de resto, como iamoz dizendo, o dr. Augusto Rocha é a pessoa mais accessivel, mais dada d'este mundo.

Simples, affável, malicioso, fazendo espirito com as rapazes é o typo mais perfeito do lente moderno, do lente da *ultima moda*.

D'elle se contam infinitas partidas, que provam a consideração que tem pela gravidade academica. D'uma vez, como perguntassem a um collega pelo capello, elle atalhou do lado:

— Não o trouxe. Gosta mais de andar em pé.

É um original.

Eis por exemplo uma historia passada conmigo, e que é um traço bem caracteristico.

Conversava eu em ferias grandes, á porta do Lusitano, com Machado d'Almeida, quando se abeirou de nós um

curso ás opposições que têm por chefes os srs. Dias Ferreira, Arroyo e Mariano de Carvalho. E ainda diz que a opposição é combinada! Como se os tres homens de que fallei não sejam bastante independentes e não tivessem obliido os seus logares á custa de uma formidável pugna eleitoral.

Deixemos agora em socego a politica.

Vão começar as festas do Carnaval. Pena é que SS. MM. não estejam em Lisboa nestes dias de animação e alegria. Mas ás vezes um miseravel podia offender os monarchas; e El-Rei disse que não queria que o povo justicasse algum por sua causa.

Que a verdade é esta: se algum desacatasse a El Rei, o povo rachava-o.

Mas é que o rachava.

Sergio de Castro.



Adheriu ao partido republicano, recusando por isso a commenda da Conceição que o governo lhe offereceu pelos bons serviços prestados á Associação Commercial de Coimbra, o sr. Antonio Francisco do Valle.

Dos mal agradecidos está o Inferno cheio.

O sr. Franco Frazão, um dos mais suggestivos artistas, a quem os monumentos nacionaes tanto devem, acaba de ser agraciado com o grau de grande official da Legião dos Iconoclastas. E igualmente lhe foi conferido pela Sociedade João Felix Pereira, o diploma de socio benemerito, pelos relevantes serviços que tem prestado á delicadeza nacional.

Honras mercedissimas, porque s. ex.^a não é d'estes artistas, como ha para ahí alguns, que querem conservar os monumentos tal como os delinearam os seus auctores e que não desejam introduzir-lhe nada de novo.

S. ex.^a é um novo, é um espirito creador, e, com tal, entende que é preciso inculir aos monumentos nacionaes o sopro gigantesco da epocha actual. O seu lemma é o seguinte:—Novos tempos, novos estylos.

Applaudimos estes nobres intuitos do sr. Frazão, certos de que elle saberá levar á cabo a sua tarefa.

Miguel Stockel — um novo ebrío de talento — assumiu a direcção do *Inferno* e começa num dos proximos numeros a publicar a sua conceidissima *farça Alcazer-Kibir* que, arreglada em drama pelo fallecido Gervasio Lobato, tantos triumphos alcançou em D. Maria para o seu ensaiador D. João da Camara.

sujeito. Sobre-casaca, bem vestido, chapéo alto, bengala revolteando nas mãos, não o conhecia. Conversou, fallou, fez dictos, desfolhou algumas flores de rethorica, naturalmente, como quem não quer a coisa, e quando se ia a retirar, estendeu-me a mão:

— Gosto muito das ferias, porque me esqueço de que sou lente.

E creio que se tinha esquecido.

As conveniencias não o prendem. Foi por isso que eu, entre orgulhoso e tímido, depois de o ter comprimentado, com o *Reporter* ainda entre as mãos, abaquei com elle, logo á entrada, numa das mezas do Lusitano.

Conversamos sobre muita coisa, sobre a louça do Gonçalves, as aguas potaveis de Coimbra, sobre o typho, até que por uma generosa amabilidade, imaginava eu, e aíl de mim como me enganei, a conversa veio a recahir sobre a poesia.

— Já leu o artigo do *Reporter*, pergunta-me de chofre? Disse-lhe que não.

— Pois olhe, continuou elle, recomendo-lh'o. A Maria Amalia está consigo, tambem é pela poesia lyrica. Mas não me admira, porque nas mulheres predomina seu coração e sua cabeça é fraca, como a rosa que se desfolha ao mais ligeiro sopro do aquilão.

«Na mulher o amor é que illumina seu entendimento, sempre o amor. Os grandes rasgos da epopéa, Homero,

HORRIVEL CRIME

Trama jacobino — Assassinato d'um funcionario publico — Prisão dos criminosos

Um drama de sangue revestido das mais romanticas e sanguinarias circumstancias agita ha dois dias a curiosidade publica do pais e traz em boalaudas a policia judiciaria da capital.

Não comentamos. Narramos apenas os factos, e, limitamo-nos, por emquanto, a perguntar ao governo se não será tempo de abrir os olhos, entrando energicamente no caminho de represões.

O crime

Numa das casas da rua do Capellão, em Lisboa, que estão sujeitas á vigilancia da policia e onde reside Floribella Augusta — *A Torta* — uma desgraçada que busca no vicio o pão quotidiano, entrou na sexta feira ás 10 horas da noite um dos *habitues* do estabelecimento.

Homem alto, reforçado, verboso, com cabelleira á Danton, pequeno bigode e muito bem vestido. Segundo as declarações da rapariga delataram-se, e, ahí por volta das 3 da madrugada, ella acordou ao estampido de dois tiros de revolver.

Viu fugir dois vultos negros e embuçados e gritou por soccorro.

Reconhecimento da victima

Aos gritos lacinantes da *Torta* acudiram varias companheiras e vizinhas e a guarda 67 da 3.^a companhia da municipal, que se dirigiu ao leito onde encontrou banhado em sangue, o rosto desfigurado, e com o craneo feito em estilhas, a victima.

Interrogadas as meretrizes declararam conhece-lo e saberem que era um *cavalheiro*, muito conhecido no bairro e que a *modos que era da Cambra e escrevia nos papeis*.

Mais tarde o sr. Leça da Veiga, chamado pelo telephone, ao lugar do sinistro reconheceu no assassinado o sr. conselheiro Francisco Gomes da Silva — Director da Repartição de Fazenda da Camara Municipal, antigo deputado republicano e redactor do *Dia*.

Prisão dos criminosos

Ao sagaz espirito do sr. Leça da Veiga occorreu logo a luminosa ideia de que estava em frente d'um crime de vianga politica.

E não se enganou, pois nas emediações da casa onde se perpetrou o crime, prendeu o cabo Sacarrão, ainda embuçado, com o revolver no bolso das calças e as mãos tintas de sangue, o conhecido agitador e terrivel revolucionario Sebastião de Magalhães de Lima, que, conduzido ao governo civil, declarou que effectivamente fóra elle um dos assassinos e que tinha dado aquelle passo por ser a isso obrigado por uma carbonaria de que fazia parte e que condenara á morte o sr. Conselheiro Gomes da Silva pelo crime de traição á causa democratica.

Virgilio, Dante, Goethe, Victor Hugo, não os comprehendem suas cabeças frageis de mulher.

«Veja o que ahí se diz nesse pallido artigo. A grande poesia do futuro, a poesia scientifica, é contestada levianamente, sem que a broca da analyse, na phrase conceituosa de Mousinho da Silveira, tenha vindo perfurar o assumpto, com a sua força lenta, mas fecunda e intemerata. A poesia, applicando as luminosissimas vistas do profundo Conte, tambem passa successivamente por tres estados — o periodo theologico, metaphysico e positivo.

«Dará poesia um character scientifico, fez-a entrar definitivamente no ultimo periodo da evolução da mentalidade humana, eis o vasto trabalho para que se está reclamando a prodigiosa actividade do homem. A poesia, como tudo, tem sua evolução. Os poetas não podem, não devem, nem hão de ficar nos eternos trovadores das rosas do prado, do luar e das coisas nebulosas, perdidos no inextricavel labyrintho das metaphysicas allemãs.

«É preciso que em seus cerebros, como no intimo de diligentes colmeias, sussurre aquelle lavor incessante de attenta e calma sollicitude, que dia a dia se traduz em descobrimentos geniaes, de factos, de principios, de leis, alargando os dominios do saber, melhorando as condições da vida á

A policia pôs-se em campo e, seguindo as indicações de Magalhães de Lima, prendeu todos os membros d'essa agremiação revolucionaria que se provou ser composta dos terriveis demagogos Silva Graça, Lomelino de Freitas, Carlos Calixto, Teixeira Bastos, Anselmo Xavier, Teixeira de Queiroz, Bernardino Pinheiro, Feio Terenas, Anselmo de Sousa e outros, cuja identidade ainda se não apurou.

— Como cúmplices d'este nefando crime, pediu-se para o Brazil a extradicação de Francisco Pacheco, Cunha e Costa e Eugenio da Silveira.

Cherchez la femme

Telegrammas de Vizeu informam ter-se ali suicidado por amores mal correspondidos o quartannista de direito e antigo redactor da *Resistencia*, Ricardo Paes Gomes.

Parece um fado mau, porque pelo mesmo motivo nos informam que tentou contra os seus dias, em pleno Palacio de Crystal, o quintannista Germano Martins.

O lamechismo jacobino leva a estes extremos.

E ainda ha quem diga que não faz falta a Religião!...

São d'um bello effeito as *taboinhas verdes* que os nossos amigos e correlligionarios Drs. Vicente Rocha e Carlos d'Oliveira, mandaram collocar nas janellas do seu consultorio.

O posto tem sido muito concorrido.

Assignaram-se hontem as escripturas ante-nupcias do nosso amigo Manuel Gaspar de Lemos, conceituado negociante da Figueira, com uma gentilissima dama, filha mais velha d'um vulto proeminente da colligação liberal.

Falla-se muito no Martinho e nos outros centros de cavaco litterario na proxima publicação d'um volume de poesias decadentes do sr. Marcellino de Mesquita, prefaciado pelo vigoroso estylista Lorjô Tavares. — Será illustrado pelo auctor e com notas elucidativas, no texto, do sr. Jayme Victor, — o glorioso publicista.

O Centro Monarchico da rua do Norte, inaugurou nas suas salas o retrato do Gungunhana; o retrato foi offerecido pelo ex.^{mo} sr. Henrique de Vasconcellos, um dos poetas mais considerados da moderna litteratura da Africa e ainda aparentado com a Casa Real do Gungunhana.

Muito consola vêr como uma idea superior faz inclinar as cabeças da mocidade, diante da Realza, mesmo vencida.

Bravos rapazes!...

superficie do globo, augmentando em summa a cada momento o patrimonio da riqueza humana.

«Dia a dia se vae tornando de uma necessidade cada vez mais incontraversa que os poetas, alanceados por mysticos terrores e crudelissima incerteza, recuperem a energia perdida, e retemperem, ao calor de novas alvo-radas, o ago da investigação phenoménal.

— Mas Doutor, atalhei interrompendo o verbo fluente do illustre sabio, como quer v. ex.^a que se cante, por exemplo, a lei de Mariotte, ou o principio de Archimedes?

— Como?! Mas da maneira a mais natural d'este mundo: vendo, estudando, observando... e sentindo.

«Pois porventura os pulmões, a larynge, os intestinos ou o coração, serão menos bellos na sua structura, na sua fórma, no seu ponderado equilibrio funcional, do que as timidas violetas que abrem seus cálices na espessura dos bosques? Porventura o cerebro, officina do pensamento, será menos digno das cordas d'outra da lyra do poeta, do que o *boudoir* elegante d'uma dama com seus moveis, seus perfumes e seus arrebitques?

«Não, mil vezes não!»

«O verdadeiro poeta, o intemerato reformador, o divino Christo da poesia do futuro, será aquelle que fizer a

LEILÃO

(AO CORRER DO MARTELLO)

Por motivo judicial e a requerimento de varios devedores ha de realizar-se na proxima terça feira, 18 de fevereiro, pelas 11 horas da manhã, o

LEILÃO

da rica mobilia estofada, reposteiros, quadros d'antor, camas de molas, á francesa e para casados, tapetes, cofres de fogo á prova de ferro, estantes de pau preto com torcidos, bidets, vasos de noite, roupas brancas e mais petrechos que enchem o 1.º andar da casa ao Arco d'Almedina n.º 6.

Todos os trastes são magnificos e muito bem conservados.

Depois do leilão adjudicar-se-ha a quem mais der uma condessinha de bellos peçgos, fructa nova e de fazer lamber os beiços aos apreciadores.

AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, R. Ferreira Borges, 48

O proprietario d'este acreditado estabelecimento desejando corresponder quanto possivel aos favores sempre crescentes dos seus estimados freguezes e gentis freguezas, acaba de montar junto ao seu atelier de alfaiate uma secção de roupas brancas para senhoras, onde se encontra tudo o que ha de mais gentil e de novidade.

Camisas para senhoras feitas ou por medida. — Neste ramo ha uma especialidade de camisas de dormir com recortes e folhos, que são um primor de chiquismo.

Calcinhas, saias brancas, meias de seda, corpetes, matinées, penteadores, etc., etc.

ESPARTILHOS

Confecção especial e muito cuidadosa, sob a direcção particular do proprietario, que se tem dedicado ao estudo deste fabrico, não se poupando a toda a qualidade de sacrificios para poder rivalisar com os primeiros espartilheiros de todo o mundo. Os espartilhos fabricados no nosso atelier armam sempre bem, dão ao busto graça e elegancia e não magoam. Bem barbeados por detraz, leves e flexiveis, as frentes acompanhando até acima do seio, desacolchetam-se com rapidez. Guarnecidos por baixo com peluche e adornados na parte superior com rendas e fitas são d'uma novidade perfeitamente *Parisiense!* Só se fabricam por medida.

ATENÇÃO

Diz Eduardo Secades, que tendo-se ausentado de casa, sua mulher melindrada por causa de um annuncio que mandou publicar; breve vae provar para sua defeza o que publicou; tendo já pedido ás pessoas dignas a quem muito respeita toda a desculpa.

Eduardo Secades.

GRANDE ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

DE

Mendes d'Abreu

Esta casa acaba de contractar um *tailleur* especialista em corte de casacas, antigo empregado da casa Pina d'esta cidade, e com larga pratica nas principaes alfaiaterias de Sernache.

À Casaca Elegante!

CANTHARIDA REVOLUCIONARIA

INVENTO PRODIGIOSO DO DR. TEIXEIRA REBELLO

DEPOSITO

Drogaria Rodrigues da Silva

Efeitos seguros. Attestados das primeiras summidades medicas. Recommendados nos casos extremos da vida conjugal.

As noivas recommendam-n'o em altos berros!

GRANDE BARATEIRO

POMBAR

OCULISTA

Rua Ferreira Borges

Acaba de receber um bello sortido de oculos para ver o invisivel, lunetas para descobrir o principio do justo, e aparelhos photographicos para corpos opacos — a ultima novidade scientifica.

Barato sempre!

Mais barato que em outra qualquer parte. Desafia a concorrencia.

ENCADERNAÇÕES

Trabalhos primorosos em pelle de todas as qualidades e procedencias. Especialidades em coiro da Russia e da Rua das Padeiras.

Remette-se gratis, como amostra, um exemplar da plaqueta de Anacleto Cabral encadernada com as *Navegações* do Duque de Espinho em pelle de burro.

Alberto Vianna

LARGO DA SÉ VELHA

COIMBRA

PRECISA-SE

Um homem de talento para todo o serviço. Propostas e referencias á redacção da 'Arte', rua do Cosme (em casa do sr. Eugenio de Castro—Poeta).

GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇO!!!

CASA DE PENHOES

Alipio Augusto dos Santos

59, Rua do Visconde da Luz, 62

Juro --- 70 por cento!!!

Só durante os tres dias do Carnaval

GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇO!!!

O INTESTINO GROSSO

Tem tres partes que são: *cæcum*, *colon* e *recto*.
O *colon* que ora sobe ou desce no trajecto,
O *cæcum* onde existe o *appendice caecal*,
E o *recto* onde existe uma *empola rectal!*

Ai que apparencia tem o Intestino grosso!
Flexivel, unctoso e molle, sem um osso,
Tem dobras, tem aneis, tem curvas voluptuosas,
Tem os *armines* tons das petalas das rosas,
E morno, serpenteando—um tunel do organismo
No *ilíon* principia e acaba n'um abysmo.

Oh! musa d'olhos bons, suavissimos, vivazes,
Tu que me ensinas sempre o trilho das verdades,
Ensina-me p'ra que é que a formação dos gazes
Provoca no intestino estranhas tempestades,
Bem como se um titan pegasse n'um trovão,
Fechasse-o muito bem no ventre d'um caixão
E com gesto imortal, viril e sobre-humano
O fosse abrir depois no fundo d'um oceano!

Musa! lança em minh'alma o teu clarão divino,
Ensina-me a estudar as do-nças do intestino,
O volvo, a inflamação, as impressões nervosas,
A hernia estrangulada e as colicas ventosas.

Oh! Musa virginal, musa dos olhos bellos,
Ensina-me a pegar nos frios escalpellos,
Ensina-me a fazer genias di-secações,
E a juntar, enfiar, raras preparações,
Coisas *s-bias*, enfim, epigas de tanta luz,
Que em medicina eu seja assim como um Jesus!...

poesia do homem, a poesia do corpo humano.

«Seu nome será aclamado por toda a humanidade, sua voz ha de ecoar em todos os peiuos, e quando elle morrer, heroe varado pela setta hervada da morte, as nações todas virão ver seu tumulo, como os crentes do Al-Korão que vão a Mecca, pelo menos uma vez na vida, ajoelhar á campã do Propheta.

—Mas, interrompiti-lidamente, quem teria força?...

Não me deixou continuar, agarrou-me violentamente por um braço, a sua phisionomia illuminou-se extranhamente, d'um clarão sobrenatural, quasi divino, e approximando se mais de mim, dissim-me ao ouvido, numa voz cava, soturna, tremula pela commoção:

—Nessa poesia trabalho eu.

E mudando de tom, já socegado:

—Olhe sequer venha d'ahi, venha ao meu escriptorio, venha, que lhe mostro parte do meu livro.

Escusado será dizer que accetei com o maior prazer o offerecimento que me fazia. Leu-me quasi todo o poema. Intitula-se — *Poesia do Corpo Humano*, e está dividido em tres partes; a primeira *Os membros*, a segunda *O Tronco* e a terceira *A cabeça*.

É impossivel dar uma ideia exacta do prodigioso trabalho do dr. Augusto Rocha. Ouvida de um folego, sem in-

terrupção, a Poesia do Corpo Humano deixou-me uma impressão de grandeza epica, d'uma larga comprehensão da vida, como que um sopro de entusiasmo que vivifica o espirito e fortalece o coração.

A força, a actividade, a alegria, toda a espoeira da saude, canta nervosamente, numa explosão sonora, em versos rendilhados ás vezes como uma canção de Gauthier, outras impetuosos, cheios de fuga, com uma ode de Victor Hugo.

Na litteratura portugueza não conheço nada de similhante. O livro do dr. Augusto Rocha não é um ensaio. É um assombroso poema, uma obra original, destinada a produzir uma revolução profundissima na poesia contemporanea.

Maravilhado com a leitura, entusiasmado com a grandeza da obra, por mais que instasse com o grande poeta, foi-me completamente impossivel obter algumas poesias, como desejava, para publicar nos *Insubmissos*.

Apenas num momento em que sua excellencia se retirou do escriptorio, pude tirar rapidamente a carteira, abrir o livro ao acaso, e copiar este pequeno trecho de uma poesia que faz parte do segundo canto e que se intitula

Como o poeta chegasse não pude copiar mais, mas por esse pequeno trecho já os leitores poderão ajuisar.

O dr. Augusto Rocha deseja que o seu livro seja uma perfeita surpresa para o mundo litterario.

A noticia que hoje dou é portanto uma indiscrição, que espero me será perdoada, pela muita admiração que tenho pelo poeta.

Coimbra, 1889.

Francisco Bastos.



RESISTENCIA

N.º 105

COIMBRA — Quinta feira, 20 de fevereiro de 1896

1.º ANNO

Proseguindo

Entra no segundo anno a *Resistencia*.

Não se filiando num estado de febril excitação, mas no estudo desapassionado e reflectido da nefasta influencia que sobre o país está exercendo a monarchia; não tendo em mira auferir lucros, mas cooperar desinteressadamente para uma mudança radical das instituições politicas, a *Resistencia* proseguirá desassombadamente no caminho encetado, cada vez mais convicta de que depende da realisação do ideal por que pugna a regeneração moral do país e a sua restauração economica e financeira.

Mais do que em tempo algum se está hoje evidenciando a impotencia da politica monarchica para tudo que não seja fazer penetrar a corrupção até ás mais profundas fibras do organismo nacional, ou exercer tão infames como mesquinhas vinganças sobre todos aquelles que se mostram refractarios á sua acção deletéria.

Depois de haver impudentemente rasgado a carta constitucional, sobre a qual aliás sempre a monarchia tem trepudiado, com a mais ignominiosa e abominavel dictadura que figura nos annos da politica portugueza, o governo sente-se sem forças algumas para qualquer reforma que interesse á economia vital do país.

Quasi vão decorridos dois meses depois que se abriu o pseudo-parlamento, e ainda não se discutiu nem sequer se apresentou qualquer projecto de reorganisação economica ou financeira! Vota-se, após tres ou quatro discursos de balofa rhetorica, uma pensão á familia do glorioso poeta João de Deus; approva-se o *bill* de indemnidade, e, absolvido assim pelos proprios filhos da dictadura das responsabilidades em que incorreu decretando-a, o governo leva-os a commetter o mesmo peccado approvando a celebre lei contra os anarchistas em que, contra um preceito terminante da carta constitucional, se dá effeito retroactivo a disposições de character penal. E a isto se reduz o que o pseudo-parlamento tem feito até hoje!

Completamente desprestigiado pelo seu vicio d'origem, revela-se absolutamente incapaz de se reabilitar por qualquer empreendimento salutar. De modo algum pôde subtrahir-se já ao ridiculo em que cahiu. Aquillo não veio dar força ao governo; se alguma este tivesse, tirar-lh'a-hia.

E assim se vê a monarchia em maiores difficuldades do que aquel-

las com que luctava quando começou a exercer a dictadura pela arbitraria e injustificavel dissolução do parlamento.

Perjurou infamemente; commetteu inqualificaveis prepotencias; exerceu as maiores corrupções para obter como resultado um *Solar dos Barrigas!*

A isto chegou a monarchia.

×

Perante a miseravel situação em que se encontra a politica monarchica cumpre ao partido republicano, o unico que pôde conseguir a regeneração do país, trabalhar denodadamente, sem hesitações nem desfallecimentos, para completar a sua organisação.

É necessario, sobretudo, pôr á frente do partido um directorio que, merecendo plena e absoluta confiança, lhe imprima a necessaria unidade d'acção congregando as enormes forças de que elle dispõe.

Repetidas vezes temos dito que o partido republicano só se pôde impôr ao país, como um partido de governo, por meio de uma forte disciplina e da mais rigorosa selecção dos seus membros.

Está amplamente provado que da monarchia nada ha a esperar. Diz-se, e com verdade, que são os seus erros, desvarios e crimes que mais têm cooperado para o engrossamento do partido republicano. Mas para que se implante a Republica, e, uma vez implantada, levante o país do bárathro em que a monarchia o lançou, só isso não basta; é necessario que o partido republicano se apresente unido para a realisação d'um programma nitido e conscienciosamente formulado.

Não ha duvida de que o partido republicano conta entre os seus sequazes homens eminentes tanto pela intelligencia como pelo character; todos os dias se patenteia do modo mais evidente o apoio que esse partido tem no país que profundamente odeia a monarchia; todos os cidadãos sérios e dignos anseiam por uma mudança de instituições. Facil é, pois, e pouco tempo demanda levar a termo a organisação do partido.

E quando embaraços surjam, o que não é d'esperar, em qualquer centro importante onde mais activamente se deve trabalhar para a realisação d'esse *desideratum*, não será impossivel consogui-la sem a sua cooperação.

Nunca levantamos nem pretendemos levantar attrictos, desejamos obedecer e não mandar; mas isso não obsta a que digamos, quando o julgemos necessario, o que mais vantajoso se nos afigura para o partido.

Fa-lo-hemos sempre e com todo o desassombro. Republicanos convictos, só temos em vista promover o engrandecimento do nosso partido para que possa prestar ao país os serviços que d'elle espera. Nada mais.

Para isso se fundou a *Resistencia*.

Só para isso continuará.

Informa a imprensa de Lisboa que o sr. dr. Wenceslan de Lima, presidente da camara municipal do Porto, enviara ao governo um relatorio em que se dá conhecimento de graves irregularidades commettidas pelas administrações transactas nos asylos, jardins, folhas de salarios, e até de actos escandalosos respeitantes a grandes obras que se fizeram sem concurso, tendo sido algumas adjudicadas simuladamente depois de effectuadas.

Não sabemos o que de verdade haja no tal relatorio, sem duvida motivado pela convicção de que seria annullada a eleição da camara municipal do Porto pelo supremo tribunal administrativo.

Em todo o caso recommendamos ao sr. dr. Luiz Pereira da Costa, presidente da nossa camara municipal, o procedimento do seu collega do Porto. Veja as irregularidades que se praticaram e mande relatorio ao governo. Para ver se elle procede.

O partido republicano hespanhol

Lavra profunda agitação na nossa vizinha Hespanha. Os desastres militares do grande heroe de Sagunto Martinez Campos, que affrontou imprudentemente as iras de Madrid no seu regresso de Cuba, e o episodio sangrento de Thomás Carrera causaram o maior abalo, havendo em Madrid uma manifestação contra as intuições tão imponente, que o governo não lhe oppôs o minimo embaraço. Se o tivera feito, correria grande risco a monarchia.

Sentindo-se então impotente, quer patentear agora a sua força exercendo vexatorias perseguições contra alguns jornalistas republicanos. A's difficuldades de Cuba accrescerão assim as da politica interna e, preparando-se para ellas, as diversas facções do partido republicano acabam de realizar em Madrid uma importante reunião, em que se deliberou o accordo entre ellas para a acção revolucionaria, nas seguintes bases, que foram calorosamente approvadas:

— A emissão de programmas prévios, deixando a cada partido a manutenção e a propaganda dos seus principios peculiares.

— A determinação do estado do governo provisorio da futura republica, mediante juntas revolucionarias, emquanto se não convocarem as côrtes constituintes chamadas a organisa-la definitivamente.

— A assembleia declara que, considerando nesta hora o procedimento revolucionario como o unico efficaz para attingir os fins que têm em vista os republicanos, só neste sentido pa-

ctua com os outros partidos, absten-do-se do acto eleitoral e deixando-lhes em tal assumpto toda a liberdade de acção.

— O partido republicano federal abstem-se no tocante ás eleições de deputados e de senadores, deixando aos municipios e provincias toda a liberdade de acção no tocante ás eleições municipaes e provinciaes, de que dependem as suas garantias.

Approvada calorosamente esta proposta, resolveu-se nomear um conselho de quinze membros, como suprema auctoridade do partido. A missão d'elle consiste em dar cumprimento a todas as resoluções da assembleia, representar o partido, fazer a propaganda da doutrina federal e convocar outras assembleias por suffragio directo.

Referindo-se ás declarações feitas na camara dos pares pelo ministro da justiça, diz um jornal governamental ter ficado bem assente que—«a lei se não refere a quaesquer theorias mais ou menos philosophicas e que a retroactividade não vae alem dos factos recentes, não comprehendendo os artigos publicados anteriormente a ella na imprensa».

Ora convem que se registre que o nevropatha que está fazendo a mais ignobil politica no ministerio do reino não gostou das declarações feitas pelo seu collega da justiça, ordenando que no seu jornal se dissesse que não podia o sr. Antonio d'Azevedo afirmar cousas taes, porque só vale o que está na lei. Escusado seria tal rectificação, se não obedecesse ao intuito de exauctorar o ministro da justiça, que veio com as suas declarações crear embaraços á politica atrabiliaria do doido ministro do reino.

Não ha duvida alguma que o parlamento votou o projecto do governo e não as declarações do sr. ministro da justiça. Quando muito, poderiam servir estas para desfazer qualquer duvida que na interpretação da lei se offerecesse. Nenhuma, porém, se dá relativamente a estarem comprehendidas no artigo 1.º todas as theorias philosophicas que combatam a actual ordem social, e a terem effeito retroactivo as suas disposições até pelo que respeita á imprensa.

Bem sabemos que não é só arbitraria mas tam' em absurda tal disposição, cuja applicação rigorosa importaria a suppressão de todos os orgãos da imprensa. Mas pela arbitrariedade e pelo absurdo é que estão vivendo as actuaes instituições.

O projecto do codigo civil, que o parlamento allemão está discutindo, torna obrigatorio o registro civil para os casamentos, nascimentos e obitos, não sendo reconhecido effeitos alguns civis, pelo que respeita á prova de estado, senão ás certidões passadas pelas repartições d'esse registro.

É grande a opposição que os catholicos allemães, intolerantes e facciosos, movem á instituição proposta. Espere-se, porém, que esta seja approvada por grande maioria.

Bagatellas

Ill. mos e ex. mos srs. — Por mais estranha que pareça a ingerencia que neste officio me arrogo, basta para a justificar o direito inherente a todo o cidadão luso de barafustar, tão vehemente de razão, como inutil em consequencias, — á falta de repressão effectiva estabelecida nas leis, — contra os desvarios e se-vicias todos os dias perpetrados sobre os documentos historicos da civilisação portugueza.

Tanto mais, que me dirijo á illustre commissão encarregada de velar e proteger os monumentos nacionaes, commissão composta de elementos que de longe se têm affirmado dos mais intellectualmente vigorosos e activos, dos mais prestimosos e validos no campo da propaganda da arte, da critica e do protesto.

As obras, chamadas de restauração, na igreja de Santa Cruz de Coimbra, de tal fórma têm corrido e se aggravam, que não contrariam o longo libello da superintendencia intemerata e exclusiva dos delegados da obra publica sobre os monumentos d'arte.

Sem plano previamente discutido, sem objectivo determinado, sem obedecerem a um consciente e firme criterio artistico, ao sópro da versatilidade caprichosa e desnorteada de cada dia, estas obras tomam as proporções do escandalo, pela fórma violenta e arrogante com que têm proseguído, através de todos os protestos desinteressados dos que entendem que os monumentos que nobilitam uma cidade, não podem estar á mercê de contingencias vangloriosas e inhabeis.

Levantam-se reclamações com a insistencia, que só a dedicação inspira, em nome dos creditos do país e dos interesses superiores da arte; pela imprensa fazem-se ouvir admoestações, desde a brandura á phrase contundente; nem uma voz apparece em defesa, e as obras vão seguindo, a demolir, a refazer, com uma teimosia impassivel, de elasticidade de borracha!

Para quem appellar?!... Agora, como se fosse pouco as leviandades commettidas, trata-se de arrancar a porta ostentosa que communica a capella-mór com a sacristia, naquella bello maneirismo philippino, singular degenerescencia d'um classicismo exaustivo, para, em troca, arvorar um enxerto manuelino, manipulado burocraticamente com receitas inverosimeis de lugares communs inexpressivos.

Esta peregrina idéa serve de paradigma, a aquitar a mentalidade luminosa, que impulsiona a capacidade dirigente, na solução dos mais melindrosos problemas.

A sacristia é de 1622, um seculo posterior á capella-mór! Se exorbitancias alli praticadas são irremediaveis, razão de mais, para que devam ser contidas as demasias, que capciosamente se acobertam na irresponsabilidade das boas intenções.

A substancia, pois, d'este officio resume-se nisto: — arrastada pela

logica da arbitrariedade está assente que seja arrancada a porta da sacristia da igreja de Santa Cruz e substituída por uma inexplicável parodia manoliana.

Tal é a accusação grave e explicita que tenho a honra de submeter á reprovação ou assentimento tolerante e cúmplice d'essa corporação respeitabilíssima.

Deus guarde a v. ex.^a. — Coimbra, 29 de janeiro de 1896. — Ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. presidente e dig.^{mos} vogaes da comissão dos monumentos nacionaes. — (a) A. Augusto Gonçalves.

Pavorosa catastrophe

Do nosso solícito correspondente da capital recebemos hontem o seguinte telegramma:

Rocio, em 19, ás 4,45 tarde.

Hontem rebentou incendio no baile do *Club Artístico* em Santarem. Os mortos tirados até agora são em numero de 43, entre creanças, homens e senhoras. Muita gente saltou pelas janellas.

Morreu uma familia inteira composta de mãe e tres filhas. São os unicos que têm sido reconhecidos, até agora. De muitos é impossivel reconhecer-se a identidade por ficarem muito carbonizados.

F. FERNANDES COSTA

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Cuba

O general Weiler já modificou o seu plano de campanha.

Em telegramma official, confirmando a entrada official de Antonio Maceo na provincia de Havana com todas as suas forças, declara elle: «não é possível oppôr uma barreira inacessível a forças que, fraccionadas em pequenos grupos, aproveitam a escuridão da noite para transpor os pontos mais difficeis».

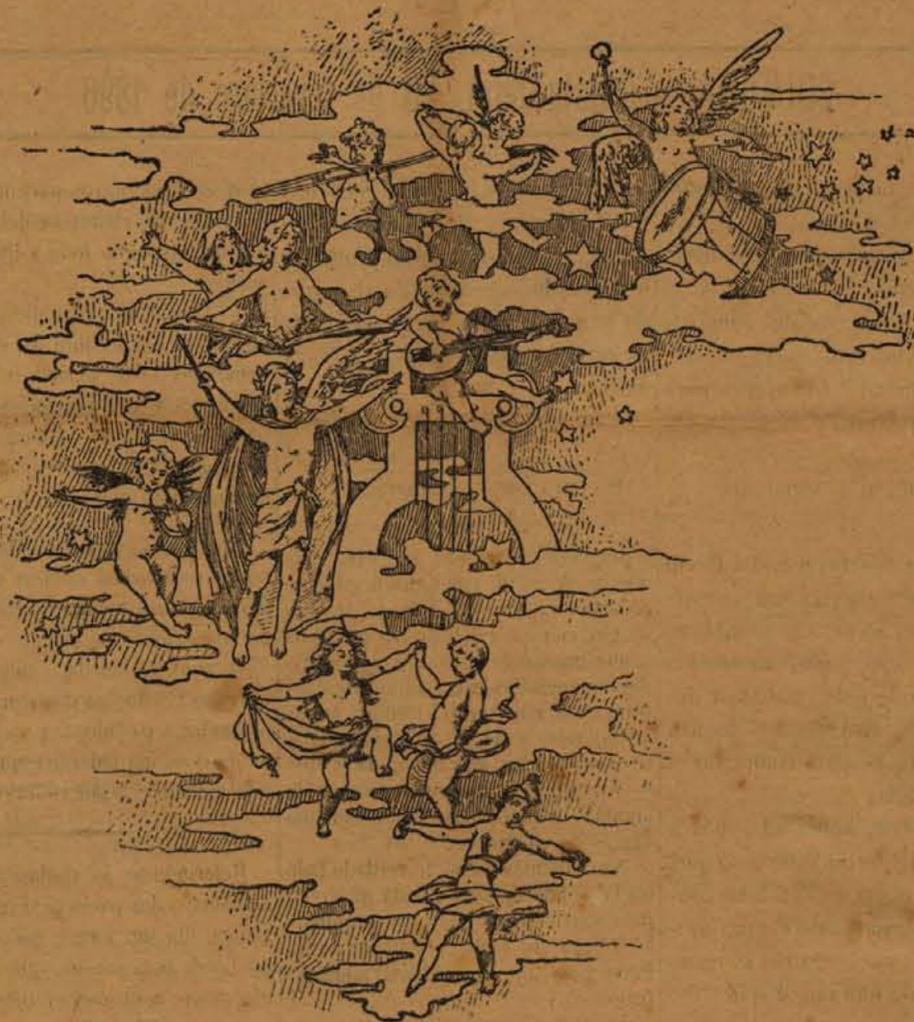
Como lutar, então? Não o diz Weiler, mas a reunião dos dois principaes chefes insurgentes com as suas forças em meio da provincia da Havana, quando em Hespanha se davam tantas noticias de suppostos triumphos sobre os cubanos e das difficuldades em que os revoltosos se encontravam, levamos a considerar mais que provavel que Weiler será tão feliz como Martinez Campos.

—Proximo de Cienfuegos acaba de dar-se uma scena que revela de um modo evidente o extraordinario entusiasmo com que Cuba luta pela sua emancipação. Foi ali capturada uma mulher que commandava 38 insurgentes do mesmo sexo!

Não foi sem difficuldade que se realisou a sua captura porque, quando o destacamento dos soldados hespanhoes lhe deu a voz de—alto, suppondo que era um inoffensivo grupo, as endiabradas mulheres responderam a tiro, o que obrigou os soldados hespanhoes a responderem do mesmo modo, dando-se uma luta desesperada em que as mulheres se portaram com a maior valentia.

Afinal venceram os homens sendo presa a commandante, que se reconheceu ser a celebre *La Cabrilla*.

THEATRO DE D. LUIZ I



17—II—96.

Noite de sorrisos. Quando se é velho, nem a gente sabe rir. Gastou-se-lhe o riso com o tempo, foi-se com a mocidade.

Com o tempo tudo se torna triste. Até o entrudo que, quando eu era novo, custava tanto a chegar e passava tão depressa, tão alegre, agora é sempre tempo demorado de chuva, sempre triste agora o entrudo...

Se eu até já gosto de me deitar cedo!...

A sala muito decorada de tecidos alegres, mascaradas, leques e verduras. O tecto desaparecia em panejamentos d'um colorido intenso, cortando a massa negra das arvores em flôr, que cresciam da varanda da terceira ordem indo perder-se na sombra, em cima. Dos parapeitos dos camarotes cahiam cobertas de damasco, tecidos de colorido amarelado ou brilhante, casando-se numa grande harmonia com o brilho das flôres, a verdura metálica das heras e das acacias.

No proscenio, um grupo decorativo de palmas e bambus em que abria como uma flôr vermelha, um vermelho guarda-sol japonês.

Nas cadeiras e nos camarotes, toilettes de soirée, tricanas deliciosas de mocidade e encanto, sobressahindo pela riqueza duas formosissimas toilettes de circassiana, e um pequeno pierrot branco de setim e carne branca, fresco, como um capricho de porcellana de Saxe, feito por um artista enamorado para o boudoir d'uma mulher bonita, como é sempre a mulher que se ama...

Da récita, o que lhes hei de eu dizer, minhas senhoras, se me deram tão pouco espaço!

D. Palmyra Cruz, tem a bella voz fresca da creança que ha de ser um dia uma grande cantora. Nada lhe falta: nem a physionomia extranha e insinuante, olhos é ca-

bellos negros, uma face pallida, um corpo elegante e fino, como um bambu. Diz bem, sabe detalhar a phrase e a sua voz ainda nova cobre já as vozes de cincoenta coristas. No duetto com Ferraz, no tercetto com Mario Gayo e Ferraz e no concertante final, a sua voz fresca fazia-se ouvir sempre, mesmo no mais forte dos côros.

Bertha, outra creança, perdão, outra senhora, amavel e ingenua, com uma toilette distinctissima, soube prender o publico, que lhe fez uma chamada especial, obrigando-a a vir ao palco, quando já se achava num camarote.

Mario Gayo, tem uma figura elegante, sabe andar em scena, e tem uma bella voz. Dava um bom cantor num grande theatro.

Ferraz, pintou o scenario, decorou a sala e cantou desde o principio até ao fim, como nunca o ouvimos, apesar de dever encontrar-se fatigadissimo com o trabalho enorme que teve.

Roque, arranjou uma voz de baixo que não lhe conheciamos. É voz d'entrudo que faz rir. Diz com intenção e disse bem o seu papel.

Os côros foram admirados por toda a gente, pela segurança e afinação.

Macedo, o auctor d'alguns trechos e o ensaiador de toda a parte musical, foi muito aclamado, como era de justiça, porque a execução do *Herwini* foi excepcional, tanto no conjunto como nos detalhes.

A récita de segunda feira é, sem duvida, uma das provas mais brilhantes do seu muito saber e da sua muita aptidão para o ensino.

O libretto era de Costa Pereira e tinha graça. Não é facil fazer rir senhoras e agradar aos paes. Costa Pereira fez um libretto d'espírito, libretto de salão, cheio de allusões pessoais e não magouo ninguém.

É muito difficil. Eu nunca conseguí...

José Doria, ensaiou a peça e distribuiu os grupos dos côros muito numerosos d'uma maneira artistica e sempre variada. Foi muito chamado e muito applaudido.

A riquêsa de mise-en-scene e do guarda-roupa é facto unico em Coimbra. Quer os costumes dos saltadores, quer os da côrte eram de um côrte muito artistico e de uma grande riquêsa.

A récita terminou no meio d'uma grande animação, repetindo-se o concertante final.

No programma, um desenho elegante e cheio d'espírito, capricho decorativo de João Vieira, que reproduzimos no começo d'este artigo.

Seguiu-se-lhe uma *soirée* muito animada, servindo-se ás duas horas uma ceia volante, d'um menu variado e d'um serviço profuso.

Eram tres horas e eu olhava ainda os pares que dançavam enlaçados tão novos, sem me lembrar das horas, eu que já gosto de me deitar cedo, alegre de saudade dos tempos em que era novo e o entrudo era tão alegre, quando custavam tanto a chegar aquellos dias e passavam logo tão depressa...

Quando sahi, chovia.

Podéra! Agora chove sempre no entrudo...

T. C.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 400 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte,

OS BOERS

Agora, que as nossas possessões em Africa estão solicitando as atenções de todos, presas aos factos de heroismo guerreiro que elevaram as tropas portuguezas no conceito do mundo, neste accordar de um povo amortecido, num fragor épico de batalhas medievas, parece-nos de interesse dar uma noticia do povo *Boer*, ao qual pertence, — tudo o leva a crêr, — o futuro do continente negro.

São os *boers* visinhos das nossas colonias, em algumas estão estabelecidos até fraccionamentos d'esse povo de aventureiros audazes, agricultores e guerreiros, que vão peonando a Africa, com a mão na rellha do arado e a espingarda a tiracollo. São nossos vizinhos, e vizinhos com que havemos de contar, como não podem deixar de contar com elles todas as nações que na Africa possuem colonias. Applicando á Africa a doutrina de Monroë, ainda lhes havemos de ouvir dizer — *a Africa pertence aos boers*.

Producto d'um cruzamento secular de fortes — os primeiros colonos hollandêses do Cabo e os huguenotes francezes, que emigraram para Table-Bay depois da revogação do edicto de Nantes—estabeleceram-se no Cabo e ali licaram até que a invasão inglesa na Africa meridional veio abrir um cyclo de luctas em que os boers, palmo a palmo, vêm defendendo contra os novos dominadores a terra que tinham como sua.

Estabelecidos como colonos ao lado dos ingleses nos primeiros tempos da conquista inglesa, iam vivendo no Cabo, arroteando e cultivando os campos, apascentando os seus gados e exercitando os seus musculos de ferro, formando e robustecendo o seu character guerreiro e forte na caça aos animaes ferozes.

Mas em 1835 a Inglaterra aboliu, de repente, a escravidão, não dando aos colonisadores um periodo de regimen transitorio nem compensações de nenhuma ordem. Arruinou-os. Emigraram.

Na audacia de que o seu character é formado, esse povo, tão sympathico e tão interessante, partiu em busca d'um pais novo e fertil, engolphou-se na Africa tenebrosa, escalou montanhas, transpôs rios, devassou florestas virgens, levando os seus rebanhos numerosos atraz dos seus carros enormes puchados a muitas juntas de bois. Foram estabelecidos no Natal uns; outros, passando o Vaal, estabeleceram-se ali e em Orange.

Acamparam num pais inimigo, firmaram pé nos territorios habitados pelos zulus temiveis, atiraram-se a agricultar os campos e a lançar as sementes, ao mesmo tempo que os zulus iam enchendo de setas e de azagaias os campos apenas arroteados.

Sustentaram uma lucta temerosa, em que houve batalhas formidaveis. Assaltados a cada instante por mangas innumeraveis, tinham a cada instante de lhes dar batalha, abrindo-se atraz dos seus grandes carros — habitações transformadas em baluartes improvisados. Numa d'estas batalhas 450 boers venceram 12:000 zulus, matando-lhes 3:000.

Ficaram, enfim, senhores do pais, e os chefes indigenas foram estabelecidos para lá do Limpopo.

Ficaram fundadas as republicas do Transvaal e do Estado Livre de

Orange, que os ingleses reconheceram solemnemente por um tractado, em 1884, tractado que os boers arrancaram á Inglaterra em derrotas sangrentas que lhe infligiram, como a de Majuta, onde 150 boers tomaram de assalto uma colina defendida por 400 soldados ingleses, matando o general, 6 officiaes e 90 soldados.

Vê-se, pelo esboço feito, por que somma de energia, de audacia, de coragem e de dedicação é temperado o duro character boer, cujas qualidades predominantes são a actividade, a intelligencia, a intrepidez e a perseverancia.

É a estas qualidades, sem duvida, que os boers devem os resultados admiraveis da sua colonisação interessante e fecunda, do que é a manifestação mais completa e poderosa a republica do Transvaal, cujas raizes se imbebem num mar de sangue, que foi o baptismo da sua fundação.

Mas têm-se encontrado sempre a seguir-lhes os passos, a esses colonisadores intrepidos e emprehendedores, os ingleses que os cercam, os apertam, os perseguem, — na sombra, porque em campo aberto não se atrevem elles, — sem nunca terem conseguido domina-los.

É não os dominarão já mais. Povo bem definido, de caracteres proprios accentuados e inconfundiveis, os boers que, ha seculos em Africa, não têm a girar-lhes no sangue uma gota de sangue africano, — no Transvaal não ha um mulato — mostram bem que profundo e legitimo orgulho elles têm de si proprios. Trabalhadores infatigaveis, endurcidos nas asperezas da sua vida de lucta; guerreiros indomaveis, os boers levantarão d'um ponto o seu acampamento, quando o não puderem conservar, mas para irem, numa peregrinação santa, através de matos cerrados, de florestas inultrapassaveis, de montanhas a pique, estabelecer um acampamento novo no interior da Africa, numa região conquistada a tiro ás bordas selvagens dos indigenas e á ferocidade esfaimada das feras.

Nunca sahirão do continente negro; seus paes — os hollandeses — foram os primeiros colonisadores da Africa; elles continuarão a sê-lo.

A Africa é sua. Elles proprios se denominam *Afrikaners*.

A photographia do invisivel

Os estudantes da Universidade de Wurzburg organizaram ultimamente um cortejo á luz dos archotes em honra do professor Roentgen. Um dos estudantes dirigiu ao celebre physico allemão uma allocução. Quando terminou de a lêr, os condiscipulos aclamaram Roentgen com enthusiasmo.

A notavel invenção está sendo applicada já á cirurgia em que deve causar grande revolução.

Em Berlim fez-se ultimamente uma operação com a applicação dos raios Roentgen á cirurgia, operação que consistiu em extrahir a parte de uma agulha que se enterrou na mão de uma mulher sem ser possivel encontrá-la. Com o auxilio dos raios Roentgen, o operador verificou a situação da agulha e extrahiu-a sem o menor inconveniente.

Assassinatos

Na segunda feira de madrugada, quando regressavam de Pé de Cão para S. Martinho do Bispo Antonio Moraes, carpinteiro, e João Aleixo, pedreiro, levantou-se entre elles uma altercação, desfechando Antonio Moraes, quasi á queima-roupa, sobre João Aleixo, uma pistola. A bala atravessou-lhe o coração, caindo morto instantaneamente.

O assassino e outro individuo que vinha na sua companhia foram presos, achando-se na cadeia d'esta cidade.

Dizem alguns que entre o assassino e a victima havia antigos resentimentos; outros explicam o facto pela embriaguez.

O assassinado tinha 27 annos e deixou viuva e tres filhos.

Em Valle de Linhares, freguezia de Santo Antonio dos Olivares, Antonio José de Miranda, serralleiro, d'aquelle logar, disparou dois tiros de revolver contra duas mulheres, mãe e filha, chamadas Pimpões, que eram tia e prima do criminoso. Diz-se que o motivo do attentado foram umas partilhas de bens.

Tanto a mãe como a filha acham-se nos hospitaes da Universidade.

A mãe está em perigo de vida.

O CIRCO

Será hoje, quinta feira, diz-se, o ultimo espectáculo da companhia que tem trabalhado no theatro-circo.

A companhia, que não dispõe d'um repertorio muito variado, é composta de artistas de primeira ordem e tem conseguido ver sempre concorridos, sempre animados, os espectaculos, havendo pela primeira vez no publico interesse pela execução dos tra-

balhos sem as preocupações de plastica e as rivalidades comicas que davam os espectaculos tempestuosos das outras companhias.

Este exito se deve á apresentação distincta de Hugo Herzog, e á sua direcção superior. H. Herzog é o herdeiro d'um grande nome, é bem o legitimo representante de seu pae, o floo sportman que soube em toda a parte rodear-se de sympathias pelo seu saber e pela sua apresentação affavel e distincta. Mesmo em Portugal, numa terra fidalga da Provincia, na sua ultima estada entre nós, seu pae foi festejado e querido como pessoa da terra.

Hugo Herzog herdou do pae a apresentação, o saber e a affabilidade distincta e captivante.

Ella Seiffert, delicada e fina, distincta, muito nova, cor de rosa e branco, tem uma physionomia attrahente, captivante, garota, e ri um riso fresco, mostrando os seus dentes brancos, irregulares e brilhantes, como os das creanças. Voltigeuse de primeira ordem, o seu trabalho é seguro, certo, sem indecisões. Quando, por acaso, ou máu passo do seu cavallo branco, cahe, quasi vae a chorar, mas sorri e... ri logo.

Zephora Seiffert, voltigeuse e ecuyère d'alta escola, d'um porte elegante, sorri, não sabe rir. Tem uns cabellos ruivos, que lhe ficam mal; mas quando põe a cabelleira empoada, ou negra, fica a gente com a saudade d'aquelles cabellos ruivos, e fica-se convencido que não são feios aquelles estranhos cabellos ruivos. O seu corpo perfeito; fica bem de todos os modos: de voltigeuse ou de ecuyère. O seu trabalho é, como de Ella Seiffert, perfeito e seguro, mas quando é infeliz... morde os labios, não ri...

Marie Fillis é uma creança que a gente gosta de ver.

Josephine é uma hespanhola que faz volteios a cavallo, nem melhor nem peor do que qualquer outra hespanhola, que faça volteios a cavallo.

Fillis é um artista que sabe andar bem, mesmo quando se estende Interesto o publico, que conhece tão bem como o cavallo que monta. Perfeito nos seus trabalhos.

Roberto Alfonso é um jongleur notavel, e deve estar contentissimo com o publico que lhe pede sempre os — chapéos — o seu peor numero.

Os irmãos Ben Hatack são os saltadores já nossos conhecidos e sempre vistos e applaudidos com agrado.

Cerdani é um clown bom, com uma grande mobilidade de physionomia, Broza é tambem um bom artista que gostaríamos de ver mais vezes.

Tonito é na verdade o discipulo de Tony Grice. Conhece o publico, tem um repertorio variadissimo, sabe tirar-se de difficuldades, tem a resposta prompta.

A sua physionomia é muito regular, distincta mesmo; o corpo bem feito, agil e forte. Sabe mover a physionomia e o corpo, chorar, rir e saltar, e sabe fazer rir sempre. Se o publico

está satisfeito, embriaga-se com a alegria do publico, salta, corre, repete numeros, aproveita as graças da geral e faz rir sempre. Se o publico está aborrecido faz rapidamente um trabalho difficil, sae, vem agradecer correctamente, friamente, e desaparece. Como Tony Grice, sabe explorar o successo da epoca numa caricatura flagrante, bem observada, minuciosamente estudada nos detalhes os mais insignificantes, escolhendo sempre os de effeito comico mais intenso, accentuando-os bem num gesto fundo e incisivo ou numa visagem comica, mantendo desde o principio ao fim do trabalho a fingida sinceridade, a imperturbavel serenidade, sem a qual a caricatura perderia o seu valor. É um saltador notavel e um grande clown.

August Seiffert não é nem um clown nem um homem de circo. É uma creança que toda a gente enche de mimo, desde o director, até ao publico. Para elle o circo é um passatempo, uma occasião de brincar e correr. Quando cae sem querer, é que ri com mais vontade. Tem uns saltos bem imaginados e muito comicos. É Discipulo de Tonito, é elle o unico que o faz rir, o unico que o faz sahir da preocupação em que Tonito anda sempre que está no circo; porque, como Tony Grice, Tonito preocupa-se com o effeito geral do espectáculo e a sua vista procura sempre onde haverá a falta para acudir de pressa.

August Seiffert pôde ser um grande clown, porque é agil e forte, e está em boa escola. Pôde ser para Tonito, o companheiro que lhe falta, o clown musical, tem a agilidade necessaria, ama a musica, tem uma physionomia intelligente de uma grande variedade de expressão, e gosta de rir... no circo, unico sitio em que sabem rir clowns bons.

Agora está na idade de rir em toda a parte. Ria, ria sempre, mesmo quando dançar a Tejero...

C. T.

Confraria de Santa Isabel

Gestosamente accedemos ao pedido que nos faz a Mesa da Confraria da Rainha Santa Isabel, publicando os nomes das pessoas que, a pedido da mesma, subscreveram a importante obra — *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão* (Rainha Santa), devida á penna erudita do sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos.

Arcebispo de Braga, arcebispo de Evora, arcebispo de Mitylene, conde de Margaride, conselheiro dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco, dr. José Joaquim Fernandes Vaz, dr. Joaquim José Paes da Silva, dr. Bernardo Augusto de Madureira, dr. Augusto Arzila da Fonseca, dr. Porphirio Antonio da Silva, dr. Luiz Pereira da Costa, dr. Henrique Teixeira Bastos, dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama,

discreto para commigo que sou ainda por alguns dias uma outra filha da casa.

Roland tinha pegado na carta e lia-a a meia voz, de modo que M. d'Argouges, seu visinho á mesa, não perdia nma unica palavra. Alice, collocada ao lado do primo, sublinhava com um ligeiro murmuro as passagens que a feriam. Herminia, que estava em frente, notava com um olhar que não escapava a Emmanuel certas phrases como por exemplo: «a data do vosso proximo regresso... Passae, pois, os poucos dias que faltam...» Ao lado d'ella, M. de Villy abanava a cabeça, como querendo significar:

—Pobre criança!

Era tambem o que pensava o coronel mas esse exprimiu-se de outro modo.

—A falar verdade! disse elle, não é nada divertida, a tal velha prima!

Sobre isto, procurou explicar para si a attitude de M. d'Argouges. Como desde o primeiro dia, não suppunha que ella estivesse disposta a deixar-se enterrar viva em companhia das religiosas de Bayeux. O proprio M. de Villy tinha-lhe dito depois do almoco:

—Ella não é, todavia, de aquella carnadura de que se fazem as religiosas, como tu te has de lembrar de nos ter feito notar numa tarde, a mim e a Emmanuel.

Seria ella sufficientemente fraca ou estaria bastante resignada para se sa-

crificar aos desejos de uma parenta velha?

M. de Lambrune não podia admitir tal.

Seria constrangida pela sua posição de orphã sem fortuna e sem esperança a entrar de cabeça baixa pela porta dentro de um convento?

Não tinha, porém, mais do que fazer um signal com a sua linda cabeça para se transformar em M. de Lambrune.

Amaria ella alguem?

Nenhum homem, novo ou velho, frequentava a casa da mãe d'ella nos ultimos annos. E fora do convento não conhecera senão a casa desolada da viuva até estas ferias em que tinha vindo passar algumas semanas em Villy.

Aqui, só tinha visto M. d'Argouges e elle; elle, que ella recusava; M. de Argouges cuja juventude lhe fizera a principio temer algum ardor subito pela belleza de Herminia mas que parecia não se ter afastado de M. d'Argouges, pela sua parte, era para com Emmanuel, d'uma simplicidade, nas relações de cada momento, impossivel de encontrar-se numa mulher, e numa joven principilmente, que sente no coração o jugo do amor.

Visto isto, deveria acreditar nas razões que ella tinha dado a Roland, nesse mixto de temor e de orgulho que lhe prohibiam avançar?

conego Gaspar Alves de Frias Eça Ribeiro, conego José Ferreira Fresco, dr. Francisco Adolpho Manso Preto, dr. Constantino Antonio Alves da Silva, Francisco Maria de Sousa Nazareth Junior, D. Felicia da Conceição Carvalho Falcão (de Tondella), D. Clementina Adelaide Diniz, conego Ignacio da Carvalho Freitas, dr. Alberto Pessoa, Arthur Amandio Corrêa (do Porto), Antonio Luiz Pereira de Miranda (de Lisboa), Par do Reino Antonio Augusto Pereira de Miranda idem, commendador José Miguel de Abreu (do Porto), Antonio Balthazar (do Porto), D. Mathilde Elvira da Silva Araujo idem, D. Mecia Elvira da Silva Araujo idem, Severino Pereira Barbedo idem, Antonio Pereira de Carvalho (de Lisboa), Miguel José da Costa Braga, Basilio Augusto Xavier d'Andrade, José Albino da Conceição Alves, José Doria, Antonio Francisco do Valle, Jorge da Silveira Moraes, José Fernandes Ferreira, Antonio Nunes Corrêa, David de Sousa Gonçalves, Antonio Jacob Junior, D. Maria do Carmo Osorio Cabral, Joaquim Miranda, Manuel Miranda, dr. José Freire de Sousa Pinto, Domingos Cardoso, Alfredo Augusto Cunhal, José da Costa Carvalho, Benjamim Ventura, Joaquim dos Santos Pereira Jardim, José da Costa Braga, Commendador dr. Adriano Augusto de Rezende Murteira, Antonio José Fernandes, Antonio da Cruz Machado, Dr. Francisco José de Sousa Gomes, Conselheiro Dr. Manuel da Costa Alemão, Francisco José da Costa, José Ferreira Barbedo Vieira, Affonso Henriques, Joaquim Pinto, José Maria Raposo, Justino Antunes Barreira.

Praticante

Precisa-se d'um com mais de 4 annos de pratica e que dê boas referencias. Dá-se-lhe licença para estudar e algum ordenado.

Informações na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, Rua de Ferreira Borges. — Coimbra.

Vende-se uma casa na rua dos Estudos, n.º 44, e Marco da Feira, n.º 9 e 11, e um terreno em Santa Cruz, Praga de D. Luiz.

Trata-se na Pharmacia do Castello com Camillo & Costa.

Professores primarios

Os boletins mensaes, em harmonia com o decreto de 22 de dezembro de 1894, vendem-se a 50 réis cada caderno na livraria Franca Amado, rua Ferreira Borges — Coimbra.

—Singular raparigal creatura unica repetia M. de Lambrune depois de reflexionar d'este modo.

É suspirava, elle, o coronel de Lambrune!

É que, enquanto estivera fora de Villy, tinha-se habituado á ideia de não tornar a partir sózinho da Normandia, de reaparecer em Alger com esta conquistadora de dezoito annos, com esta franceza de raça, que juntava aos encantos brilhantes da sua pessoa as qualidades radiantes de espirito. Amava «como um velho louco», como dizia a si proprio, desde que tinha abandonado Villy; tinha constantemente deante dos olhos aquella atrevida e deslombante Herminia que tanto o tinha feito dançar durante um passeio a cavallo e que tanto tinha admirado no ultimo passeio no jardim. E quando voltava esperando que M. d'Argouges poria a mão na d'ella para nunca mais a retirar, elle, que não tinha vivido durante a ausencia e tinha emagrecido vizivelmente, encontrava-se no meio do fumo das illusões que ella apagava com o primeiro sopro! Ia de encontro a apreensões subitas, falsas talvez, mas expostas com tal apparencia de verosimilhança que não se atrevia a tomar inteltramente sobre si a responsabilidade da felicidade do futuro prometido a esta joven!

(Continúa)

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XVI

«Passae, pois, os poucos dias que faltam em vos compenetrades da idea de que, se deixaes em Villy uma caraffa, torna-la-heis a encontrar aqui no amor de Deus, que, através das distancias, sabe approximar as almas e uni-las todas em Si. É, nesta vida, a mais verdadeira e a mais completa felicidade.

«A vossa saude está restabelecida, assim o espero. Não vos esqueceréis de transmittir a M. de Villy todos os meus melhores agradecimentos.

«Abraço-vos, minha querida Herminia e peço a Deus por vós.

Aurelia de Fayolles.»

O abraço e a benção da velha Aurelia produziram o mesmo effeito sobre a sua priminha M. de Croizy teve um estremecimento como se sentisse aquelles labios viperinos que a gelavam e aquella mão secca que só se elevava devotamente sobre ella para a agarrar de novo e estrangulá-la implacavelmente.

XVII

Emmanuel d'Argouges que partia sempre para a casa ao romper do sol, tinha voltado para almoçar.

—Minha boa M. de Villy, disse Herminia, tenho que vos communicar uma carta que recebi ha pouco de M. de Fayolles.

—Uma carta decerto muito edificante, mademoiselle? perguntou M. d'Argouges, debaixo da impressão de uma dupla contrariedade.

Estava irritado contra a velha Aurelia por ter escripto e contra Herminia por o ter annuciado.

—Edificante de metter medo, primo! respondeu Alice. Li-a e se não fosse o respeito que devo á idade de M. de Fayolles; não me limitaria a bastimá-la por ser tão dura para a amizade.

—Estou com bastante curiosidade, disse o coronel, de ver um dos bellos sermões de M. Aurelia.

M. de Villy tinha acabado a leitura. —Meu caro Roland, disse ella com a carta na mão, é necessario ao menos pedir licença a M. de Croizy.

—É justo, mademoiselle, tornou o coronel dirigindo-se a Herminia; sou muito indiscreto e peço-vos que me perdoeis.

—Não ha indiscrípção, monsieur de Lambrune, da parte de um velho amigo da minha familia e, de resto, ninguém aqui poderia em tal caso ser in-

QUINTA

13 **V**ende-se uma proximo d'esta cidade. Da bom rendimento, tem terra de semeadura, pinhal, arvores de fructo, olival, vinha, etc. Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

Pechincha

12 **M**agnificos vinhos de meza a 80, 90 e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 o litro. Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; engarrafados, desde 240 réis para cima. Acabam de chegar mais de mil garrafas de Champagne, Cognac, Rhum, Curaçao, Jaune, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro:

Collares, Bucellas, Carcavellos, etc. Garante-se todas as qualidades, e cinco por cento a menos do que em outra qualquer parte. Experimentem no

CAFÉ COMMERCIO
RUA VISCONDE DA LUZ
Coimbra

VINHO ANALEPTICO
DE
A. GUERRA

11 **U**til nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro. Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

AGUAS MEDICINAES

DA
FONTE NOVA
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE
Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarrhos gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc.; podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGU e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarrias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Juliao, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

POMADA DO DR. QUEIROZ

6 **E**xperimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª N. N.—80 é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



Cavallos, muares, etc.

10 **A**s sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel a untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agraco, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.

Deposito em Coimbra

—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Queijo da Serra

9 **C**hegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

8 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'AN DRADE, vende videras americanas com raiz, da qualidade *Rupesbriz*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro. Rua das Figueirinhas, 45.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico
R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

7 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
COIMBRA

5 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender. Completo sortido de corças e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças. Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de lato por medida para homem e creança, dirigido por naveis contra-mestres

4 **A**este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o lato feito em 7500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou paruessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacos com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85000.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviores inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 15000 55000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *juquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de seuhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviores nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeto e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

53, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'ouras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

3 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

2 **V**endem-se as propriedades seguintes: em S. Martinho d'Arvore:
Uma terra de 40 agulhadas, aos Cadavaes;
— Outra dita, que confronta com José Mixanga e dr. Cabral;
— Outra dita, aos Lombos;
— Outra no mesmo sitio;
— Ainda outra no mesmo sitio;

— Outra a Jaria, no campo de S. Facundo;
— Outra dita ás Varellas, no campo de S. Silvestre.
— O dominio directo de um fóro de 20 alqueires de milho, imposto num predio em Andazubre.
O sr. Antonio de Carvalho Moura, em Coimbra, rua do Sargento-Mór, loja, n.º 50, recebe as competentes propostas.

Atenção

1 **A**LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno.....	25700
Semestre.....	15350
Trimestre.....	680
Sem estampilha:	
Anno.....	26400
Semestre.....	15200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 0/0.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA



Encarrega-se da encadernação de colleções da *Resistencia* e de todos os trabalhos concernentes á sua arte.

RESISTENCIA

N.º 106

COIMBRA — Domingo, 23 de fevereiro de 1896

2.º ANNO

A crise do governo

Vem ha dias as gazetas da opposição annunciando que o governo está em crise, emquanto que, por seu lado, os canudos governamentais affirmam categorica e unanimemente que tal crise não existe. Para estes o governo está, pelo contrario, cada vez mais consolidado, não lhe ensombrando sequer a vida nem ao menos a nuvem negra d'uma modificação no seu seio, como mais um remendo a juntar aos muitos que já tem recebido, mercê do desconjunctar, a cada passo, do calhambeque governamental que de todo não está já ha muito para ali completamente desfeito, porque o rei não encontraria quem melhor e tão servilmente se lhe rojasse perante os degrãos do throno, e porque o povo parece não ter já fibra para escorraçar do poder esses dictadores que, para defenderem a realésa, mataram a liberdade, desprezaram a lei e cuspiram nos direitos sagrados do Povo.

Comtudo a luminaria do Mariano, que parece mostrar-se bem informada, insiste em affirmar que «a crise pôde ser mais completa ou mais parcial, durar menos ou mais alguns dias, mas que a ninguem é dado evitar o que é de si inevitavel.»

Não tem cabido já todo o ministerio, diz ainda o *Diario Popular*, pela dificuldade de reconstituir immediatamente outro de politica puramente regeneradora. E está ainda na pasta da guerra o *bravo marechal Festas*, porque não tem sido possível encontrar um militar de prestigio que o queira ir substituir. Mas a recomposição, ou qualquer outro favor regio, não consolidará o gabinete por muito tempo, visto o mal ser incuravel.

É certamente esta a situação do governo, situação que já não é de agora, mas de ha muito. D'ahi o apparecerem, a curtos intervallos, insistentes boatos da crise como os que estes ultimos dias têm corrido.

Mas caia ou não este ministerio, estamos quasi em dizer que nos é isso indifferente.

Se cabir é porque o rei encontrou homens que, como estes, irão rojar-se-lhe nos degrãos do throno, pactuarem e praticarem da mesma fórma, só em defesa das instituições, toda a serie d'attentados á liberdade, á lei, á consciencia publica, que os actuaes ministros têm vindo praticando muito a contento do rei.

Quando, confiante nisto, o rei chame acaso ao poder homens que ou queiram alterar a obra dos actuaes ministros, ou tentem seguir pizadas differentes, esses serão acto

continuo postos na rua por um decreto de demissão. Estamos certos d'isso.

Sim, porque a lucta está, vem já d'ha muito travada. D'um lado está o rei com todos os seus interesses ligados á existencia da monarchia; do outro, o povo, esmagado, arruinado, sem liberdade e sem pão, sequioso de justiça e vendo-a, com uma grillheta aos pés, a chorar á porta dos tribunaes, ancioso por caminhar para o futuro á procura da regeneração que o seu passado exige.

Ora, a monarchia só pôde viver abafando a liberdade, prostituindo a justiça, corrompendo as consciencias puras, manietando o povo.

D'esta fórma a monarchia retrograda ao passado, ao despotismo.

O povo tem que minar a monarchia para, por sobre as suas ruinas, caminhar para o futuro.

Aquillo é o que, para defesa do throno, tem feito, sobretudo, o actual governo e, d'accordo com elle, o rei. Demais, este, acostumado agora, ou por virtude de resolução tomada, ou por inveterados já no seu espirito os processos retrogradados, por despoticos, dos seus actuaes ministros, ha de necessariamente chamar ao novo ministerio homens que lhe dêem garantias dos mesmos intuitos e dos mesmos processos.

Só um epileptico como o João Franco lhe convem, porque só um homem assim tem a temeridade, que os aulicos da córte chamam força, para commetter os attentados de que está cheia a vida d'este governo.

Não sahirá, pois, do governo, haja ou não haja crise, aquelle dictador, ou, quando saia, não estará muito tempo sem sentar-se de novo nas cadeiras do poder. O rei não encontra, facilmente, outro epileptico como o João Franco.

E o partido republicano difficilmente teria quem lhe prestasse tantos serviços, por isso que dos seus actos recebeu elle um grande impulso. Poucos como o sr. João Franco saberiam cooperar tão poderosamente para o desprestigio da monarchia.

Por isso lá atraz deixamos dicto: quasi estavamos em dizer que nos era indifferente cabir ou não o ministerio.

Porque tambem ao país nada aproveita este ou aquelle governo monarchico. Todos hão de sacrificá-lo, como o têm sacrificado sempre, á monarchia.

Os nossos agradecimentos a todos os collegas que, ao noticiarem o primeiro anniversario da *Resistencia*, nos dirigiram amaveis cumprimentos,

A lei dos anarchistas

Na camara dos pares fez novas declarações relativas á interpretação da lei contra os anarchistas o sr. ministro da justiça. Disse manter o que havia affirmado nos discursos que ali pronunciara quando se discutira o projecto de lei. Resta saber o mudo por que serão agora redigidas essas affirmações.

Parece-nos que a *Tarde* vencerá a contenda.

Um ponto frisou de novo o sr. ministro da justiça: que a lei não é applicavel ás publicações feitas nos jornaes anteriormente á sua publicação. Não sabemos por que regras de hermeneutica se dirige o sr. Antonio de Azevedo.

A letra da lei não deixa duvida alguma sobre a sua retroactividade a quaesquer factos nella incriminados. E' extraordinario, pois, que um ministro da justiça venha declarar que essa retroactividade não é applicavel á imprensa.

Mas, afinal, tudo se explica. Acima da lei está a vontade do governo, e, como este não a quer cumprir relativamente á imprensa, não se applicará nos tribunaes.

Por'ora. Que o sr. ministro da justiça ha de sair e a lei ha de ficar.

E se no gabinete houvesse qualquer vislumbre de dignidade politica o sr. ministro da justiça não deveria continuar a sobraçar a pasta depois da tristissima figura que acaba de fazer e que toda a imprensa independente de Lisboa põe em relevo.

Segundo as informações que está dá o sr. ministro da justiça fez uma retractação completa formal do que havia dicto quando se discutiu a lei. E é considerado como um homem sério e honrado!

A catastrophe de Santarem

Crepes negros, pesados, luctos dolorosos, angustias lancinantes cobrem corações portuguezes, dilaceram almas nossas irmãs.

Num epilogo lugubre, cheio de maguas, amores despedaçados, vem de rematar-se a folia alacre, doidivasas, do carnaval folião.

É de contrastes a vida. É d'amarguras concentradas o prazer. As gargalhadas são soluços reprimidos, choros amargos que explodem. A vida é má. Feita de tristezas, a vida confrange-se quando ri. Para que viver... para que prantear os mortos, virgens carbonizadas, cabelos loiros de bimbos feitos em cinzas, carnes tenras de crianças a calcinarem-se num brazeiro... para que prantear os que morreram? Para quê? Para quê?

Felizes d'elles... que já não choram. Pobres de nós que ainda soffemos.

Foram muitos. Quasi todos novos, quasi todos fracos: mulheres, crianças, uma dôr d'alma para os que ficaram; um lindo carnaval, uma recolta linda, para as floresitas franzinas, enteiriçadas, do cemiterio.

Dôres supremas, esphacellantes as de muitas mães sem filhos, muitas almas viuvias de todos os affectos, de todas as afeições vêm, até nós, de beira Tejo, num dobrar funebre de ideaes perdidos, illusões desfeitas, envoltas na fumarada negra, na fumarada espessa d'aquelle brazeiro mão, assassino, que deixa tanta alma a sangrar no supplicio eterno da saudade, tanta lagrima em olhos feitos para sorrir.

Já sabem tudo. O telegrapho disse-o, laconico, cruel, na impassibilidade de quem dá uma noticia banal.

É invento d'homens sabios o telegrapho:—nada o commove, é tão máo como elles.

«Ardeu o *Club Artístico* 34 mortos. Maioria mulheres e crianças. Houve faltas d'agua. Bom serviço dos bombeiros. Cidade de lucto.»

E disse-o assim, sem pestanejar, sem um arrepijo; como quem dissesse: tudo bom, tempo fresco, falta de noticias politicas, um carnaval sensaborão.

Mas os jornaes mandaram *reporters*. Inventariaram-se as dôres. Catalogaram-se os soffrimentos. Está tudo feito. Suas Majestades já caridatisaram. Os mortos alinhados em filas sombrias, cobertos de flores, lá dormem no cemiterio, uma collina alegre, que os ventos cortantes do Tejo, todo de prata, todo azul, vêm lavar em caricias doces, todas as manhãs, quando o sol nasce, e, lá baixo no Valle, a Joanninha do Garrett, enche a roca á avó-sita e vem dar os bons dias aos rouxinões.

Está tudo feito.

Talvez ainda falte uma festa ruidosa para enxugar as lagrimas, com damas lindas a venderem flores, com rainhas caridosas a affagarem orphãosinhos.

Talvez ainda falte isso... talvez. Pubres vivos, coitados, como nós aguçam a lamina acerada, dolorosa que, aquelle brazeiro máo, aquelle brazeiro assassino, veio cravar-nos no coração.

Para que prantear os mortos. Felizes d'elles que já não choram.

Pobres de nós que não acabamos de soffrer.

F. V.

França

Todas as attentões estão voltadas para o conflicto entre o governo francez e o senado. Successivas moções de censura têm sido votadas no senado ao ministro da justiça, Ricard, por ter substituido o juiz Rempier, encarregado da instrução do processo contra os iniciados nas fraudes dos caminhos do ferro. O ministro defende-se dizendo que esse juiz era negligente. Parece, porém, que esse juiz estava influenciado por aquelles que não querem que se faça luz nesse processo, como o governo deseja. É, pois, no fundo, uma questão de moralidade.

A camara dos deputados tem dado, por seu lado, tres votos de confiança ao governo. Collocou-se por grande maioria ao lado d'este contra o senado.

O estadista Bourgeois declarou que não se retirava emquanto tivesse ao seu lado a camara dos deputados, não reconhecendo ao senado poder para derrubar ministerios.

Os jornaes radicaes e socialistas animam o governo a não ceder e atacam vivamente o senado.

Felix Faure não tornou publica a sua opinião, para não dar logar a que os animos mais se exaltem.

Está, pois, a questão neste pé. Quem cederá?

A camara dos deputados tem tido até agora o exclusivo de delatar abaixo os ministerios, porque é ella que representa mais genuinamente a soberania popular. Seria um mau precedente ceder agora perante o senado.

Ha muito tempo que a existencia d'esta segunda camara é combatida pelos espiritos mais radicaes e agora, com a sua attitude, ella vem dar logar a que esses ataques redobrem de vigor.

Por toda a parte se ouvem os gritos de *abaixo o Senado*.

Parece-nos, pois, que Bourgeois não cederá porque se sente apoiado pela opinião publica, e ceder, neste caso, seria reconhecer um direito que o senado não pôde ter. Os verdadeiros democratas nunca perdoariam a Bourgeois similhante acto.

PELA CAMARA MUNICIPAL

Ha muito tempo que constituiam assumpto predilecto de cavaco em muitas lojas da Baixa as rivalidades que se manifestaram entre alguns vereadores logo em seguida á posse da nova camara. Fallava-se da celebre nomeação d'um chefe de cantoneiros, da admissão de dois vigias e da exhumação de um cadaver no cemiterio sem terem decorrido ainda dois annos depois que fôra sepultado.

Este facto assumiu muito maior gravidade que os dois primeiros. A nomeação do chefe de cantoneiros só ferira na sua vaidade quem desejave continuar a dispôr da camara actual como o fizera da transacta. A admissão dos dois vigias fôra uma irregularidade que facilmente podia sanar-se fazendo-os saber outra vez, até que tudo fosse devidamente regulado.

A exhumação do cadaver, porém, não só significava uma revoltante illegalidade, mas circumstancias a acompanharam que desprestigiariam completamente alguns membros da camara se não fizessem valer os seus direitos e prerogativas.

E' que a exhumação verificou-se depois de o vereador do respectivo pelouro ter dado ordem terminante em contrario e até de haver sido ameaçado por um figurão qualquer, que se sentia forte com o apoio do sr. Manuel Miranda.

Pondo-se ao lado d'esse individuo, que havia insultado um collega seu, o sr. Manuel Miranda mostrou-se indigno de continuar a ter assento na camara, e esta assim lh'o devia fazer sentir. Pelo que respeitá ao capellão do cemiterio, parece-nos que só poderá constituir attenuante do seu procedimento irregular a ordem que lhe fôra dada por um vereador, que nada tinha com o cemiterio.

Para proceder com toda a justiça e desassombro, devia a camara exauctorar do modo mais formal o sr. Manuel Miranda e punir o capellão do cemiterio. Mostraria assim que tem rigorosa comprehensão dos seus deveres e força para os cumprir, dando uma prova de energia que talvez lhe permittisse melhorar a administração camararia, que se encontra num estado verdadeiramente cahotico.

Fê-lo? Alguem disse que o capellão fôra suspenso por alguns dias, mas cremos que não foi.

Quanto ao vereador que havia declarado assumir completa responsabilidade do facto, foi proposta pelo sr. José Antonio Lucas a seguinte proposta:

«Em vista do relatório do administrador do cemiterio, que expõe d'um modo claro e expressivo o abuso commetido pelo vereador Miranda, proponho:

1.º A camara lastima profundamente o procedimento incorrecto e abusivo do vereador Miranda;

2.º Propõe que o dito relatório do administrador, assim como a presente proposta sejam exaradas na acta».

A votação immediata d'esta proposta leria como consequencia que

o sr. Manuel Miranda não poderia voltar dignamente á camara, e, quando não se reconhecesse a necessidade d'um procedimento d'outra ordem, a vereação ficaria numa situação que lhe permitiria proceder desassombadamente contra quaesquer abusos que de futuro se dessem. Mas não se procedeu assim.

O sr. presidente da camara entendeu que devia promover a conciliação num conflicto em que não era possível havê-la. E d'ahi uma serie de peripecias que seriam engraçadas se não resultasse d'ellas o desprestigio da corporação, o que para os interesses do municipio é sempre funesto.

E suspensa a sessão. Um vereador propõe o alvitre de que se peça ao sr. Mannel Miranda uma retractação formal e que essa retractação seja consignada na acta, para conhecimento do publico.

Ha quem se incumba de lhe dar conhecimento d'esse alvitre e, reaberta a sessão, o sr. vice-presidente declara em nome do sr. Manuel Miranda, que estava presente: — *que não fôra intenção sua offender o vereador do pelouro do cemiterio e que, se desacatara as ordens do mesmo vereador, o fizera por simples equívoco ou ignorancia.*

E o vereador do cemiterio dá-se por satisfeito com a retractação apresentada em nome do sr. Manuel Miranda, sempre presente!

É inacreditavel o modo por que se procurou conciliar o conflicto numa sessão publica da camara. O sr. Manuel Miranda, que respondeu ás observações do capellão do cemiterio de que a exumação era não só uma illegalidade mas que o vereador do pelouro respectivo a havia prohibido com ares de senhor que tudo manda e a quem todos obedecem — eu assumo todas as responsabilidades — permite que em seu nome se declare que não tivera a intenção de offender o vereador, a quem sabia ter sido dirigida uma affronta, e que, se desacatara as suas ordens, fôra por ignorancia!

E o vereador do pelouro do cemiterio, pondo completamente de lado as circumstancias agravantes que revestiram o facto, diz que fica satisfeito com tal declaração!

Vamos lá. Para principio de vida não é máo.

Lourenço Marques

Em data de 15 de janeiro, escrevem d'aquella cidade:

«Declarações importantes e altamente compromettedoras feitas por Mamati-bejana, regulo de Zichacha, ultimamente também preso no Limpopo, determinaram a prisão em Catémbe, na margem direita do rio Espírito Santo, do celebre missionario suizo Grandjean, da escola dos Chiconquelles, residente em Antioka, na parte mais saliente da curva que o rio Incomati faz para o norte, e a quem se deve uma bella carta topographica do mesmo rio, também denominado Magala.

Este missionario foi, como está provado, um dos que mais incitaram os indigenas á rebellião, que agora acaba de terminar de uma maneira tão feliz e herolca para as armas portuguezas.

Informou mais o regulo de Zichacha, que um empregado da administração do concelho de Lourenço Marques recebia 50 libras sterlinas, mensalmente, para o informar, officialmente, do que se passava, achando-se por isso também sob prisão.

Está, finalmente, passada ordem de prisão contra outro missionario suizo, o dr. Liegmin, habil cirurgião e operador, que effeetua prodigios na operação da catarata, como é notorio nas terras de Gaza.

Ninguém ignora, aqui, a prodigiosa influencia que têm sobre os indige-

nas estes missionarios protestantes, caracteres de rija tempera, finamente educados, fallando correctamente o landim e dispondo de bastantes conhecimentos scientificos como nos informa o sr. Noronha, que termina por dizer «que são elles os verdadeiros senhores das terras onde se estabelecem.»

A proposito do artigo — *Bagal-tellas* — do nosso ultimo numero, escreve o *Tribuna Popular*:

«A voz do sr. Gonçalves é auctorisadissima, e o seu protesto, que é o brado de uma consciencia indignada contra os vandalismos ineptos, praticados nesta cidade pelo sr. director das obras publicas, deve ter grande peso no animo do presidente e vogaes da commissão dos monumentos nacionaes, se é que elles tomam a sério, como queremos acreditar, o papel que representam.

Os protestos sobre a obra nefasta do sr. Franco Frazão, o *iconoclasta comimbricense do sec. XIX*, irrompem de toda a parte; mas s. ex.^a, com a teimosia dos irresponsaveis, affectando-se superior a tudo e a todos, continúa em furia insana martelando, demolindo, estragando, por fórma que, se não ha intervenção de auctoridade superior, que ponha termo a tal loucura, em breve a bella Coimbra, tão rica como era de obras d'arte, ficará completamente despojada de todos os seus monumentos, substituidos por edificios recôcos e pelintras, relesmente enfeitados com umas cantaras de maugosto, com as quaes se tem querido precenciosa e tolamete dar a esses edificios a classificação pomposa de *estilo manuelino*.

Muito atrevida é a ignorancia, sr. director das obras publicas!

Entrou em franca convalescença o sr. dr. Sousa Refoios. Parabens.

Partido republicano hespanhol

Parece que vae ser um facto consummado a união de todos os grupos do partido republicano hespanhol.

Salmeron, Azcarate, Libra, Pedregal e outros, acabam de dirigir aos directores do partido federal, esquerdo progressista e partido republicano nacional uma mensagem convidando-os a concentrar-se para a consecução do fim que todos desejam.

Essa mensagem, cheia de abnegação e eloquencia, é mais uma prova de quanto vale o partido centralista, de onde parte a idéa de união, que, de resto, todos desejam.

Extrahimos d'ella estas nobres palavras:

«A assemblêa do partido republicano centralista, attendendo ao clamor unanime da opinião, que pede, seja como fôr, as concentrações de todos os elementos que, em Hespanha, aspiram á instauração da Republica, impôs a este Directorio o dever de procurar a fusão, **carolando até a propria bandeira**, se a tanto chegar o sacrificio dos demais organismos, ou de concentrar, ao menos, com os republicanos que a isso se prestem, pactos de união, de concentração, de colligação ou de concordia, tão intimos e estreitos quanto possível, e tão amplos e comprehensivos que deixem o salvo todas as suas aspirações.»

La Justicia, o brilhante órgão d'esse partido, publicando este magnifico documento, acompanha-o d'este tão justo commentario:

«Assim mostra com obras e não só com palavras, o desejo sincero e visivissimo que o anima para realizar a união entre todos os republicanos.»

Retirou mesmo no dia 21 em que deu o seu ultimo espectáculo a companhia de Hugo Herzog. No ultimo dia Tonito foi gravemente mordido por um bulldog na mão esquerda.

Para breve... a massada do costume; o Del Negro e a Mercedes Blasco...

Litteratura e Arte

MAUS CONSELHOS

Coisa que a gente aprenda em pequeno, lembra sempre, lembra até á morte.

É tão verdadeiro tudo o que a gente ouve em pequeno! Se a gente soubesse pensar...

Lembrrou-me hoje uma historia que me ensinaram em creança; lembrou-me a ver chover. Tão feio o dia!

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham sete filhos. Nenhum d'elles ganhava ainda nada ao pae: eram todos muito pequenos.

O mais novo era tão pequeno que mal se via; tão pequeno que toda a gente lhe chamava o menino Grão-de-milho.

O pae e a mãe trabalhavam todo o dia, e poucas vezes havia á noite pão que chegasse. Quando se é novo, come-se tanto!

Um dia o pae e a mãe, cansados de trabalhar, resolveram levar os filhos ao mais espesso da floresta, e abandoná-los. O menino Grão-de-milho, que estava ao lume escondido pelo gato, ouviu tudo, e sahiu de mansinho para ir á ribeira encher os bolsos de calhaos brancos.

Mal luzia o buraco, já o pae os andava a chamar para irem á floresta escolher os cogumellos brancos e tenros de que elles tanto gostavam. A mãe abraçou-os muito e ficou-se a chorar.

Foram. Mal se via. D'ahi a pouco andavam por sitios aonde nunca tinham ido. Ao longe vinha a chegar o dia no ceu cor de rosa e azul riscado pelas linhas negras dos troncos das arvores. Os meninos começaram a correr e a apanhar os cogumellos, e quando, sol alto, procuraram o pae, não o encontraram e desataram a chorar.

Aos gritos d'elles sahiu do calix de uma flor em que tinha adormecido, o menino Grão-de-milho todo molhado; consolou-os e poz-se a ensinar-lhes o caminho, que deixara mareado pelos calhaos brancos apanhados na ribeira.

Quando chegaram a casa, o pae e a mãe choraram, abraçaram-os muito, muito alegres, mas depois ficaram mais tristes.

No dia immediato o pae tornou a chamá-los para irem á floresta armar aos passaros. Grão-de-milho entendeu logo o que aquillo era, e foi á ribeira; mas ella tinha engrossado com as chuvas e não se encontrava um calhau. A mãe chamou-o para lhe dar um pão para o caminho, e elle lá foi com os irmãos, a chorar, sem poder comer. Em certa altura teve uma idéa e foi partindo o pão aos bocadinhos, deixando-os a marcar o caminho. O pae, quando os apanhou entretidos, fugiu.

Quando os apanhou entretidos, fugiu. Cansados de brincar, vieram os irmãos ter com o menino Grão-de-milho; este, muito alegre, mostrou-lhes alguns bocadinhos de pão que havia perto; mas quando quiz seguir caminho, não encontrou mais pão. As gralhas tinham vindo d'alto e tinham-o comido todo; só haviam deixado o que estava mais perto, com medo d'elle.

O menino Grão-de-milho levou os irmãos pela floresta fôra a um pais de sonho em que todos casaram e todos foram muito felizes; mas nunca poderam encontrar o caminho da sua casa.

Se quizeses ser feliz, lembra-te do menino Grão-de-milho, semeia o teu caminho de calhaos, encontrarás sempre o caminho da tua casa. O pão, vêm d'alto as gralhas e comem-t'o. Os beneficos fazem os ingratos. A pedra é que se conquista a vida...

Não é contigo. Tu não sabes ler...

T. G.

A photographia do invisivel

O professor italiano Salvioni inventou um apparelho que é assim descrito pelo dr. Jules Renaud:

«O professor Salvioni pega em um bloco de Crookes, hermeticamente encerrado em uma caixa de madeira, fazendo passar por elle a corrente eléctrica. Até alli o espectador só vê a lixa de madeira. Sobre esta collocou-se uma segunda caixa de cartão ou de aluminio, dentro da qual é encerrada uma cruz de estanho. Desde que o espectador olhou através do apparelho, vê distinctamente apparecerem contornos da cruz sobre um fundo luminoso. Com o mesmo apparelho vêem-se distinctamente os objectos opacos para os raios Roentgen e encerrados em uma caixa de cartão, collocada dentro de outra caixa de aluminio. O professor Salvioni deu o nome de cryptoscopia ao seu apparelho, absolutamente magico, que conta ainda a perfeição.»

×

MrAbel Bugnet, professor de physica nlyceo de Rouen, redactor em chefe do *Photo-Journal*, e mr. Gascard, ómico, realisaram uma curiosa experiencia, applicando os raios X de mr. Röntgen.

Intendendo no trajecto d'estes raios diamans verdadeiros conjunctamente com diamans falsos, obtiveram imagens mto diversas. Os falsos diamantes, emasiadamente opacos para os raios X, apenas deram sobre a chapa photographica desenvolvida imagens clãs; os verdadeiros deixaram passar e abundancia as novas radiações, orneendo imagens muito mais somrias.

Eis, pç, um novo meio de distinguir agot os diamantes falsos dos verdadeiros.

Bano de Portugal

Temos esente o relatório da gerencia do isso grande banco emissor no anno d'895.

Um estudo attento e reflectido d'esse relatório dá margem a larga critica, e a publicidade d'esta seria amplamente justificadora se a-har estreitamente vinculada aos maiores interesses publicos a lidez d'esse estabelecimento de credito.

Os lucros do banco foram em 1895 de 2 102:96818 réis, menos réis 275:591547 que em 1894. Esta diminuição é albuída ao contracto com o governo de de fevereiro de 1895 pelo qual foextincto o juro que o banco recebe pela sua conta com o Estado e a issação do juro das obrigações dosbacos, convertidas em reserva metalla. Por outro lado as despesas foramaggravadas em réis 53:8025214.

Não obstante o agravamento das despesas e a onuição das receitas, é proposto o de 8 %, egual ao do anno anterior.

Para isso leva direcção do banco de na conta de nhos e perdas applicar a verba de :4435962 réis para saldo do custo touro «dquirido durante o anno, qto, se ás libras se desse o valor de \$500 réis, em harmonia com a lête 29 de julho de 1854, essa deducção devia ser de 205 contos, e de deix de consolidar algumas contas porque não foi sufficiente a dotação (fundo de reserva variavel do anno prior. Sem duvida que o accionista ferirá agora receber 8 % a «recebe» ou 7, e a direcção do banco, tço-o assim satisfeito, talvez se livide impertinentes perguntias. A estabade do banco é que pôde soffrer, em ella o país.

Em 1895 adquire o banco ouro no valor de libras 168:0, menos 124:375 do que em 1894, tço essa adquireção sido feita só ntdous primeiros meses. Não explica o relatório, e seria para desejar que o esse, o motivo por que se suspende a compra do ouro.

O relatório nada dize acerca do modo como foram cumpridas as estipulações do contracto de 9 fevereiro de 1895.

A este respeito faz seguintes considerações o nosso prdo collega O

Commercio do Porto, que inteiramente applaudimos:

«Guarda o relatório notavel silencio acerca do cumprimento da condição 3.^a, § 2.^o, para a venda gradual d'aquelles fundos até á importancia annual de 150 contos, ou sua inversão por titulos immediatamente realisáveis em ouro; realmente, seria interessante saber-se como esta condição do contracto foi cumprida pelo governo.

«Pelo que se deprehe de da leitura do relatório, o conselho do B-neo deixou substituir a caução, com que poderia realizar a compra de ouro, e ainda não recebeu o correspondente valor em titulos da divida interna, nos termos do § 1.^o da condição 3.^a do contracto de 9 de fevereiro; tanto as im é, que no balanço de 1894 a conta de *credores de effeitos depositados* accusa a existencia de valores na importancia de 40:156 contos, quando o ultimo balanço apenas nos indica que esses depositos representam 35:069 contos.

«E' gravissimo este caso: se o contracto de 9 de fevereiro desequilibrou a normalidade do funcionamento do B-neo, estabelecendo preceitos contrarios ás claras disposições dos estatutos, é mister que se não agrave tal situação com a falta de cumprimento de um contracto bilateral.

«Quando o governo impôs no Banco aquelle contracto, mostrava se forte para tudo, saltando por cima de todas as leis e convenções; só agora tem melindres e receios, por não querer entregar as cauições sem as auctorisações parlamentares.

«Agora serve-lhe o parlamento, como subterfugio, quando sempre o deveria invocar como regimen.

«O conselho geral do Banco deve acompanhar bem esta questão; mas parece-nos que, se durante um anno não teve forças para se impôr, não as terá agora para saber reivindicar o que de direito lhe pertence.»

Na agencia de Coimbra houve em 1895 23:8525272 réis de lucros, sendo a despesa de 5:1365555 réis. Não houve prejuizo algum!

Das agencias districtaes foi a de Coimbra que mais lucros obteve, sendo por outro lado poucas as agencias em que não houve prejuizo. Tão lisonjeiro resultado é sem duvida devido á intelligencia e inexcédível zelo com que os srs. Joaquim Augusto Gonçalves e Ricardo Loureiro têm exercido as suas funções, sabendo conciliar os interesses da agencia com os do publico, sempre por elles tractado com a maior delicadeza.

Expositores

A exposição internacional de Joannesburg, concorreram os seguintes expositores:

Districto de Coimbra — Coimbra, Basilio Xavier d'Andrade, Gonçalo Christovão de Meirelles, Antonio Rodrigues Pinto e Leandro José da Silva, com licôres e cognacs do seu fabrico; Figueira da Foz, Ernesto Gaspar (successores), Costa Pereira & Filhos, Joaquim Antonio Simões, Ignacio Augusto Carriço (successores), José dos Santos Pereira Jardim & C.^a, Antonio Regalheiro, Manuel José de Sousa & Filhos, Bernardino Augusto Lopes & C.^a, Joaquim Gomes Ribeiro & Irmão, João Maria Rocha Junior, Affonso Ernesto de Barros, Fernandes Aguas & C.^a; Murte-de, Joaquim Pereira Machado; Oliveira do Hospital, Antonio Toscano Tinoco e Joaquim Emilio Ribeiro do Amaral; Soure, dr. Alfredo de Moura Mattoso; Condeixa, padre Francisco Xavier de Carvalho.

Districto de Vizeu — Santa Comba-Dão, dr. Fortunato Vieira das Neves e Antonio das Neves Andrade.

Districto de Aveiro — Mealhada, dr. José de Vasconcellos Lebre.

Estes expositores têm em armazens, conforme a exigencia dos regulamentos do certamen, mais de cem pipas de vinho egual ao do mostruario.

O dr. Sell, professor do laboratorio physico de Berlim, eminente homem de sciencia, acaba de resolver o problema da photographia das côres, o que em balde havia sido tentado desde o descobrimento da photographia. Lippmann, de Paris, que ha cinco annos julgara haver encontrado a solução teve de reconhecer passado pouco tempo que se illudira, e os photographos scientificos haviam-se tornado quasi scepticos.

As provas, porém, que Sell acaba de apresentar numa reunião de photographos praticos e scientificos, não deixam a menor duvida sobre a solução do problema, que transformará completamente não só a photographia mas o modo de illustrar qualquer obra. Sem duvida que a chromatypia será substituida pela photographia colorida,

Carta de Lisboa

Lisboa, 21 de fevereiro de 1896.

Dou-lhes a grata noticia de que este ministerio fica.

Entendo que fazem muito bem os ministros, e melhor procede o rei conservando-os no poder.

Para que haviam de cahir, se os successores seriam tão bons como elles?

De resto, a questão é outra: não se quer a queda de um ministerio, reclama-se a queda do throno.

×

Nos jornaes hespanhoes chegados hoje falla-se detalhadamente de um facto occorrido em Madrid, juncto ao palacio real. Como não estou disposto a ser entregue ao governo, convidado-os a lerem os jornaes de Madrid, de hontem, 20.

Aquillo ia, sendo sério, ao que parece.

Já percebem, não é verdade?

×

Nuestros hermanos continuam sendo, um pouco duramente, logrados por los de Cuba.

Os jornaes de Madrid, continuam furiosos porque los insurrectos são cobardes e não querem arriscar-se a uma batalha campal, decisiva.

Realmente aquellos cubanos são uns patifes por não se disporem a levarem uma sova monumental!

Não é de caballeros, dizem os hespanhoes.

Concordo, mas tambem não é de tolos.

O que na guerra sempre serve de mais alguma coisa, que as lindas phrases retumbantes da sanfarronada.

Que Deus ajude a nossa irmã a perder Cuba.

Esto si que es fraternidad.

Vamos a Badajoz?

×

Pois é como lhes ia dizendo, a disciplina...

Bella palavra para não deixar fallar quem tem razão.

×

Já vão passados quasi dois meses que funciona o Solar dos Barrigas e até agora, excepção feita da lei anarchista, que é estúpida como os que a votaram, nenhum outro trabalho legislativo existe.

Falta um mês para acabar aquella palhaçada.

Sobre recompensas aos expedicionarios, só ha tolices e patifarias.

Da familia de Caldas Xavier, cujos serviços em Africa foram extraordinarios, ningnem se lembra.

Ainda haverá ingenuos que não estejam convencidos de que o governo simplesmente aproveitou a obra da expedição para uma especulação politica?

Parece-me ingenuidade de mais.

×

Já se falla em abrir concurso para um poema épico, celebrando as façanhas do Infante D. Afonso, na India.

Creio que o Hilario, se concorrer, será o preferido.

O genero é aquelle.

×

Correu hoje a noticia de que o sr. Magalhães Lima ia partir para Madrid, offerecendo os seus serviços na guerra de Cuba.

O sr. Lima quiz provar que o seu livro *La Federación Iberique* é o livro do um dedicado amigo da Hespanha.

Por isso parte, de refuerzo a Murillo.

E' verdade: cá li a carta do sr. Lima publicada no *Conimbricense*. Eu não sei se dizer isto, fere a disciplina...

(Vozes na galeria: ordem, ordem!)

Cá estou callado.

João da Nova.

P. S. Não attribuem ao correio a falta da minha ultima correspondencia. Não a escrevi, pois sendo carnaval, podiam julgar que eu fallava a sério de politica portuguesa.

J.

Foi auctorizada pelo governo a verba de tres contos de réis para as obras de reconstrução do lyceo de Coimbra.

F. FERNANDES COSTA

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 30 de janeiro de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes. Administrador do concelho, bacharel José Miranda.

Approvada a acta da sessão anterior e tendo-se retirado da sala por negocio urgente o vereador Gaspar de Mattos, tomou a camara conhecimento de duas propostas apresentadas para o fornecimento de impressos para a secretaria, as quaes ficaram sobre a mesa para serem examinadas por uma commissão para esse fim nomeada, sendo uma das propostas de Francisco França Amado e outra do proprietario da Imprensa Academica.

Em presenca de um officio do intendente de pecuaria, de com referencia á inspecção que fizera, por via de participacão do commissario de policia, a um boi que se suspeitava ter sido mordido por um cão raivoso, declarou o presidente que e-te facto não tem relação alguma com a inspecção do gado no matadouro e que o boi não foi alli apresentado, achando-se sob vigilancia para ser de novo observado segundo as disposições legais.

Nomeou sob proposta da presidencia para exercer interinamente as funções de guarda rural dos logares de Trouxemil e Ciga do Monte, Jo-é Rodrigues Junior, d'este ultimo lugar, justificando-se a necessidade da nomeação por abusos e transgressões particulares na localidade.

Mandou sob igual proposta annunciar o arrendamento das barracas do mercado sob n.º 3 e 20.

Autorisou sob proposta tambem da presidencia, pequenos reparos nas janellas da sala do Tribunal Judicial.

Mandou examinar, sob proposta do vereador Lucas, as condições da construcção de um cado de exgoto de um predio ao porto dos Bentos.

Mandou annunciar, sob proposta do mesmo vereador, que se adjudica em praça o fornecimento de petroleo para illuminação dos candieiros de Santo Antonio dos Olivae e para a abegaria municipal; bem como o fornecimento de azeite e alcool para os serviços das machinas das aguas.

Votou sob proposta do vereador Simões Dias:

1.º — A mudança para o largo do Matadouro do posto fiscal dos impostos, que se encontra na rua de Sã Bandeira.

2.º — A mudança para o fundo da rua da Alegria do posto fiscal estabelecido ao porto dos Bentos.

3.º — O estabelecimento de um posto fiscal permanente na azinhaga do Carmo.

4.º — A aquisição de uma balança de sistema aperfeiçoado para o posto fiscal da estrada da Beira.

5.º — A dispensa do serviço da noite ao vigia Thimoteo José, em attenção á sua idade de 70 annos e aos seus serviços de vinte e dois com exempnar comportamento.

6.º — A permissão aos vigias para estarem dentro das respectivas guaritas, durante a noite, nos mezes de inverno.

7.º — A aquisição de uma meza grande para o serviço dos empregados da repartição dos impostos.

Autorisou os seguintes pagamentos: réis 267,335 pelo fornecimento de 63,440 kilos de carvão de pedra para as machinas das aguas; 53,790 réis pela execução de canalisações d'agua e material respectivo na primeira quinzena de janeiro; 18,420 réis do custeamento da officina do abastecimento de aguas; 2,860 réis pela limpeza das ruas do jardim de Santa Cruz.

Autorisou o presidente a mandar satisfazer os vencimentos de janeiro aos empregados das diversas repartições a cargo da camara.

Despachou requerimentos, attestando acerca do comportamento de um individuo, natural da freguezia de Trouxemil; e auctorisando o

seguinte: a vedação de um predio em Santo Antonio dos Olivae, por meio de um muro, fixando o alinhamento; o assentamento de carris de ferro, atravessando a rua d'Alegria, para a conducção de at rros da cerca dos Bentos; a construcção de um passeio em frente de duas casas na rua de Thomar; a construcção de uma casa em Banhos Seccos, fixando o alinhamento; a collocação de um signal funecario em uma sepultura no cemiterio da Conchada; a construcção de um jazigo no cemiterio e a venda de terreno para o mesmo; contractos d'avenças para o pagamento d'impostos indirectos até março proximo.

Enviou varios requerimentos á repartição d'obras, para informar; e não tomou conhecimento de um, em que um proprietario se queixa de não encontrar em um predio que possui na rua de Castro Mattoso, todo o terreno que para alinhamento comprou ao municipio, tendo-se verificado pela informacão da repartição d'obras que a diferença encontrada provém da construcção de um muro do proprietario confinante e não das medições dadas para as vedações.

Sessão ordinaria de 6 de fevereiro

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Basto, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Approvada a acta da sessão anterior, foi adjudicado, em vista do parecer da commissão para este fim nomeada na sessão precedente, o fornecimento de impressos para a secretaria á Imprensa Academica pelos preços indicados em uma nota que offereceu, sem duvida inferiores ao de outra proposta apresentada na sessão de 30 de janeiro.

Autorisou a compra de mobilia necessaria para a escola official do sexo masculino de Cellas.

Resolveu pedir um empregado da direcção das obras publicas, para com o conductor de obras do municipio estudar o que seja necessario fazer para a reparação d'um cado d'exgoto em Mont'Arroto, que se diz prejudicar uma das praças da cadeia d'esta cidade.

Mandou expedir avisos para o pagamento dos vencimentos das amas e das subsidiadas, relativos ao trimestre de outubro a dezembro de 1895.

Nomeou dois individuos para exercerem interinamente as funções de vigias dos impostos, preenchendo assim duas vagas occorridas. Mandou proceder á limpeza e plantaçao de arvores nos logares publicos da cidade.

Mandou annunciar de novo a arremataçao dos artigos de expediente para a secretaria e o arrendamento das barcas de passagem aos portos de Taveiro, S. Martinho d'Arvore, S. Silvestre, Quimbres e Rio Eça.

Autorisou os seguintes pagamentos:

33,600 réis de lenha para as machinas das aguas, de 30 de janeiro ao 1.º de fevereiro; 57,300 réis de conservação do edificio do governo civil, em janeiro; 1,550 réis da illuminação dos candieiros de Santo Antonio dos Olivae, em janeiro; 7,540 réis, salario do servente da estacão das bombas dos incendios, em janeiro; 4,500 réis ao cobrador do serviço das aguas, m-z de janeiro; 17,994 réis, vencimento do thesoureiro do municipio em janeiro; 162,960 réis, vencimento do pessoal dos serviços da limpeza na cidade, na 2.ª quinzena de janeiro; 48,790 réis, material, idem, idem; 183,650 réis, transporte de carvão para as machinas das aguas; 4,546 réis, pessoal e material, (canalisações d'agua), na 2.ª quinzena de janeiro; 20,520 réis, pessoal da officina das aguas, idem; 4,530 réis, despezas com o asylo de cegos, em janeiro.

Despachou requerimentos, auctorisando, com informacão do medico higienista, exhumações de cadaveres no cemiterio; concedendo a exoneracão pedida por um bombeiro.

A Igreja

e a questão social

1\$000 réis

Revue des Journaux et des Livres

12.º anno

Recommendo aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicacão importantissima, porque esta publicacão é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reprodiz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: — Artigos de sensaçao, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romances, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc.

Em folhetos publica a *Revista* dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 4000 novellas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Malot, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emile Zola, etc.* A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr., á escolha; um de 2 fr. e 50., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 15 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estacões de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º em livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte. Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 13, rue Cujas, Paris.

Assembleia Recreativa

São convidados os socios d'esta associacão a reunirem em assemblea geral, no dia 1 de março proximo futuro, pelas 8 horas da noite.

Ordem dos trabalhos: — 1.º, leitura e discussão do relatório e contas da direcção, relativos á gerencia que agora termina; 2.º, eleição dos corpos gerentes para o anno de 1896 a 1897. Coimbra, 22 de fevereiro de 1896.

O secretario da assemblea geral, Antonio Marques Cardoso.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correlo accresce o porte.

34 Polhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XVII

Este choque imprevisto tinha sido tão duro que o despedaçava. Parecia escutar, sem ser capaz de responder a M. de Villy.

—Está-me parecendo, meu velho amigo, que vae a andar e a dormir.

—Não, não, posso-te affiançar que não, respondeu Roland, com uns modos de quem, com effeito, acaba de despertar.

—Entre nós, não vale a pena affiançares-m'o por simples delicadeza. Va mos lá, tu tens razão: os habitos de Africa são imperiosos. Vae dormir a tua sêsta; deixo-te só, á tua vontade. M. de Villy era, afinal de contas, um observador tão superficial como ignorante; tomava por somnolencia o que era preocupação. O coronel não andava dormitando; andava pensando; e em vez de se dirigir para o quarto, tomou para o lado deserto e arborizado do parque.

Roland tinha acabado de se sentar num banco de pedra, no fundo de um massiço de verdura, entregue aos seus pensamentos intimos, quando reparou

que Emmanuel d'Argouges se dirigia para elle. Levantou-se, a principio admirado, e procurou desde logo uma attitudo desembaraçada e firme.

—Eh! meu caro Emmanuel, disse elle, estava quasi a adormecer, como ha pouco me dizia M. de Villy; mas estaes ahí e tanto basta para que esteja já a pé!

—Andava á vossa procura, coronel, respondeu M. d'Argouges, tomando-o pelo braço; tenho muito que conversar convosco, sobre assumpto muito serio; isto caso m'o permittaes.

—Conversaremos como quizerdes e por todo o tempo que vos aprouver, meu caro amigo, replicou Roland, mal disfarçando a sua inquietação.

—Monsieur de Lambrune, tornou Emmanuel, esse nome de amigo que tivestes a bondade de me dar anima-me e decide-me á confidencia que só faria a um amigo que o fosse ao mesmo tempo de M. de Villy, meu tio. Roland parou subitamente.

—Então o negocio é tão grave como isso?

—Sim, coronel.

—Pois bem, os diabos me levem se sou capaz de adivinhar de que se trata! Mas, vamos lá, Emmanuel, fallae, fallae. Sou vosso amigo e d'elle.

E tornou a caminhar, arrastando M. d'Argouges.

—Conhecels a minha infancia, disse

Emmanuel; sabeis que cuidados verdadeiramente paternaes, meu tio tem lido por mim e que terna affeição me dedica lha muito tempo.

—De certo que eu seria a ultima pessoa a quem fosse necessario dizer-lo!

—Ser-me-á preciso accrescentar que essa affeição lh'a retribuo eu por completo, duplicada pelo meu mais vivo reconhecimento?

—Sois um bello coração. nunca duvidei d'isso. Mas onde vamos nós bater, meu querido d'Argouges?

—Ah! M. de Lambrune, a uma coisa que pôde destruir tudo entre mim e M. de Villy...

—Destruir tudo? O que ha que possa destruir tudo entre Villy e vós? Que é que me estaes contando?

—O que vós já ides comprehender, coronel.

—Não, não; nunca comprehenderei coisa alguma parecida.

—Escutae sempre...

—É o que estou fazendo; mas, vejamos, estaes a brincar commigo?

—Eu disse-vos, monsieur de Lambrune, que era um negocio muito grave, e, apesar dos meus vinte e três annos, tenho bem a consciencia das coisas serias.

—Fallae, pois; não vos interromprei mais.

—Repito que a amizade de M. de

M. de Villy foi e tem sido a consolação da minha infancia e continuará a ser-me igualmente preciosa. Mas nos seus projectos eu sou-lhe mais do que sobrinho; mais hoje mais amanhã, sou o marido de Alice.

—E então?

—Alice é para mim uma irmã, coronel, e mais apreciada, mais querida talvez, posso jurar-vol-o, do que se eu fosse realmente seu irmão. Mas será isto sufficiente quando se tracta do casamento? Na minha idade, sem ser romanesco, deixa-se sempre um pouco ao imprevisto e sinto que, no ardor da juventude, se não nos queremos expôr a reconsiderações ou surpresas, é necessario para ser marido ter amado pelo menos durante os primeiros mezes. O casamento não se limita a uma continuação de habitos affectuosos e eu nunca poderei ser mais do que o amigo de Alice; ahí está a razão porque ella não deve ser minha mulher.

M. de Lambrune não queria acreditar no que estava ouvindo e olhava para Emmanuel com olhos espantados.

—Mas... meu caro d'Argouges, balbuciou elle, como posso eu intervir nisso?

—Muito bem, coronel. Podeis tomar pelo braço M. de Villy, como eu agora vos estou fazendo, leva-lo a qualquer sitio afastado como este em

que nos achamos, e ahí, explicar-lhe o que se passa commigo com esta franqueza e clareza que vencem tudo nos negocios ordinarios da vida como faz a vossa bravura no campo de batalha.

—Mas, com mil demonios! exclamou Roland, antes queria receber ordem de ganhar uma batalha em sósnho do que executar a commissão de que me quereis encarregar.

—Eh! monsieur de Lambrune, não reparaes que não só a felicidade de Alice como tambem a minha estão envolvidas nesta questão?

—A vossa felicidade, talvez, visto que assim o dizels; mas a de M. de Villy?

—A d'ella mesmo. O meu afastamento apenas lhe causaria hoje a saudade de uma ideia com que a adormeci; mas mais tarde, que tristeza inconsolavel para ella se eu trahisse a confiança que ella depositasse em mim, por eu lhe ter dado direito a isso!

O coronel não replicou; estava reflectindo.

Um pensamento, que não lhe tinha occorrido logo, tinha-se finalmente insinuado no seu espirito e fazia-lhe da cabeça um vulcão.

—Co'os diabos, Emmanuel! O vosso tio decerto me responderá que a vossa confidencia é bem tardia e que, se renunciaes a Alice, é porque amaes outra!

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

11 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

POMADA DO DR. QUEIROZ

10 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a N. N.—Sô é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diatnese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rithmites, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem egualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

À venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.^a

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

9 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128—RUA FERREIRA BORGES—130

8 **NESTE** deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

PEDIR OS PROSPECTOS

Assinatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVIS- TA , além do texto, compre- hendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tam- bem	Gratis UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de ma- neira a formar um elegante vo- lume.	Saes nos dias 1 E 15 de cada mez
COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel B telho ALCACER-KIEIR de D. João da Câmara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Litna <i>Muito proprias as ultimas para amadores</i>	JA PUBLICADO O 1.º VOL. PROVINCIAS ANTIGA CASA BERTRAND
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA			
ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR			

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mes- tres

7 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casi- miras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 28500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 78500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 78000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 88000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 88500.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 78000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimi- ras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

Contra o reumatismo e rigoroso frio.—Excel- lentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 18800 88000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de mel- hor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 48500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e cerrida com o abatimento de 358000 a 458000 !!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARA- TIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordina- rios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Praticante

6 **P**recisa-se d'um com mais de 4 annos de pratica e que dê boas referencias. Dá- se-lhe licença para estudar e algum ordenado.

Informações na Drogaria Ro- driguez da Silva & C.^a. Rua de Ferreira Borges.—Coimbra.

ESCRITURARIO

5 **U**m individuo com pratica de commercio e escri- pturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offe- rece o seu prestimo por modi- ca retribuição.

Quem precisar queira diri- gir-se à *Casa Havanaes*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

53, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores au- ctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, re- volvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mon- dego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moih- nhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

QUINTA

4 **V**ende-se uma proximo d'es- ta cidade.

Dá bom rendimento, tem ter- ra de sementeira, pinhal, arvo- res de fructo, olival, vinha, etc.

Para informações, no estabe- lecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

3 **V**ende-se uma casa na rua dos Estudos, n.º 44, e Marco da Feira, n.º 9 e 11, e um terreno em Santa Cruz, Praça de D. Luiz.

Trata-se na Pharmacia do Castello com Camillo & Costa.

Cavallos, muares, etc.

2 **A**s sobrecannas, espavões, óvas, esquenencias, man- queiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMEN- TO VESICANTE COSTA**; é preferi- vel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito ge- ral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 18000 réis

Deposito em Coimbra—Rodrigues da Silva & C.^a—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Papelaria Central

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frlas

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
 Anno..... 28700
 Semestre..... 18350
 Trimestre..... 680
 Sem estampilha:
 Anno..... 28400
 Semestre..... 18200
 Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repeti- ções, 20 réis.—Para os srs. as- signantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 107

COIMBRA — Quinta feira, 27 de fevereiro de 1896

2.º ANNO

Continuem...

Percorrendo uma collecção de accordãos do supremo tribunal administrativo deparamos com um que nos causou o mais vivo sentimento de indignação.

Depois de tantas e tão eloquentes provas, que a politica monarchica tem dado, de que consideração alguma a faz recuar perante qualquer torpessa, ainda sentimos os violentos abalos de quem soffre uma desillusão, quando vemos que os representantes do poder attentam perfida e impunemente contra os mais inviolaveis direitos dos cidadãos.

É que a nossa consciencia se mostra refractaria á convicção de que possa ser dominado como escravo, por anarchicos e despoticos dictadores, um povo que soube e pôde, pela mais devotada dedicação que o levou aos mais heroicos sacrificios, conquistar a liberdade. É que ainda se nos afigura por vezes um máo sonho que os caprichos e desvarios d'uma monarchia perjura se substituam, sem o protesto mais veemente, sem um movimento irreprimivel de revolta, ás leis por que uma nação exprimiu a sua vontade consciente e que constituem as unicas garantias dos mais legitimos interesses, dos mais inviolaveis direitos dos cidadãos.

Mas forçoso é que cedamos perante a verdade dos factos. Somos um país de escravos onde a inexplicavel persistencia d'um privilegio tradicional supprimiu as garantias de liberdade que, embora em pequena parte, já gozavamos.

Ahi vae uma prova no seguinte accordão do supremo tribunal administrativo de 20 de junho de 1895:

Sendo-me presente a consulta do supremo tribunal administrativo acerca do recurso n.º 9:625, em que são recurrentes Manoel Maria Ricardo Correia e Francisco Maria Pereira Heitor de Macedo, e recorrido o ministro e secretario de Estado dos negocios do reino:

Mostra-se que os recurrentes Manoel Maria Ricardo Correia e Francisco Maria Pereira Heitor de Macedo, primeiros officiaes chefes de secção do serviço geral das obras da camara municipal de Lisboa, requereram á mesma camara que lhes fosse abonado o mesmo vencimento que percebem os primeiros officiaes chefes de secção de outros serviços da mesma camara;

Mostra-se que a camara em sessão de 6 de novembro de 1894 deferiu a petição dos recurrentes;

Mostra-se que subindo a deliberação da camara á apreciação do governo, foi por despacho de 28 do mesmo mez denegada approvação á mesma deliberação;

Do despacho do ministro do reino

interpuzeram recurso aos recorridos com o fundamento de que elle não só offendeu a lei, mas os direitos adquiridos dos recurrentes, porquanto o decreto de 30 dezembro de 1892 determinou no art. 3.º que os vencimentos da classe fossem os mesmos em todas as repartições;

Allegam os recurrentes que o despacho recorrido se fundou no decreto de 13 de dezembro de 1892 e nas circumstancias financeiras da camara, e procuram demonstrar que os dois fundamentos são insustentaveis, o primeiro em face do decreto citado, e o segundo porque as questões fundadas na lei e em direitos adquiridos decidem-se pela lei e não pelas circumstancias financeiras;

Mostra-se que o processo seguiu seus termos e que sendo ouvido o respectivo ministro em 25 de janeiro de 1895 respondeu em 8 de março ultimo com o officio de fl. 20, allegando que o código administrativo publicado em 4 de março fixou a competencia do tribunal e mandou applicar as disposições do código aos processos pendentes, e por isso o processo não pôde continuar;

O que tudo visto, a resposta do ministro publico;

Considerando que o recurso foi interposto do despacho do ministerio do reino que revogou a deliberação da camara municipal de Lisboa;

Considerando que em face do novo código administrativo não cabe hoje recurso dos despachos do ministro do reino para este tribunal, nem este tem competencia para os decidir, art.º 368, n.º 6;

Considerando que as disposições do código são mandadas applicar aos processos pendentes, art.º 471 do código administrativo;

Hei por bem, conformando-me com a mesma consulta, rejeitar o recurso.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 20 de junho de 1895. — REI — João Ferreira Franco Pinto Castello Branco.

Veja-se se são ou não fundadas as considerações de que precedemos esta peça monumental de jurisprudencia.

Não nos referimos á despotica disposição dos artigos 368.º e 471.º do código administrativo de 1895; já em tempo a criticamos. O que mais nos feriu e o que desejamos pôr em relevo é que, sendo ouvido o ministro do reino, sobre o recurso d'um despacho dado por elle, em 25 de janeiro de 1895, só responde em 8 de março, isto é, no proprio dia em que começou a vigorar em Lisboa o código que havia retirado ao supremo tribunal administrativo competencia para julgar o processo! Aguardou-se a publicação do código, deixou-se decorrer o prazo necessario para que se tornasse obrigatorio, e é exactamente no dia em que o código começa a vigorar que se expede o officio em que se declara que, em face das disposições do novo código, não é permitido re-

correr dos despachos dos ministros, sendo assim roubado aos recurrentes um direito que tinham pela legislação anterior!

Os poderes constituídos já não se prendem com apparencias. Calcam infamemente todas as garantias constitucionaes e dão aos seus actos a maior ostentação.

Continuem. É o melhor meio para acabar com o espectáculo vergonhoso que ha tanto tempo já se está representando.

O *Diario Popular*, em resposta a um sueldo da *Turde*, declara que a crise ministerial se não fará esperar muito tempo e que, se já se não deu, a culpa é dos progressistas e de mais ninguém.

Parece claro, mas não é. Nós desejariamos mais amplos esclarecimentos a esse respeito.

O Solar

Vergonhoso, simplesmente vergonhoso tudo o que se está passando no *Solar dos Barrigas*.

Ao lançarmos a vista pelos jornaes onde vêm transcriptos os extractos das sessões, não nos toma já um sorriso de nojo por toda essa exhibição de doblez de character, e de fallencia de cerebro. Pelo contrario, sentimos já um arripio de cohera a fustigar-nos os nervos.

Que descesse quem vinha nas dobras d'um decreto, dando previamente caução de muito *juizinho*, isto é, de alienação completa da sua individualidade moral e intellectual, para o seio do *Solar dos Barrigas*, era de esperar.

Mas que descessem tanto os pseudo-deputados, que fossem alli para assignar de cruz, sem uma reflexão, sem uma objecção, carneiraticamente, dizerem de cór os papeis que lhes distribue o empresario, é de mais.

É de mais que, d'entre aquella chusma imbecil, não se erga uma voz aspera e rude, vergastando, á chicotada (que só a chicote isto vae), toda a cafila que tripudia sobre o corpo moribundo d'este país.

Muito significativo!
E hão de ser estes homens que, amanhã, quando o povo sahir para a rua a protestar e a vingar-se, hão de apresentar resistencia pelo lado da monarchia!

Santo Deus! morrerão antes do estalar das granadas! Só quem tem uma idéa nobre a tempestuar-lhe a alma, e uma energia grande a temperar-lhe o character, poderá arriscar friamente, heroicamente, vida, ambições, interesses e familia.

Os Bispos

De notar, no meio da salgalhada politica da monarchia, o afan com que os bispos correm pressurosos a S. Bento, a fim de absolverem o governo dos seus crimes politicos.

De notar, e para meditar. Enquanto nas cadeiras do poder se sentavam homens que, sem duvida, não eram exemptos de maculas, mas tinham ainda alguma consideração ou receio pelos direitos do povo, ss. ex.º eram mais retardatarios.

Hoje, porém, que o governo é um instrumento de vingança politica, brandido por mãos epilepticas de imbecis, sobre tudo o que se levanta ainda de digno e ativo neste país; hoje, que a liberdade espezihada e amordaçada incute receios pelo advento do mais descarado despotismo, ss. ex.º, não mentindo as tradições obscurantistas e retrogradadas de que tão justamente são accusados, apresentam-se em massa, a sancionar a maior pouca vergonha que a uma nação é dado soffrer.

E dizem-se representantes do Christo, o grande evangelista da liberdade! Vão ss. ex.º muito mal, por este caminho, que, certamente, não é o Evangelho que o traça.

Muito mal. Ss. ex.º que se prezam de manter e alvura das suas vestes sacerdotaes, não deviam andar por caminhos onde é espezihada a dignidade do povo.

E olhem que o povo não vale menos que ss. ex.º

O que fará?

Encontra-se em sérios embarços a rainha regente de Hespanha. O sr. Canovas insiste pelo decreto de dissolução das córtes. Declara esse estadista que necessita de firme apoio no parlamento para exercer uma politica de rigorosa represão em Cuba e para regular a questão economica-financeira, que se encontra numa situação difficilissima por causa da guerra de Cuba.

Não deixa, porém, o sr. Canovas de prevenir a rainha de que os republicanos dispõem de poderosissimos elementos e de que podem surgir, durante o periodo eleitoral, sérias complicações.

Por outro lado Sagasta pronuncia-se abertamente na sua imprensa contra a dissolução das córtes, afirmando que é anti-politico e perigoso dar ensejo a que se agite mais o país, já tão abalado pela questão de Cuba.

O que fará a rainha regente de Hespanha?

Que a situação é melindrosa, ninguém decerto o contestará.

No *Solar dos Barrigas* queixou-se o sr. Cincinnato da Costa, deputado por Leiria e professor da escola industrial de Lisboa, das vinganças pessoasas que na India se estão exercendo e de que também foi victima seu pae, pedindo ao governo para que demittisse o sr. Raphael d'Andrade. O sr. presidente do conselho respondeu como de costume: o governo assume todas as responsabilidades (sem lei que as regule), e só procederá contra o governador da India quando receba esclarecimentos completos acerca do facto a que se referiu o sr. Cincinnato da Costa.

Sabe-se que esta resposta significa: continuará tudo no mesmo estado, porque o sr. Raphael d'Andrade toca muito bem guitarra e é amigo pessoal do rei. De resto, quem soffre, que se resigne, que neste mundo nem todos podem ser martellos; alguém ha de ser bigorna. Já o dizia Oliveira Martins, o grande inspirador do rei e do sr. João Franco.

O sr. Cincinnato da Costa não ficou satisfeito com a resposta, o que era natural, e resolveu afastar-se do *Solar dos Barrigas*, pelo que só temos a aplaudi-lo. Já ha mais tempo o devera ter feito, ou, antes, nunca lá devera ter entrado.

O sr. Raphael d'Andrade, esse, segundo informa o correspondente telegraphico do *Commercio do Porto*, irá para a legação do Rio de Janeiro. Que neste país a cadeia applica-se aos homens honrados!

Bagatellas

Fim de conversa

—Eu? Eu também! Pois então!

Da capella-mór da igreja de Santa Cruz vão retirar-se os dois porticos do seculo XVII. É caso decidido. A pedra está na igreja, veio ha pouco.

—Porque?

—Porque, não sei!

O sr. director das obras publicas afirma que não são manuelinas as duas portas: são obra philippina, que desdiz do resto da architectural!

De que resto? Se o templo é um cerzido de disparates de conegos, de todos os estylos e de todos os tempos!

Em seu lugar vão fazer-se dois porticos manuelinos, do manuelino do sr. director, todo d'artificio, um manuelino *hypospadias*.

—Não sei se v. ex.º sabe a historia?

—Então ahi vae...

O sr. director das obras publicas delineou no paço do Bispo um torreão manuelino, de janellas germinadas, cimalha ao alto toda floreada, d'onde se adeantavam grandes e rigidas, como peças de bronze, umas gargulas de mau gosto.

Chegaram as primeiras chuvas. Dos telhados altos do paço cahe a agua sobre as casas vizinhas, remove o solo e ameaça destruir tudo. Indignação dos vizinhos.

O sr. director das obras opera, vae-se á gargula, fura-a na raiz, inutilisa o meato da ponta, e recebe a agua num funil ligado a um tubo que a traz mansamente ao longo da parede até ao solo.

E lá ficarão as gargulas, como um doente operado de fresco, de sonda permanente.

Agora o que se fará de Santa Cruz?

Manuelino como o dos paços municipaes, reprovado por Ramalho Ortigão e Joaquim de Vasconcellos, que se encheram de indignação ao ver a estupidez do director?

Manuelino, como o de Santa Cruz? Coisa que não ha canteiro com olhos um pouco abertos que não reprove?

Pasma a gente de admiração perante a audacia de tanta ignorancia, sentem-se vertigens sondando o vacuo d'aquelle craneo, a negrura d'aquelle abysmo!

Porque retirar as portas?

Por não serem manuelinas?

Mas então porque fez o sr. director os arcos das capellas, que são renascença?

Mas então, porque não destruiu o sr. director o arco que sustenta o córo, que é também obra do renascimento?

Mas então, porque se não alirou o sr. director ás urnas funerarias e ás estatuas jacentes de D. Affonso e de D. Sancho que nada têm de manuelino e que são do mais puro estylo renascença? Porque não poz o sr. director um *mono* nos tumolej

reaes, como o que a indignação popular lhe fez retirar da Sé Velha?

Mas, se Santa Cruz tem de ficar toda manuelina, como o sr. director das obras publicas, o typo mais manuelino que eu conheço, quer, porque se não remove tambem o pulpito, joia preciosissima da renascença, porque se não põe fóra o Christo do altar do Sacramento, porque se não destroe a martello o altar renascença que está por detraz do pulpito?

Para que anda o sr. director a gastar os dinheiros publicos, fazendo desenhar azulejos para preencher as falhas que deixaram as obras?

—O sr. director não sabe que os azulejos de Santa Cruz não são manuelinos?

—!.....
—Não sabia! Eu já devia ter imaginado!

Tumulos, altares, pulpito, tudo desaparecerá, tudo se sumirá talvez num desconhecido museu das obras publicas que se está organisando, muito ás escondidas, sem fiscalisação do publico, para fins que ninguem comprehende facilmente.....

E já por lá ha tanta cousa.....

Santa Cruz transformar-se-ha numa igreja pobre, num armazem infame, a gritar a vergonha da cidade que deixou passar sem protesto as obras.....

Teremos um templo novo, muito de s. ex.ª, muito manuelino, o templo de S. Franco Frazão.....

—Qual S. Franco Frazão! S. Jorge Frazão é que elle é.....

E um dia, ahí pelas 4 horas, veremos chegar o seu pornographico cavallo branco a Samsão, e elle sahir de dentro muito devagar, enrolar as reideas nos seus dedos tremulos, olhar tristemente as orelhas cahidas do cavallo, enquanto o creado o ajudará guindando-o para cima, a puxar-lhe pela perna direita, ataraxando-o ao selim, muito respeitoso, de carapuça na mão.

Virá toda a gente ás portas a abençoal-o, e D. Jorge Frazão sumir-se-ha ao longe, o bigode cahido e murcho, as suas lunetas sem brilho cheias de pó, e a balouçar sobre o seu cavallo branco a sua carga de madeira má e pódre.....

Achas mau?

Desculpa; eu quando quero bater não calço luvas..... Fica mais caro, e não doe tanto.....

T. C.

Por telegramma de Lourenço Marques sabe-se que foi preso o regulo Finisha, cuja cabeça fóra posta a prêmio pelo commissario regio, sendo apprehendidas muitas armas do systema Sydnor Martini, polvora e cartuchame que pertenciam ao Gungunhana.

Uma surpresa

O *Seculo*, que na defesa do governo só era igualado mas não excedido pela *Tarde* e pelas *Novidades*, começa a bater-lhe! Em fria prosa de quem escreve por officio e sempre de harmonia com as indicações recebidas, o *Seculo* reconhece que o governo nada tem feito para a restauração do país.

Não procuraremos averiguar as causas que motivam a nova attitude d'aquella folha, em flagrante opposição com a que tem mantido até agora. É a *Tarde* e ás *Novidades* que esse assumpto interessa. Limitamo-nos a registrar as seguintes palavras do artigo edictorial de se-

gunda feira ultima, que não ferem só o governo mas o jornal que tantos elogios lhe tem dirigido:

«Já se completaram tres annos depois que subiu ao poder esse ministerio e, apesar de todas promessas feitas solemnemente em côrtes pelo presidente do conselho ao apresentar o governo, no decurso d'este tempo, relativamente longo, nada tem occorrido que demonstre um inicio de restauração nacional, nada que seja um symptoma, embora leve, de que o país está saindo da ruina.

E no entanto ainda até hoje, desde que se estabeleceu em Portugal o constitucionalismo, ministerio algum gosou como este, que ha tres annos preside aos nossos destinos, de condições excepcionalmente favoraveis para poder fazer alguma coisa a bem do país.

Disfructando, como nenhum outro, nem mesmo o de Costa Cabral, em tempos de D. Maria II, da plenissima confiança da corôa, tem podido modificar-se e recompôr-se varias vezes, dissolvido e encerrado a seu talento as côrtes na nação portugueza, governado sem ellas durante longos mezes, alterado todas as leis, desde as regulamentares até ás organicas e fundamentaes, no exercicio da mais extraordinaria e inconcebível de todas as dictaduras, feito, enfim, tudo quanto muito bem tem querido sem attenção de qualquer especie, quer pelas praes e precedentes, quer pelas disposições expressas da propria Carta Constitucional e actos addicionaes.....

Pois, apesar de toda a sua omnipotencia, decorridos tres annos da gerencia do ministerio regenerador, não deu ao país o menor proveito».

Falta pois ao governo o apoio do *Seculo*. Era realmente duro continuar a defender um governo que nem com o seu auxilio valioso prestou serviço algum ao país.

Que nada ha que tanto commova o *Seculo* como são os interesses nacionaes. Até nisso pôdem as *Novidades* eguala-lo, mas com certeza o não excedem.

Um astrónomo hespanhol vaticina que dentro de breve lapso de tempo, o mais tardar até meiado do proximo mês de março, será destruida a Alemanha, a França, a Hespanha e parte de Portugal por um enorme bolide que reventará á distancia de 15 kilometros da terra.

Pelo que se vê, anda tudo transtornado Anarchismo por toda a parte.

Liquidado!

Uma folha assalariada pelo governo, depois de se haver referido ligeiramente ao incidente que as declarações do sr. ministro da justiça acerca da lei contra os anarchistas motivaram na camara dos pares, termina com esta significativa palavra — Liquidado.

Como desabafo espontaneo, esta palavra encerra uma philosophia inteira. Exauctorado pelo orgão officioso do sr. João Franco, que repelliu as declarações que havia feito na camara dos pares, o sr. ministro encontrava-se na melindrosa conjuntura — de ter de se contradizer cynicamente ou de agravar a dissidencia que de ha muito lava entre os membros do gabinete, arrastando-o, se possível fosse, para uma situação mais miseravel do que aquella em que se encontra.

Os lagos, a quem o governo paga á custa dos cofres publicos os serviços que lhe presta defendendo descaradamente todas as vilanias e torpêsas que pratica, tremeram. Bem podia o sr. ministro da justiça, num assumo de dignidade pessoal, confirmar as declarações que havia feito, tornando assim inevitavel uma lucta com o sr. João Franco e talvez a queda do ministerio. Uma verdadeira desgraça para os lagos, se o novo ministerio prescindisse dos seus serviços.

Afinal deu-se o que era de esperar. O sr. ministro da justiça, com o sr. João Franco ao lado, contradisse as declarações que havia feito. Já não havia a recear pela vida do ministerio. O incidente liquidou-se, sem que surgisse conflicto algum.

Pouco importa que o sr. ministro da justiça praticasse um acto indigno; que

compromettesse miseravelmente a sua honra. A situação estava salva. O incidente liquidou-se.

E não se falla mais em tal assumpto. Conserve-se o governo no poder; continue a proteger escandalosamente os seus afilhados e a pagar fabulosas sommas a quem o sirva bem. O resto é indifferente.

Os lagos nada têm que perder em assumptos de honra e de dignidade. Tambem é ponto liquidado.

Os estudantes do Seminario de Santiago de Compostella embebedaram-se, commettendo toda a casta de tropelias. Dão esperanças, os jovens aprendizes de clérigos.

A Associação Commercial d'esta cidade enviou o seguinte officio á Associação Commercial de Santarem:

«Ill.º e ex.º sr. — Tenho a honra de communicar a v. ex.ª que a direcção da Associação Commercial de Coimbra, em sessão de 20 do corrente, resolveu por unanimidade exorar na acta um voto do mais profundo sentimento pela catastrophe acontecida nessa cidade, e que d'esta resolução se dêsse parte a v. ex.ª pedindo-lhe para ser interprete d'este nosso sentimento perante a Associação Commercial, de que v. ex.ª é digno presidente, e á cidade de Santarem. — Deus guarde a v. ex.ª. — O presidente, José Doria.»

Pelo estrangeiro

De Cuba, apenas se recebem noticias officiaes e essas são favoraveis á Hespanha. O boato da morte de Maceo, não foi confirmado, com grande magua de *nuestros hermanos*.

Agora, depois da gloriosa queda do *heroe* Martinez Campos, todos lhe batem, até os proprios camaradas. O general Borrero, ao despedir-se de dois batalhões que partiam para Cuba, atacou-o vivamente. Em reunião dos ministros, accordaram estes em que não havia motivo para proceder contra Borrero.

Tem graça porque, pelo mesmo motivo, estão na cadeia os redactores do *El Pais*.

Diz um jornal hespanhol que Martinez Campos deve ter passado mal ás noites por causa dos ataques de que é alvo.

Não só por isto.

Na desgraça lembram mais as grandes patifarias.

Na gloria, os fulgores d'ella apagam essa lembrança.

A traição de Sagunto, os fuzilamentos de Vallés e Fernandes, dos sargentos de Numancia, do nobre tenente Gallego e do desditoso Ferran, devem ter tirado o somno ao *heroe*, porque tudo isto não se faz impunemente.

×

O conflicto entre o Senado e o ministerio francès está terminado, tendo transigido o senado, como não podia deixar de ser. E' provavel, porém, que elle queira vingar-se do governo, apesar da promessa em contrario, e que qualquer dia se levante novo incidente.

×

Os italianos estão pouco felizes na Abyssinia. Dois regulos que estavam com o general Baralieri passaram-se para o campo choano, sendo preciso empregar a força para evitar a deserção de outros regulos. Imagine-se, pois, a vontade com que os auxiliares dos italianos hão de combater os inimigos.

Falla-se em que irão de Italia, lão pobre, novos reforços. Para isso terá de fazer das tripas coração.

Carta de Lisboa

Lisboa, 25 de fevereiro de 1896.

Tenho andado a ler as *Aventuras da minha vida*, de Rochefort. Agrade-me o livro. Numa passagem das aventuras encontro a seguinte historia, passada nos seus tempos de rapaz.

Tinha ido elle em passeio com os seus camaradas d'escola, até ao bosque de Bolonha. Junto da rapaziada rodou uma carruagem, que parou uns poucos de metros adiante. Um criado da carruagem veio saber do prefeito, que collegio era aquelle. Era o rei Luiz Philippe de Orléans que mandava perguntar isso. Porque era esse cavalheiro que estava na carruagem.

Tem a palavra Rochefort:

«Appareceu á portinhola da carruagem a cabeça do rei, que eu nesse dia vi pela primeira e pela ultima vez. Depois, fez varios elogios ao prefeito da escola pela nossa bella apparencia, que, diga-se de passagem, nada tinha de notavel. Annunciou-lhe em seguida que, como recordação d'este agradável encontro, concedia a todos os alumnos da escola um dia de feriado.

«Nas amabilidades que nos dirigiu adivinhava-se, apesar de tudo, um pensamento reservado, via-se que ao mesmo tempo não se sentia muito socegado e sentia a necessidade de fazer-se popular entre os estudantes, lembrando-se de que a revolução de 1830 começou pelo grito de: «Vivam as escolas!»

«Muitos dos meus camaradas, agradeceram o feriado, gritando: — Viva o rei!

Ao que outros replicaram gritando:

— Viva a reforma!

«E mal a carruagem havia desaparecido, desataram á pancadaria os dois grupos; pancadaria que era o prenuncio da que d'ahi a poucos dias tinha de travar-se nas ruas.

«O feriado que Luiz Philippe acabava de nos conceder, tanto mais liberalmente, é certo, quanto nada lhe custava, foi elle que d'ahi a poucos dias começou a gosa-lo até á morte.»

Effectivamente isto passava-se em fevereiro de 1848 e não tardou que Luiz Philippe, expulso do throno, fosse gosar os seus feriados para fóra da França.

Mas não era só isto que eu queria dizer. Vae portanto o resto. São as minhas considerações offerecidas a essa gentil mocidade monarchica de Coimbra.

Vêem os meus lindos amores, em primeiro logar, que os reis sempre se servem do feriadinho para lograr a rapaziada. Usando pois o nosso amigo D. Carlos d'essa espertesa, já bem antiga, são os meus meninos mais antigos ainda na bacoquice. Mas não fica por aqui o que lhes quero dizer. Aquelles que gritavam — Viva o rei, d'ahi a dias, quando o rei cahiu, fizeram côro com os outros, gritando: Viva a Republica.

É o que succederá, comnosco, em Portugal.

Não recieemos pois que uma phalange moça desça á rua a quebrar lanças pela monarchia. Todos esses mancebos têm, dentro de si, um pequenino «Sebastião». Aquelle Sebastião que toda a gente conhece em Lisboa, de passear na Avenida ás mesmas horas que o rei e que, ao proclamar-se a Republica no Brasil, telegraphou a Deodoro: — «Eu e minha mulher adherimos.»

Ainda me lembro do 31 de Ja-

neiro. Enquanto estava desconhecido o resultado da revolta, quantos monarchicos me abraçavam!

Os lindos sebastiõesinhos.

×

Como succedeu fallar-se em Luiz Philippe e como tenha hontem passado o anniversario da revolução de 1848, que de vez atirou para fóra do throno os Orléans, não deixa de vir a proposito uma anedocta que não só caracteriza a raça d'aquelles cavalheiros, mas explica bem claramente a fórmula especuladora, que preside a certos actos de gente muito nossa conhecida.

Conta-se que um inglês foi a Paris com o fim de ver se era certo o que se contava de varias exhibições de Luiz Filippe. Dirigiu-se a um garoto e perguntou-lhe se era facil que o rei apparecesse á janella do palacio. O garoto comprometteu-se a realisar o desejo do inglês, mediante cincoenta centimos. Chegados debaixo das janellas do *Palais Royal*, eis que o garoto começa a berrar — Viva o rei. Juntam-se alguns vadios collaborando no vivorio e, pouco depois, Luiz Philippe apparecia á janella, agradecendo. O inglês, porém, quiz mais e disse ao garoto que o rei, segundo lhe affirmavam, quando vinha á janella, fazia acompanhar-se pela familia e empunhava a bandeira tricolor. O garoto corroborou isso e pediu-lhe um franco para a funcção.

Começou cantando um *couplet* da canção popular *La Parisienne*, onde se falla da bandeira tricolor, empunhada pelo Orléans.

Immediatamente, Luiz Philippe, vendo que a população acompanhava a cantoria do garoto, foi buscar a bandeira e, rodeado pela familia, exhibiu-se ao publico. O inglês, attonito, ia a retirar-se quando o garoto lhe prometteu que, por dois francos, obrigaría o rei a cantar a *Marsehesa*. E assim foi. Rompeu com o *Allons enfants de la Patrie*, o grande ajuntamento de povo que já estava em frente do palacio, fez côro e logo Luiz Philippe fez ouvir a sua voz, cantando o hymno de Rouget de Lisle.

Retirou-se o inglês, a quem o garoto ainda se lembrou de afirmar que o rei dançaria se fosse necessario. O homemsinho, porém, estava satisfeito.

Esta anedocta mostra bem os trucs de que o avarento e velhaco monarcha usava para adular o povo. Vê-se que deixou herdeiros.

Vestissem-lhe umas saias, pousessem-lhe umas azas de anjo e ahí o teriam santinho de todo. Não sei se me percebem.

O homem deixou herdeiros.

E para maior esclarecimento nas comparações não deixa de ser curioso fazer notar que este cavalheiro, cantando a *Marsehesa*, apontava ao mesmo tempo, a lapis, as passagens dos jornaes que deviam cahir sob a acção da lei. Completo, não é verdade?

E, ao que se vê, não se lhe acabou a raça.

×

Há cá por Lisboa, agora, um jornal de caricaturas, intitulado o *Berro*. Não sei se têm visto. Pois devem-no ver. Apparece de sabba-do em diante collaborado com a prosa de João Chagas e definitivamente republicano. O jornal com as caricaturas do rei tem dado escandalo. O rapaz que faz os desenhos é o Celso Herminio. Tem muito talento e deve lançar-se com exito. Um jornal politico, de caricaturas,

AVISO

Previnem-se o commercio e industria de Coimbra, de que em casa do secretario da direcção d'Associação Commercial, rua de Ferreira Borges, 146, se acham em reclamação, fim de que os interessados os possam examinar, os requerimentos feitos ao governo por intermedio da Repartição d'Industria, pedindo patentes d'invenção e fabrico exclusivo de diversas industrias.
Coimbra, 21 de fevereiro de 1896.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

Escolas e principios de criminologia moderna

PELO

DR. AFFONSO COSTA

1 vol. em 8.º de 341 paginas

PREÇO — 800 RÉIS

A venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

DO MESMO AUCTOR:

Os peritos no processo criminal

700 réis

A Igreja e a questão social

1\$000 réis

NOTICIA HISTORICA

VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas

Preço 400 réis

A venda no estabelecimento dos srs. Machado & Ferreira, rua do Visconde da Luz, n.º 40.

De pés para a cova

Mas escapámos.
De dias de sorte, dias propícios, que de tão perto se estar da morte cuida a gente que nasceu de novo.
E nós nascemos, outra vez, na segunda feira, que o caso não foi para menos.

Os senhores sabem... Se os jornaes já o disseram, solícitos, compungidos, como se elles se importassem que tivéssemos morrido, os jornaes!...

Mas escapámos...
Os corpos, doridos, amachucados, o chapéu do Quim num bolo, a minha rica batina, a minha capa, as minhas calças em estilhas, mas sem uma beliscadura, sem uma arranhadela, como se tivéssemos pedido a um amigo de confiança que ajudasse a viver o alfaiate mais o chapelheiro.

E fomos todos tão contentes, estrada fóra, a palestrar em coisas alegres, bocados risinhos da vida, illusões cariciosas d'amor, pedaços scenographicos da paisagem, salgueiros velhos, podados e contorcidos na insua humida, florida, com a relva tenra já salpicada de primavera...
Fomos tão contentes...
Se eram brancos os cavallos e levávamos Camões—toda a alma d'um povo no corpo d'um alquilador, como vêem—se levávamos Camões na boleia...
Coitado, esse sim que soffreu. Como se não lhe bastara ser Camões e não ter escripto os *Lusiadas*, como se fóra pouco o guiar trens com um homonymo, um ascendente talvez, a guiar através dos tempos um povo de poltrões a um hospício de heroes... sem trabalho, como se lhe não bastara isso, lá está, coitado, barriga para o ar no hospital com uma perna partida e o carro num feixe...
Nós escapámos...
Sim senhor!... Parece impossível, mas escapámos.

Se o Quim é tão bom rapaz!... Se o Manuel é tão sensato!... Se nós todos somos tão boas pessoas!... Era o que faltava não termos escapado!...
E afinal de contas não admira...
A gente não podia ter morrido às patas de cavallos!...
Se temos apanhado tanto coice...

F. V.

Confraria da Rainha Santa Isabel

Continuação da relação dos subscritores do erudito trabalho do sr. dr. Antonio de Vasconcellos—*Evolução do culto de D. Isabel de Aragão (A Rainha Santa)*.

Ex^{mos} srs.: D. Gaudencio, Bispo de Portalegre, dr. Julio de Sunde Saccadura Botte, dr. Daniel de Mattos, dr. José Epiphanyo Marques, dr. Manuel Dias da Silva, dr. Antonio Lopes Guimarães Pedroza, dr. Carlos Eduardo Sande Saccadura Botte, de Lisboa, dr. José Maximo Lopes da Silva Rebelo, de Lisboa, dr. Antonio Alves Pereira, dr. José Joaquim da Resurreição, dr.

da declaração de Emmanuel. Mas nem por isso o choque tinha sido menor, e havia de sentir o dentro em pouco. Parece um ferido soberbo e ativo que se enraivece contra o golpe que o feriu e se mantém como que inteirado deante do adversario mas que cae redondo no chão, como uma perdiz alcançada pelo chumbo do caçador, apenas se vê só. Foi assim que, mal M. d'Argouges se tinha afastado, o coronel se deixou cair estupidamente sobre o banco onde estava assentado antes da conversa a que acabamos de assistir.

E então, começou por se accusar a si proprio. Era um rival e um rival de vinte e tres annos que elle tinha deixado tempos antes ao pé de Herminia, quando teve de abandonar Villy. Como é que, com toda a sua experiencia e depois das primeiras suspeitas que tinha tido, elle não desconfiou do que se passava? Bem sabia elle que Emmanuel não era um apaixonado pela prima e portanto devia ter reparado que tinha tudo a temer do contacto quotidiano de este joven com M^{lle} de Croizy. Era a novidade para M. d'Argouges e naquella idade já isso é muito, quando não accrescesse a belleza para completar a obra. Elle mesmo, o proprio M. de Lambrune, com os seus quarenta e oito annos e o que elle chamava a sua razão,

Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, dr. Agostinho Rodrigues d'Andrade, commendador Cesar Augusto Gomes Ribeiro, Adelino Augusto Pereira de Carvalho, José Raymundo Alves Sobral, Francisco Joaquim Sequeira, Domingos Simões da Silva, José Miranda, Joaquim Albino Gabriel e Mello, Abílio Marques dos Santos.

Realisa-se no proximo mês de março o julgamento do sr. José d'Alpoim no processo que lhe moveu o sr. conde de Burnay por causa d'umas correspondencias publicadas num jornal do Porto.

Adoeceu com uma pleurisia, em Tavira, onde tinha ido passar o carnaval, o nosso amigo e correligionario dr. Silvestre Falcão.

Antigos companheiros e amigos do distincto medico e admiradores do seu bello character e talento, desejamos ardentemente as suas melhoras.

Consta que vae ser muito renhida a eleição da mesa da Ordem Terceira d'esta cidade. Influencias da politica. Mais uma desillusão para o sr. Manuel Miranda.

Esteve em Coimbra, o nosso amigo P^o Francisco Saraiva da Rocha, digno prior de S. Romão, concelho de Ceia, e irmão do nosso correligionario e amigo Saraiva da Rocha, distincto quartanista de medicina.

A direcção da Associação dos Artistas d'esta cidade exarou na acta da sessão de terça feira ultima um voto de sentimento pela pavorosa catastrophe que se deu em Santarem.

Vae inaugurar-se nesta cidade, sob a denominação de Atheneu Popular, uma agremiação, cujos fins são os seguintes:

Promover a instrucção dos seus associados pelos seguintes meios:
a) organisando uma bibliotheca e um gabinete de leitura;
b) creando aulas que mais aproveitem aos associados;
c) fundando um boletim sobre sciencias, letras e artes, e no qual sejam publicadas as principaes deliberações do Atheneu.

Os estatutos, que já entraram em discussão, foram elaborados pelos srs. Diamantino Diniz Ferreira, Antonio Motta e José Monteiro.

F. FERNANDES COSTA
ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

teria porventura hesitado entre Alice e Herminia, admittindo, por hypothese, que M^{lle} de Villy estava livre de qualquer compromisso? Na verdade, pensava elle, era necessario ser muito bruto!

Depois, dando largas ás ideias, perguntára a si mesmo o que é que se teria passado desde a sua partida. M. d'Argouges teria feito amor mudo ou M^{lle} de Croizy estaria instruida acerca dos seus sentimentos?

Por mais reservados que sejam os amourosos, declaram-se sempre ainda que não seja senão por uma palavra ou por um olhar, Herminia, com a sua finura teria certamente avaliado o alcance d'esse olhar e as consequencias d'essa palavra. Devia não ignorar coisa alguma, essa pensionista cujo silencio forçado na casa de M^{lle} de Fayolles mais lhe teria aguçado a faculdade da observação; mas ter-se-ia ella tornado cúmplice de Emmanuel?

Grande ponto de interrogação era este para M. de Lambrune. Que tal caso, teria sido objecto de ludibrio da parte de M^{lle} de Croizy como se fosse um leviano de vinte annos; ella tinha um motivo inconfessado para lhe recusar a mão.

—Imbecill! imbecill! repetia o coronel batendo com estrepito nos joelhos. E todavia não tinha ainda a certeza absoluta d'esta cumplicidade de Her-

minia e graças á robusta fatuidade que distingue ridiculamente todos os homens quando uma mulher lhes toca o coração, não queria render-se á força das deducções. Mas prometteu-se descobrir a verdade.

Que noite tão singular, a d'aquelle dia!
—Meu caro Roland, fazia observar M. de Villy, diria que estás hoje muito triste, tanto como um bonnet de algodão, sem com isto pretender columbiar os teus bonnets da Normandia.

Saída de um homem amavel que nunca tinha tido na sua vida senão uma tristeza, a perda de sua mulher e cuja physionomia uniforme e immutavel revelava a do seu humor. Tinha um character correcto e doce como a physionomia e era o primeiro a folgar com o prazer dos outros.

—Eh! meu amigo, respondeu M. de Lambrune, tu chebes o dictado; «Quem andou...»

—Não conclusas ou levantamos nos em massa para protestar.

—Tu tens talvez só por ti a indulgencia de todos

—Fii! com certeza que não dizels o que pensaes! exclamou Alice.

—Eu, Roland, accrescentou M^{me} de Villy com um bom sorriso de mulher velha, acho que simples coquetismo da vossa parte.

(Continúa)

estava-se tornando necessario. Desde que passaram os bellos tempos do Antonio Maria, essa gente da politica só apparece em retratos do *Diario Illustrado*.

Vamos a vêr agora. Isto precisa tambem de troça. É dissolvente, e concorre para mais desacreditar as instituições que vivem um pouco da condescendencia, chamemos-lhe assim, dos adversarios.

Andam os hespanhoes a berrar com a morte de Maceo, mas até agora nada está oficialmente confirmado. Tanta morte! Parece que os telegrammas de Cuba são feitos pelo Raphael d'Andrade.

A questão das recompensas aos expedicionarios continua accesa no *Solar dos Barrigas*.

Tenho-me divertido a gosar o caso e a pensar qual será a opinião dos ingenuos.

Ainda não perceberam nada os innocentinhos?

Mais claro: ainda não se querem convencer de que, obtida em S. Carlos a especulação tramada pela côrte, os altos poderes não querem mais nada?

O sr. Cincinnato da Costa levantou no *Solar dos Barrigas* a questão da India. Como seu pae, por motivo das perseguições que lhe foram movidas, morresse em Dio, para onde foi desterrado, o sr. Costa protestou e justamente contra a violencia feita a um velho de 75 annos.

Os jornaes devem já ter-lhes dicto a vergonhosa figura que fez o lord Hintze a proposito do incidente.

O sr. Cincinnato da Costa vae renunciar o seu lugar no *Solar*.

Seja-me permitido declarar que, se applaudo a indignação de um filho que protesta contra o assassinato de seu pae, não tenho palavras de louvor para a sua renuncia ao lugar de falso deputado.

Isto porque o sr. Costa, accetando a sua nomeação para o *Solar*, foi um comediante como os demais *Barrigas*.

Neste ponto pois tantas censuras para o comediante, em ter ido ao *Solar*, quanta benevolencia para as suas palavras de agora.

O governo é tão mau hoje como

antes de o sr. Costa ser falso deputado. E assim estamos na politica portugueza—é necessario que individualmente um cidadão seja ferido para que então proteste em nome dos interesses geraes do país.

Já devem ter lido o artigo de hontem do *Seculo*. Foi fallado. Era de opposição ao governo.

Seria. Mas sobretudo creio que aquelle artigo terá por certo mais ligação com o interesse do jornal que com os interesses da nação.

Vejamos se elle torna a fallar, tão cedo, mal do governo. Ou talvez não seja nada do que eu digo. Quem sabe se o sr. Magalhães Lima pensou em que não seria mau o seu jornal parecer, ao menos, republicano de quando em vez.

Não sei, nem quero saber. Já estou arrependido até de ter fallado em tão futil incidente.

Sentiu-se hontem á noite um grande estampido no Bairro Alto. Averiguado o caso veio a saber-se que, ao Sergio, a ameaça de ter uma idéa lhe fez estalar o craneo com desusado ruido. Subiu hoje o preço dos desinfectantes nas drogarias.

João da Nova.

Actos de licenciatura

A faculdade de Direito resolveu, em congregação de terça feira ultima, fixar os dias 18 e 25 d'abril e 2 de maio proximos para os actos de licenciatura dos distinctos sextannistas da mesma faculdade os srs. Francisco Joaquim Fernandes, José Fernandes Marnoco e Sousa e Alvaro da Costa Machado Villela.

Communicam-nos que no pelouro da limpeza, com repartição installada em casa do sr. Manoel Miranda, se estão commettendo irregularidades.

Pedimos ao sr. presidente da camara que tome as necessarias providencias.

Passos

No proximo sabbado irá a veneravel imagem do Senhor dos Passos da igreja da Graça para a Sé Cathedral. No domingo de tarde tem lugar a procissão, que passará pelas ruas do costume.

O distincto orador sagrado sr. conego Alves Mendes prégara á chegada da procissão, na Graça:

O coronel estava prezo á terra. Foi necessario que M. d'Argouges repetisse a pergunta.

—Digo... Eh! com mil trovões, replicou Roland fazendo um esforço sobre si mesmo, digo que um imbecill... porque devia ter desconfiado d'isso.

—Porquê?
—Porquê? Porque estando eu aqui, ha um mez que podíeis já ter me feito identica confidencia acerca do vosso casamento com Alice e nem uma palavra a tal respeito me tinheis dicto; porque, tendes vós concebido de então para cá esse amor que vos separa agora da vossa prima, não podia ser senão pela unica mulher que se encontrou aqui misturada com a vossa vida, por M^{lle} de Croizy... Ah! acredito o, é uma bomba, e uma bomba para fazer ir tudo pelos ares no Castello! Deixae-me, d'Argouges; penso... no meu velho amigo, em Alice, em vós. Sou neste momento absolutamente incapaz de fallar ou de fazer qualquer coisa; tenho os braços e as pernas quebradas como por balas. Tornar-nos-hemos a vêr amanhã.

XVIII

Apesar da exclamação que lhe tinha escapado, M. de Lambrune não tinha afinal de contas perdido a linha deante

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XVII

O movimento que acompanhou estas palavras, o tom d'esta phrase dicta á queima-roupa, o olhar de Roland cujos olhos cinzentos se tinham tornado lixos, pregaram Emmanuel ao chão. Julgou-se descoberto; não hesitou, lançou-se para a frente.

—Pois bem, é verdade, coronel; devo-vos esta ultima confissão: sim, amo outra!

—Ah! estouroo afinal a bomba exclamou M. de Lambrune. Porque lhe não lançastes o fogo mais cedo?

—Mais cedo? Considero-vos homem honrado e amigo dedicado, coronel; seria uma injuria aos vossos sentimentos não vos confiar o meu ultimo segredo: amo M^{lle} de Croizy

—Hein? Dizels que amaes!...

—M^{lle} Herminia de Croizy.

—Ah! Não passava de um imbecill Roland que tinha levantado os braços a fazer esta exclamação, deixou-os cair com fracasso.

—Que dizels, monsieur de Lambrune? perguntou Emmanuel surpreendido com esta agitação.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

41 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

POMADA DO DR. QUEIROZ

40 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPIEDAD DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiasis hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.^a

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

9 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128—RUA FERREIRA BORGES—130

8 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

PEDIR OS PROSPECTOS

Gratis

UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Assignatura 100 RS. cada n.º

Os leitores da **REVISTA**, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm também

REVISTA THEATRAL
ILLUSTRADA
Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. Nova do Carmo, 76. 2.º—LISBOA

PEÇAS PUBLICADAS
SALTIMBANCO de Antonio Ennes
JUCUNDA de Abel B telho
ALCACER-KEIR de D. João da Amaral
PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça
Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima
Muito proprias as ultimas para amadores

Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

São nos dias 1 E 15 de cada mez

JA PUBLICADO O 1.º VOL.

22 N.ºS SAHIDOS DO 2.º VOL.

COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS

ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

7 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outompo e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para makfortanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Espendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

MARÇANO

6 **P**recisa-se d'um com alguma pratica, para uma mercearia d'esta cidade. Nesta redacção se diz.
Responsavel, França Amado.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

5 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

51, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

1:500\$000 réis

4 **A** Associação de Soccorros Mutuos dos Artistas de Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypotheca.

O secretario da direcção,
Manuel Rodrigues d'Almeida.

Praticante

3 **P**recisa-se d'um com mais de 4 annos de pratica e que dê boas referencias. Dá-se-lhe licença para estudar e algum ordenado.

Informações na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, Rua de Ferreira Borges.—Coimbra.

Cavallos, muares, etc.

2 **A**s sobrecannas, espavardões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMEN-TO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.

Deposito em Coimbra—Rodrigues da Silva & C.^a—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

1 **C**hegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno.....	25700
Semestre.....	13350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	25400
Semestre.....	13200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os sys. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS
Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 108

COIMBRA — Domingo, 1 de março de 1896

2.º ANNO

LUCTEMOS!

1820 foi uma aurora grande, energica, altiva, febricitante de seiva, explosiva e intensa, no meio de um grande obscurantismo social e d'uma infrene devassidão dynastica; e fitando esse turbilhão de vida que agitou o Povo, tantas aspirações convergentes no altar sagrado da Patria, ninguem havia de dizer que, a breve trecho, o céu desnublado, sereno, sem tempestades, a população docil, activa, trabalhadora, tudo enxovalharia uma grande torpêsa de governos, desde a bandeira augusta que cobriu tanto coração altivo, até á lei que, por então, bastou ás aspirações democraticas.

Ninguem o diria, e muito menos esses que, impellidos por um ideal que havia de ser, mais tarde, mentido, cuspid e esfrangalhado, aleivosamente, pela força que dá a municipal ao desvario das cabeças governativas, traçaram ao seu proceder uma norma de honestidade, uma linha intransigente de patriotismo. Que o Povo havia de voltar a extorcer-se nas garras do despotismo, oh! não o sonharam sequer, porque, sonhando-o, seria vergastado e expulso do templo, como os vendilhões, a grande bacchanal monarchica.

Mas como a vida é feita de sonhos, de illusões, esbocetos de realidade e contingencias de calculo, o throno continúa pezando na dignidade d'este país, como um remorso, como um crime. A altivez da nossa raça dorme envolta na mortalha da desdita, e a nação caletaptisada, moribunda, não tem nervos para sentir o corpo retalhado, dilacerado, pelas garras penetrantes dos corvos malditos.

O Povo moirejando de sol a sol, cançado, estropiado, por isso mesmo rotineiro, tem ainda assim um instincto fortemente pronunciado contra as coisas más e putridas que fermentam na administração publica. Retrahe-se, portanto, já por isto, já porque á lei ou á falta de instrução, ou ainda mesmo o atordoamento do sentimento politico pela observação das patifarias governativas, que elle julga sem remedio, o impedem de entrar no grande campo onde deveria ser chamada a cooperar, eficazmente, a sua actividade civica.

Não sabe, portanto, nem mesmo quer saber, se é o *Festas* que está na guerra, se é o Franco que está no reino, nunca ouviu fallar nas trampolinices do Mariano, nem nas patifarias do Navarro. Vota com o *soba* da terra que lhe prometteu lyrar o filho, e maldiz as contribui-

ções peizadas que o deixam esfrangalhado.

Mas não sabe o que ha de fazer, não sabe remediar o mal, desconhece o seu destino. Sessenta annos de monarchia constitucional embruteceram-no, por completo, amalgamaram-lhe o cerebro, quebraram-lhe a dignidade. Chora, portanto, se ha de pegar em armas, e morre, vilipendiado, escarnecido, martyrisado, á fome, pelo frio, pelo trabalho improductivo ou mal recompensado, placidamente, como um santo, sem uma febre de vingança, sem a consciencia do que vale.

E elle pôde tanto...

×

Pela tua educação, ó Povo, pela reabilitação da Patria perante a Historia, eu saúdo a proxima Republica!

Uma Republica sensata, que quebre as cadeias que nos opprimem, que desfralde, ao vento, a bandeira da Liberdade, que lave as nodoas da administração, austera e justiceira, abrindo as penitenciarias para os grandes ladrões e estendendo o manto protector sobre os desgraçados, os esfrangalhados que, presentemente, não tendo um pão, têm de ir curtir a fome no escuro das prisões, enquanto os grandes bandidos que atraioam a Patria e roubam milhões, gozam as commodidades da vida...

Que todos saibamos lutar, e a Republica será um facto!

Recebeu-se em Lisboa um telegramma em que se communicava que a rebellião na India se estendeu de Satary até Canacona e que as nossas forças se recusavam a marchar.

A *Tarde* e *Novidades* limitaram-se a dizer que não era verdadeiro o telegramma. Sobre o que se passa na India, nada diz o governo. Mas tudo se ha de saber.

A irmã Collecta, que foi condemnada pelo poder judicial a prisão correccional, teve em Braga, em cuja cadeia lhe foi permitido pelo governo cumprir a pena, ruidosas manifestações por parte dos jesuitas d'aquella cidade, nas quaes collaboraram as autoridades.

Os policias, a quem deviam ter sido dadas ordens terminantes para que prohibissem as manifestações, que nada mais significavam que uma affronta ao poder judicial e um agravo aos mais rudimentares principios em que assenta a ordem social, davam palmas a passagem d'uma criminozal! E assim temos as proprias autoridades, a quem cumpre manter o prestigio do poder judicial, a contribuir para que elle seja desacatado!

Que não cumpre agora averiguar se a irmã Collecta commetteu ou não o crime de que foi accusada, para condemnar as manifestações dos jesuitas brachareuses. Ha um veredictum dos tribunaes e as autoridades não podem deixar de o fazer respeitar.

Louge, porém, de assim procederem, as autoridades cooperam nas manifestações a favor d'uma criminozal! e prohibem que os liberaes protestem contra ellas!

Evidentemente, isto chegou onde podia chegar.

CONFRONTOS

A proposito da dissolução das côrtes em Hespanha e da attitude de Sagasta, nota uma folha do governo que o partido liberal se não abstem de entrar nas eleições, e pôde esse procedimento em confronto com o seguido entre nós pela colligação liberal. E escusado será dizer que mette a ridiculo a resolução d'esta, e principalmente o chefe do partido progressista.

Sem que tenhamos responsabilidades algumas na colligação liberal e sejamos por isso obrigados a defendê-la, diremos em todo o caso que esse jornal finge ignorar que as condições em que se decretou a dissolução do parlamento hespanhol são completamente diversas das que se deram com a dissolução das côrtes entre nós.

A rainha regente de Hespanha pôde ter praticado, dissolvendo as côrtes, um acto anti-politico, de efeitos perigosos para o país e desastrosos para a monarchia; mas manteve-se dentro da legalidade, usando d'uma faculdade que lhe é conferida pela constituição.

O governo do sr. D. Carlos, decretando a dissolução das côrtes contra o que expressamente dispõe a lei constitucional de 1885, commetteu um inqualificavel attentado.

Como se vê, sendo muito diversa a natureza dos actos praticados pela rainha regente de Hespanha e pelo sr. D. Carlos, não pôde criticar-se a conducta da colligação liberal, invocando para isso o procedimento de Sagasta. Sem duvida que este seria muito diverso, se a rainha regente de Hespanha, para dissolver as côrtes, perjurasse como o sr. D. Carlos e se bandeasse com um governo de favoritos.

Mas queremos crer que tal hypothese nunca se dará em Hespanha, sem que haja um movimento de energica revolta. Em Hespanha ha homens de comprovado valor politico e a opinião publica impõe-se, por vezes, com extraordinario vigor.

Em Portugal, é o que se está vendo. Os partidos liberaes colligam-se para fallarem em comicios, aconselharem o não pagamento dos impostos votados em dictadura e se absterem das eleições. Exgotada nesses actos a sua actividade, desligam-se, porque um dos partidos colligados presa acima de tudo as instituições monarchicas, pelas quaes está disposto a sacrificar-se... para bem das suas conveniencias.

Collocados o rei e o governo fóra da ordem e da legalidade, é dentro d'ellas que esse partido pretende combater. Conhecendo os seus bons sentimentos, o governo segue impavido no caminho das maiores prepotencias e vilanias, e ordena aos seus jornaes assalariados que façam troça dos progressistas. E o partido progressista tudo accêita, com o protesto de tudo destruir quando fór ao poder, a convite do sr. D. Carlos e com o apoio d'elle. Ficam assim salvos os bons sen-

timentos monarchicos do partido progressista, postos de lado em momentos de impensado patriotismo, e tambem serão compensados os grandes sacrificios feitos pelos seus correligionarios, que mantiveram intacta a sua fidelidade durante o longo periodo em que tem estado ausente do poder.

E até dizem que o país tambem lucrará. Mas d'isto diremos mais tarde.

Limitamos por agora as nossas considerações sobre este assumpto ao que ahí fica, terminando por uma inoffensiva pergunta:

Porque soffrerá o partido progressista que em alguns jornaes assalariados pelo governo sejam constantemente mettidos a ridiculo alguns dos seus membros mais em evidencia, quando podiam desaggravar-se d'um modo que nada deixaria a desejar?

TRAMA

Um telegramma de New-York communica que fóra descoberto nesta cidade um trama que tinha por fim destruir, por meio de dynamite, o edificio onde funciona a agencia do thesouro.

Nessa agencia estão depositadas enormes sommas em ouro, e trinta individuos haviam-se concertado para ás 3 horas da manhã do dia 24 de fevereiro findo lançarem bombas explosivas de todos os lados do edificio.

Do lançamento das bombas foram incumbidos seis; os restantes esperariam, occultos nas proximidades do edificio, que as bombas reben-tassem, e, dado o facto, precipitarse-hiam sobre os escombros nos primeiros momentos de confusão, para lançarem mão do ouro.

Felizmente foi descoberto o trama, achando-se presos alguns dos conjurados.

Diz-se que a digna direcção da Associação Commercial d'esta cidade vae representar á Companhia Real dos Caminhos de Ferro e á Companhia da Beira Alta para que entre si accordem no estabelecimento de um comboy *tramway* entre esta cidade e Luso, durante a epocha balnear.

Se assim fór resolvido pelas duas companhias, caberá á Associação Commercial a iniciativa d'um importante melhoramento para esta cidade. Sem duvida que, estabelecido o *tramway*, o movimento entre esta cidade e Luso será muito maior do que até aqui, porque muitas pessoas se aproveitarão d'elle para irem passar o dia no Busaco.

E, pois, de suppôr que as companhias dos caminhos de ferro lucrarão accedendo ao pedido da Associação Commercial. O resultado do *tramway* entre Coimbra e a Figueira da Foz fundamenta esta supposição.

Mendonça Cortez avisa que descobriu a direcção dos baldes e espera provar a sua descoberta quando as suas finanças lh'o permittam.

Mas não avisa o publico d'uma nova emissão de cedulas e deixa-o indeciso sobre a nova tramaio no Banco Lusitano.

Instrução publica Instrução secundaria

XXII

...sonnette les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

A demasiada extensão do programma de historia, a sua extraordinaria e pouco racional proporção com a capacidade e desenvolvimento intellectual que é licito suppôr no alumno de tenra idade, a quem o destinam, attendendo, sobretudo, á multiplicidade das materias que não de ser conjuncta e simultaneamente estudadas e ao tempo que o novo plano de estudos lhes destina, torna-o de todo impraticavel, como facilmente se demonstra. Porque—é forçoso reconhecê-lo—ás razões já apontadas accrescem outras que se filiam numa ordem de considerações que poderemos resumir nestas simples palavras: Para hem ensinar a historia, de modo a tornar o seu conhecimento verdadeiramente salutar e proficuo, como, de resto, succede a respeito d'outras disciplinas, é indispensavel conhecê-la e comprehender-lhe nitidamente o valor moral e educativo, sob os diferentes aspectos por que pôde e deve ser considerada, a fim de que os resultados não sejam negativos, como frequentemente acontece.

Ora nós, sem querer, nem por sombra, amesquinhar o ensino da historia, diremos, comtudo, e salvas as devidas excepções, que tal ensino não tem de modo nenhum correspondido ao seu elevado objectivo, mercê dos processos geralmente empregados—o que evidentemente provém de causas multiplas, uma das quaes, sem duvida, é a deficiencia manifesta, absolutamente incontestavel, dos nossos conhecimentos pedagogicos. A sciencia da educação começa apenas a ser conhecida entre nós, facto devêras lamentavel, e de que se têm derivado consequencias ainda mais lamentaveis. Os factos fallam por nós.

Os proprios livros de texto, em uso nas escolas, mostram bem que não exaggeramos. A maior parte d'elles, senão todos, provam, com toda a evidencia, a ligeirêsa condemnavel com que, por via de regra, se fabricam compendios, para que, aliás, se requer, não só muito saber, mas um criterio especial, que, geralmente, falta por completo aos que, propondo-se ensinar a historia, se dispensam muito modestamente de a conhecer... Os documentos justificativos d'esta asserção abundam infelizmente, sem que seja necessario especifica-los.

Mas, retomando o fio das nossas considerações, convém deixar consignados alguns factos, para se demonstrar com os auctores do programma de historia se desviaram do verdadeiro caminho a seguir, quando se elaboram programmas destinados a creanças de dez a doze annos, e a cuja educação se pretende dar uma orientação conveniente, para assegurar a sua efficacia,

Parece-nos, em primeiro lugar, que não é de bom juízo nem de mestres autorisados embrenhar o espirito do alumno nas muitissimas nebulosidades da historia antiga, na qual ha muito de incomprehenivel para espiritos juvenis, e logo ao iniciar os seus estudos secundarios, sobretudo no estado em que então se encontra, e numa idade em que ainda não pôde penetrar-lhe bem o alcance moral nem os ensinamentos que de certos factos podem e devem deduzir-se. E considerações de ordem diversa nos levam tambem a reprovar os processos a este respeito geralmente empregados.

Sempre se entendeu, por motivos que indicaremos, que a historia nacional deve ser especialmente estudada, até com preterição de qualquer outra, quando porventura, por motivos excepcionaes, haja de se abreviar o periodo do regular curso de estudos secundarios. São obvias, em que pese ao vigor methodologico, as razões que o aconselham.

É pouco menos de vergonhoso, com effeito, que nos mostremos conhecedores de factos historicos que, a bem dizer, nos poderão aproveitar ou interessar mediocrementemente, e a cada momento estejamos a evidenciar a nossa ignorancia a respeito da historia patria, das instituições nacionaes, da forma e processos por que o país se formou e desinvolveu, até chegar a constituir-se definitivamente, adquirindo a consistencia, robustez e virilidade que lhe asseguraram e garantiram a sua independencia. É assim é que nós queriamos que, nas primeiras classes do curso lyceal, se ensinasse de preferencia a historia patria, apenas com as referencias necessarias ou indispensaveis a factos da historia geral que com ella intimamente se relacionem.

Nós não ignoramos nem de modo nenhum queremos occultar o valor e a importancia da historia antiga, especialmente da grega e romana, sobre tudo para nós, como para muitos outros povos, filhos intellectuaes da Grecia e de Roma; não esquecemos nem pretendemos diminuir a importancia do seu estudo, nem tambem occultaremos que seria rigorosamente por ella que porventura deveria iniciar-se o ensino historico da juventude. Razões didacticas e methodologicas no-lo aconselhariam talvez. É romana a nossa lingua; de Roma herdamos tambem muitas das nossas instituições; a nossa legislação na legislação romana se filia ou com ella se relaciona mais ou menos intimamente; e numa certa epocha a nossa historia com a historia romana, em parte, se confunde. Tambem da Grecia nos veio o vocabulario scientifico e é certo igualmente que de lá recebemos a inspiração artistica. Não pôde haver, pois, duas opiniões a semelhante respeito.

Mas, se isto é verdadeiro, absolutamente incontestavel e incontestado; se, por taes motivos, é conveniente que num bom e judicioso systema de educação se não obliterem as tradições gregas e romanas; se é util e necessario que conheçamos bem as suas instituições, as suas leis, os seus costumes, em fim, a sua civilização; não é menos certo nem deixa de ser um facto muito de attender que a um grande numero de individuos não é dado, por motivos especiaes e bem conhecidos, completar a sua educação litteraria e scientifica, e nem sequer o curso de instrução média, so-

breto de futuro, visto que o curso complementar dos lyceos vai ser concentrado num pequenissimo numero d'elles. Estamos, por isso, constituídos na obrigação indeclinavel de não descurar o ensino da historia patria, iniciando-o já convenientemente na instrução primaria e continuando-o na secundaria, logo nas primeiras classes do curso lyceal, a fim de que os individuos que porventura não possam attingir o curso complementar secundario—e essa ha de succeder a muitissimos—não fiquem privados de conhecer a historia do seu país e de adquirir a indispensavel educação civica, aliás tão deploravelmente descurada, senão de todo abandonada, em Portugal.

Ora, segundo os programmas que estão occupando as nossas atenções, o alumno que não for além do curso geral dos lyceos, e que aliás saiu da escola primaria sem nenhum conhecimento da historia nacional, fica menos que extranho á historia do seu país, e consequentemente sem a mais leve noção das suas instituições nem de muitos factos que importam fundamentalmente á sua educação civica—o que, em verdade, mal se comprehende da parte de quem, um pouco indigestamente, digamo-lo de passagem, tanto tem apregoadas as virtudes da reforma, motivada, como se inculca, na urgente necessidade de refazer, educando-o convenientemente, o caracter portuguez. E, porque realmente reconhecemos esta necessidade, isto nos basta, para, sem fallar nas incongruencias manifestas, nas multiplices incorreções e nas diferentes máculas de que saíram inquinados, podermos e devermos condemnar abertamente e sem contempções, os programmas que estamos analysando.

Raphael, o guitarrista, fica na ladia. Não vingaram d'esta feita as intrigas do outro...
Do bohemio hilario, já se vê.

Cuba

De Madrid communicam que fóra ali recebido um telegramma de New-York annunciando que, ao lêr-se no senado de Washington o parecer da comissão favoravel ao reconhecimento como belligerantes dos insurrectos de Cuba e á intervenção eventual dos Estados-Unidos, houvera uma salva de palmas dos senadores.

Crê-se, pois, que o parecer será aprovado e que a camara tambem o approva. [Oppór-lhe-ha Cleveland o veto?

Não é provavel porque, além de a opinião publica nos Estados-Unidos ser em extremo favoravel aos belligerantes, ha o facto de se estar em vespereiras da eleição presidencial.

Parece, portanto, que as cousas se encaminham no sentido d'uma intervenção dos Estados-Unidos no conflicto de Cuba, antes que o general Weiler tenha vencido os insurgentes. Que muito longe está elle de o conseguir.

A rainha de Hespanha concedeu a Canovas a dissolução do parlamento. Ora é de saber que a maior dificuldade em que o governo esperava tropeçar nas eleições era a realização do acto eleitoral em Cuba, para o que se tornava necessario o accordo dos tres partidos politicos da grande Antilha. Consultado sobre este ponto o general Weiler, respondeu com o seguinte telegramma, endereçado a Canovas:

«Podem fazer as eleições, de preferencia a abandonarem o governo. Contem com um decidido apoio».

Noticias de Madrid dizem que taes telegrammas produziram nuns de irritação, noutros a gargalhada. Estes encararam bem a questão. Que cousas ha que só se levam a rir.

Bagatellas

Eu bem sentia, que maldições de leitores bem intencionados me cahiam sobre a cabeça!

Não sahir do mesmo assumpto: —coisas velhas, que guardam a recordação e a physionomia de peripecias épicas, risonhas, ou grutescas do passado; bater e repisar, sem attractivos de forma, no chouto de linguagem correntia, assumptos de sua natureza arredios do interesse moral do maior numero!... Tens razão, leitor!

Felizmente um esforçado companheiro veio em soccorro da boa causa; e pela primeira vez nestas *Bagatellas* se viu brandir com galhardia uma hacha luzente e fustigar com pias de troça a philautia incorrigivel da mediocridade banal, alcançada em competencia de restaurações artisticas!

Assim soubesse eu fazer!
Todavia continuarei a reclamar a meu modo, com tanto ardor de confiança, como um homem que tentasse demolir uma parede, tendo por unica ferramenta um prego!

Na obra collossal da archeologia moderna são sempre aproveitados todos os esforços e pacientes pesquisas, por insignificantes que pareçam, sobre os monumentos notaveis por qualquer titulo. Porque, para o estudo d'um edificio, o trabalho de confronto, de depuração e de critica succede á accumulção informe dos materiaes.

E na vida dos povos os factos d'arte são de tal forma e tão intimamente ligados á historia social, que é por elles que muitas vezes se têm estabelecido as grandes syntheses, de que depende o conhecimento das leis geraes da sua evolução ascensional.

Isto são idéas communs, correntes e dominantes; e seria uma proximidade ridicula, já agora, que alguém se lembrasse de pretender justifica-las.

A predilecção pelas curiosidades historicas encontra-se tão radicada na educação actual, que não ha homem medianamente illustrado, de qualquer profissão,—letras, industria, commercio,—ao qual deixem de despertar um interesse sympathico todos os grandes ou pequenos episodios d'esta terrana peregrinação humana.

Pois, não obstante isso, tão contrarias ás normas estabelecidas correm as coisas entre nós, que os ingenuos cahem de assombro, ao vêr como podem tolerar-se esses insultos de vandalismo, denunciante da grosseria moral e da aspereza mental de homens, aos quaes são confiados cargos importantes da gerencia publica!

Recordam-se os leitores de que ao serem começadas as obras do paço episcopal encontraram-se amplas galerias subterraneas ramificando-se em labyrintho, que sem mais exame foram rôtas e entulhadas, sabendo-se, de mais a mais, que o primitivo edificio datava do periodo romanico!?

É a altivez da incapacidade dirigente, por parte das obras publicas, despresou os protestos e seguiu ávante, toda ancha de si, na absoluta e odiosa inconsciencia do mal praticado!

Na Sé Velha descobrem-se vestigios de edificação anterior. A tradição falla vagamente de mesquita convertida em templo christão: não seria porventura essa a occa-

sião propicia para a liquidação d'esse facto contestado?

Era decerto! Mas a mesma mediocridade prepotente e irascivel, sepultou de novo sob a espessa crusta dos alicerces a occasião unica de lançar um jacto de luz sobre essa obscura e interessante questão!

Na igreja de Santa Cruz apparecem vestigios de arcadas, cuja razão de existencia pôde estar ligada ao antigo templo affonsino.

O influxo das escolas orientaes, e particularmente da Syria, sobre o desenvolvimento das artes no occidente, depois da queda da dominação romana, é uma pagina nova de estudos recentes e precisos, d'um extraordinario alcance.

Ora nas tradições da fundação do mosteiro alguma cousa se encontra que autorisa a suspeita de que a primitiva igreja de Santa Cruz se affastou da corrente architectural latina, impulsão da de Chuny, para obedecer á directa influencia byzantina,—affirma-se até que fóra executada pelos proprios desenhos de architectos gregos!

Que ensejo unico para colher informes valiosos, em investigações de pouco ou nenhum dispendio! O simples descasque de algumas paredes e sondagens ligeiras!!

Lá está porém resabiada e teimosa a mesma entidade sinistra,—o futil engenheiro director, prompto a entaipar de novo, e para sempre insolúveis, os vestigios apenas revelados!!!

E' execravel!...
Num país onde taes factos não só são possiveis mas constituem occorrencias de normalidade, sem que appareça um policia, por mais que a gente apite, por força está exigindo a tal chuva de pólvora e alguns raios á mistura!

Mas, enquanto a Providencia não manifesta a sua justiça, a penna do meu companheiro T. C., de bico aberto, que vá justiceiramente golpeando os lombos dos perversos!

4

José Falcão

No proximo numero publicaremos as clausulas do concurso para a reimpressão da *Cartilha* de José Falcão.

A comissão academica pede ás redacções dos jornaes que ainda não enviaram as quantias que têm em seu poder, o obsequio de as remetterem com urgencia.

Disse a *Tarde* que o sr. Raphael de Andrade pedira a sua exoneração; e a mesma *Tarde* negou que o sr. Raphael d'Andrade tivesse pedido a exoneração. Afinal tudo se explica.

O ministerio queria demittir o sr. Raphael d'Andrade, fazendo-o substituir pelo sr. Ferreira do Amaral. Mas este indiou para esse logar o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto.

É o governo resolveu manter no seu logar o sr. Raphael d'Andrade.

Do *Seculo*, e portanto sem a menor nota de suspeito:

«Ao 2.º tenente da armada sr. Antonio Ladislau Parreira deu-se agora o habito da Torre Espada. Ora tal distincção já elle tinha, por decreto de 5 de julho de 1894, em premio dos seus relevantes serviços na campanha da Guiné.

Tambem, e por decreto de 13 de fevereiro d'este anno, foi dada a medalha de prata de valor militar ao 2.º tenente da armada sr. Julio Valente da Cruz, quando esse official já era condecorado com a medalha de ouro de valor militar, por decreto de 15 de novembro de 1894. E segue... infelizmente».

Carta de Lisboa

Lisboa, 28 de fevereiro de 1896.

Quem governa e manda em tudo isto é o rei.

Ora oçam: O João Franco e o Pimentel Pinto andaram zangados e por varios actos manifestaram a discordia que os enfurecia. No Paço o rei obrigou-os a fazerem as pazes e a abraçarem-se!

Isto parece mentira. Mas não é.

Quem nomeia os governadores para o ultramar é o rei.

O Raphael d'Andrade estará pois na India, enquanto o D. Carlos quizer.

Tenham pois a certeza de que o Raphael, enquanto forem só os ministros que pretendam demittir-lo, não sae.

Não ha meio de livrar o D. Alfonso das responsabilidades que tem nos acontecimentos da India. Elle é o commandante da expedição e solidario em absoluto com o Raphael d'Andrade.

Escusam de vir dizer que o infante não concorda com o Raphael. Se assim fosse, o rei demittia este.

Mas para que discutir mesmo o caso? Elles andam junctos em todas as pangedas e mais amigos do que nunca.

Assim o disse o infante no celebre telegramma «Eu e Raphael mais amigos do que nunca».

Ora pois, meus bons amigos, tratemos de glorificar sua altéza.

E que á mocidade palaciana de Coimbra não esqueça a espada de honra.

Merece-a o moderno Alfonso Henriques (da Costa). Que o outro era o Conquistador.

Mas venha a espada.

O rei concede a esta gente nova recomposição.

Diz-se isto com segurança, e eu não duvido.

Faz elle muito bem. Ao menos tem a grande qualidade de confirmar tudo quanto nós dizemos d'elle.

Que os progressistas irão ao poder logo que dêem explicações ao Paço.

Quem duvida que elles irão ao poder e darão todos as explicações ao Paço?

Estou agora a lembrar-me da colligação liberal.

Diz-me d'allí, não sei quem, que o Beirão adhere.

Já cá se sabia.

Noticias de Hespanha informam que os liberaes de lá se parecem muito aos de cá.

Tudo dentro da lei e das instituições.

Aos ingenuos todavia não faz mal esperar que a Republica seja feita pelos monarchicos.

Não devem ter precisado de pensar muito para se convencerem de que eu sou defensor convicto da independencia de Cuba. Sinceramente lhes confesso que as minhas sympathias pelos hespanhoes têm sensivelmente diminuido, a ponto de que as minhas illusões sobre federação iberica vão longe e desvanecidas como um sonho da meninice. Na verdade, quando *nuestros hermanos* assim são ferozes para com os cubanos, o que não queriam ser conosco, desde que nós pretendessemos libertar-nos da federação.

Verdade seja que, dado elles precisarem de 150:000 soldados para vencer agora 30:000 rebeldes, havia de custar-lhes a dominar-nos.

Sempre se havia de arranjar um Maximo Gomez.

Por agora quero contar-lhes que a Hespanha, que tanto grita por *la integridad de su patria*, e berra que *los cubanos son españoles*, já quiz vender Cuba aos francezes.

Foi isto no tempo da rainha Christina, que preparava o negocio com o rei Luiz Philippe, adm de acudir ao deficit do thesouro hespanhol.

Para as poucas vergonhas da metropole vendia-se Cuba. Adiante.

Negociava por parte da Hespanha o sr. Campuzano, e por parte da França o banqueiro Aguado, o príncipe de Tayllerand e Luiz Philippe.

Tinha dois artigos o tratado. O primeiro vendia Cuba por 30 milhões. Approvado sem discussão. O segundo vendia Porto Rico e as Philipinas por dez milhões.

Aqui é que o plano fracassou, pois que Luiz Philippe offereceu sete milhões, dizendo que a venda das Philipinas, poderia causar a guerra entre a França e a Inglaterra.

E assim falhou o negocio. Deus torne Cuba livre, sem demora. Que para pagar as despesas de guerra são capazes de a vender.

Todo por la integridad

×

E eis o que se me offerece dizer-lhes á hora em que o Senhor dos Passos está preparando o seu passeio de S. Roque para a Graça.

Leiam, se tiverem tempo, *El Liberal* de hontem, 27 Tez a nota das despesas com a guerra de Cuba. Uma delicia!

Quem quer ter basofias, paga-as. E não ha de ficar por ali se o quizerem Deus e Maximo Gomez e Maceo, que ainda está vivo para se burlar del general Weyler, a quem desejo o mesmo fracasso de Martinez Campos.

Ao menos fallo com sinceridade. Em que peze a nuestros hermanos.

João da Nova.

Continúa a blague:

Foi hontem a inauguração solemne do club Irmãos-Unidos; a sala, vistosa e ornamentada, traduzia ainda nos seus enfeites os principios apresentados no seu programma que ha tempos profusamente fizeram distribuir os Irmãos-Unidos.

Em frente, num grande quadro, via-se o manifesto e programma do partido, na mesa presidencial um cachimbo enorme.

Cachimbo fumavam todos os socios, e a sessão solemne correu no maior dos entusiasmos, cheia de ápartes espirituosos. Todos os discursos excellentes.

Sergio vae para a redacção do jornal da camara dos deputados.

Noutro tempo descobriu Junqueiro que cocheira para burros era o tribunal de contas.

Agora parece que o Solar o substitue e com vantagem, pois accumula cocheira de burros e albergue de bebados.

... Se para lá foi o Sergio.

Hontem, depois das 9 horas da noite, manifestou-se incendio numa casa da rua Direita.

Compareceu o material de incendios, que não chegou a trabalhar, por já ter sido extinto por alguns particulares. Ficou uma mulher bastante queimada.

Litteratura e Arte

« Neste Valle de Lagrimas »

Do recente livro de Silva Pinto, destacamos ao acaso as paginas fulgurantes que hoje honram esta secção.

Regalo apreciabilissimo para os nossos leitores que poderão admirar a emotividade d'uma prosa sentida e coeante, pedaço luminoso da obra extranha e bizarra do grande estylista, inserimo-la tambem, como garantia da justiça e rectidão com que o nosso collega Fernão Vaz tratará, em um dos proximos numeros, do ultimo volume de Silva Pinto, prestando a justa homenagem ao seu talento empolgante e personalissimo.

A MÃE

(A MÃE DO MARIUS.)

Quando a grave e sombria galeira *Rio Douro* ia passando em frente do paredão da Foz, a pobre mãe deu gritos aterradores. Viera á ultima hora, a correr, da freguezia de Landim; transpozera em quatro horas a distancia de Famalicão ao Porto, descalça, aos tombos pelos atalhos, devorando a estrada, soluçando, meio doida. Queria ver o filho, queria dizer-lhe adeus, porque bem sabia que elle não voltava — e depois que Deus a levasse para si!

Chegava esbaforida á Foz quando o navio ia passando. Mar sereno e doce. A bordo distinguia-se, de terra, nitidamente, os dois grupos de passageiros, á proa e á ré. Agitava-se lenços brancos, lá do mar, e de terra havia gritos enternecidos: Boa viagem! Adeus! A velha Maria Gertrudes gritava: — Meu rico filho, que te não torno a vêr! Havia lagrimas do mulhierio e os homens do mar, agrupados no paredão e acostumados áquellas miserias, tinham um sorriso compassivo.

Eu estava alli de lado a reconstruir aquellas duas vidas: os trabalhos d'aquella mãe, na faina minhoto, quando lhe morrera o marido, o José Augusto, um anno depois de casados. Lavava roupa, ia aos recados, ceifava, andava na monda; no tempo da sardinha ia á Povoa de Varzim e fazia venda em Santo Thyrsó e nas aldeias de S. Miguel de Seide, de Landim e de Ruivães — e sempre com o filhito ás costas, o loirito, o Victorino, que puxava os cabellos da mãe e esbofetava-a com a mão gorducha, berrendo sempre: Tátá! Tátá! Lélé!

didido qualquer coisa, não tinha animado Emmanuel.

Herminia tinha demastadamente conhecido, e fôra a unica das pessoas presentes, a amargura do chalacear do coronel a proposito da consolação que ella lhe offerecera. Tinha tambem visto nisso os sólidos sentimentos que tinha inspirado a M. de Lambrune e que se debatiam ainda contra a sentença que ella pronunciára, a tal respeito, na vespera. Já tinha pensado nisso depois da recepção da carta da velha M^{me} de Fayolles; por mais possuída que estivesse do sonho que partilhava com Emmanuel M^{elle} de Croizy tinha voltado mentalmente á sua conversa com M. de Lambrune, talvez com o que fosse de remorsos.

Entre a inercia de M. d'Argouges e os projectos para breve da velha Aurelia, entre o futuro incerto e o sacrificio meditado, tinha encontrado o caminho da liberdade, a primeira salvação para ellas na independencia de um homem honrado que estava até então ao seu dispôr. Tinha sido ella mesmo que o tinha fechado tal caminho para não mais o abrir; tinha apenas consultado impressões tornadas ardentes bastante para consumir quaesquer outras anteriores, até ao ultimo appello de M^{elle} Aurelia que tinha vindo repentinamente apagar estas labaredas com a agua beuta do convento. Na falta dos braços de Emmanuel, nada mais lhe restava

E á noite, na casita de pedra solta, com tecto de colmo, á beira do rio Pêlo, quando aquecia o cafézito, o que ella lhe dava de beijos ao velhaquete! E elle, muito alegre, com o olho azul na cafeteira, rebolando-se para alli, da enxerga para o meio da casa, dando uivos: Uh! Uh! e vociferando: Lélé! Lélé! Tátá!

Mais tarde, o Victorino, bom rapaz, não lhe deu desgostos — a verdade manda Deus que se diga! E por isso mesmo se acostumara a Maria Gertrudes a considerar eterna a companhia do filho. Se um d'elles morresse, ficaria ao pé do outro: Deus Nosso Senhor havia de consentir. Deus Nosso Senhor não era um tyranno que fizesse duas creaturas tão amigas, dois pobres de Christo que não faziam mal a ninguem, para no fim de contas levar um para si e deixar o outro desamparado neste mundo. Havia de consentir.

E um dia o Victorino, tendo-se deitado alegre, depois de conversar com a mãe, acordou triste e casmurro. A mãe dera logo pela mudança; interrogára-o. — Não tenho nada, minha mãe! Haveria historia de rapariga? Qual! O Victorino, sempre a lutar e a soffrer d'aquella pobreza de dois, nunca tivera tempo para amar.

Andou naquella tristeza o Victorino, cerca de um mez e meio, até que um dia se resolveu, e disse tudo.

Queria ir para o Brazil. Havia de demorar-se pouco, talvez dois annos. Voltaria rico. A mãe estava ainda nova; poderiam ambos ter ainda uma vida socegada, mais feliz do que aquella. A mãe não soffreria privações; todos por alli eram amigos; e elle iria mandando, á maneira que fosse pondo de parte. Pois não achava? Pois não lhe parecia?

E ella, muito branca, com os olhos seccos e os beijos trémulos e o coração quasi parado: — Acho, sim, meu filho! Pois vae, sim, meu filho!

Quando no horizonte a *Rio Douro* desaparecera com o Victorino, a Maria Gertrudes ficára só. Os soluços tinham-se extinguido. Eu estava a alguns passos de distancia. Limpou os olhos ao avental, caminhou na direcção da cidade, retrocedeu hesitante e ficou-se immovel,

do que lançar se nos das religiosas de Santo Agostinho.

A indifferença affectada, a alegria artificial de Herminia não conseguiram enganar M. d'Argouges acerca das preoccupações d'ella. Lia agora nos seus pensamentos á luz variada que lhe illuminava os olhos sem que ella tivesse necessidade de os voltar para elle, o que M. de Lambrune esperava em vão.

O coronel em vão fazia rigorosa sentinella; não deixaria, porque lhe era impossivel, de se distrahir por um segundo durante o soirée. Era o sufficiente.

Com effeito, no momento das despedidas, Emmanuel poudé rapidamente soltar ao ouvido de Herminia estas poucas palavras:

— Amanhã, ás duas horas, na contada.

Na epoca em que o parque de Villy era apenas um pequenino bosque de arvores velhas situadas á esquerda do jardim e se não tinha ainda estendido com as magnificas plantações novas, havia, a meia encosta, um verdadeiro redil com um numero rebanho que d'elle sala todas as manhãs saltitando sob a varita de um rapazito para ir pastar herva nos arredores. Quando se fizeram os embelleamentos do castello, tinha sido transportado o curral para mais longe; mas o antigo redil fôra conservado.

Era uma construcção primitiva, mal

a olhar, pasmada, sem norte, com um soluço retardado... a olhar...

Fui-me á beira d'ella. Não carecem os infelizes de apresentações fidalgas. Para logo nos entendemos. Contou-me a sua pobre vida; era aquillo que eu deixei contado.

×

Uma noite, d'ahi a um anno, estava eu hospedado em Santo Thyrsó quando fui prevenido de que uma mulhersita de Landim me procurava. Fui-me ao encontro da mulher. Vinha da Maria Gertrudes, que estava mal, com uma afflicção: explicava — e que me queria vêr.

Passei o Ave, na ponte de Santo Thyrsó, e meia hora depois subia a rampa que do lado do rio Pêlo conduz á aldeia de Landim.

Estava mal a Maria Gertrudes. Havia dois paquetes que não recebia noticias do Victorino. Se eu sabia alguma coisa? Eu não sabia nada. Tranquillisava-a, com grande numero de mentiras, quando o vizinho brasileiro, o João Antunes, entrou precipitadamente e disse:

— Não chore, tia Gertrudes! O Victorino morreu, mas Deus é pael!

Tenho no hombro direito o pezo da cabeça morta da infeliz e nos ouvidos o som guttural do seu protesto extremo, no momento em que estou escrevendo, quatro annos volvidos sobre aquella hora, e perguntado a Deus se ha nas sombras da sua noite mysteriosa um porto de abrigo, onde os desgraçados que morrem possam conversar em horas na paz com os desgraçados que ficam!

O filho de Maria Gertrudes está vivo. Regressou do Brazil, ha um anno, arruinado de saude, tendo soffrido horrores; mas veio rico. Não deixará de escrever á mãe, nem d'ella se esquecerá: um qualquer acaço motivára a falta das suas cartas e a noticia da sua morte.

Vive só, nos arredores de Landim, com uma velha companheira e amiga de sua mãe. É de natural doce e triste; e como eu admirasse um dia, menos discretamente, a sua resignação, disse-me:

— Não imagina como se vive bem com os mortos, quando se vive mal com os vivos!

O conflicto que em França se levantou entre o gabinete Bourgeois, apoiado pela camara dos deputados, e o senado,

feita e desajeitada, coberta de colmo completamente cheio de musgos e tinha o quer que fosse de pittoresco, suspenso naquelle logar, especialmente quando visto da linha do caminho de ferro de Evreux. Fôra mesmo pelo aspecto peculiar que apresentava e que tanto destoava da eloquencia do parque que M. de Villy o tinha mandado conservar. O redil estava completamente abandonado de gado e pastores; um banco de madeira com costas apodrecia dentro sem utilidade alguma, com os pés enterrados no montão de folhas seccas que o vento do outomno introduzia pelas janellas estreitas, sempre abertas.

Era ahi que M. d'Argouges que se tinha ausentado do castello logo pela manhã se encontrava agora, com a espingarda em bandoleira; de traz de elle, o cão, de cabeça baixa.

Este caçador já não queria caçar mais e o animal que o acompanhava voltava envergonhado pelos bandos de perdizes que a cada passo se levantavam impunemente por cima do seu focinho.

Emmanuel tinha collocado a espingarda e a bolsa a um canto e passelava impaciente, fazendo crepitar as folhas debaixo dos pés. De minuto a minuto puxava pelo relógio; já tinham dado as duas horas e M^{elle} de Croizy não apparecia.

Estaria ella retida por Alice ou re-

deu causa ás mais brilhantes manifestações a favor da politica do governo. Em Paris têm-se celebrado meetings concorridissimos em que se pronunciaram os mais vibrantes discursos a favor da revisão constitucional, sendo todos os oradores calorosamente applaudidos. Em Chalons-sur-Marne entre outras manifestações com que foram recebidos o presidente do conselho de ministros e o ministro do commercio, Mesureur, foi-lhes offerecido um jantar de 550 talheres em que se pronunciaram muitos discursos.

Entre os oradores tornou-se notavel Bourgeois que num discurso roidosa e mente applaudido affirmou as suas idéas socialistas, expondo a largos traços a politica seguida pelo gabinete. D'esse discurso notavel transcrevemos os seguintes periodos:

«O governo pensa no nobre trabalhador que passa o dia agarrado á sua charrua, pensa nos soffrimentos d'aquelles que durate longos dias e expostos ao sol soffrem a vida curvados sobre a terra, preoccupa-se com a sorte dos operarios das cidades e com os seus pesados soffrimentos...

Diz-se que os projectos do governo sobre as questões sociaes ferem a liberdade individual. Ora isso seria affrontar os principios da revolução de 1879, de que nós somos os filhos legitimos e em nome da qual temos o direito de falar.

A formula da revolução franceza, que começa pelas palavras *Liberdade e Igualdade*, não é uma formula fria e dura. Completa-se por uma terceira palavra, de que é preciso fazer uma realidade incontestavel: *Fraternidade*. (Calorosos applausos).

Nós não queremos ferir a liberdade humana. Mas essa liberdade não pôde existir, enquanto não forem destruidas todas as servidões.

O governo não deseja a lucta entre os homens. Ha, porém, a lucta entre os homens e a natureza, e por isso é precisa a associação de todas as liberdades para se assegurar o pleno desenvolvimento da liberdade humana. Não se trata de diminuir a liberdade individual. Trata-se de a fortificar, para a tornar mais efficaz.

E por isto que nós queremos agrupar todas as forças individuais, para que possam ser quebrados os obstaculos que se oppõem ao progresso, assegurando-se assim o pleno desenvolvimento da liberdade humana.

Este é o programma do governo.

Suppondo que em uma pequena casa perdida no campo, em pleno inverno, no meio da neve, existe um bom fogo, no qual só alguns podem aquecer as mãos. Seria este estado de coisas satisfatorio para a vossa consciencia? Decerto que não. Pois bem, nós queremos que essa pequena casa se transforme em um vasto palacio, onde todos possam entrar livremente e onde a chamma reparadora seja sufficientemente alta, não só para que cada um sinta penetrar em si o calor physico, mas tambem o calor do coração, que lhe fará encontrar na justiça social uma realidade e que, sendo esta pratica satisfeita, fará desaparecer todo o sentimento de odio dos homens contra os homens».

Bello, na fórma e no fundo.

Ao passo, porém, que o governo recebe tantas e tão brilhantes demonstrações, a camara dos deputados elege uma commissão do orçamento que é na sua grande maioria contraria ao projecto do governo relativamente ao imposto progressivo.

É, pois, de prever que o governo não possa realizar essa parte do seu programma, tendo de demittir-se perante uma votação contraria da camara.

cusar-se-lia a este rendez-vous? Porque ella não tinha respondido pelo mais leve movimento de cabeça sequer quando elle lh'o tinha proposto.

A primeira supposição socegara Emmanuel; a segunda exasperava-o moralmente Não vivia senão no pensamento e physicamente, nas ondulações do corpo. Longe d'ella era como que a móla do automatico; mas logo que a tornava a vêr tinha os estremecimentos do resuscitado. O som da sua voz fazia-o vibrar e o coração batia-lhe violentamente apenas sentia o simples ruido dos seus passos.

Esses passos de amazona, bem os conhecia elle; e quando os sentiu, correu precipitadamente para o limiar do redil. Herminia vinha apressada; apesar da frescura d'esse dia de setembro, tinha vindo tal como costumava andar no interior do castello, com nu saindo eloquentemente da estreita abertura do corpete e sem o menor signal de rendas nos cabellos. Por isso não estava senão mais seductora e o homem para o qual esta joven fugida corria assim tinha o direito de ser duas vezes feliz.

— Ah! disse M. d'Argouges tomando-lhe a mão, que susto me mettestes!

— Sim? O que seria então, replicou M^{elle} de Croizy, se eu fosse meos audaciosa?

(Continúa)

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XVIII

— Madame, disse então Herminia, não me seria peimitido formular tal opinião.

— Ah! srno, o coro el, se M^{elle} de Croizy é sufficientemente boa para, até ella, me consolar, então é porque eu tenho duas vezes razão!

— Cautella, meu caro monsieur de Lambrune, replicou Emmanuel; não calumnieis M^{elle} de Croizy e não calumnieis a vós mesmo.

— Eram estas as primeiras palavras que M. d'Argouges tinha pronunciado seguidas desde o começo do jantar. De resto, o seu silencio não causava nenhum espanto a Roland que estava menos triste, apesar de que parecia a M. de Villy, do que attento ao menor movimento de palpebras de Herminia. Tinha-se instalado de modo a vigiar impiedosamente o menor signal que podesse sahir uma secreta correspondencia entre Emmanuel e M^{elle} de Croizy; mas perdia o tempo. Herminia tinha sempre a mesma firmeza de olhar e de parle e mais uma vez se convenceu de que, se esta tinha surprehen-

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

¹² CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

AGUAS MEDICINAES

DA
FONTE NOVA
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diatiese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarías—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogeria Peninsular, Rua de S. Julian, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogeria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.^a

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

¹¹ Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

¹⁰ NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

QUINTA

⁹ Vende-se uma proximo d'esta cidade. Da bom rendimento, tem terra de sementeira, pinhal, arvôres de fructo, olival, vinha, etc. Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

Videiras americanas

⁸ BASILIO AUGUSTO X D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestriz*, a 6000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3000 réis o milheiro. Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

PEDIR OS PROSPECTOS

Assinatura 100 RS. cada n.º	Gratis	Uma folha de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.
Os leitores da REVISTA , além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem		
COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUTOMES CRITICOS DRAMATICOS	REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc. REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76. 2.º—LISBOA	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel B. Telho ALCACER-KIBIR de D. João da Camara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima <i>Muito proprias as ultimas para amadores</i>
ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR		

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

⁷ A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 20500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 70500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 70000 réis.

Dita para paletots ou *pardessus*, feitos por medida, a principiar em 80000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com omeira, feitos por medida, a principiar em réis 80500.

Dita para *makferians*, *double-capes* ou capas taimas, feitas por medida, a principiar em 70000 réis.

Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e chevrites inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 10800 80000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Chevrites nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 40500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35000 a 45000 !!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Gautella com as contrafacções baratas que saem caras!

MARÇANO

⁶ Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma mercearia d'esta cidade. Nesta redacção se diz.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista

Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

⁵ Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

51, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Cristofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaides, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

1:500\$000 réis

⁴ Associação de Soccorros Mutuos dos Artistas d'Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypotheca.

O secretario da direcção,
Manuel Rodrigues d'Almeida.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

³ Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

Cavallos, muares, etc.

² As sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel a untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintaus, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogeria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont Agraço, d'onde se remette pelo correio, por 10000 réis.

Deposito em Coimbra

—Rodrigues da Silva & C.^a—

Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

¹ Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 20700

Semestre..... 10350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 20400

Semestre..... 10200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 109

COIMBRA — Quinta feira, 5 de março de 1896

2.º ANNO

DOIDOS?

Numa epocha de segredo, num país de gente corrupta, decente e digna, somados os attentados, os desvarios, as infamias em que se vae afundando a velha monarchia portugueza, ninguem se lembraria, por certo, de lhes pôr cõbro com o ponto final sanguinario d'uma revolução justiceira, com o sangue a espadanar de peitos traidores.

Ninguem! Seria honra-los com cauterios que não merecem, seria absolvê-los dos seus crimes dando-lhes uma expiação que tem muito de nobre, de heroico, para pandilhas de tal calibre, para pandilhas de tal jaez.

Não!...

Num país de gente honesta, se por um lado se não consentiria a *étalage* repugnante de felonias e abjecções que, vae para cinco annos, o governo do rei expõe impudicamente ao solo meridional d'este torrãozinho desavergonhado, por outro, tambem, ao chegarem as coisas a este estado, não haveria cerebro por escandecido, por exaltado, que appellasse, a sério, para a logica das ballas, para a therapeutica salutar das barricadas.

Matam-se a tiro cães damnados, e, na crueza selvatica das nossas civilisações, emprega-se ainda o mesmo processo, para bandidos, para tyrannos que a salvação do povo, como lei suprema, manda equiparar aos cachorros pacíficos, inoffensivos, que a hydrophobia tornou em feras.

Afundam-se em ondas de sangue regimens nefastos, oppressores, que soffocam as aspirações d'um povo, que apunhalam todas as glorias de um passado, que amordaçam todas as liberdades de homens livres que, a ferro e fogo, com energia, com valor, hão conquistado essas liberdades.

Mas num país sensato, apesar de tudo, ninguem pensaria em liquidar contas com despoticos dictadores em que um epileptico predomina, pela via dispendiosa e arriscada de uma zaragata revolucionaria.

Era o que faltava!...

Não mereciam tanto. A corrê-los seria á batata e não a tiro, mas, em vez de corrê-los, o expediente que a todos se imporia seria o de interna-los.

Interna-los, sim!...

Não numa penitenciaria, mas num manicómio, num hospital de doidos, entregues aos cuidados d'um alienista consciencioso, com faculdade ampla de os medicar, com douches, com coletes de força e, de quando em vez, com massagens de vergalho brandido pelo pulso rijo d'um patriota.

E deixá-los...

×

Porque, positivamente, mais que malandros, os senhores lá de cima, são idiotas.

D'uma idiotia má, offensiva, desavergonhada, mas em todo o caso idiota,

Mais que perversos tão ridiculos; mais que o odio despertam a gargalhada.

Se cito só dois factos. Podia citar outros, todos os que de corrupção governamental têm desabado sobre as nossas cabeças ócas de subditos fieis de sua majestade fidelissima.

Todos elles trazem nas prégas e refolhos das suas patifarias berradoras, exparso ás mãos cheias o salgaulês da sua chalaça, do humorismo hilariante do ridiculo, do grotesco.

Todos. Sem exceptuar um só, sem termos de omitir o mais insignificante decreto, a mais ingenua roubalheira.

Na litteratura popular, na litteratura de cordel, havia d'antes, para darem a nota alegre do riso, da gargalhada insulsa, irreprimevel, dos nossos avós, dois almanachs preciosos: o do *Rei*... *Nata*, e o das *Gargalhadas*.

Já se não publicam. A chronica da monarchia matou as facecias do *Rei*... *Nata*, e o *Diario do Governo* deu um golpe de misericordia na graça chula do almanach das gargalhadas.

Eu cito só dois factos.

Um no parlamento. Já o noticiaram os jornaes e sabe qualquer dia no boletim da camara dos srs. deputados da nação portugueza.

É veridico; é official.

Foi pouco mais ou menos isto:

«Em discussão as recompensas aos heroes d'Africa.

Opposição muito bem ensaiada em gestos de revolta e monologos de guerra aos dispausterios do Pimentel Pinto.

Ergue-se Hintze, livido, esverdeado, com os bigodes pendentes, tristonhos, as lunetas a tremelicarem, de indignadas, encavalladas nas narinas, e exactamente como se não tivesse sido abolido do *Solar*, pelas condições da escriptura, o toureiro de *verdad*.

E, muito sério, hirtto, os dedos espetados, ameaçadores, para as bancadas dos barrigas: É uma questão ministerial. Questão vital para a existencia do gabinete a que presido. Se os srs. não votam uma moção de confiança, trava-se o conflicto constitucional e eu apresento a demissão do governo.

E o governo sahio da sala e os barrigas votaram a moção.»

O outro, melhor ainda, vou buscá-lo ás graças do ministerio do reino.

Colho-o nesta versão patusca das *Novidades*:

«Foi effectivamente nomeado redactor da camara dos deputados, o nosso collega do *Diario Illustrado*, sr. Sergio de Castro.

A nomeação foi excellente. Sempre na brecha como jornalista, o sr. Sergio de Castro tem dado provas, d'uma isenção, d'um desprendimento e d'uma lealdade, que de ha muito o recommendavam á consideração do seu partido. De merecimentos para o cargo, se alguma coisa ha a dizer, é que elles são muito superiores aos que o seu desempe-

nho exige. De caracter é bom como poucos. É uma nomeação, da qual se pôde dizer com verdade, que sobretudo honra quem a faz.»

Notem, este sr. Sergio de Castro é Sergio Vadio, o onagro...

×

E ainda ha quem falle em revoluções para acabar com isto?

Mas, então, para que serve o hospital do Conde de Ferreira, para que serve o hospital de Rilhafolles?

Ab! sim! E' bom não esquecer: Para os dignos, para os honestos, que pretendem regenerar uma sociedade perversida.

São doidos, esses...

Se os outros têm tanto juizol!...

Grande roubo

Por causa do roubo effectuado na recebedoria da receita eventual em Lisboa, que se eleva, pelo apuramento já feito, a mais de 83 contos, foi preso o cambista de Lisboa, Testa, com quem o recebedor realisava varias transacções.

Ao contrario do que informaram varios jornaes, o desfalque começou a dar-se em julho do anno findo.

Informam alguns jornaes de Lisboa que vae ser nomeado par o sr. Emygdio Navarro. O que admira é que já o não tenha sido. O director d'um jornal de *chantage*, o heroie das *Lamas do Tejo*, o ministro que em Paris tanto honrou o nome portuguez, bem o merece.

Que mais não seja, pelo modo como tem defendido os ministros a quem chamou bandidos.

Na India

O auctor da *Semana Politica do Commercio do Porto*, que por diversas vezes aqui temos transcripto, escreveu a ultima sobre as atrocidades que o nosso exercito tem praticado na India, fazendo o confronto entre ellas e as que cá praticaram os francezes invasores. D'esse bello artigo transcrevemos os seguintes periodos:

«Não conhecemos duas logicas, nem duas justicas. Os nossos leitores, vendo passar ante o seu espirito esta evocação fugaz de algumas paginas bem tristes e inolvidaveis da nossa historia, estabeleceram fatalmente o paralelo entre ellas e o que sabemos em vista de documentos officiaes, ter sido praticado ultimamente por tropas portuguezas nas nossas possessões indianas. Passamos agitando os archotes do incendio sobre dezenas de aldeias abandonadas e indefesas, lançando a devastação e o exterminio onde nos cumpria estabelecer a prosperidade, radicar o amor, e restaurar a ordem. Para que nos pôde servir aquella destruição, e de que terriveis consequencias futuras nos pôde vir a ser o exaspero e o desamor d'aquelles povos? Fomos alli, neste periodo adiantado da civilisação, fazer aos nossos e no que era nosso, o que tão condemnavelmente fizeram em tempos de maior rudeza, no que não era seu, estrangeiros que tanto nos maltrataram!

Ainda hoje, apesar do tempo decorrido e do effecto conciliador de tantos factos que se têm passado, é viva e profunda, mórmmente nas populações agrestes das regiões que então mais soffreram, a tradição dos maleficios que as tropas francezas operavam em todos os pontos da sua passagem.

Quanto tempo não durará na India portugueza a recordação profundamente rançorosa das nossas actuaes e inexplicaveis severidades?»

E venham agora os jornaes governamentais publicar novas correspondencias da India em que se declare que os animos estão socegados, accrescentando logo que, tendo sido incendiadas as casas e as cearas, os revoltosos têm que entregar-se ás auctoridades sob pena de morrerem de fome!

Estamos na nossa: acima de tudo são idiotas.

A «Patria»

Do genial auctor da *Patria* recebeu o grupo revolucionario academico a seguinte carta, em que agradece a mensagem que lhe foi dirigida:

Meus bons e queridos amigos

Regressando, encontro a carta que me escreveram ha dias. Agradeço-a, commovido até ao intimo da alma. As pulsações arquejantes d'este coração revoltado e fatigado echoaram em hino luminoso, em marcha heroica de batalha, nos vossos peitos juvenis. Que maior galardão desejaria eu?

Fraternalmente os abraço, espiritualmente os saúdo.

Guerra Junqueiro.

Porto, 24 — 2 — 96.

Um telegramma de Washington refere que o senado approvou uma proposta para que se pegam á Hespanha explicações sobre os ultrajes que se dizem feitos a alguns cidadãos dos Estados-Unidos residentes no país vizinho, e approvou uma proposta para que sejam chamadas as milicias maritimas, a fim de se augmentar a tripulação dos navios de guerra, e para se comprarem transportes para a condução de tropas.

Pelo seu lado a Hespanha, continúa a trabalhar activamente nos preparativos militares e maritimos. Já foram chamados ás armas 25:000 homens e está tudo disposto para um chamamento de mais 100:000.

Os ares cada vez mais se turvam. Teremos raios e coriscos?

A imprensa franceza occupa-se largamente da questão, mostrando uma grande sympathia pela Hespanha. Diz-se que a orientação da imprensa franceza obedece a negociações secretas entre a França e a Hespanha, havendo-se aquella comprometido a auxiliar a Hespanha em qualquer conflicto diplomatico motivado pela intervenção dos Estados Unidos em Cuba.

Não acreditamos que a França se intrometta na questão. Que o caso é muito sério.

Companhia de Credito Predial

No dia 30 do corrente deve reunir em Lisboa a assembleia geral dos srs. accionistas d'esta Companhia, a fim de apreciar o relatorio do governo da Companhia e o parecer do conselho fiscal, votar as contas annuaes, o dividendo e a percentagem do fundo especial de amortisação e proceder ás eleições do presidente, vice-presidente e dois secretarios da assembleia geral, do governador, dois administradores effectivos, dois supplentes, um fiscal effectivo e outro supplente.

É no forte de Monsanto que vão ser alojados os prisioneiros de guerra que vêm no *Africa*, entre os quaes o *Gunghana*. Já se mandaram lá fazer as obras indispensaveis para isso.

Notas d'um azedo

XXI

XXIII.—*Livros*... — I. *Patria*.

—Da lista grande, da massa compacta dos meus credores, eu saco hoje, para saldar contas de gratidão por cavalheirismos estranhos de cortesia, o mais illustre, mais glorioso dos nossos grandes poetas, que, vae para um mês, honrou a minha obscuridade de livre atirador, com a offerta penhorante e gentil da *Patria*.

É sacco da *pêlé-mêlé* dos que estão á bica para tundas e homenagens, o livro extraordinario de Junqueiro, nanja porque precise elle do meu *placet*, das minhas saudações, para etiquetar para a Posteridade, em grande velocidade e com portes pagos, a allissima individualidade do seu auctor, mas porque deveres ha a que não pôde fugirse sem liquidar em patifaria a honra adherita ao seu cumprimento.

D'esses, sem duvida, o dever imprescriptivel de tirar uma pessoa o chapéu, respeitoso, commovido, bem educado, ante um Superior que perpassa, que se affirma, na pujança maior, no integral desarrollo d'um talento composito, intangivel e maximo, malbaratando em prodigalidades luminosas as scintillações exóticas, polychromas, d'uma obra completa, artistica, sem pechas, sem descaembos.

Não quadram lisonjas na notula bibliographica, despretenciosa, corrente, fugidia, terra á terra, com que, cá de baixo, eu saúdo lá para riba o fulguro triumpho do grande poeta.

Experimentada a vista na infamiasinha do proximo — ali o vizinho comprehende — eu calculo bem as distancias, meço as altitudes, para ir, sem mais aquellas, olho cupido na esportula, a babujar para tão alto a baixesa d'uma palavra, d'uma syllaba menos sincera, menos verdadeira, infidelissima e desavergonhada sophismação do choque fundo que meu espirito sentiu ao topar nas paginas da *Patria* com a surpresa d'um Junqueiro novo, diferente e todo outro do Junqueiro que eu conhecia, que eu admirei, nos primeiros entusiasmos das minhas leituras, quando menino e moço, minha alma fremia com o embate retumbante dos sermonarios hugolinos, que, em cambulhadas sonoras, fizeram ha 20 annos a reputação e o escandalo da *Morte de D. João*.

×

Porque o caso é que, só de longe em longe, muito rapido, o velho Junqueiro surde na plasticidade inimitavel dos seus alexandrinicos antigos, e, mesmo então, diminuida a rhetorica grandiloqua de idos tempos, o verso se nobrece humanisando-se, e a Ideia, despidas as purpuras roçagantes do guarda-roupa de Hugo, *costumier* do romantismo, ganha a ductilidade lilial, a santa, immaculada perfeição d'uma Ideia que se préza, que se não pinta, que é grande, que é bella, sem postigos de lojas de modas, sem tics espaventosos de sótra boulevardeira,

Na *Patria* afirma-se o talento personalissimo do grande artista, intellectual e requintado, que nos *Simples* se deixou advinhar, e que, desgarrado, quando novo, pelas selvas luxuriantes, tropicaes, dos paradoxos bizarros do velho colosso da Rhetorica, conquistára, com tarascunadas de alexandrinós, logar insigne no Parnaso restricto dos poetas contemporaneos, onde Anthero, na dalmatica do Genio, pontificava, e Bulhão Pato, em pelle de burro, repontão e escabiado, pascia.

Gloriosos delictos, vibrantes verduras d'uma mocidade de talento, a antiga obra, certo prodigiosa, de Junqueiro, vasada em moldes que ora não empolgam mas que ainda embasacam, ainda assombam, vem de ser suplantada com brilhantismo, vem de ser offuscada, quasi por completo, pela phase nova da sua idiosyncrasia, mais feminina, mais delicada, mais artistica, mais subtil, expurgada de todo dos trucs adrede preparados para *épater* o burguês dinheiroso, e o burguês de sotaina, mas rejuvenescida, vivificada no banho salutar da Terra, da Naturêsa, que, instinctivamente, Junqueiro amara sempre com a cabeça — descriptivos exuberantes da *Morte de D. João*, da *Velhice do Padre Eterno* e até mesmo da *Musa em Férias* — e que, amadas, vividas pelo coração, mais tarde, produziram os *Simples*. — lyrismos bucolicos a que não topo similares, — e guiaram o genio do grande artista na factura empolgante, completa, inexcédível, do maravilhoso poema da nossa decadencia.

Queiram perdoar!... Talvez lhes agradasse mais que eu, saltando por cima das minhas convicções, calcando o manto diaphano da verdade, me pozesse a dizer coisas da satyra, do espirito sarcastico da *Patria* em que os senhores, muito intelligentes e convictos, não querem ver o legitimo *pendant* do outro poema, o classico, o camoneano, o que, cantando os nossos triumphos, cantando os nossos heroes, é, até á data e enquanto não soltarem as heroicidades de que os senhores andam prenhos ha três seculos, o mais sólido argumento do requisitorio patriótico com que aguentamos o direito á vida nacional.

Queiram perdoar... Mas nem mesmo para lhes comprazer, eu me deixaria embalar pela asneira nacional até ao ponto inverosimil de adormecer e de vir somnambulo, inconsciente, restringir ao campo acanhado, pequenino, miseravel, d'um rude ataque politico, o poema em que a Alma d'um povo, encarnada no genio d'um poeta, lavra o seu protesto, esgarra o seu odio aos pandilhas que a prostiuem, aos faccionosos, aos bandoleiros que, sacrilegamente, a vão despenhando ao abysmo lodoso, sem fundo, em que um povo de heroes liquidará numa orgia de pantomineiros.

Mas faltam-lhe os requisitos, os moldes classicos de todo o poema que se preza: invocação ás musas, uniformidade de metro, divisão em cantos, estylo nobre e o diabo que os carregue.

Falta, poderal Mas sóbra-lhe o valor, cresce-lhe a justiça, a verdade, com que a velha alma nacional virilizada pelo genio d'um poeta, todo português, ardente, apaixonado, embuido ainda de rançosos preconceitos patrióticos, arranca, em convulsões titanicas, em irradiações chammejantes, do brazeiro amorte-

cido dos nossos peitos o fogo santo do nosso odio.

Tenham paciencia... Cantados, out'ora, na nossa grandêsa, na nossa heroicidade, na louca temeridade do nosso patriotismo pelo genio guerreiro, aventureiro do Poeta Maximo d'Aquem-Pyrineus, immortalizados na oitava rima, tersa, impeccavel, egregia dos *Lusíadas* — que os senhores conhecem sob palavra d'honra — a fatalidade quiz, que, atravez dos tempos, lá muito para diante, futuro dentro, o reverso sombrio, lugubre, nojento, d'essa medalha luscecente escaldasse tambem, como uma lição, como um exemplo; o pavor panico dos que não de vir...

E o espirito mau, que nos castiga, que na sombra azorraga, justo e implacavel, a poltronaria das gentes lusitanas, encarnou-se em Junqueiro e a *Patria* surgiu, como se não nos bastára o supplicio da epopeia — uma saudade — e fosse mister completar com a satyra — um remorso — as agruras cruciantes da expiação.

Completam-se, conjugam-se, harmonizam-se, embora heterogeneos, embora distanciados, na sua factura, na sua grandêsa, por quasi quatro seculos de depravações, de decadencias de sangue, de intelligencia, de decoro; quatro seculos de vergonhas, de patifarias; quatro seculos de malandrins, de pygmeus.

Completam-se, identificam-se, como gemeas, como irmansinhas do mesmo leite, que um capricho genésico da velha bacchante Eternidade, fizesse antecipar uma á outra apenas d'alguns instantes, do espaço minuscuro, rapidissimo que nos relógios vertiginosos do Infinito nos dão a sensação de quatro seculos.

Irmansinhas do mesmo leite, concebidas sem macula, sem mancha, no ventre sagrado da Santa *Patria* Portuguesa por obra e graça do Espirito luminoso de dois poetas de raça.

Um maior, outro mais tamano, é claro, mas ambos portugueses, ambos filhos d'este sol quente, vibrante, phantasia, que quatro seculos volvidos sobre a germinação dos *Lusíadas*, uma alvorada, ainda fecundou a terra na florescencia da *Patria*, um crepusculo.

... Eu ainda lhes não fallei da *Patria*...

Nem fallo. Ninguem ainda fallou d'ella. Mas todos a comprehenderam. Todos a sagraram já, no relicario sacratissimo dos corações portugueses.

Os companheiros de trabalho, muito agradecidos ao poeta, tinham-me encarregado de lhes fallar do poema...

Elles perdoam, os senhores perdoam tambem...

Eu não lhes fallo...

Pois eu havia de ir correr a ponta pé o Alberto Pimentel, havia de ir puchar as orelhas ao poeta particular do Gungunhana?...

F. V.

Sousa Vianna

Falleceu em Barcellos o nosso illustre correligionario Manuel Francisco de Sousa Vianna, fundador da *Idéia Nova* e um dos seus mais distinctos redactores.

Ao nosso presado collega, damos sentidos pezamos.

Macau

A imprensa estrangeira noticia que a China cedeu á Allemanha a ilha da Lapa, que lhe fica immediatamente opposta, e forma um lado do mar interior. O *Daily Press*, de Hong-Kong, dá a esse respeito as seguintes informações:

«Uma carta particular recebida de Macau, hontem, contém uma passagem para o seguinte effeito:

O governo chinês cedeu a Lapa aos allemães, que estão afanosamente examinando o terreno, traçando estradas, etc.

Ha alli alguns marinheiros, em numero de quarenta ou cincoenta, guardando a localidade.

Diz-se que os allemães tencionam edificar na Lapa uma cidade como Hong-Kong, visto estar proxima a abertura do rio d'Oeste. Estão agora procurando um ancoradouro de modo que os navios possam ir directamente á Lapa em vez de a carga ser transbordada em Hong Kong.

Identica noticia, ao que nos consta, foi recebida por alguns membros da comunidade portugêsa, que a encaram, porém, com incredulidade.

Provavelmente receber-se-hão hoje noticias mais precisas. Deve, porém, notar-se que as informações contidas na carta posta á nossa disposição são categoricas, e ainda que a noticia tenha vindo como uma surpresa, não é improvavel. Que estão examinando o terreno não pôde caber duvida, como fizeram recentemente em Quemay, o que pôde ter apenas em vista certificar-se da adaptabilidade do local para um estabelecimento e não pôde indicar que a cessão do territorio tenha já sido feita. O vaso de guerra allemão, *Irene*, partiu de Hong-Kong, no domingo, para um cruzeiro ao sul, e é possível que a sua viagem possa ter alguma conexão com o assumpto.

Formando a ilha da Lapa um lado do porto interior de Macau, cedida que ella seja á Allemanha, fica sem defêsa alguma a nossa possessão.

E consentirá Portugal que a China ceda essa ilha, cuja posse foi reclamada quando em 1887 foi celebrado o tractado luso-chinês em que por parte da China foi reconhecida a soberania de Portugal em Macau, ficando por delimitar as fronteiras da colonia e as suas dependencias, o que devia ser effectuado por uma commissão mixta de funcionarios dos dois paises?

Certo é que o governo português não tractou até agora d'essa delimitação, desleixo o que principalmente se deve attribuir a cessão da ilha da Lapa, a serem verdadeiras as noticias que a esse respeito nos chegam do estrangeiro.

É certo e não admira, que o governo só tem tempo para torpes e miseraveis actos politicos. Administração, economia, moralidade, são cousas que em absoluto desconhece.

Vae entrar no prelo, muito brevemente, um novo volume de criticas do nosso amigo e collega Fernão Vaz.

Intitula-se, se a memoria nos não falha, *Pr'ahi*... e, certo, está-lhe reservado um successo de livraria.

«O Povo da Figueira»

Completou o seu primeiro anniversario este nosso prezado collega, um dos mais valentes campeões do partido republicano.

Felicitemo-lo, desejando-lhe longa vida e mil prosperidades.

Na India

Diz a *Bombay Gazette*, notificando a manifestação expontanea preparada pelo administrador de Mapuçá para maior gloria de Deus e do Infante, condestavel das Indias e da rua Larga de S. Roque:

«Este funcionario ordenou aos respectivos regedores para se apresentarem de casaca no dia da recepção do duque e trazerem consigo, cada um, um brinco, sob pena de ir dormir na enxovia.

Um dos regedores, tendo observado ao administrador que a gente da sua aldeia recusava fazer brincos, disse-lhe este que mandaria uma força militar para fazer sair a gente das casas a pau. É de facto, nas vespéras da de-

monstração, mandou á disposição de cada regedor tres praças armadas para este fim»

Brincos, sob pena de prisão? Mas para que queria elle os brincos? ... Ah sim, para ver se com trajos e galas femininas o triumpho do heroe era mais fulminante.

Robusto talento o do administrador de Mapuçá...

Estão aqui estão a pregar-lhe com a commenda da Conceição no peito, se os seus ditosos administrados, mesmo de brincos, lhe não pregarem uma carga de pau nas costellas.

Em Condeixa celebrar-se-hão este anno as festividades da Semana Santa com toda a solemnidade e luzimento.

Informam-nos de que se constituiu uma commissão para esse fim, e que nas festividades tomarão parte os distinctos amadores, entre os quaes o sr. juiz de Direito da comarca, seus filhos e a ex^{ma} sr.^a D. Joanna Lemos.

Está exercendo as funções de governador civil o sr. Anthero Augusto d'Almeida Araujo Pinto, governador civil substituto.

Tem estado doente com um forte ataque de influencia, achando-se felizmente em via de restabelecimento, o nosso querido amigo e bom companheiro dr. Germano Martins, distincto quintanista de Direito.

Fazemos votos ardentes pelo seu prompto restabelecimento.

Adriano Murteira

Acha-se perigosamente enfermo o sr. Adriano Murteira, digno secretario geral d'este districto. Ha tres dias que foi atacado por uma gripe abdominal.

Pela sua affabilidade de tracto, o illustre enfermo goza de muitas sympathias nesta cidade, onde a noticia da sua doença causou dolorosa sensação. Sentimos devêras o seu estado, desejando ardentemente as suas melhoras.

A carta que abaixo publicamos foi dirigida pelo sr. dr. A. Coelho Sobral ao *Seculo*, que deu a noticia de que s. ex.^a havia fugido para se furtar ao cumprimento da pena que lhe fôra imposta.

... sr. redactor — Em uma correspondencia de S. João d'Areias publicada pelo *Seculo* n.º 5:073 de 2 do corrente e que vem sob a epigraphe — **administrador fugido?** — diz-se, e é verdade, que eu tenho de cumprir a pena de 35 dias de prisão em que fui condemnado.

Não venho discutir a noticia nem os intuitos com que foi dada; mas permitta-me v. ex.^a que a complete, visto que o conhecimento da minha condemnação não interessará mais do que o conhecimento dos motivos d'ella.

O proprietario, administrador e redactor d'um periodico que se publica em Santa Comba-Dão, com quem ha tres annos estou de relações cortadas, referindo-se no mesmo jornal á minha pessoa, fe-lo por forma que me obrigou a esbofetea-lo.

Foram muito alem das minhas intenções as consequencias do meu desforço, porquanto o agredido cahiu, resultando-lhe uma entorse num joelho. Queixou-se elle em juiz e eu fui processado e julgado; e porque, por circumstancias que constam do meu processo e que opportunamente trarei a publico e discutirei, teve impossibilidade de trabalhar por mais de 77 dias, fui condemnado na pena de 35 dias de prisão. Não sei se por esta pena e pelos motivos que a acarretaram haverá motivo para algum fugir.

Simplemente para prevenir a sua boa fé affirmo-lhe, sem receio de contestação, que, embora a noticia seja datada de S. João d'Areias, de lá não é; e que pela sua maliciosa redacção deve ter sido dada por quem tenha um especial interesse em provocar conjecturas, que são naturaes, relativamente aos motivos da condemnação, que, propositadamente, se occultaram.

Agradece a publicação d'esta carta, e de

V. ... att.^o e obrig.^o

Coimbra, 3-3-96.

Augusto Coelho Sobral.

Cuba

Assumiu um aspecto novo, não, decerto, de todo imprevisito, mas estamos em crer que inesperado para os nossos vizinhos hespanhoes, a lucta que já ha bastante tempo naquella grande Antilha vem sendo travada.

Não é d'agora um vivo interesse, quasi uma protecção, dos Estados-Unidos pela insurreição cubana. Desde que esta rebentou, uma forte corrente de sympathia dos americanos se formou em volta dos insurrectos é, quem sabe até se estes, ao lançarem-se na lucta, não contavam já com esse apoio, pelo menos fortemente moral.

E' de crer que assim fosse. E tão importante era o interesse que a questão cubana despertava entre o povo americano do norte, que não tardou em manifestar-se nas suas proprias regiões officiaes.

E na verdade esse movimento de sympathia breve explodiu no congresso dos Estados-Unidos pela apresentação da idéa de belligerancia como qualidade que um principio d'humanidade imponha fosse reconhecida aos insurrectos.

Talvez que a invocação d'esse principio d'humanidade tivesse a sua justificação nalgumas atrocidades que, por essa altura, o heroe de Sagunto vinha praticando.

O caso é, porém que, passado pouco tempo, a idéa de belligerancia volta a jazer entre as coisas sobre que peza o silencio; a revolta avança quasi até á capital de Cuba, e Martinez Campos começa de sentir-se impotente para lhe oppôr um obstaculo sério.

Surgem as reclamações e o traidor de Sagunto soffre o primeiro premio da sua traição, vendo-se esmagado pelo desprestigio que a revolta atrai para sobre o seu nome.

Vae substitui-lo Weyler. Na mala em que leva a espada de general parece ter ido tambem o cutello de assassino. Parte, mas o mundo fica sabendo com espanto que elle não vae fazer a guerra, vae praticar uma carnificina. Fôrma planos para combater no campo os revoltosos, que se lhe escapam facilmente, mas ao mesmo tempo espalha o terror pelas populações com as atrocidades que commette.

A noticia da sua partida com um sequito de projectos terroristas fez junctar á guerra a emigração. Lá, agora, parece que não podendo bater o inimigo, se vingá em trucidar aquelles que não vêm rojar-se-lhe aos pés numa attitude humilde de submissão á Hespanha.

Nestas condições surge de novo, mas com toda a impetuosidade, no congresso dos Estados-Unidos, a questão da belligerancia. E no senado que ella é apresentada e a camara dos representantes accêita-a tambem com evidentes provas d'entusiasmo.

Esqueceram-se, desprezaram-se as praxes do direito internacional, nem sempre justo, nem sempre equitativo, é de reconhecer, talvez.

Mas foi, appellando para a manutenção da ordem em nome da humanidade, que o senador Lyndsay declarou que «o estado de coisas existente em Cuba, justificava uma intervenção activa dos Estados-Unidos.»

Fizeram-se accusações tremendas nessa sessão do senado ao general Weyler, «cujas mãos estão manchadas de sangue», disse-o o senador Sherman.

Foram de tal ordem as referen-

cias feitas aos actos d'este general que elle enviou já dois dos seus ajudantes a desafiarem este senador norte-americano.

Mas isso não impediu que no congresso fosse votada uma moção pela qual os insurrectos são reconhecidos como belligerantes, moção cujo texto é o seguinte:

«O senado reconhece, de accordo com a camara dos representantes, que existe um estado publico de guerra entre o governo hespanhol e o governo que desde algum tempo foi proclamado e mantido com a força das armas pelo povo de Cuba, e que os Estados-Unidos devem observar stricta neutralidade entre as potencias belligerantes e conceder a cada uma d'ellas todos os direitos nos portos e territorios dos Estados-Unidos. O senado delibera que os bons officios dos Estados-Unidos devem ser offercidos pelo presidente ao governo hespanhol, a fim de que reconheça a independencia de Cuba».

É este o novo aspecto que acaba de tomar a questão de Cuba.

Quaes as suas consequencias é talvez facil prevê-las.

Os insurrectos, continuando a sua acção cada vez com mais unidade e ardor, poderão ser ainda esmagados pelas forças da Hespanha. Mas, quando não consigam d'esta vez a sua libertação pela independencia de sua patria, não asseguramos, contudo, á Hespanha dias de tranquillidade quanto a Cuba, emquanto lhe não conceder uma autonomia que, ao menos apparentemente, faça desaparecer o jugo da metropole.

E, ainda assim, talvez já nem isso seja remedio que obste a que a Hespanha perca aquella importante colonia.

O espirito de libertação está já ali tão arraigado, o baptismo de sangue da liberdade desejada é já tão longo e assume taes proporções, que estamos em crer que os cubanos não levantarão mãos da empresa sem terem dado a independencia a Cuba, ou sem ficarem todos esmagados.

Compreende-se, pois, a agitação que a estas horas lavra na nossa vizinha Hespanha.

Mas é do destino fatal dos povos subjugados raiar-lhes alfin um dia

da liberdade, dia em que proclamem a sua emancipação.

Nós estamos em crer que, embora ensanguentados, brilham já no horizonte os primeiros clarões da aurora da liberdade de Cuba.

E para desejar seria que a Hespanha attendesse ás lições da historia e ás que a propria experiencia tão rudemente lhe está dando para, sem mais sacrificios, quicá inuteis, concedera independencia a Cuba.

Carta de Lisboa

Lisboa, 4 de março de 1896.

Devo dizer-lhes em primeiro lugar, que todos concordaram com a resposta indirecta, dada pelo *Comimbricense*, á celebre carta do sr. Magalhães Lima, que pede aos jornaes da provincia que iniciem uma campanha contra o governo e a favor da democracia, quando o referido sr. Magalhães tem o *Seculo* em Lisboa. Modos de ver.

E falla a sr. Magalhães nos interesses que tudo envenenam!

Creio que este cavalheiro vae partir para Cuba. Vamos tẽ-las boas e tesas.

O sr. Infante e o guitarrista Raphael d'Andrade, lá andam na bella pandega por Bardez. Aquillo é que é uma guerra feroz.

Os povos d'aquella região, segundo referem as *Novidades*, chamam ao D. Afonso «O astro rei que veio anniquillar os phantasmas e os monstros da noite».

Ha quem diga que esta lèria foi inventada na propria redacção das *Novidades*, afim de trocar o D. Afonso. Acredito.

Mas olhem que é de primeira ordem. Astro-rell!

Astro infante é que devia ser, disse um gracioso. Que bestal!

O sr. conselheiro G. da Silva dizia hontem, num artigo espantoso, que o pais está como uma mulher grávida. E falla em abrir-lhe o utero, para ver o que elle lá tem dentro. Este conselheiro, desde que ouviu dizer que a sociedade é um organismo... bicho, julga a comparação mais do que verdadeira. E assim falla no joelho social e agora no utero do pais. Com estas minucias de investigação anatomico-sociologica, onde iremos parar, meus filhos!

Mas esta do pais gravido, é de respeito.

Quem abusaria assim do infeliz donzel?

Como resolver a situação politica em vista d'isto?

Faça-se depressa a republica e escolha-se um governo provisorio de parteiras.

lherdes. Com um nome como o vosso em toda a parte sereis bem recebida. Logo que deixeis Villy, partirei tambem, e juro-vos, pela memoria de minha mãe, que sereis minha esposa seis semanas depois.

— Pela memoria da vossa mãe?

— Pela memoria de minha mãe, Herminia, meu anjo amado, vo-lo juro!

— Ignoro para onde irei seguindo os vossos conselhos; mas lembro-me de minha mãe, por quem eu seria incapaz de jurar em vão. O vosso juramento dar-me-ha forças.

— Duplicadas, supponho eu, Herminia, porque já algumas tinheis, segundo espero; pois não é verdade que correspondeis ao meu amor?

O braço de M. d'Argouges tinha escoregado da barra sobre que estava estendido e curvára-se em torno de M. de Croizy que, debaixo do fogo dos olhos negros d'Emmanuel que lhe incendiava os seus proprios, arquejava, impotente d'esta vez para se furtar a esse contacto magnetico que a dominára por completo.

— Oh! respondi, dizia Emmanuel; deixae-me ouvir essa palavra cantada pelos vossos labios!

A cabeça de Herminia tinha-se reclinado suavemente sobre a espada de M. d'Argouges e o seu olhar fluctuava no globo nacarado dos olhos cuja pupilla se elevava agora escondida por entre as pestanas.

Acabo de ler os jornaes hespanhoes, chegados hoje a Lisboa.

Estão doidos. Um d'elles publica hoje uma caricatura de Maceo, esburgando como froz appetite uma perna de creanga! Não sei como não lhe escrever por baixo — Grande e horrivel crime. Não fez isso, mas quer impingir aos tolos que o Maceo come gente. Ora bolas, hermano!

O caso é que o amigo Canovas, leva com a belligerancia pela cara, exactamente no dia em que dissolveu as cõrtes.

Ellè não o esperava, decerto. Pelo contrario convenceu-se de que os Estados-Unidos não se importariam com as reclamações dos cubanos. Enganou-se e ainda bem.

Ainda bem, que as violencias exercidas pela Hespanha contra uma colonia escravizada, revoltam os mais elementeres principios de humanidade.

É esta a terceira revolta de Cuba. Triunphará?

As outras duas foram afogadas em sangue e não se pôde dizer que os hespanhoes não fossem barbaros.

Assim, quando na segunda revolta foram presos os ultimos guerrilheiros, depois de fuzilados passou sobre os seus cadaveres, esmagando-os, triumphante, uma bateria de artilheria.

Agora não têm faltado os fuzilamentos de homens e mulheres, com uma crueldade imperdoavel.

Os presos por suspeitos, condemnados discricionriamente, vêm para Ceuta ás dezenas.

Ha poucas dias para lá seguiu com outros, um bravo rapaz de 22 annos, estudante. E não estava abatido, o valente. Condemnado a prisão perpetua! Deve por certo haver um dia de redempção para vingar todos quantos soffrem pela liberdade e pela dignidade humana.

Quando virá o dia da justiça, para os martyres de Cuba, para os martyres da Sicilia, para os martyres da Siberia?

Poderá quem for digno esquecer-se d'aquelles que soffrem obscuros, no desterro ou na prisão? Não lhes deixemos desvanecer o sonho de libertação em que se perdem, pensemos nelles ao menos e que os nossos pensamentos se encontrem nesse vago, intangivel Ideal do Amor e da Verdade. Revolta-se a Hespanha, porque estranhos intervem a favor dos mais fracos?

Eu leio a historia e sei que as armas hespanholas já vieram sustentar em Portugal contra os direitos do povo a tyrannia d'uma rainha. Sempre é peor do que sustentar os direitos dos opprimidos contra os oppressores.

E quando a Hespanha atacava a primeira republica francesa?

Eu não posso nunca dar razão á furia dos hespanhoes. Direitos sagrados sobre Cuba, dizem elles!

Direitos de senhor sobre os escravos!

Guardem o seu odio e a sua revol-

sa neste sentido não para auxiliar o

jogo de Emmanuel no qual não tinha o menor interesse mas para preparar M. de Villy para a decepção que o esperava.

— Ora já são duas vezes com esta que tu me insinuas as tuas inquietações acerca d'este casamento. Não posso saber de onde é que ellas te vêm. Emmanuel mostra-se sempre tão attencioso e tão affectuoso para Alice...

— Sim, não duvido, interrompeu M. de Lambrune, acho-o muito correcto como primo; mas como noivo, não haveria perigo algum num pouco mais de ternura.

— Então tu querias que elle passasse o tempo de joelhos aos pés de Alice como um trovador de romance?

— Eh! meu caro, havia muito de bom nos trovadores!

— Não estejamos a exaggerar as coisas. É natural que Emmanuel e Alice cheguem suavemente a consagração dos sentimentos que os ligam; estão habituados um ao outro ha tanto tempo!

— É esse justamente o perigo, meu amigo. Elle tem vinte e três annos, a idade dos arrebatamentos, das paixões imprevisitas, das cabeçadas, bem sérias ás vezes. Quem é que te garante que d'aqui a um ou dois mezes, por exemplo, numa viagem a Caen ou algures, elle não vae encontrar essa desconhecida de que se deve descon-

— O coronel abanava a cabeça como homem que duvida de tudo. E devemos dizer que encaminhava a conver-

sa neste sentido não para auxiliar o

jogo de Emmanuel no qual não tinha o menor interesse mas para preparar M. de Villy para a decepção que o esperava.

— Ora já são duas vezes com esta que tu me insinuas as tuas inquietações acerca d'este casamento. Não posso saber de onde é que ellas te vêm. Emmanuel mostra-se sempre tão attencioso e tão affectuoso para Alice...

— Sim, não duvido, interrompeu M. de Lambrune, acho-o muito correcto como primo; mas como noivo, não haveria perigo algum num pouco mais de ternura.

— Então tu querias que elle passasse o tempo de joelhos aos pés de Alice como um trovador de romance?

— Eh! meu caro, havia muito de bom nos trovadores!

— Não estejamos a exaggerar as coisas. É natural que Emmanuel e Alice cheguem suavemente a consagração dos sentimentos que os ligam; estão habituados um ao outro ha tanto tempo!

— É esse justamente o perigo, meu amigo. Elle tem vinte e três annos, a idade dos arrebatamentos, das paixões imprevisitas, das cabeçadas, bem sérias ás vezes. Quem é que te garante que d'aqui a um ou dois mezes, por exemplo, numa viagem a Caen ou algures, elle não vae encontrar essa desconhecida de que se deve descon-

ta contra a monarchia que os conduziu a esta situação. Uma republica livre e digna daria a Cuba os mesmos direitos do que a qualquer estado da Peninsula. E jámais na grande Antilha se levantaria o grito da revolta contra aquelles que deixavam de ser senhores para serem irmãos.

Assim a Hespanha tem de soffrer e muito. Vencerá os cubanos?

É possível, mas a Hespanha ficará escorrendo em sangue e o grito dos corações bem formados não será para acclamar os vencedores mas para animar os vencidos a erguerem-se de novo.

Maldita idèa da força, maldita gloria do ferro e fogo!

E pensar eu que amanhã os hespanhoes, podem ter velleidades de intervir na nossa politica e ter a audacia de afirmar que podem dictar-nos leis!

Não dictarão, por certo.

Cuba deve-lhes servir de lição.

Esperemos os acontecimentos e que a Hespanha redima os seus peccados entrando no caminho da Justiça. Libertem-se da monarchia e libertem Cuba. Dêem ao mundo um exemplo de humanidade. Assim, é triste dizê-lo, ninguém sympathisa com a sua causa.

Receio que os acontecimentos de Hespanha contrariam a Republica em Portugal. Porque, lá começam agora varios jacobinos recommendando prudencia e pedindo a todos que esperem pela nação vizinha. A desculpa não é má porém não serve. Se eu para me salvar d'um incendio em minha casa e tendo uma escada para descer, esperar que me tragam outra, sou tolo.

Mas consideremos na disciplina e escutemos os ponderadores.

Na previsão de que em Hespanha rebente a revolução, varios mariolas de vulto olham desconfiados os candieiros. Não tenham medo que ninguém lhes faz mal desde que prometam não adherir.

João da Nova.

Os jornaes de Lisboa noticiam que o sr. dr. José Maria Rodrigues, actual reitor do lyceo de Lisboa e distincto ornamento da faculdade de Theologia, foi nomeado vogal do concelho superior de instrucção publica. A escolha não podia ser mais acertada.

Em terça feira ultima houve na Sé Cathedral solemne *Te-Deum* para festejar o anniversario da Coroação de Leão XIII. A concorrência foi muito diminuta.

Algumas auctoridades civis e militares é quatro ou cinco professores da Universidade.

Substitutos do juiz de direito

No *Diario* hontem publicado foram nomeados substitutos do juiz de direito d'esta comarca os srs.:

- 1.º Leitão e Cunha;
- 2.º José Soares Pinto de Mascarenhas;
- 3.º Acacio Hypolito Gomes da Fonseca;
- 4.º Danton de Carvalho.

Falleceu em terça feira ultima o sr. Francisco Costa, archeiro da Universidade.

Bibliographia

Revista das Escolas — Agradecemos o n. 4 do 2.º anno d'esta conceituada folha.

AGRADECIMENTO

Manuel Antonio da Costa, e sua tia Innocencia Maria da Conceição, em via do restabelecimento das graves enfermidades que têm soffrido vêm por este meio, emquanto o não fazem por outra forma, agradecer penhoradissimos a todas as pessoas que se dignaram vizital-os ou por qualquer forma se interessaram nas suas melhoras, especializando desde já neste agradecimento o ex.º sr. dr. Vicente Rocha pelo cuidado e carinho com que sempre os attendeu.

A's typographias do pais CONCURSO

Pela commissão do grupo academico republicano, incumbido da homenagem á memoria do dr. José Falcão, está aberto concurso, por espaço de oito dias, para a reimpressão da *Cartilha do Povo*, sob as condições seguintes:

1.º — O volume conterá 56 paginas de corpo 10 (na largura de 14 quadra-tins de corpo 12 e com 27 linhas de altura); além das capas.

2.º — A edição é de **cem mil exemplares**.

3.º — O tipo deve ser novo.

4.º — O papel, assim como duas gravuras de pagina, incluidos na condição 1.ª, serão fornecidos pela commissão.

5.º — É de **trinta dias** o prazo maximo para a entrega de todos os exemplares brochados.

6.º — O transporte da edição para o local, que a commissão designar nesta cidade, será por conta do arrematante.

As propostas devem ser dirigidas, em carta fechada, ao secretario da commissão, Ladeira do Seminario, n.º 13.

Coimbra, 5 de março de 1896.

O secretario,

Arthur d'Almeida Leitão.

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XVIII

— Não receies nada, Herminia; ninguém poderia descobrir-nos aqui. Estamos sós e só para nós, accrescentou Emmanuel, conduzindo M. de Croizy para o banco através das folhas amarellas sobre as quaes ella caminhava nas pontas dos pés, como que para as pisar mais suavemente.

Emmanuel sentou-se juncto d'ella, estendendo o braço pelas costas do banco, para que Herminia, encostando-se, não sentisse a dureza da madeira.

— Herminia, tornou elle, olhae para mim, assim, olhos com olhos; acreditaes que vos amo?

— Já m'o dissestes; não sei mais nada a tal respeito. Que foi que decidistes, emfim, se isso assim é?

— Partireis, Herminia; mas não para Bayeux. Sois livre, repito vo-lo, apesar das pretensões de M. de Fayolles em vos reter sob a sua mão. Tendes medo de soffrer lá indignações hypocritas; pois ninguém vos obriga a expôr-vos a ellas. Caen tem tambem conventos; escolhei um para vos reco-

nar tanto mais quanto é certo que nenhum presentimento a annuncia, e que o habito da affeição se não deixa desvanecer por completo pela novidade do amor? Como vês, fallo por Argouges, não por Alice.

— Com que então, meu velho soldado, fazes romance, tu, puro romãnce!

— Então! meu velho companheiro; repara que o romance é feito com a realidade e olha que ás vezes ainda lhe fica muito para aquém! Lembra-te de que: «quem muito vê, muito aprende.» Tenho visto muito, meu camarada.

— Mas onde queres tu chegar?

— A isto. Quê dirias tu, caro de Villy, no dia em que Emmanuel te escrevesse meia duzia de linhas pouco mais ou menos nestes termos: «Meu excellente tio, sinto a mais viva das maguas em contrariar as suas intenções que têm tambem sido as minhas até ao presente, mas convenci-me de que não tenho por Alice senão uma boa amizade de primo; o amor verdadeiro é irresistivel, ah! sinto o por outra. Supplico-lhe que seja indulgente para commigo e que obtenha o meu perdão de minha prima que me continúa sendo tão querida como até aqui e por cuja felicidade faço os mais ardentes votos.»

1.ª publicação

15 Pelo Juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do 5.º officio, correm editos de trinta dias, citando o menor pubere, José conjuntamente com seu pae José Tejo, de São João do Campo e ausentes em parte incerta para na qualidade de representante de sua fallecida mãe Maria Gandara, assistir a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Maria Cazalleira, viuva de Manuel Gandara Junior, morador que foi no referido lugar de São João do Campo.

Verifique a exactidão

O Juiz de direito,
Neves e Castro

QUINTA

12 Vende-se uma proximo d'esta cidade.
Da bom rendimento, tem terra de sementeira, pinhal, arvores de fructo, olival, vinha, etc.
Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

11 Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima!
Alta novidade!

10 BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestria*, a 6000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3000 réis o milheiro.
Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

9 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas acomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.
Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhinites, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithlise hepatica* como renal na *albuminuria, diabetes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribello Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

PEDIR OS PROSPECTOS

Os leitores da **REVISTA**, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm também

Gratis UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Sae nos dias **1 E 15** de cada mez

ASSIGNA-SE em todos os agentes da **ANTIGA CASA BERTRAND**

JA PUBLICADO O 1.º VOL.

COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS

REVISTA THEATRAL

ILLUSTRADA

Crítica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

PEÇAS PUBLICADAS

SALTIMBANCO de Antonio Ennes

JUCUNDA de Abel B. telho

ALCACER-KIBIR de D. João da Camara

PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça

Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima

Muito proprias as ultimas para amadores

MARÇANO

6 Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma mercearia d'esta cidade. Nesta redacção se diz.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000,000
Fundo de reserva... 244.000,000

SEDE EM LISBOA

5 Esta companhia a mais posrosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, torna seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

7 A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 20500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makferlanes, double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 10000 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35000 a 45000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: *Crystofle*, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

LIVROS DE MISSA

SEMANA SANTA

8 A *Casa Havaneza* acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encaderados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

Cavallos, muares, etc.

3 As sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferível á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 10000 réis.

Deposito em Coimbra

—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

1:500\$000 réis

2 Associação de Soccorros Mutuos dos Artistas de Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypothecca.

O secretario da direcção,
Manuel Rodrigues d'Almeida.

1 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 15350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 15200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os 3rs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 110

COIMBRA — Domingo, 8 de março de 1896

2.º ANNO

Trancas á porta...

Cheios de bons exemplos, plenos de salutar ensinamentos, os successos ultimos, fertilissimos, sobretudo, em conclusões tendentes á demonstração pratica, indiscutivel, de que a Republica se impõe como solução unica e salvadora, aqui, ali, em Portugal, em Hespanha, na Italia, nos países todos, exaustos, pauperimos, da degenerada raça latina, exangue e dessorada.

Gastas, desacreditadas pelos vícios próprios mais ainda que pela criminosa patifaria dos seus serventuários, as monarchias latinas, no arranco supremo d'um naufrago que se agarra, com unhas e dentes, ao ultimo frangalho d'uma não sosobrada, lançaram-se, noma insomnia demente, ás cegas, ás apalpadellas, sem um plano, sem um norte, na política guerreira aventureira, perigosissima, que, afastando para longe as atenções, os interesses e a propria vida das grandes massas populares, lhes permite, enquanto o pau vae e vem, um folguedo de costellas que, mais dia menos dia, hão de pagar, com juros, numa revolução justiceira.

É ver: Portugal, sempre galhardo entre os pimpões da asneira, atirou-se de cabeça ás aventuras africanas. Foi tudo raso em terras de Moçambique.

Inflamou-se o patriotismo, discutiram-se colonias que ninguém conhecia, equiparam-se soldados bisonhos mas bravos, armaram-se expedições, escolheram-se victimas e heroes, confiou-se o commando das tropas ao generalissimo em chefe da Divina Providencia e... aia para a Africa.

Os soldados cumpriram, com extranho heroismo, o seu dever de bons soldados lusitanos, a Divina Providencia desentranhou-se em extravagancias épicas de estrategia e cremos que se assegurou o nosso dominio no sul d'África até nova ordem da aliada dos Braganças, até nova arremetida das ambições dos que na Europa invejam o nosso poderio africano.

Do mal o menos. Mas enquanto todos os corações portugueses batiam nas florestas de Moçambique, enquanto todas as atenções seguiam, febrilmente, as marchas e contra-marchas dos nossos heroes através os pantanos sertanejos, a monarchia, cá no continente, á larga, sem peias, sem freio, ia cavando mais fundo a nossa ruina em dictaduras, ineptas e ferozes, em traições e vilanias.

Foi um gozo infinito! Uma pandiga rasgada! Calcaram-se leis, feriram-se homens, apunhalaram-se direitos, trahiou-se a patria, escarneceu-se do Povo. O rei viajou, divertiu-se em em Paris, ratificou a venda de Keonga em Berlim, conferenciou em S. Sebastian e recebeu a grillheta da Jarreteira num almoço fraternal com Salisbury, num palacio de Londres. Como a

bravura dos nossos soldados, a estrategia da Divina Providencia, ficaram triumphantes, não houve novidade de maior. O povo, boquiaberto ante tanto heroismo em Africa, ante tanta patifaria na Europa, applaudiu os heroes e não consta que esteja resolvido a escavar os patifes.

Antes assim. Do mal o menos, porque, quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.

Em Hespanha, quasi o mesmo, com as aggravantes conhecidas.

Primeiro Riff e, para cobrir o fiasco tremendo que sarracenos infligiram a *nuestra hermana*, sempre valente e salerosa, o fiasco tremendissimo de Cuba que, tendo atirado já para o charco com Martinez mais a sua reputação de besta-fera invencível, de papão temeroso, surge agora com o aspecto novo da intervenção dos Estados-Unidos em prol da justiça, em prol do direito dos que nas Antilhas vem mostrando ao mundo como se defende um povo de homens livres, quando a pata da tyrannia lhe esmaga o coração, lhe suffoca a liberdade.

Atraz do de Sagunto, irá Weyler, depois Palavieja e depois, após tantos heroes liquidados em paspalhões, a monarchia hespanhola, a corôa do *niño*, que todos reconhecem já periclitante, perdida, no flagello medonho com que a politica de Cuba assolou a Península.

Perderam a cartada. Menos felizes que os Braganças, os Bourbons afivelam as correias das mallas, a caminho do exilio.

Sobre Hespanha vão dardejando, entre as nuvens da derrota, os raios benéficos, vivificantes da Revolução.

Perdem Cuba e ganham a Republica.

É caro, principalmente para a monarchia.

Na Italia, a monarchia inventou a Abyssinia.

Resultados: manifestações republicanas pelas ruas de Roma, com deputados á frente, o rei escondido em Monza, e, em terras do Negus, dez mil cadaveres de italianos pedindo vingança, reclamando sangue.

Vingança dos syndicateiros que inventaram a Abyssinia, sangue da monarchia que os levou á derrota.

Liquidam em lama as monarchias latinas.

Sem vergonha, sem credito, sem honra, rés de todos os crimes, de todos os desastres, de todas as traições de que têm sido victimas os povos, as monarchias latinas afogam-se em lama, relapsas, impenitentes, em Portugal, em Hespanha, na Italia.

Afoga-se em lama. Ainda bem!

Evitam assim que a Dignidade Humana, ao pôr-lhes trancas á porta, as afoque em sangue.

É menos limpo, mas é mais humano.

Bernardino Pinheiro

Crepes pezados, funebres crepes envolvem a bandeira do partido republicano.

Inexoravel, feroz, uma sorte adversa vae ceifando, um a um, com uma tenacidade sombria, os vultos proeminentes, as mais gloriosas figuras, as mais lidimas individualidades, da Democracia portugueza.

Desde a morte de Oliveira Marrecá até á que hoje veiu ferir o partido republicano, o país inteiro, com a perda irreparavel de Bernardino Pinheiro, quantos golpes fundos, quantas dôres insanaveis não têm affligido os que, luctando infatigavelmente pela causa da Republica, pela causa da Patria, têm visto cair a seu lado chefes prestigiosos, companheiros inolvidaveis.

De tanto as sentirmos quasi nos tornamos insensíveis, e, quando nova dôr surge, violenta, inesperada, se não nos falta a coragem para prantearmos o que foi, quasi nos sentimos desfalecer ao pensarmos no que se lhe ha de seguir, no que, a breve trecho, virá impôr-se ás nossas lagrimas, virá compartilhar, também, da nossa saudade.

A perda, porém, que hoje soffremos, mais nacional que partidaria, pois Bernardino Pinheiro estava, embora republicano convicto e entusiasta, um tanto ou quanto alheado, pela sua organização, pela sua doença, das luctas diarias da politica activa, é tão grande, fere-nos tão fundo, tão brutalmente, em nossas almas de republicanos e de portuguezes que, ao desfolharmos sobre o seu cadaver ainda mal arrefecido a petala triste da nossa saudade, do nosso respeito, da nossa homenagem, sentimos, ao encarar o logar que elle deixa vago nas nossas fileiras e na historia contemporanea do país, uma sensação vaga, indefinida, de vacuo, de desespero, que nos dá calafrios pela causa que elle sempre defendeu, pela causa da Patria, que elle, sobretudo, amou.

Porque Bernardino Pinheiro representava entre as figuras culminantes da politica contemporanea um papel especialissimo pelo seu talento, pela sua honestidade, pela sua firmeza.

Relativamente novo ainda, Bernardino Pinheiro era um dos velhos do partido republicano.

Nos tempos em que a Republica era uma loucura, quasi um crime, em que o ser-se republicano era um desvario inverosimil, phantastico, que despertava o sorriso dos sensatos e os apupos trocistas dos homens de juizo, Bernardino Pinheiro, intrepido, convicto, inabalavel, formou ao lado de outros tantos nomes prestigiosos que hoje mais não são que saudades, inolvidaveis recordações, reliquias sacratissimas que a morte roubou ao nosso respeito, á nossa admiração.

E mais tarde, quando muitos apostatavam, corrompidos por cupidas ambições, por miseraveis interesses pessoaes, quando muitos iam, constrictos, penitenciar-se aos

pés da monarchia de passageiros amores com a republica, Bernardino Pinheiro firme, immaculado, permanencia no seu posto, de cabeça erguida, a face illuminada, a palavra quente, o exemplo altivo, o conselho prudente, como um apostolo, como um crente dos velhos tempos, das remotas idades.

E firme no seu posto o veio encontrar a morte...

No seu posto cahiu, sem ter visto o triumpho do seu ideal, sem ter saudado a victoria dos seus companheiros d'armas, mas crente, sem um desalento, sem uma tibesia e as suas ultimas palavras, os seus ultimos pensamentos, foram ainda para a Republica, a causa santa em que elle via, desde a mocidade, a causa da Patria, a causa da honra, a causa dos opprimidos: *Morro na profunda crença da republica, nessa fé politica que professei desde que tive o uso da razão.*

Notas biographicas

O dr. Bernardino Pinheiro era natural de Coimbra, tendo nascido a 20 de fevereiro de 1837. Filho do commerciante Joaquim Pinheiro e de D. Maria da Trindade Pereira Pinheiro, contava 59 annos d'idade.

Ainda bastante novo foi para Lisboa, onde cursou a escola do commercio, seguindo depois para o Brazil, onde residiu alguns annos no Rio de Janeiro. Nessa capital fundou o gremio litterario portuguez e redigiu um periodico litterario, *A semana*.

Voltando mais tarde á patria, matriculou-se na faculdade de Direito, fazendo um curso brilhantissimo, que concluiu em 1862.

Durante algum tempo exerceu o logar de conservador do registo predial do districto de Lisboa e em seguida foi nomeado para secretario do supremo tribunal de justiça, logar que soube desempenhar, conciliando a austeridade do seu caracter politico com os deveres do seu cargo.

A sua vida partidaria foi brilhante: Em 1872, com Santos Lima, Elias Garcia, Latino Coelho, Gilberto Rolla, Sousa Brandão, Osorio de Vasconcellos e Teixeira Simões, fundou a *Democracia*, um dos mais valentes jornaes que o partido republicano tem tido. D'elles, só resta Teixeira Simões.

Quando se proclamou a republica em Hespanha, em 1873, reuniu-se em casa do dr. Thomaz Lisboa com Oliveira Marrecá, Elias Garcia, Sousa Brandão e José Fontana, e ahí se fez o juramento de trabalhar para o advento da republica em Portugal.

Fez parte do primeiro directorio do partido republicano, eleito em 1876, e, comquanto a sua saude se resentisse, nunca mais deixou de activamente trabalhar pela causa democratica.

Quando em 1879 se fundou o centro republicano de Lisboa, Bernardino Pinheiro, relator de uma comissão de estudos, apresentou uma larga exposição, que terminava por mencionar os fins para que era creado o centro — para estabelecer e sustentar a republica, o seu ideal.

Nesse anno procedeu-se de novo as eleições para o directorio, e de que ficou sendo vice-presidente.

Bernardino Pinheiro era, sem duvida, um escriptor distincto. É relativamente grande a sua bagagem litteraria. Estando no Rio de Janeiro, foi como dissemos um dos fundadores do gremio litterario portuguez onde redigiu a *Semana*, publicação periodica, durante a sua primeira série.

Nas *Estreias Litterarias*, de Coimbra,

publicou um pequeno romance historico: *El rei perdôa*; no *Instituto*, o ensaio sobre a organização da sociedade universal; na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, *A filha do povo* e *D. Guiomar Coutinho*; e escreveu varios artigos em outros jornaes.

Publicados em volume, Bernardino Pinheiro deixa os seguintes romances: *Arzilla*, romance historico do seculo xv; *Sombras e luz*, romance do reinado de D. Manuel; e os *Amores d'um visionario*. Este seu ultimo trabalho, que é certamente o seu romance mais valioso, teve uma grande voga tanto em Portugal como no Brazil e fica como um modelo do genero.

O «seculo» e a Republica

É este o titulo d'um energico e bem elaborado artigo que o *Coimbricense* publica e em que, analysando a attitude do jornal de maior circulação no país, a proposito da celeberrima carta do sr. Magalhães Lima, lhe perspega uma bella trepa.

Nunca as mãos doam, por tal, ao illustre director do *Coimbricense* e nosso correligionario sr. Joaquim Martins de Carvalho.

A falta d'espaco inibe-nos de transcrevermos hoje parte d'esse artigo. Fal-o-hemos, porém, no proximo numero.

Communica o correspondente telegraphico do «Commercio do Porto».

«Consta que o sr. dr. Costa Santos vae deixar a presidencia da camara dos deputados por o sr. ministro do reino não manter, ao que se diz, umas nomeações que elle fez».

Desde já podemos affirmar que o sr. Costa Santos não deixará a presidencia do *Solar dos Barrigas*, embora não ponhamos em duvida que entre elle e o sr. ministro do reino se tenha dado o conflicto. A historia d'este governo tem sido inalteravelmente a de ceder, quando se oppõe qualquer obstaculo grave á realisacão das suas pretensões e que elle não pode vencer por processos sobejamente conhecidos.

Portanto, ou o sr. ministro do reino cede ou o sr. Costa Santos é compensado da desconsideração que aquelle lhe pretende fazer.

Tão certo, como dois e dois serem quatro.

A Italia em Africa

Foi completa e enorme a derrota que o general Baratieri soffreu na batalha que travou contra o general Menelik. Em poder do inimigo ficaram 16 baterias de artilheria de campanha; foram evacuadas as posições impugnaveis em que se haviam collocado as forças italianas, sendo a linha de defesa retrogradada para mais de oito leguas de distancia; abandonaram-se duas vias de communicacão que serviam de base ás operações; no campo da batalha ficaram 10:000 soldados e 151 officiaes.

Alguns jornaes imputam a Baratieri a culpa do desastre. O *Taglebab*, de Berlim, publica uma conferencia com um official do exercito italiano em que se declara que a classe militar está indignadissima com o procedimento de Baratieri, opinando que elle devia ser fuzilado. E lá vae elle para Roma a fim de responder a um conselho de guerra.

Ha quem creia na possibilidade de a Italia salvar a sua honra, sepultada agora no deserto africano. Afigura-se-nos que o não poderá fazer, e que a politica aventureira em que Crispi se metteu terá de ceder perante as manifestações que contra a guerra africana tem havido em varios pontos da Italia.

Instrução publica Instrução secundaria

XXIII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

O ensino da lingua e litteratura portugueza estava reclamando uma reforma radical, profundissima, que o levantasse á sua verdadeira altura, áquella onde sempre devêra manter-se, e o libertasse de vez das garras da rotina, que o havia inteiramente desnaturado, convertendo-o ou reduzindo-o a exercicios puramente mechanicos, mais proprios para provocar o aborrecimento no alumno do que a torna-lo um instrumento poderoso de disciplina mental, como convém á educação e ao desenvolvimento intellectual da mocidade. Devendo ser, pela sua naturêsa e pela função importante que deve desempenhar na educação, o estudo mais atrahente e disciplinador da intelligencia, o que mais despertasse e fortalecesse a actividade mental do alumno, converteu-se evidentemente, pela direcção errônea que se lhe imprimiu, num instrumento de tortura, feroz e implacavel, da juventude.

Parece isto um contrasenso; mas exprime infelizmente a triste realidade dos factos.

Não é preciso grande esforço, porém, nem sequer grande trabalho de investigação, para encontrar as causas determinantes do facto que deixamos assignalado. Um simples exame dos processos geralmente seguidos e dos resultados deploraveis que todos conhecemos, nos explicará perfeitamente a origem do mal, que, aliás, era urgente provêr de remedio, energico, para ser eficaz, como a opinião auctorizada o reclamava imperiosamente.

Dois grandes erros, que cumpre assignalar desde já—um dos quaes é consequencia necessaria e inevitavel do outro—têm sido a causa primordial do facto a que estamos alludindo, resultando d'isso o insuccesso deploravel que todos reconhecemos no ensino da lingua materna: A pretensão de que esta deve ser ensinada como se fóra uma lingua morta e consequentemente o tomar-se como base de tal ensino pura e simplesmente a grammatica—não a grammatica racional, deduzida naturalmente dos factos da mesma lingua, como hoje a comprehendem todos os mestres dignos de tal nome, mas uma grammatica absurda, inteiramente falsa, irracionalissima, assentando numa ficção, como altamente o proclama uma das maiores auctoridades que hoje se conhecem e que todos acatam e veneram, grammatica que tem a pretensão de dictar e impôr despoticamente as leis por que a lingua deveria reger-se, como se esta não fóra um organismo vivo, sujeito ás leis da evolução, e como se, antes de haver tractados de grammatica, não se fallasse e escrevesse, isto é, como se a humanidade não possuísse esse poderoso instrumento de manifestação e communicação verbal do pensamento!

O que por esse país fóra se tem ensinado, com o nome de lingua portugueza, não tem passado, regra geral, d'umas indigestas e massadoras nigromancias grammaticas, só proprias a converter um estudo, que devêra ser tão atrahente como proveitoso, num verdadeiro tormen-

to para mestres e discipulos. Nada mais e nada menos.

E preciso dizê-lo abertamente, sem reticencias, sem tibiesas, sem contemplos, absolutamente descaídas e improprias, quando se tracta de expôr um facto que é indispensavel conhecer, para bem se avaliar em toda a sua extensão e nos seus resultados: A grammatica que geralmente se ensina será tudo quanto á rotina aprouver imaginar; mas não é de certo nada parecido com o que os verdadeiros mestres aconselham e a experiencia demonstra e confirma; grammatica simplesmente de palavras, e não grammatica de idéas, como o exigem as necessidades intellectuales da mocidade e as conveniencias da sua educação.

Estamos positivamente—triste é dizê-lo—na infancia da arte, por mais que alguns espiritos generosos e esclarecidos tenham pretendido subtrair o ensino da lingua á tyrannia esmagadora da rotina, a fim de o fazerem entrar no seu verdadeiro caminho, orientando-o consoante os preceitos salutarés da pedagogia, para torna-lo racional e consequentemente proficuo. Mas os seus esforços têm sido sempre infructiferos, inutilizando-se de encontro á barreira formidavel, á resistencia tenaz, persistente, absolutamente inconciliavel da tradição; e as suas vozes não têm encontrado echo neste deserto arido e esteril do ensino official portuguez. E' claro, bem entendido, que fallamos na generalidade, salvando sempre as excepções—que as ha e muito honrosas—digamo-lo de passagem. A nossa critica é absolutamente pessoal.

Mas prosigamos.

Não se tem querido comprehender que o ensino da lingua, para o grande numero, consiste muito especialmente em habituar o alumno a exprimir com clareza, promptidão e simplicidade, os seus pensamentos, quer fallando, quer escrevendo. E é isto o que realmente se não ensina. Os factos de todos bem conhecidos, demonstram, a toda a luz, que estamos exprimindo uma simples verdade, sem exaggeros. De cem alumnos que tenham feito o seu exame completo de lingua e litteratura não se apuram cinco que escrevam uma carta, que façam qualquer exercicio, sem erros grosseiros de syntaxe, sem barbarismos e solecismos repugnantes. Mas, em compensação, sabem definir, na ponta da lingua, o que seja um barbarismo ou solecismo. Isto são factos que se observam diariamente; e enuncia-los apenas é o bastante para os condemnar e proclamar a necessidade de os prover de remedio.

A doutrina de Herder, digamo-lo sem reboço—*que a grammatica deve ensinar-se pela lingua e não a lingua por meio da grammatica*—ainda não projectou a sua luz intensamente benefica nas trevas densissimas em que se tem arrastado o ensino da lingua portugueza. O que nelle tem predominado é a velha e falsa concepção de Quintiliano—*que a grammatica é a arte que ensina a fallar e escrever correctamente*. E d'ahi essas grammaticas simplesmente de palavras, as quaes, na opinião d'um mestre eminente, o padre Girard, são uma verdadeira chaga para a educação, pensando, aliás, servi-la.

Ora é de saber que a grammatica não ensina isso que vulgarmente se diz, isto é, a fallar e escrever, mas sim, como querem todos os mestres modernos, especialmente os d'alem-

Rheno, como se falla e como se escreve, o que é totalmente differente, e importa o abandono, por completo, dos velhos processos grammaticas.

E, assentes estas verdades, poderemos concluir que o novissimo plano de estudos e o respectivo programma estarão destinados a operar o milagre da regeneração necessaria e indispensavel do ensino da lingua portugueza? Não o podemos acreditar. E prova-lo-hemos.

E' certo—e ninguem de boa fé poderá contesta-lo—que no alludido programma ha muito de aproveitavel e que nas suas linhas geraes deve ser acatado pela critica, pois contém preceitos que, bem observados, deveriam produzir fructos excellentes. Devemos confessar muito sinceramente que o novissimo programma, restringindo consideravelmente o uso da grammatica, sobretudo nas primeiras classes, pretendendo que a voz animada do mestre substitua a aridês do livro se inspirou nos principios de sã pedagogia que hoje são geralmente reconhecidos e aceitos como indiscutíveis.

Mas, em ser isto assim, não é menos certo nem menos evidente que no programma que analysamos ha contradicções lamentaveis, erros imperdoaveis, lacunas que mal se poderão desculpar num trabalho de semelhante natureza e numa epoca em que já não é licito desconhecer toda a importancia do ensino da lingua materna.

O governador de Macau consultado pelo governo acerca da cedencia á Allemanha da ilha da Lapa, respondeu que nada havia a tal respeito. Estimaremos que assim seja.

O que haverá?

No gabinete dos reporters em Lisboa recebeu-se o seguinte telegramma de Mossamedes, com data de 6 do corrente:

«Os povos do planalto de Mossamedes, num comicio muito concorrido, pedem providencias. Assumpto grave». E vae tudo assim. Dificuldades sobre dificuldades, sem que o governo saiba adoptar as necessarias providencias para as prevenir ou remediar.

Vê-se o governo seriamente embaraçado na questão do alcool. É impossivel satisfazer todos os interesses, e elle não se sente com forças para vencer a resistencia que sem duvida lhe hão de oppôr os que forem lesados. Se fosse possivel conciliar todas as pretensões, ainda á custa dos maiores sacrificios da nação, o governo já ha muito teria resolvido a questão. Que o interesse publico não o prenda.

Adriano Murteira

Falleceu na madrugada de sexta feira ultima o sr. Adriano Augusto Rezen de Murteira, que era secretario geral d'este districto ha quize annos, tendo sido nomeado secretario geral antes de para esse logar se exigir a formatura em Direito.

Não podendo considerar-se um espirito superior, o sr. Adriano Murteira era todavia um funcionario habil, merecendo sempre a confiança dos seus superiores e a consideração de todos os que o conheciam. De tracto affavel e bondoso, eram geraes as sympathias de que gozava nesta cidade, sendo muito sentida a sua morte.

O seu funeral, que se realisou hontem ás 4 horas da tarde, foi muito concorrido. Tendo sido fixada para elle a 1 hora da tarde, deu-se a mudança para ás 4, em virtude do sr. governador civil haver manifestado o desejo de assistir e só poder chegar a Coimbra a essa hora.

Á familia do finado os nossos sinceros pezames.

Bagatellas

Carta a Ramalho Ortigão

Escrevo-lhe, meu amigo, para vêr se poderá ainda valer a obras de restauração que nesta boa terra se andam a fazer sem estudos, sem plano e sem competencia.

Não é uma carta, é um grito!

Quando ia para me dirigir a v. ex.^a, lembrei-me de que não sabia escrever, e estive para recuar e officiar á commissão dos monumentos nacionaes.

Não o fiz. Não me dirigi a essa veneranda corporação, porque o caso urge, e é necessario uma intervenção energica e prompta. E não foi só por isso; eu não sei mentir! Não me dirigi á Commissão dos monumentos nacionaes, porque lhe não achei ainda auctoridade nem lhe vi ainda vontade de bem servir a missão que lhe confiaram.

Talvez ignorem a responsabilidade que lhes cabe na obra de devastação em que por esse país fóra andam pedreiros pouco entendidos e directores d'obras publicas cheios d'intelligencia. . .

Foi por isso mesmo que eu não fallei a v. ex.^a quando cá estive o anno passado com o Gabriel Pereira e com o Mardel.

V. ex.^a estava em minoria. . .

Gabriel Pereira é um homem indispensavel para quem pretenda estudar a historia da arte nacional. Elle conhece, como ninguem, os documentos escriptos, sabe o sitio onde param os velhos pergaminhos abandonados em que dormem um somno socegado os nomes dos nossos artistas, os fastos de historia da arte do nosso país.

É um erudito, um investigador intelligente, paciente e honrado.

Mas, amor d'arte, conhecimentos da technica e das condições do trabalho indispensaveis para bem avaliar em historia d'arte, não os tem.

Gabriel Pereira é incapaz de decidir-se entre um objecto artistico authentico e uma imitação menos mal feita, incapaz de avaliar as subtilidades com que se vão formando e accentuando os caracteres na evolução de qualquer ramo d'arte.

Era por isso um auxiliar precioso para escrever a chronica do convento, mas sem competencia para avaliar da obra de restauração.

É um investigador que a estudar historia se encontrou com a arte.

Mardel é um humorista-catholico, dilettante d'arte, que deve tocar guitarra e saber fazer doces de cozinha.

Para avaliar uma obra d'arte precisa que se dêem certas condições do tempo e logar. Nem sempre julga bem e a sangue frio.

Nunca o seu espirito vibra tanto de admiração deante d'uma custodia gothica, ou d'uma lanterna processional do seculo XVII, como quando vae de cabeça descoberta, d'opa e cirio na mão a acompanhar o Santissimo Sacramento!

Demais, eu não admitto jurys e nunca percebi para que seja necessario nomear três pessoas para avaliar d'uma obra d'arte.

Um amigo intelligente diz-me aqui do lado que é para um ter uma opinião, outro outra, e o terceiro desempatar. . .

Deve ser isso. . .

Ahi vae a denuncia. Franco Frazão, director das obras publicas, Violet-le-duc d'aterros e canos d'esgoto, anda dando cabo dos ultimos restos da antiga opulencia coimbrã,

Em Coimbra ha três monumentos, pontos capitaes na evolução historica da arte em Portugal — a Sé Velha, o exemplar romanico mais notavel do país, o convento de Santa Cruz, obra por estudar e que marca no estylo manuelino, e o paço episcopal, exemplar unico d'uma velha residencia senhorial do seculo XVI.

A tudo se atirou s. ex.^a, tudo tem destruido, tudo tem sujado com restaurações modernas indecentes, como os desenhos obscenos que nas paredes frescas gravam os garotos:

Como os canteiros reles, o detestavel restaurador é um apaixonado do estylo manuelino, um manuelino particular de cemiterio ou de casa de brasileiro minhoto.

O do paço do bispo conhece-o muito bem v. ex.^a. Escuso por isso de lhe dizer mal d'elle.

O de Santa Cruz é como o do paço episcopal.

Como todas as pessoas de idéas raras, agarra-se ás poucas que tem com uma teimosia muita conhecida na especie.

Não sei como, appareceu-lhe o verão passado um portal manuelino na cabeça, qui-lo empregar logo no paço episcopal (!) para substituir a magnifica entrada renascença (!).

Depois viria o resto: elle uniformaria tudo dentro do pateo, faria janellas novas tambem manuelinas, por fórma a que o conjuncto não destoasse.

Que estupidez! ou que infamial Não pode levar a sua ávante, mas o portal lá lhe ficou na cabeça, e agora vae emprega-lo para substituir a porta philippina que da capella-mór dá entrada para a majestosa sachristia.

Já veiu a pedra. A obra vae comegar. Acuda v. ex.^a, que é tempo.

Tudo tem sido inutil para o dissuadir—o conselho d'amigos cuja auctoridade devia respeitar, os gritos dos que se vêem roubados e estão cançados d'apitar, sem apparecer policia que lhe deite a unha e o melta em casa de correccão.

Elle anda sempre a dizer—*que não sabe nada de archeologia* (e acerta por acaso!), *que não quer responsabilidades*, que por causa d'isso fez vir v. ex.^a de Lisboa o anno passado, e que se não fará nada na igreja, sem de Coimbra ir um esboço para Lisboa, sem que elle venha approvedo pela Commissão dos monumentos nacionaes! . . .

Toda a gente attribue por isso á Commissão os disparates feitos e os disparates projectados.

Veja v. ex.^a se póde valer a isto; eu ando farto de gritar, mas os interessados parecem não ouvir, a obra vae-se fazendo.

Para evitar a fiscalisação do publico as obras estão-se fazendo quasi á porta fechada. A todos os conselhos s. ex.^a responde: é ponto decidido, e a todos os argumentos s. ex.^a replica: eu não sei nada de archeologia, nem quero saber. . . continuo seguindo a minha linha. . .

E continúa, Coreovado, marcha hesitante, o olhar a arrastar-se a custo sobre os vidros sujos das lunetas, para mirar de cima, morto, sem vêr, mas continúa a seguir a linha facil do disparate, comprazendo-se na adoração babada, dos que o inspiram e originam as tempestades a soprar naquellê craneo vasto, sonoro e frio como uma cisterna.

Para justificar o uso da substituição da porta da sachristia, cita uma auctoridade. . . a do Sanches Moguel, que, ao que elle diz, approvou a obra,

O Sanches de Moguel, arvorado em auctoridade...
V. ex.^a sorriu?
Então é boa occasião para amigos...

T. C.

Para o corpo de policia das terras de Gaza, para guarnecer os postos que ali ha e completar qualquer falta que haja no effectivo da guarnição de Moçambique, partirão no India 200 praças. A força que lá está regressará ao reino.

É isto o que informam as folhas governamentais.

Cuba

A opinião publica em Hespanha, que tão espaventosamente se manifestou ao ter conhecimento das propostas de belligerancia votadas pelo congresso dos Estados-Unidos, está mais calma. Cré-se provavel que Cleveland não seguirá a politica que lhe é indicada pelo congresso, em virtude principalmente da attitudé de alguns jornaes. Por outro lado diz-se que a França e a Inglaterra apoiarão a Hespanha em qualquer conflicto com os Estados-Unidos.

Está, porém, muito longe de se poder prevêr com seugrança o que succederá. A commissão do senado dos Estados Unidos concordou em que deverá ser votada a proposta da camara dos representantes, mais energica que a do senado porque propõe o reconhecimento da independencia de Cuba, sendo assim provavel que o senado a adopte. Quanto a Cleveland, certo é que elle ha de meditar muito antes de se resolver a abrir um conflicto com o congresso.

E os insurrectos cubanos lá vão lutando com toda a energia para conquistarem a sua independencia. São elles os que merecem a nossa sympathia.

O alcool e a duração da vida

O secretario da *Alliança britânica contra o alcoolismo*, James White, ha vinte annos que procede ás mais recentes investigações sobre a influencia que o uso do alcool pôde exercer na duração da vida humana. Baseando-se nos documentos que lhe têm sido fornecidos pelas companhias de seguros de vida, chegou elle á conclusão de que o alcool, até quando consumido em pequena quantidade, abrevia existencia.

Dividindo os individuos em dois grupos: os que usam de bebidas alcoolicas e os que d'ellas se abstêm completamente, descobriu White que a mortalidade d'estas é inferior num terço approximadamente á dos primeiros. Desceudo a minuciosidades, notou White que sobre 1:000 individuos que

se abstêm de bebidas alcoolicas, 590 attingiam a idade de 65 annos, enquanto que sobre 1:000 que consumiam moderadamente bebidas alcoolicas, sómente 463 attingiam essa idade. Pôde pois admitir-se que 137 vi das sobre 1:000 foram encurtadas pelo uso moderado do alcool, o que já é uma differença apreciavel.

As profissões que estão mais em contacto com o alcool, attingem uma mortalidade exaggerada. Assim, enquanto que sobre 1:000 individuos de todas as profissões, o numero de mortes é sómente de 8 para os ecclesiasticos, 9 para os agricultores, 12 para os carpinteiros, 13 para os mineiros, 14 para os pedreiros, sóbe a 21 para os cervejeiros e a 35 para os creados de hotel.

Das observações de White resulta tambem que o alcoolismo é mais mortifero nas classes ricas do que nas pobres. Entre os decessos devidos a esta causa, encontram-se 20 % nos operarios, 13 % nos commerciantes, 17 % nos caixeiros viajantes e 20 % nos capitalistas.

Será devida essa differença á quantidade do alcool absorvido, ou á qualidade d'elle?

Ultimamente tem-se sustentado que aguas ardentes e vinhos velhos são mais toxicos que o alcool industrial mais ou menos rectificado, com o qual se fabricam agora as bebidas de baixo preço.

As revistas d'inspecção aos reservistas no districto de Coimbra começaram no dia 15 de março, e realisar-se-ão em Condeixa nos dias 15 e 19 de março, em Penella 22 e 25 de março, Miranda do Corvo 29 de março e 12 d'abril, Goes a 19 d'abril, Louzã a 3 e 10 de maio, Anadia a 14, 17 e 24 de maio, Mealhada a 31 de maio, em Coimbra a 4, 7 e 12 de junho.

Por despacho de 5 do corrente mês, foi concedida licença de sessenta dias ao sr. Duarte Mendes da Costa, professor do ensino elementar e complementar na freguezia de S. Bartholomeu.

Continuação da subscrição para a historia da vida da Rainha Santa Isabel.

Ex.^{mas} srs.: — Bispo Conde, dr. Bernardo d'Albuquerque e Amaral, dr. Guilherme Alves Moreira, dr. Francisco Martins, D. Anna Victoria Barata de Figueiredo, D. Amelia Janny, C. R. S. P., dr. Joaquim Mendes dos Remedios, dr. Manuel Paulino d'Oliveira, dr. Philomeno da Camara M. C. brai, dr. Julio Augusto Henriques, dr. Francisco Antonio Diniz, dr. José Pereira de Pajva Pitta, dr. Francisco da Costa Pessoa, Leonardo de Castro Freire, conego Manuel Marques Pereira Ribeiro, conego dr. José Diniz de Carvalho (de Santarém), José Francisco da Cruz, José Antonio d'Oliveira.

nho «alguma coisa duro, mas menos mal engendrado» a que eu ha pouco alludi.

O coronel olhava fixamente para o seu velho camarada. D'esta vez, pensava elle, parece-me que saltei a pés junctos para a arena!

Mas M. de Villy nem sequer se deu ao cuidado de reflectir sobre o caso: — Esse tal primo não era senão um refinado impostor, respondeu elle, e Emmanuel é um rapaz sério.

— Emfim, admite por um momento apenas, a minha hypothese. Quando recebesse uma cartinha como a que te figurei ha pouco, que dizias tu?

— Olha: pelo que me toca directamente, nada dizias; d'Argouges não está empenhado para commigo por nenhum contracto nem palavra. Mas pelo que diz respeito a Alice, muda o caso de figura. A querida creança acostumou-se a este pensamento de repartir a sua vida entre o pae, a avó e Emmanuel dedicando-a toda inteira a este quando minha mãe e eu lhe faltarmos. Quando não ias? ella nunca teve deante dos olhos a imagem de nenhum outro homem! Para ella, só existe Emmanuel; se o perdesse; não quereria ouvir uma só palavra de consolação, e muito menos de esperanza. E esse mesmo golpe me traria a perda da filha unica, que decerto se faria religiosa com M.^{elle} de Croizy. Talvez que fosse esse

o unico lenitivo para a sua dôr, ir para junto da sua amiga, no convento de Bayeux...

O nome de M.^{elle} de Croizy devia produzir em tal occasião um effecto singular sobre qualquer pessoa que, como o coronel, estivesse ao facto de tudo o que se passava. M.^{elle} de Villy poderia effectivamente ir enterrar-se em Bayeux, mas o que lá não teria com certeza seria a amiga da infancia, essa Herminia que estaria então nos braços de M. d'Argouges. O coronel desviou a cabeça para o lado, tão grande era o receio, que tinha, de que a sua physionomia trabisse a profunda impressão recebida.

— Então, continuou M. de Villy depois de uma pausa, desde o momento em que o futuro de Alice dependesse de essa inconstancia tardia que me roubaria não somente uma esperanza por tanto tempo acariciada, mas a minha propria filha não sei, confesso, de que seria capaz num excesso de dôr, salva a hypothese de enlouquecer subitamente... Não pensemos mais nisso, por favor t'o peço!

— Ha de ao menos desculpar o ter perturbado a tua tranquillidade com uma conversa d'estas, disse M. de Lambrune assustado pelo desespero de M. de Villy que era de ordinario muito fleumatico. Bem sabes, porque certamente não duvidas d'isso, que, pre-

Concurso

Está aberto concurso para o logar de administrador da imprensa da Universidade, com o ordenado annual de 400\$000 réis e casa de habitação. Só podem concorrer individuos que tenham um curso superior.

Á cerca da nomeação para este logar corremahi varias versões. Pelas nossas informações, não tem fundamento a noticia publicada por um nosso collega, de que seria nomeado para esse logar um novel bacharel.

Tomou posse da freguezia da Cumieira, deocese de Coimbra, o rev. Santos Coelho.

Festas de Sevilha

A Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes já regulou o serviço para as festas que se hão de realisar em Sevilha de 29 de março a 22 de abril. Os preços dos bilhetes, incluindo as differenças dos comboios, são:

De Lisboa, Figueira e Coimbra, 1.^a classe, 14\$000 réis; 2.^a, 12\$000 réis; 3.^a, 8\$500 réis; do Porto, 1.^a classe, 16\$500 réis; 2.^a, 14\$000 réis; 3.^a, 10\$000 réis.

Da Tortnightly Review:

Em 1837 a rainha Christina de Hespanha, vendo as suas finanças embaraçadas, encarregou Campanuzo, um dos seus agentes diplomaticos, de encetar negociações com Luiz Philippe para lhe ceder, recebendo dinheiro, uma parte importante das possessões hespanholas: Cuba contra 30 milhões de reales; Porto Rico e as Philippinas contra 10 milhões. As negociações foram conduzidas no meio do maior segredo entre Campanuzo, o banqueiro Aguado, o principe Talleyrand e o rei. Desajava desviar-se, até que fossem tomadas todas as precauções, a vigilancia de lord Palmerston, cuja ubiquidade e penetração inspiravam um verdadeiro terror em todas as chancellarias.

Teve logar uma entrevista nas Tuherias, em 8 de janeiro, em que foram lidos os artigos do tratado. A questão da cessão de Cuba ficou exgotada, sendo assignado o contracto.

O artigo 2.^o, discutido em seguida, parecia de menor importancia, e, todavia, foi o que fez gorar o negocio.

Esse artigo tratava de Porto Rico e das ilhas Philippinas. Relativamente a Porto Rico a conclusão do negocio foi rapida; o preço era excellente. Surgem, porém, difficuldades para as ilhas Philippinas. O rei-cidadão não pôde resistir á tentação de negociar. Com um sorriso affavel nos labios, interrompe a leitura do artigo, observando que a cessão das ilhas Philippinas desagrada a Inglaterra, de que havia a recear violenta opposição se não uma declaração de guerra. O pedido d'uma redução da somma fixada como preço

das Philippinas foi apresentada formalmente, em termos peremptorios.

O rei aproveitando inuteis digressões do principe de Talleyrand e a violenta indignação do enviado hespanhol, queria tirar partido do medo inspirado pela colera presumida de lord Palmerston. «E' necessario, disse elle, que a redução do preço seja acceita. As vossas condições são muito pesadas. Offereço sete milhões; accetae-os, ou lança o tratado ao fogo.»

Campanuzo, levantando-se precipitadamente e olhando o rei de frente, exclamou: Vossa Magestade tem razão; o tratado está sem valor, e a unica cousa que ha a fazer é lança-lo ao fogo.» E, sem dizer mais cousa alguma, correu á chaminé e lançou os papeis nas brazas.

E assim foi a côrte de Hespanha salva d'um grande perigo, a paz da Europa salvaguardada dando a demasiada cubiça do rei ensejo ao delegado hespanhol para reflectir.

Bibliographia

A Arte — Recebemos os n.^{os} 7 e 8 d'esta interessante revista, reunidos num numero só e cujo summario é o seguinte:

Trindade Coelho, Augusto Moreno; *Decadentes*; Ferreira Soares; *Sól-póto*, Gonçalves Cerejeira; *O mano padre (romance: I e II)*, Campos Monteiro; *Registo theatral*, Augusto Ribeiro; *D. João da Camara*, Eduardo de Athayde; *Casal do Monte*, Bulhão Pato; *Idyllio saronio*, Alberto Osorio de Castro; *A João de Deus*, Carlos de Pina Machado; *Registo bibliologico*, Julio Lobato.

A Critica — Recebemos e agradecemos o n.^o 14 d'esta revista lisbonense. Traz o retrato em photographia da cantora Carmen Bonoplate e collaboração selecta.

Revista Theatral — Recebemos o n.^o 29 do 2.^o anno d'esta interessante publicação.

Relatorio e Contas da Associação Humanitaria dos Bombeiros voluntarios de Coimbra, — correspondente ao anno de 1895. A receita d'esta benemerita associação foi no anno findo de 702\$990 réis e a despeza de 694\$155 réis, havendo um saldo de 8\$835 rs., de donativo recebeu a associação 219\$755 rs. Agradecemos todas estas publicações.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 20 de fevereiro de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente a parte da sessão o administrador do concelho bacharel José Miranda. Approvada a acta da sessão anterior, arrematou em praça pela quantia de duzentos e quarenta mil réis a José Alves, de Valle de Colmeias, a barraça n.^o 13 do mercado de D. Pedro V, pelo tempo que decorre até o ultimo de dezembro do corrente anno.

Volta á praça a barraça n.^o 20, por não ter obtido lanço favoravel.

tendendo prevenir o impossivel, um fim unico me animou: a segurança da tua felecidade e da de tua filha.

— Então é necessario que m'o digas? exclamou M. de Villy apertando entre as suas as mãos de M. de Lambrune. Agradeço-te de todo o coração, meu velho amigo, e aproveitar-me-ei do que te ouvi.

M. de Lambrune teve muita vontade de acrescentar: quanto mais depressa, melhor! Mas contentou-se com morder a lingua e calar-se.

As minucias d'esta conversa passavam-lhe pelo espirito; quando na vespéra, de tarde, passeando no parque, em certo sitio, se encontrara com M. d'Argouges, em que circumstancias, e como M. d'Argouges lhe fizera a confissão que conhecemos.

Admirava-se da fatal regueira que persegue constantemente as pessoas mais interessadas numa historia amorosa qualquer, o pae ou a mãe, o nolve ou a noiva. É necessario a derrocada para depois verem o perigo! O coronel tinha «posto os pontos nos ii, como elle dizia, de modo a rebentar os olhos do seu camarada»; mas M. de Villy nem tinha visto os ii nem os pontos! Era para causar dô. Mas como é que Alice, pelo seu lado, com aquelle instincto de mulher que lhe devia corrigir a ingenuidade, não tinha ainda percebido que Emmanuel, apesar de

Foram abertas propostas para a adjudicação de fornecimentos diversos: — petroleo para a illuminação de Santo Antonio dos Olivares e casa d'abegouaria; azeite e alcool para serviços na casa das machinas das aguas; papel e utensilios para a secretaria, até o fim do anno, e foram nomeadas commissões para dar parecer sobre as mesmas.

Demittiu do serviço por motivo de embriaguez o bombeiro n.^o 20 da 3.^a esquadra da corporação de bombeiros municipaes.

Resolveu pedir providencias ao chefe do districto para a execução das posturas municipaes por parte do corpo policia civil.

Registrou que o conductor d'obras do municipio informa que foi construido em boas condições um cano d'exgoto particular ao porto dos Bentos, sendo bem feita a ligação com outro alli existente.

Auctorisou os seguintes pagamentos: Pessoal empregado na limpeza da cidade, latrinas e abegouarias na 1.^a quinzena de fevereiro..... 150\$880 Material para estes serviços, na mesma quinzena..... 54\$160 Canalisações d'agua, pessoal e material..... 35\$890 Officina das aguas, pessoal e material..... 15\$425 Canalisação geral, reparação..... 3\$920 Limpeza d'arvores..... 1\$100 Limpeza da parte ajardinada da quinta de Santa Cruz..... 3\$250 Reparação do telhado da casa da escola de Cellas..... 4\$290 Fiscalisação de calçadas das ruas... 6\$750 Concerto de um cano de exgoto em Mont'arroyo..... 4\$610 Idem aos arcos do jardim Botânico 2\$050 Idem da calçada na azinhaga da Varzea..... 12\$940

Despachou requerimentos, auctorisando a reforma do revestimento da frontaria de uma casa na rua de Thomar; a collocação de tabelas em estabelecimentos diversos; a limpeza de um cano particular em uma casapa rua do Sargento Mor; a construção de um muro de vedação a um predio em Revelles, determinando se o alinhamento; a reforma da fachada de uma casa na travessa da rua da Mathematica, approvando o alçado respectivo, a reconstrução da fachada de uma casa na Couraça de Lisboa, pelo lado do becco d'Amoreira, sendo approvado o alçado; e a reforma da frontaria de outra casa na rua dos Continhos com alçado tambem approvado.

Levantando-se por fim um incidente acerca de irregularidades praticadas nos serviços do cemiterio da Conchada e trocadas explicações sobre o mesmo incidente, deu-se este por terminado, dizendo-se satisfeito o vereador do pelouro respectivo.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recomendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

Professores primarios

Os boletins mensaes, em harmonia com o decreto de 22 de dezembro de 1894, vendem-se a 50 réis cada caderno na livraria França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra. Pelo correio, 60 réis.

uma certa apparencia de sollicitude, não tinha por ella, no fundo, senão uma suave indifferença?

Roland voltou-se ao sentir o ruido de um passo leve que a principio tomara pelo fremito das folhas seccas levadas pela viração.

Era M.^{elle} de Villy que se dirigia para elle.

— Bem se vê, coronel, que estaes habituado a evitar surpresas; não é facil apanhár-vos descuidado.

— Minha querida Alice, não me tinha mesmo lembrado de me occultar, respondeu M. de Lambrune, tomando paternalmente a mão de M.^{elle} de Villy. Tenho até a maior satisfação em proseguir no meu passeio com tão amavel companhia. Mas, agora reparo, M.^{elle} de Croizy não veio comvosco?

— Herminia ficou a escrever a M.^{elle} de Fayolles. Mas lá por isso não deixaremos de falar nella, coronel, e com a mesma seriedade com que vós falaveis esta manhã com o papá, no terço.

O coronel teria ficado desde logo completamente desconcertado, se M.^{elle} de Villy não accrescentasse quasi immediatamente:

— Não sei o que estivesse a dizer; mas falaveis ambos com um tal calor que por força era coisa muito interessante.

(Continúa).

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XIX

— Alguma coisa duro, mas menos mal engendrado, caro Roland. Chega a gente a imaginar que passaste por lá...

— Mas já por lá vi passar um primo, e é bastante.

— Mas, meu velho amigo, ha primos e primos...

— Assim como ha maçãs e maçãs? Conheço essa excellente razão; serve para quando não ha outra. Pois bem, o primo de quem te fallo estava exactamente nas mesmas condições de Emmanuel. Tinha sido educado ao lado da prima, cujo pae tinha disposto e engrinaldado o futuro das duas criancas. Um e outro briacavam, dizendo-se maridinho e mulher até uma certa idade em que, como já se não brinca, já se não pôde ser — marido e mulher. Um bello dia, essa tal desconhecida com que nunca se conta mas que apparece sempre cedo de mais, veio collocar-se de permoio. Então o bom do primo, que se não atrevia a exprimir-se abertamente, enviou o tal bilheti-

2.ª publicação

15 Pelo Juiz de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do 5.º officio, correm editos de trinta dias, citando o menor pubere, José conjuntamente com seu pae José Tejo, de São João do Campo e ausentes em parte incerta para a qualidade de representante de sua fallecida mãe Maria Gandara, assistir a todos os termos do inventario orphano logico a que se procede por fallecimento de Maria Cazalleira, viuva de Manuel Gandara Junior, morador que foi no referido lugar de São João do Campo.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de direito,
Neves e Castro.

QUINTA

12 Vende-se uma proximo d'esta cidade.
Dá bom rendimento, tem terra de sementeira, pinhal, arvoredos de fructo, olival, vinha, etc.
Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.



ESCRITURARIO

14 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se à Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

13 Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.
Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.
Verde engarrafado, garrafa 100 réis.
Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.
Taberna à Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

11 Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima!
Alta novidade!

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Heroulano Carvalho
Medico
R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA
10 Consultas todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

DE
JOSE FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

AGUAS MEDICINAES

DA
FONTE NOVA
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemeadadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragozo, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

PEDIR OS PROSPECTOS

Assinatura **100 RS.** cada n.º

Gratis

UMA FOLHA de uma peça original portugueza, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

REVISTA THEATRAL

ILLUSTRADA

Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

PEÇAS PUBLICADAS

SALTIMBANCO
de Antonio Ennes

JUCUNDA
de Abel B. Telho

ALCACER-KIEIR
de D. João da Camara

PARAISO CONQUISTADO
de Lopes de Mendonça

Ciume com ciume se paga
de Rangel de Lima

Muito proprias as ultimas para amadores

Sae nos dias **1 E 15** de cada mez

Assigna-se em todos os agentes da **ANTIGA CASA BERTRAND**

JA PUBLICADO O 1.º VOL.

22 N.º SAHIDOS DO 2.º VOL.

COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

7 A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um **extraordinario e variadissimo** sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais **ALTA NOVIDADE**, para as estações d'outunno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 7000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8500 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacos com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacos.

Contra o reumatismo e rigoroso frio.—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1500 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquettes* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 4500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e cerrida com o abatimento de 35000 a 45000 !!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do fregues, e debaixo da direcção do contra-mestre.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 214.000.000

SEDE EM LISBOA

6 Esta companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

5 **BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: *Crystofle*, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Caixeiro

1 Na casa de Augusto Luiz Augusto Martha, aceita-se um que tenha pratica de papelaria.

Praça do Commercio, n.º 76 a 78.—Coimbra.

LIVROS DE MISSA

SEMANA SANTA

3 A Casa Havaneza acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

Cavallos, muares, etc.

2 As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintaus, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 10000 réis.
Deposito em Coimbra—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

1 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 25700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 25400
Semestre..... 15200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 111

COIMBRA — Quinta feira, 12 de março de 1896

2.º ANNO

«O SECULO»

Está sendo vivamente discutido por alguns collegas nossos o procedimento inqualificavel do *Seculo* que, dizendo-se republicano, é o orgão da imprensa periodica que mais tem prejudicado nos ultimos annos a acção do nosso partido. Não nos temos occupado do assumpto, porque ha muito tempo definimos a nossa attitudem perante esse jornal. No n.º 26 da *Resistencia*, de 19 de maio de 1895, dissémos nós:

«Ora é necessario que nos entendamos por uma vez, terminantemente: O procedimento do *Seculo*, se o considerarmos como jornal republicano, tem sido indigno, desde que foram decretadas as leis de perseguição contra a imprensa. Excepção feita de varios artigos do sr. Rodrigues de Freitas e de alguns do sr. Teixeira Bastos, o *Seculo* tem favorecido os governos da monarchia, chegando a ponto de ser considerado até o maior defensor do ministerio do sr. Dias Ferreira, tão prejudicial ao país.

A cada passo, os republicanos vêm com desgosto a cobardia e o serviilismo do *Seculo*, pensando quanto os interesses do partido são por isso contrariados. Quanto a nós, não terá razão de ser o desgosto dos republicanos, desde o momento em que se assente no seguinte: **O *Seculo* não é um jornal republicano.** O *Seculo* é um jornal onde ás vezes apparecem alguns artigos escriptos por individuos republicanos, não podendo portanto nunca representar a opinião dominante do nosso partido. Assim termina a especulação dos monarchicos e podem os republicanos ver o *Seculo*, sem que isso lhes importe, continuar como qualquer jornal monarchico ou incolor, escrevendo o que lhe parecer, orientando-se pelo criterio do *Diario Illustrado* ou do *Diario de Noticias*.

Claro que, se no *Seculo* apparecer um artigo onde transpareça alguma idéa republicana, como ás vezes nos jornaes progressistas, o poderemos applaudir, como havemos de continuar a combater os seus artigos favoraveis á monarchia, da mesma forma que combatemos os artigos neste sentido publicados, por exemplo, nas *Novidades*, jornal do sr. Emygdio Navarro. Nada mais.

Ditas estas palavras, fazemos a seguinte declaração:—a *Resistencia* não considera o que se escreve no *Seculo* como interpretando as idéas do partido republicano, e pede a todos os republicanos do país que por interesse do nosso partido procedam de forma identica. Assim terminam os equívocos, as supostas contradicções do partido republicano e as especulações dos monarchicos.

Egal idéa temos a respeito de todos os jornaes que se digam republicanos e não sejam dignos de, moral ou politicamente, representar o nosso partido. Dizemos isto sem receio de que jámais nos possam fazer a minima accusação em tal sentido.

Para terminar; alguém pôde perguntar-nos se o sr. Magalhães Lima, redactor do *Seculo*, deve ser censurado. Desde o momento em que não consideramos aquelle jornal como republicano, estamos inibidos de criticar o direito que s. ex.^a tem de figurar á frente de qualquer empresa industrial.

Estas palavras repetimo-las hoje com a mesma convicção que então nos animava. A *Resistencia* nunca considerou o *Seculo* como um jornal republicano.

E' uma empresa industrial, que só pugna pelos seus interesses. Convem

ao *Seculo* dizer-se republicano, que na sua cabeça figure o nome d'um correligionario nosso que ainda ha poucos meses sabiu do directorio do partido, para ter maior numero de leitores e receber dos governos da monarchia, a quem por esse modo presta melhores serviços, mais larga protecção.

Se ao *Seculo* convem dizer-se republicano, ao nosso partido convem desmascara-lo. A *Resistencia* cumpriu já o seu dever, não reconhecendo a necessidade de voltar ao assumpto.

Não podemos, porém, deixar de transcrever parte de um artigo que o venerando decano dos jornalistas portuguezes e nosso prezado amigo, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, publicou sobre o assumpto no seu *Conimbricense*. O prestigioso nome do seu auctor e os significativos factos que nelle se relatam dão-lhe uma importancia especial, que nos apraz reconhecer, transcrevendo-o.

«O SECULO» E A REPUBLICA

Agita-se na imprensa a questão acerca da attitudem tomada pelo nosso collega do *Seculo* para com o partido republicano.

A extraordinaria publicidade que tem o *Seculo* da a este periodico uma grande importancia, e por isso a sua marcha politica, se podia ser vantajosa ao partido republicano, também lhe pôde ser fatal.

O *Seculo*, assim como os outros periodicos, pôde proceder como entender; mas desde que pelos seus actos seja prejudicial ao partido a que se diz pertencer cumpre a esse partido reclamar contra uma tal situação.

Não se pôde, nem se deve servir ao mesmo tempo a dois senhores.

Ou bem republicano, ou bem monarchico.

Ha dois annos e meio vieram a nossa casa o sr. Magalhães Lima e outro nosso amigo, então deputado do partido republicano.

Pouco depois de amanhecer já estavamos na typographia a escrever para o *Conimbricense*, onde nos encontraram os nossos amigos.

Depois dos mutuos cumprimentos queixámo nos vivamente aos visitantes da quasi completa indifferença com que o *Seculo* estava vendo a audacia dos reaccionarios, que pretendiam levar ao parlamento a questão da restauração das chamadas ordens religiosas.

Na sua resposta most avam ter pouco receio dos manejos dos reaccionarios, dizendo-nos o nosso amigo deputado, que se tal ousassem os reaccionarios, iriam ás côrtes mais de 10:000 pessoas protestar contra esse acto.

Mostrámo lhes que isso não passava de utopia; e que aquillo de que se carecia era de muito a tempo se fazer no jornalismo e nas reuniões publicas, uma activa propaganda de opposição a esses tramas.

Decorrido um anno depois da referida visita, achavamo-nos em uma noite na loja de drogaria do nosso amigo o sr. Rodrigues da Silva, na rua de Ferreira Borges, e ahinos foi apresentado um individuo que não conheciamos, mas que nos disseram ser o sr. Silva Graça, um dos principaes influentes do *Seculo*.

Depois dos devidos cumprimentos aproveitámo a occasião para, diante das numerosas pessoas que se achavam

na loja, censurarmos com toda a indignação e do modo o mais energico, a marcha que seguia o *Seculo*, em grave prejuizo da causa liberal, vendo impassivel o grande movimento de reacção jesuitica que se estava operando no país.

O sr. Silva Graça não achou para defender o seu procedimento, assim como do *Seculo*, senão dizer-nos que quando esse periodico havia sustentado a campanha do convento das Trinhas e da irmã Collecta, se achára só.

Ora ainda que isso fosse completamente exacto não justificava o *Seculo*, porque cada um responde pelos seus actos.

Nós temos sustentado fortes luctas no *Conimbricense* contra os assassinos da Beira, os moedeiros falsos de Coimbra, desordeiros, casas de jogo, e reaccionarios de todos os matizes, e nunca recuámos, apesar de muitas vezes nos acharmos isolados, chegando o desafforo a ponto de encontrarmos os sicarios d'esta provincia apoio na imprensa periodica, de que podiamos aqui apresentar os documentos comprovativos.

E contudo nunca sossobramos em a nossa lucta.

Quem não tem coragem para sustentar as campanhas de moralidade, larga a penna.

Em seguida ao *ultimatum* houve uma geral indignação contra os ingleses.

Era tal a irritação, que até se censurava os periodicos que prestavam as suas columnas para nellas se publicarem annuncios de mercadorias inglesas, e tudo quanto podia dizer respeito á Inglaterra.

Á sua parte o *Seculo* todos os dias condemnava um periodico de grande publicidade de Lisboa, que apesar de tudo publicava annuncios ingleses; dizendo repetidas vezes o *Seculo* que esse periodico procedia assim para não perder os *dezeisinhos*.

A exigência do *Seculo* era talvez excessiva; mas emfim podia ser desculpada pelo amor da patria, que o levava a preferir o decoro nacional ao seu proprio interesse.

Decorre, porém, algum tempo, e vê-se com pasmo geral que o *Seculo* modificava constantemente a sua linguagem, chegando até a ser considerado orgão semi-official dos diferentes governos.

Podia o *Seculo* não ser extremamente exaltado; mas passar d'ahi a uma quasi total abstenção de censura aos actos arbitrarios dos governos, e isto por parte de um periodico que se diz republicano, é o que se não pôde ver a sangue frio.

No anno passado veiu visitar-nos a este escriptorio um nosso amigo, que por varias vezes já foi ministro de estado.

Tractando em a nossa conversa de alguns assumptos politicos, condemnámo nos o procedimento do *Seculo*, que tanto mal estava fazendo á causa da liberdade e em especial ao partido republicano.

Respondeu-nos o nosso amigo que o *Seculo* não podia deixar de ter as maiores contempções com todos os governos; porque nisso se baseavam os muitos contos de réis que a empresa tinha de interesse annual.

Disse nos que logo que o *Seculo* se collocasse em aberta hostilidade com os governos, e mesmo se os não favorecesse, perdia grande parte da importancia que tinha do noticiario, d'onde vinha a sua larga publicidade.

Deu-nos d'isso um exemplo.

Quando era ministro de estado recolhia-se o nosso amigo quasi sempre a sua casa das 3 para as 4 horas da madrugada.

Achavam-se ahi á sua espera dois *reporters* do *Seculo*, os quaes lhe perguntavam pelas ultimas noticias.

Como o *Seculo* tinha todas as contempções com o governo, dava o nosso amigo aos *reporters* as informações de todas as noticias dos acontecimentos mais importantes da ultima hora.

Os *reporters* corriam logo á redacção do *Seculo* levar essas informações; e como este periodico tinha uma machina de imprimir da maxima velocidade, podia fazer a impressão depois dos outros periodicos, sem retardar a distribuição, e por isso dava noticias mais adelantadas do que os seus collegas.

Se, porém, o *Seculo* hostilizasse o governo eram-lhe desde logo suspensas todas as noticias dadas directamente pelos ministros e as provenientes das diversas secretarias de estado, o que era um golpe fatal para a empresa.

Essa posição pôde ser vantajosa para a empresa do *Seculo*; mas é absolutamente incompativel com um periodico que se diz republicano.

Antes se declare francamente monarchico do que dizer-se republicano, e prejudicar gravemente o seu partido.

Repetimos o que já acima dissémos. Não se pôde, nem se deve servir ao mesmo tempo a dois senhores.

Ainda confiámos que o nosso amigo o sr. Magalhães Lima não continue a deixar ver o seu nome sancionar semelhante estado de coisas.

Se não obstar a isso a responsabilidade será toda sua.

Joaquim Martins de Carvalho.

Noticiam algumas folhas da capital que se reuniu a empresa do *Seculo* para apreciar a sua marcha politica.

Nessa reunião deve ter sido dado um voto de louvor ao sr. Silva Graça. O estado financeiro do *Seculo* é florescente.

Nunca fiando...

Diz o Tempo:

«Queixava-se hontem o *Paiz* de que os delegados da *corregedoria* não permitissem a leitura d'aquelle jornal na rua e apenas dessem licença ao leitor para o ir ler em casa.

Não tem de que queixar-se!

Foi ainda muito feliz o leitor! Se amanhã o governo se lembrar de prohibir a leitura dos jornaes, mesmo de portas a dentro, olhe que ninguém se incommodará com isso.

O paladar do país está para tudo!

Que não se deixe levar o sr. Dias Ferreira por essas considerações. Veja o que na Italia está succedendo a Crispi.

—Navarro está manso.

—Traz osso nas guellas...

Como se o patrio não fosse carne.

O sr. do Restello despediu-se do partido progressista e já não foi sem tempo.

Parece que o D. Xarope desejava ser regenerador e progressista ao mesmo tempo, para melhor poder ostentar as suas grandes influencias. Foi necessario que o *Correio da Noite* o fustigasse para que elle, fingindo-se melindrado, se desligasse publicamente do partido progressista.

Agora fica só regenerador até que os progressistas voltem ao poder. Depois será progressista e regenerador, até que este partido o expulse também.

Se tempo houver para tanta contradição.

ITALIA

É já de todos conhecido o grande desastre que as armas italianas acabam de soffrer na Abyssinia.

Aquelles 10:000 homens mortos e aprisionados, quasi sem poderem dar um tiro, no combate do dia 1, são o objecto das maldições d'um povo sobre os responsaveis d'essa empresa temeraria em que a falsa situação politica d'um homem e a debilidade d'instituições condemnadas comprometteram gravemente a Italia.

D'este desastre difficilmente ella se levantará tão depressa, recuperando as forças já antes bastante depauperadas, mercê d'uma politica que, contra a indicação das suas conveniencias e dos seus mais sagrados interesses, a acorrentara á Allemanha, em planos d'odio contra a França a quem a Italia deve um grande impulso no conseguimento da sua unificação, forças essas agora profundamente abaladas pelos recentes e lamentaveis successos da guerra em Africa.

A comprehensão d'isto, augmentada pela dôr que a perda de tanta vida, affogada em sangue, naturalmente causou, justificam a agitação, em ameaças de revolta, que actualmente convulsiona todo o povo italiano.

Demais, não é tal guerra o resultado de reclamações imperiosas da opinião; é um estratagemma de que os governantes italianos se serviram e a que o rei Humberto deu todo o seu apoio no unico intuito de desviar as attentões publicas das accusações de corrupção que vinham medonhamente pesando sobre Crispi e a sua politica.

Continua, comtudo, a guerra. O governo que se viu obrigado a pedir a sua demissão, demittido já, lem ainda tratado dos preparativos para enviar reforços em auxilio das forças desbaratadas.

Por seu lado a opinião publica em Italia é unanime em reclamar a retirada immediata das tropas que estão em Africa e oppõe-se energicamente á partida de mais soldados para o theatro da lucta. Estes mesmos se têm recusado a marchar, desertando uns, insubordinando-se outros. Entre as imprecações de revolta e os gritos de dôr, sobretudo as mulheres, naquelle desespero de mães, irmãs e esposas, regando com as suas lagrimas as fardas dos soldados que vão marchar para onde o dever agora os chama, agarram-se a elles para os não deixar partir e, numa furia doida, arrancam os *rails* dos caminhos de ferro, não vá a força da locomotiva roubar-lhes á impotencia dos seus braços aquelles entes queridos que ellas julgam vão lá ficar-lhes numa carnificina certa.

Em todas as cidades, nas proprias aldeias, todas as classes confraternizam nos mesmos impetos de protesto, aos mesmos gritos de morras a Crispi, de vivas á Republica, de graves accusações aos dirigentes e ao proprio rei.

Ao mesmo tempo, em qualquer parte que appareçam os deputados republicanos, são freneticamente saudados pelas massas populares, que os obrigam a fallar nas praças, nas ruas, cahindo em ondas nos logares mais concorridos, sem receio da força publica, travando mesmo com ella conflictos de que já têm resultado algumas mortes e bastantes e graves ferimentos de parte a parte.

Este o estado d'excitação publica em Italia. Têm já corrido rumores até de acontecimentos mais graves, e ainda os jornaes d'hontem davam em telegramma a noticia de ter sido descoberta uma conspiração republicana e de os chefes militares declararem ao governo que se não responsabilisavam pelas tropas. São gravissimas todas estas noticias e não será para estranhar, que, dada toda essa excitação, acontecimentos importantes nos venham surpreender.

X

A frisar ha ainda, nos acontecimentos de que ahí deixamos um ligeiro esboço apenas, um facto que se torna saliente se pozermos em paralelo a attitude dos italianos perante os successos da Abyssinia, e a dos nossos vizinhos hespanhoes na lucta em que d'ha muito vêm empenhados em Cuba.

Na Italia todos reclamam, depois do desastre de Adouah, a immediata retirada das tropas em Africa. Estudantes, mulheres, todo o povo, enfim, assalta os proprios comboyos e aos gritos de — *Não queremos que vão para o matadouro! Morra Crispi! Não parte mais ninguém para a Africa!* — arrancam de lá os soldados que um signal, apenas, faria partir a vingar a memoria dos seus companheiros trucidados. Os mesmos soldados se revoltam, negando-se a marchar.

Aqui, porém, na península, mesmo ás nossas portas, o povo hespanhol, num esforço uno e grande, numa nobre dedicação patriótica, não trepida perante a grandesa do sacrificio, talvez inutil, e de toda a parte corre a fazer acompanhar das suas saudações frementes os que pela patria vão expor-se, tambem longe, ás contingencias da guerra e, sobretudo, ás durezas do clima.

Quanto mais se lhe vae tornando difficil uma solução favoravel da lucta, mais elle redobra d'esforços, maior a sua exaltação patriótica, deixando-se arrastar talvez mesmo para uma conflagração mais grave.

E comtudo não recua, não trepida perante a enormidade dos sacrificios que se lhe amontoam no horizonte.

Mas será isto um indicio evidente da falta de patriotismo no povo italiano?

De forma nenhuma, a nosso ver. Um povo que luctou denodadamente pela sua unificação, pela sua liberdade, não pôde accusar-se agora, em face dos ultimos acontecimentos, de que não é patriota.

A differença está em que a lucta de Cuba foi provocada com o povo hespanhol, enquanto que a da Abyssinia foi uma aventura politica a que os dirigentes italianos quizeram arrastar o seu país para lhe distrairem as atenções das tremendas responsabilidades da sua politica, dos escandalos e de toda a especie de corrupção que pesava sobre elles.

O povo italiano foi inconscientemente arrastado a ella como a uma cilada que lhe armassem os seus governantes. Por isso elle não quer

assumir agora as responsabilidades da lucta, nem sacrificar mais vidas a essa aventura para, continuando completamente divorciado das regiões officiaes, fazer cahir sobre os seus dirigentes todo o peso esmagador do desastre.

E não será, pois, para estranhar que acontecimentos imprevisos nos venham breve surpreender.

Não estão em sorte as monarchias da raça latina...

As folhas progressistas cantam o responso ao Pimentel Pinto. Cantem, cantem, que o calote é certo.

O grande marechal Festas mandou tirar a sorte os tenentes de artilheria que deviam ir para a brigada de montanha de Penafiel.

Uma verdadeira loteria, em que foram sorteados os srs. Nico Plantier, Sequeira e Pinto d'Almeida.

Ora succede que, conta um jornal de Lisboa, o sr. Pinto d'Almeida dirigia as officinas de cinzelador da Fundição de Canhões, para o que tem especial competencia technica. E assim ficará, por um capricho da sorte, prejudicado o serviço publico.

Mas pouco importa. Que esta permanente comedia mina mais a monarchia que os canhões.

Oh, se mina!

O sr. João Franco auctorizou a collocação da lapide commemorativa do congresso de tuberculose na *Via Latina* ou no Museu, devendo preferir-se este local se ella fór grande.

É facil de descobrir o motivo d'esta preferencia.

Os academicos são, por vezes, en-diabrados.

Dr. Alves da Hora

Este distincto cathedrico da faculdade de Theologia está completamente restabelecido d'um ataque de influencia, que o reteve na cama durante alguns dias.

As nossas felicitações.

Restello cahiu nas unhas dos progressistas.

Ralham as comadres... ri a galeria. A vergonha não chora, que se lhe secaram as lagrimas.

Entre conselheiros:
— O país está gravido...
— Sério?
— Palavra! A rotula social attesta a gravidez do país. Está gravido...
Commentario:
Vamos ter ministerio de parteiras.

O exercito

O *Diario Popular*, orgão do sr. Mariano de Carvalho, diz o seguinte acerca do estado do nosso exercito:

«É possivel que seja para alguma expedição, mas tambem é possivel que não seja, porque o exercito acerca de objectos de armamento, equipamento, vestuario, de quartéis, etc., chegou ao ultimo grau de decadencia.

Aqui ha tempo a reserva de espadas de cavalleria andava por 18; de espingardas, artilheria, munições, equipamento para o exercito activo e a reserva, enxergas, mantas, etc., é outra lastima.

De soldados não fallemos; não ha muito o regimento de infantaria 20 tinha 7 soldados promptos para o serviço.

E assim por diante».

Ha quatro dias que foi publicada esta noticia e até hoje desmentido algum appareceu.

Não se pôde pois duvidar que são verdadeiras as affirmações do *Popular*. E no orçamento figura uma verba de alguns milhares de contos para o exercito!

Figura no orçamento e dispende-se. Em que?

Bagatellas

É certo que em todos os tempos e por toda a parte se commettem destruições.

É mesmo da ordem natural das coisas, que a face do mundo se agite numa renovação constante. Mudam os costumes, as crenças e as necessidades; e a cada novo estado corresponde um scenario proprio, que a mão do homem vae erguendo, com mais ou menos esplendor, com mais ou menos esforço, segundo a intensidade e as exigencias das idéas dominantes.

No reinado de D. João V a prodigalidade das riquezas inesperadas da America desenvolveu um frenesi de destruição e reedificações por todo o país. Era preciso pôr em ostentação as extravagancias desenfreadas do rocóco em voga.

Tal o que aconteceu no seculo XVI: os edificios anteriores foram sacrificados ao manuelino e á renascença, numa febre de alarde e opulencia.

Mas isso explica-se: a arte medieval era reputada como extraviado rudés de artistas ignorantes e barbaros. Ainda ha 40 annos tudo que não fosse a tradição romana e grega codificada por Vitruvio, Vinbolia, Scamozzi, etc., etc., era condemnado pela intrinsecia do classicismo academico, que guardava inviolaveis os seus aphorismos, como dogmas infalliveis d'uma crença só revelada aos eleitos.

Perante as *Leis do Bello*, cercadas de mysterio e por entre nuvens de incenso methaphysico, prostravam-se os sacerdotes e os crentes!

A igreja de S. Christovão de Coimbra, do seculo XII, com a sua crypta, numa integridade quasi completa, foi demolida com o applauso unanime da cidade, para dar lugar a essa inqualificavel possilga do theatro de D. Luiz. Era assim que se pensava ha 35 annos!

Não se justifica; mas, co'os diabolos!... comprehende-se!

A genesis e a caracterisação dos estylos da idade-média era um campo absolutamente desconhecido, ou povoado de phantasmas. A razão das fórmulas, as suas relações com o genio dos povos, e as influencias predominantes na sequencia eterna e logica da Arte é uma sciencia nova, que veiu despertar de surpresa os espiritos adormecidos.

Porém,—no dia de hoje,—como se concebe que um homem só, sem convicção, sem força e sem defêsa, entenda resistir ás reclamações da opinião geral destruindo ás cegas!...

Como é possivel que o sr. Franco Frazão, director das obras publicas, não trema ao pezo das responsabilidades que levanamente está accumulando sobre si!

Como é que, pela simples irascibilidade nevrotica d'um capricho grosseiro, o sr. director Frazão não pare no caminho damnosos que vae trilhando, cobrindo-se de ridiculo em anedoctas detestaveis e comicas!

D'entre as que tenho apontadas vou destacar uma; e, pouco a pouco, irão seguindo outras, não obstante os premeditados e negligentes desdens de s. ex.^a.

Ora vejamos!

A parte em reedificação no paço episcopal era a mais antiga: conservava alguns restos dos fins do seculo XII, bem como fragmentos de epochas successivas.

A topo d'uma pequena quadra estreita existia uma porta ogival,

coeva de D. João I, esbelta e pequenina.

Um dia, na previsão de dislate certo, em mil rodeios cautelosos, ponderei ao sr. Frazão, quanto lustre daria ao seu renome a conservação do pequeno postigo em qualquer recanto do edificio.

Na ambiguidade do seu sorriso authomatico pareceu-me descobrir que ficara bem disposto e d'accôrdo. Sómente, passados poucos dias, a porta era arrancada com sollicitude, restaurada por um canteiro e collocada carinhosamente na estrada real, perto de Penacova, com um canudo ao meio, a servir de fonte publica!

Genuinamente typica e de almanach!

Lá está e pôde vêr-se!

Uma porta gothica, ogiva, columelos, capiteis, principios do seculo XV; no meio uma superficie de muro e um canudo a deitar agua, numa estrada sertaneja!!

Isto parece blague de troça; mas tem o authenticó cunho intellectual da singular individualidade do sr. Frazão!...

E' tal qual! Nada mais do que isto!

Por isso nós gritamos!...

A.

Diz o *Correio da Noite* no seu boletim do *Solar*, n.º 2:

«O sr. patriarcha interpellou o governo, para saber se era licito num país catholico romano, o cohabitar o chefe vatua com as suas sete mulheres.»

Esquecido do exemplo biblico de Salomão, frei José, principe da igreja, arvora-se em protector da... industria nacional.

Oh inveja a quanto obrigas!

A policia de Lisboa apprehendeu alguns numerosos dos nossos collegas o *Pais*, *Correio da Noite* e *Dia*.

Questão de perdigões, crêmos nós. Diz-se que serão processados esses jornaes. Não nos admira que tal succeda, e nem sequer protestaremos.

Acceita a causa, forçoso é acatar as consequencias. Sempre assim pensamos.

Correio da Noite, num *compte rendu* elegante da alta roda:

«Andou tambem a quatro o sr. conde de Fontalva.»

O titular protesta:

— Os maus exemplos do noticiarial!...

Elevador

Já nos custa fallar d'elle.

Pobre elevador!

Apresentando-se todo flammante num programma eleitoral, vae arrastando agora uma miseravel existencia e parece irremediavelmente condemnado. Não lhe têm faltado dedicções, mas parece inexoravel o destino que sobre elle pesa.

Agora veiu ahí o sr. Segismundo Bleish, representante da casa Siens, de Berlim. Propoz o tratamento pela electricidade.

Têm-se celebrado algumas conferencias para verificar qual será o resultado d'essa applicação, mantendo-se os peritos no estado de duvida.

Vejam se é possivel salva-lo.

E não demorem o tratamento, se resolverem applica-lo.

A princesa Batazzi esteve entre nós no dia 11 do corrente, visitando os estabelecimentos da Universidade e alguns monumentos.

E mais nada.

Informam alguns jornaes que o sr. Raphael d'Andrade sae da India, sendo substituido pelo sr. infante Affonso Henriques.

Achamos bem. E' muito competente para o logar.

Carta de Lisboa

Lisboa, 10 de março de 1896.

Os acontecimentos de Hespanha e da Italia servem para aterrar os monarchicos e para enthusiasmar os republicanos.

Os respeitaveis accacios da politica realista correm todas as noites presurosos á Havanésa — sempre poupam dez réis — a lêr os telegrammas que fallam da belligerancia concedida aos cubanos e dos tumultos na Italia.

Os republicanos, esses compram na Mónaco, *El Liberal* de Madrid e *Il Secolo* de Milão, saboreando a queda das dynastias, na reportagem do que disséram os americanos, do que dizem os hespanhoes e do que berram os italianos.

No meio d'isto o governo aproveita o barulho e continúa, impunemente, descaradamente, a fazer o que lhe dicta a estupidez e a patifaria.

Como ha noticias de sensação lá de fóra, tudo vive contente cá dentro.

Estou em crer que toda esta algazarra de Cuba e da Abyssinia é mentira.

Não passa de uma intrujisse do governo.

E' barulho promovido pela policia, como se diz quando não corre bem um comicio da opposição.

Uma pavorosa internacional.

X

Deixem-me dizer-lhes, a sério, que os monarchicos não têm razão quando já se julgam atravessados pela cuchilla sevillhana ou pelo punhal napolitano.

E tambem os nossos republicanos não procedem com juizo quando manifestam esperar que venha de fóra uma republica salvadora, que se deve fazer cá immediatamente, sem esperar pelo correio do estrangeiro.

Sendo provavel, e eu já explico porque, não cahirem tão cedo os thronos de Italia e da Hespanha, se os republicanos desanimam e socegam, pôdem perguntar-lhes, e bem, se a Republica é um artigo de importação ou uma necessidade nacional.

Sejamos menos chimericos, contêmos conosco e, porque me parece valermos pelo menos tanto como a Hespanha e a Italia, saibamos ser, mais depressa do que elles, um povo livre.

E deixemo-los lá uns com o Maceo e outros com o Menelik.

X

Disse que já lhes explicava porque estou na crença de que não cairão tão cedo os thronos de Hespanha e da Italia. Não vou dar-lhes uma lição com apontamentos do *Mémorial Diplomatique* ou das chronicas do estrangeiro, conservadoras e massudas do *Temps*.

Vae ser um pequeno cavaco de rapazes. E os rapazes — olhem lá! — não terão por certo muita sciencia mas, ladinos e ardentes, têm o instincto mais preciso.

Depois, o examesinho de historia e algumas leituras vadfas, sempre dão palavriado para uma carta do nosso solicito correspondente da capital.

Vá de modestia.

X

Na Hespanha, vibra acima de tudo um sentimento patriótico, muito fanfarrão e inconsequente. De

fôrma que, esquecendo todos que a culpa da revolta de Cuba é da monarchia que a explora, todos pensam unicamente em vencer a *los rebeldes*. Se algum de juízo, como Pi y Margall, apparece fallando claro e dizendo que se deve dar a autonomia á grande Antilha, dado que não o corram á pedra, porque *es un viejo tonto*, dizia-me hontem um gallego assignante d'*El Imparcial*, o certo é que não o attendem e clamam pela honra nacional. Bella honra: esmagar os que se revoltam, para não serem vilmente escravizados. E que furor com que pedem *la sangre de Maximo Gomes!*

A Hespanha não lhe bastam já *los toros de muerte*. Precisou, para engradecer-se, tambem de *cubanos de muerte*.

Mas, como lhes ia dizendo, os hespanhoes só pensam agora em triumphar dos insurrectos.

E porque não querem responsabilidades, os republicanos callam-se, estão quietos.

Tal e qual como uns que em tempos me diziam: «deixe você que a monarchia resolva a questão inglesa, a questão financeira, que ponha isto no são. E depois sim, fazemos a republica»...

Ora, como é quasi certo que os Estados-Unidos não intervirão directamente e como, ainda quando seja reconhecida a belligerancia aos rebeldes, o que ainda é hypothetico, a Hespanha vencerá por fim porque tem mais soldados e mais dinheiro, embora não tenha razão; o throno do rei não sustentará-se por algum tempo mais do que nós todos desejamos.

Não durará eternidades é certo, porque a Hespanha, passada esta crise, ao fazer as contas ver-se-ha roubada; mas até lá o Canovas ha de ser um idolo e o Weiler, com as espadas de honra, desancará impunemente as costellas dos recalci-trantes.

E pois que o sr. Salmeron se ha de sentir satisfeito, parece-me bem que nós, portuguezes, não pensemos, para fazer a republica, nesse hespanhol.

Dissertando sobre a Italia, creio que a solução politica será a seguinte. Um ministerio chamado liberal apaziguará os animos. Uma comedia vil, de resto.

Perguntar-me-hão o que queria eu. Respondo, com simplicidade, queria a revolução e a Republica.

Observa-me alguém que a Republica não resuscitaria os mortos em Adouah. Bem sei, mas vingava-os na pessoa do rei destronado, exilado para sempre, e tão culpado como esse *malandrino Crispi*.

Não os resuscitava, mas uma Republica feita pelo clamor das mães que bradam por vingança, redimia a Italia, santificava-a.

Porque o odio das mães que choram os filhos mortos pelo capricho da realêsa é, sem duvida, sagrado.

A canalhice politica, porém, apaziguará tudo, com a mentira, com a hypocrisia. E a guerra continuará.

É como se ha de invocar a honra da Italia — ninguém lamentará os que ainda têm de morrer.

É certo que para as almas boas os mortos são sempre mortos, mas ha de fallar-se outra vez na patria e os soluços reprimir-se-hão Como se a patria dos italianos estivesse na Abyssinia e não na Italia! Como se pudesse haver outra guerra justificavel que não seja a que se faz para defender a terra sagrada onde nascemos, protestando contra o invasor que é um bandido, porque pretende ser grande, dominador, liberticida.

Como se pudesse fallar-se em patria para devastar a alheia patria!

A Italia irá para a guerra eis a questão.

Humberto triumphante apoiado pelo militarismo, quem sabe se um dia ainda imporá de novo Crispi aos italianos?!

Pelo visto, parece-me que podemos dispensar os serviços dos nossos correligionarios d'Italia.

Sós, estamos melhor.

Que bello exemplo dariamos a esses dois povos escravos como nós, se levantássemos antes d'elles o grito da revolta!

Provar-lhes que não somos nós que precisamos do seu incitamento mas elles da nossa coragem, não seria bello?

Era, por certo, e salvavamos este desgraçado país.

Deixemo-los lá, para satisfazerem as suas ambições um a lutar

com os revoltosos que têm razão, outro a invadir a patria dos abyssinios que se defendem e travemos nós combate com a monarchia.

Fazemos ao menos uma grande obra de justiça.

Libertamos um povo.

João da Nova.

Pelo ministerio da justiça foi auctorisado o sr. dr. Augusto Coelho Soveral a cumprir na cadeia d'esta comarca a pena de 35 dias de prisão que lhe foi imposta no juizo de Santa-Comba-Dão.

Regressou no paquete *Kaiser* um troço dos expedicionarios que ainda estão em Africa. Entre elles veiu o sr. dr. Lima Duque, distincto medico militar natural de Penacova.

REPRESENTAÇÃO

Os industriaes de sapataria d'esta cidade enviaram ao governo uma representação, que em seguida transcrevemos, em que se reclama contra uma pretensão de William Guiz para gozar do exclusivo do fabrico do calçado por meio de machinas durante dez annos.

A reclamação é completamente justa, e o governo não deixará de a attender se quizer respeitar os direitos e legitimos interesses dos nossos industriaes.

Senhor.

Os abaixo assignados, industriaes de sapataria, vêm perante Vossa Magestade, reclamar contra uma pretensão que, realisada, representaria um prejuizo enorme para todos, e a ruina completa para muitos dos signatarios. Essa pretensão é a de William Guiz, negociante, estabelecido em Lisboa, que pede por espaço de dez annos o exclusivo do fabrico de calçado por meio de machinas allegando a favor da sua pretensão vantagens de rapidez e preço.

Essas vantagens allegadas pelo pretendente são as mais apparentes. O calçado fabricado á mão é mais perfeito e resistente, e por isso dura mais.

Além d'esta consideração, deve attender-se a que, com referencia a Coimbra, é a industria representada pelos signatarios a mais desenvolvida, e a que uma tal concessão feita a William Guiz viria ferir irremediavelmente, como acima fizemos ver, uma classe que lucha já com difficuldades para conciliar a carestia da materia prima com a relativa modicidade de preço dos productos.

Mas ainda ha outra consideração a attender: O pretendente, allegando que

a industria para que pede a patente comprehende a invenção mechanica de todas as operações por meio de machinas, quer apresenta-la como uma industria nova. Ora não o é, visto que já de ha muito se applicam machinas de fabrico de calçado, senão em todas as operações, pelo menos numa grande parte d'ellas.

Alora as razões expostas, a propria lei vem em auxilio dos signatarios.

Segundo a disposição do n.º 5 do art. 57 do Regulamento de 15 de outubro de 1894, não é permittido qualquer invento de igual natureza logo que elle possa prejudicar o publico e o país.

Se, falmente, accessentarmos que o pretendente não junta ao pedido os documentos exigidos no art.º 20 do mesmo Regulamento, mais provamos quanto é justa a nossa reclamação.

E assim rogamos a vossa majestade haja por bem deferir pelo ministerio das obras publicas, o nosso tão justificado pedido.

Coimbra, 9 de março de 1896.

E. R. M.

- José Mathews de Campos
- José Duarte Leitão
- Manoel Teixeira
- Francisco Antonio d'Almeida
- José Simões
- José Victorino de Moura
- Joaquim Mendes Coimbra
- José da Silva Baptista
- Adolpho Telles
- Avelino de Moura Vieira
- José Pinto de Mattos
- José dos Santos Gonçalves
- Francisco da Silva Machado
- Joaquim Mendes d'Abreu
- Joaquim Gomes Ribeiro
- Manoel Victorino Baptista
- Cypriano da Costa Lopes
- Antonio Rodrigues
- Antonio Dias Raymundo
- Daniel Guedes Coelho
- Antonio Augusto da Silva
- Antonio Rodrigo
- José da Costa Condeixa.

Falleceu no domingo findo a sr.ª D. Innocencia Maria da Conceição, extremosa tia do nosso presado amigo e correligionario sr. Manoel Antonio da Costa, a quem damos os mais sentidos pesames.

NOTICIAS DE POMBEIRO

Ha annos que a freguezia de Pombeiro paira num bosque invio e selvagem da mais rude cafraria africana.

Ha annos que a escola elementar d'esta freguezia está vaga e sem haver modo de ser provida. Entregue, porém, a sua regencia a quem não possuia habilitações de qualquer natureza, fez com que se tornasse deserta como uma escura e solitaria penitenciaria. Lá ao longe, de tempos a tempos, mal se via deslizar uma sombra, amedrontada, pallida e comprimida; era uma creança que vinha para a escola. Ao entrar alli, olhava com espanto e confusão os quadros rasgados e sujos, que pendiam descompostos das ermas paredes; diante

esforçava por tirar d'entre as d'elle, porque não podia beijar-lhe os labios por elle não consentir.

Neste momento, um grito agudo se ouviu. Estremeceram ambos ao mesmo tempo e olharam em volta. A vinte passos apenas, Alice, com a mão estendida como que para apontar para elles e amaldiçoá-los ao mesmo tempo, contorcia-se e reclinava-se, encostada ao braço de Lambrune.

XX

O coronel muito embaraçado com o assumpto da conversa que acabava de ter com M.º de Villy, só quando ouviu o grito é que levantou os olhos que volveu em torno de si, surpreendendo ainda Herminia a retirar os dedos dos de Emmanuel. Mal teve tempo de procurar amorcecer a queda de Alice, desfallada, sobre o solo.

M.º de Croizy e M. d'Argouges não podiam fugir. Foi para ambos um momento extremamente penoso quando se viram forçados a approximar-se de M.º de Villy e de M. de Lambrune.

Monsieur, disse este a Emmanuel, ide depressa aa castello e arranjar as cousas o melhor que poderdes!

Fallou no tom altivo do commando, o coronel; M. d'Argouges afastou-se rapidamente, mudo e consternado.

Herminia procurava no bolso um frasco de saes que todavia não encontrava.

de si os carunchosos bancos, feitos em pedaços, eram um montão de ruínas; levantando a sua fronte innocente, via através do telhado, no azul celeste uma nuvem carregada e negra, que minutos depois inundava o sobrado com uma forte saraivada.

Passadas horas, horas de espectros e de chimeras neste estúpido silencio, nesta esteril contemplação, por fim sabia e não voltava mais! E assim é que, comparando a freguezia de ha dez annos pelos mapps existentes naquella escola, ainda que errados e confusos, nós encontramos um numero d'alumnos superior a oitenta; e se remontarmos a outros tempos passados achamos maior frequencia ainda; no dia 30 de novembro do anno passado apenas, e sem nenhuma regularidade, frequentava a escola de Pombeiro 13 creanças, que jaziam nas mais densas travas da ignorancia! Acabou esta regencia interina, mas logo principiou outra por emprestimo, o que cada vez se torna mais prejudicial e não vejo meio de acabar com ella. Em vão o professor interino pede a sua demissão, em vão insta com o administrador do concelho d'Arganil para que o faça substituir; é prégar num deserto.

O numero d'alumnos tem augmentado prodigiosamente, mas em breve voltará ao estado anterior; pois que a indifference do governo lhes ameaça serrar a porta da escola por alguns mezes!

É inaudito!...

Os professores nomeados pelo governo para a escola de Pombeiro, passam ligeiros como aves de rapina; vão poisar longe. Em novembro foi nomeada para Pombeiro uma professora, que o sr. ministro do reino logo mandou para Friumes (Penacova); em fevereiro passado igualmente foi nomeado um professor, que tambem não poizou em Pombeiro, mas em Valle-de-Vaz (Poiães).

Quem se quizesse dar ao trabalho de fazer uma estatistica approximada dos que na freguezia de Pombeiro sabem escrever o seu nome acharia que são mui poucos, que quinze partes da população são completamente alfabeta.

Eis que em poucos annos da preciosa offerta que Cadmo deu aos Pelasgos da antiga Beo-gia, não existe em Pombeiro a noção mais ligeira e rudimentar.

E estamos num país civilisado, mas num país em que a corrupção dos grandes politicos partindo dos mais elevados cumes da sociedade moderna, se alastra e se faz sentir nas mais reconditas camadas.

Em vão procuram alguns jornaes despertar a attenção do sr. administrador do concelho d'Arganil contra o uso frequente dos tiros de dynamite.

É bem conhecido o principal veseiro; pois que toda a gente conhece o *Ferro*, que tantas vezes se tem gabado d'esses heroicos feitos d'anarchista do rio Alca.

É mister tambem lembrar ao sr. administrador do concelho a extrema necessidade de fazer cumprir as posturas municipaes, na parte que diz respeito á caça em tempo defeso; pois que a freguezia de Pombeiro é a que neste caso mais necessidade tem de rigorosas medidas de severa repressão.

Por hoje ficamos aqui.
Pombeiro, 6 de março de 1896.

F.

THEATRO-CIRCO

Estão annunciados para os dias 18, 19 e 20 do corrente mês tres espectaculos pela companhia do distincto actor Taveira.

Subirão á scena as operetas

TESTAMENTO DA VELHA

A NOITE E O DIA

12 MULHERES DE JAPHET

A assignatura para estas recitas está já aberta nos logares do costume.

— Os saes fazem voltar a si as coquettes, dos seus desmaios por coisa nenhuma; aqui o caso é mais grave, mademoiselle de Croizy, e é obra vossa.

— Affirmo-vos, coronel, que o meu encontro com M. d'Argouges foi casual e de todo innocente, em resumo...

— Affirmo-vos, eu, mademoiselle, que já me não enganais.

M. de Lambrune tomou alicie nos braços e transportou-a para um monticulo de hervas, juncto de uma arvore proxima; militarmente, tinha tirado o casaco e dobraram-o de modo a visar uma travessieira que collocára debaixo da cabeça de Alice, cujo corpo se mantinha numa rigidez assustadora e cuja vida apenas se manifestava na respiração tenue.

Herminia estava de pé, immovel no mesmo logar, sem saber se deveria approximar-se ou retirar-se. O coronel comprehendeu as hesitações d'ella.

— Ficae, mademoiselle, disse elle; ficae, é assim preciso!

Com a testa enrugada, o sobrececho carregado, o angulo dos labios torcido pela impaciencia, o coronel estava realmente furibundo. Nunca se tinha exasperado tanto num campo de batalha quando á espera de um reforço necessario.

(Continúa).

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XIX

— Interessante? Palavra que não; para vós, pelo menos... Parece-me que estavam cavaqueando sobre negocios politicos.

— Oh! essa agora! exclamou M.º de Villy rindo-se como uma perdida, o papá a fallar de politica, nunca tal ouvi! E mesmo vós, coronel, «um soldado que só conhece a sua bandeira», como tanta vez dizeis, como é que vós fallaveis de politica?

— Entre amigos velhos, minha querida Alice, ás vezes ha descuidos... — E esquecem-se a conversar, concedo, não ha duvida; mas politica, entre vós e meu pae, isso é que não!

E Alice, com um movimento rapido do index juncto á cara do coronel, mostrava que lhe seria mais facil rebentar do que acreditar em tal.

— Sois uma teimosasinha, disse Roland; não é possivel convencer-vos.

— Não, coronel, ainda que empregasseis as ultimas reservas.

— E então em que é que imaginaes que nós estivemos a conversar tanto tempo?

— Monsieur de Lambrune, eu advinho tudo a respeito de meu pae, assim como elle adivinha tudo que me diz respeito.

— E-taes-me a aguçar a curiosidade, mademoiselle, vamos lá a ver o que foi que adivinhastes.

— Tractava-se, aposto, de M.º de Croizy.

— De M.º de Croizy? A que proposito?

— A proposito de... Pondez-me em grande embaraço, M. de Lambrune; mas enfim, devo explicar-me... Meu pae pôde dizer-vos muito ácerca de uma coisa em que eu só posso pensar.

— Ora essa! minha querida Alice, permiti que vos diga que isso não explica coisa alguma.

— Coronel, não será verdade que a minha amiga M.º de Croizy vos parece absolutamente encantadora?

Alice cruzára as mãos sobre o braço de M. de Lambrune e procurava ver as alterações da physionomia do coronel depois de uma tal pergunta. Mas elle ficou impassivel.

— Já alguma vez disse o contrario? perguntou elle.

— Ah! como eu ficaria satisfeita se vós a achasseis sufficientemente encantadora para ser M.º de Lambrune!

Roland não pôde esquivar-se a um movimento de surpresa; mas recompoz-se immediatamente.

ANNUNCIO

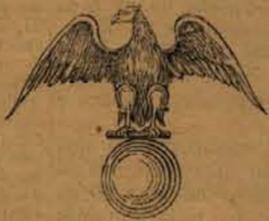
(1.^a publicação)

13 No dia 22 do corrente por 11 horas da manhã na rua do Visconde da Luz n.º 9, 102 a 106, pelo processo de fallencia de Domingos José Gomes, d'esta cidade, hão de ser vendidos em lotes todos os artigos e mobília do estabelecimento do fallido Domingos José Gomes, e em globo a mobília da casa que foi habitação do mesmo fallido, artigos que abaixo vão indicados—e que serão postos em praça pelos preços da avaliação. *Artigos do estabelecimento*—Objectos de bijouteria; fazendas brancas, e outras, taes como: caixas para joias; sabonetes; caixas para luvas; voials de lã; diversos percaes; chitas; flanelas de lã; setins d'algodão; colletes d'espartilho; casteletas; flanelas para vestidos; cortes de lã; cheviotes e casimiras; bretanhas; lenços de algodão e de lã; rendas; sapatos de trança; sombrinhas; camisas brancas de flanela; capas; luvas; veludos; setins; chailes; tules; gravatas; fitas e outros artigos—*escrivaninha*; prensa e banca; cadeiras; bancos; candieiros; contador e canalisação; malas; manequins; cabides e outros objectos. *Mobília da casa*—Sofá; cadeiras; mesas; candieiro de suspensão; armario com portas de vidro; louças e vidros; camas de ferro; fogão e objectos de cosinha.

Verifiquei a exactidão
Neves e Castro.

Casa mobilada no Campo

12 Arrenda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear. Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.



AGUIA D'OURO
FRANCISCO P. MARQUES

11 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima!
Alta novidade!

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

10 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hypossulfuradas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

Á venda em todas as pharmacias e drogarías—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragozo, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.^ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

PEDIR OS PROSPECTOS

Gratis

Os leitores da REVISTA, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm também uma FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Assinatura 100 RS. cada n.º

REVISTA THEATRAL
ILLUSTRADA
Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. Nova do Carmo, 76. 2.º—LISBOA

PEÇAS PUBLICADAS
SALTIMBANCO de Antonio Ennes
JUCUNDA de Abel Botelho
ALCAOER-HIBIR de D. João da Camara
PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça
Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima
Muito proprias as ultimas para amadores

UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Sae nos dias 1 E 15 de cada mez

Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

JA PUBLICADO O 1.º VOL.

COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS

22 N.ºS SAHIDOS DO 2.º VOL.

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

7 A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacoões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8\$500.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

Contra o reumatismo e rigoroso frio.—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 a 45\$000!!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaído da direcção do contra-mestre.

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira
59, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviadeos, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

4 A LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

LIVROS DE MISSA SEMANA SANTA

3 A Casa Havanaza acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

Cavallos, muares, etc.

2 As sobrecannas, espavardões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrazo, d'onde se remette pelo correio, por 1\$000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.^ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

6 Vinho sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro. Também ha vinho bom a 70 réis o litro. Verde engarrafado, garrafa 100 réis. Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento. Taberna á Sê Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

5 BASILIO AUGUSTO X. D'AN-DRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade Rupestris, a 6\$000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3\$000 réis o milheiro. Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO DE João Gomes Moreira

59, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina) COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviadeos, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

4 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central "RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

ANNUNCIOS
Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS
Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 112

COIMBRA — Domingo, 15 de março de 1896

2.º ANNO

Entendamo-nos

Referindo-se á campanha de alguns órgãos da imprensa republicana contra a attitudé politica do *Seculo*, diz o nosso collega *O Jornal do Commercio*:

«Os jornaes radicaes atiram se ao *Seculo*, accusando-o de já não ser republicano, mas antes órgão docil dos interesses monarchicos.

«Não nos parece que sobretudo o *Conimbricense* tenha razão para dirigir censura ao nosso estimavel collega da rua Formosa.

«Não era elle *Conimbricense* monarchico, e não se fez republicano? Não exultaram com o facto todos os republicanos, sem exclusão do *Seculo*?

«Porque não ha de o *Seculo*, que era republicano, poder fazer-se agora monarchico?

«Nós gostamos da liberdade, mas para todos.»

A censura é completamente descabida.

Tambem nós gostamos da liberdade e para todos. Jámais contestamos a qualquer empresa jornalística a faculdade de seguir uma nova orientação politica.

Não é esse, porém, o assumpto de que se tracta. O *Seculo* tem feito nos ultimos annos politica monarchica, dizendo-se sempre republicano.

É por esse motivo que foi censurado pelo nosso venerando collega do *Conimbricense* e por outros jornaes; foi por esse motivo que tambem nós o atacamos.

Quando o *Conimbricense*, reconhecendo absoluta incompatibilidade entre a monarchia e as idéas liberaes que sempre professára, se alistou entre os primeiros combatentes das fileiras republicanas, declarou desassombadamente, honradamente, que abandonava a politica monarchica e os motivos por que assim procedia. Esta nobre attitudé impunha-se ao respeito de todos. O contrario se daria, porém, se o *Conimbricense*, continuando a afirmar as suas crenças monarchicas, trahisse miseravelmente essas crenças defendendo as idéas do partido republicano.

Se ao *Seculo*, por qualquer motivo, convier seguir a politica monarchica, diga-o claramente. Será mais ou menos censuravel o seu procedimento conforme o facto que o determine ou com que, porventura, pretenda justifica-lo; mas, em todo o caso, mais digno do que continuar como até aqui a dizer-se republicano, sendo o principal órgão do governo que maiores prepotencias tem exercido contra as garantias e direitos dos cidadãos.

O partido republicano tem, dada

esta situação, não só o direito mas até o dever de declarar publicamente que o *Seculo* não é órgão d'esse partido. Ninguém decerto poderá contestar estas afirmações, sem negar a qualquer partido o legitimo direito de se defender contra os que tentem levantar obstaculos á sua propaganda.

Os jornaes republicanos que têm atacado o *Seculo*, fazem-o porque, como diz o nosso prezado collega *O Conimbricense*, «querer fazer dos jornaes empresas de lucros quasi fabulosas, servindo-se hypocritamente, como elemento para isso, do systema republicano, é exaltar a propaganda d'esse partido.»

Ninguém pôde censurá-los por esse procedimento, que corresponde ás mais impreteriveis necessidades do partido republicano, como tambem não pôde contestar-se a verdade d'estas considerações que transcrevemos do artigo editorial do nosso estimavel collega *O Conimbricense*, de hontem, intitulado *O Seculo*:

«O *Seculo* está faltando condemnavelmente á sua missão, e prejudicando a causa republicana.

«Um periodico intransigentemente monarchico não seria tão fatal á propaganda republicana como hoje é o *Seculo*.

«Aquelles que transformaram este periodico numa empresa de exploração de extraordinarios interesses, argumentam para se justificar, com os avultadissimos lucros que está dando o *Seculo*, demonstrativos da sua grande vulgarisação.

«De modo que para elles o essencial está nos espantosos rendimentos da empresa, obtidos pelas condescendencias com os governos monarchicos, d'onde lhe vem grande parte do noticiario, de que vive o *Seculo*, por benevolencia governativa.

«Enquanto que o *Seculo* pelas suas intimas relações monarchico-governamentais, pôde facilmente obter para si e os seus amigos os favores que desejar dos poderes publicos; enquanto que pelas suas condescendencias e louvaminhas palacianas está livre de perseguições; — os periodicos republicanos, que no cumprimento da sua missão luctam contra os abusos e arbitrariedades dos governos e seus delegados, estão sujeitos a soffrer as consequencias das atrozes e draconianas leis da imprensa, indo para a cadeia, tendo de pagar pesadissimas multas, custas e sellos do processo, e sendo até supprimidos os mesmos periodicos.»

Dissemos que ninguem podia contestar a verdade d'estas afirmações; a quem pretendesse fazê-lo, bastaria, para d'isso o convencer, citar alguns numeros do *Seculo*.

Vem este jornal declarar agora que é e sempre fôra republicano. No numero d'hontem lemos com bastante surpresa:

«Os nossos collegas da imprensa occupam-se do *Seculo*, uns em termos que nos penhoram, outros com uma má vontade que nos não surprehende.

Devemos declarar a todos que o *Seculo* está onde sempre esteve.

O *Seculo* é um jornal sincero e lealmente republicano, independente de partidos e coteries de que nunca foi nem tenciona ser órgão, como tantas vezes temos já declarado.

Defendendo as idéas republicanas, como até hoje o temos feito, defendemolas como podemos, como sabemos e como queremos, no pleno direito da nossa razão e da nossa consciencia e com a mesma liberdade com que qualquer outro cidadão portuguez pôde dizer o que pensa e o que pretende.»

Magalhães Lima.»

O *Seculo* afirma que tem defendido as idéas republicanas como pôde, como sabe e como quer.

Mostrem agora os dirigentes do partido republicano tambem o que pôdem e o que querem.

Ficamos á espera.

Aqui del-rei

O *Correio da Noite*, referindo-se á nomeação do sr. Neves Ferreira para uma commissão na India, diz:

«A noticia de que o sr. Neves Ferreira vae para Goa — corre que a rasão de 18 contos de réis por anno! — como ministro plenipotenciario, afim de negociar um tratado de extradição com a India Inglesa, é verdadeiramente assombrosa. Por hoje limitamo-nos a gritar: aqui del-rei!...»

Responsabilidades

Na memoria de todos, ainda, o ultimatum inglés. O povo agitou nas ruas o labaro do protesto, numa grande explosão de odios viris e santos; correu, em peregrinações, ao tumulto dos heroes para retemperar os braços para a lucta, e beber as coleras para a vingança. Dir-se-hia que, ao cabo d'uma noite de pesadello, um grande sopro de virilidade ateava nos corações o fogo sagrado da patria.

Hora unica, momento solemne para uma grande rehabilitação. Do norte ao sul, de leste a oeste do país, passava nos espiritos hallucinados a visão da patria esfarrapada pela rapacidade britannica. Impulsos generosos queimavam o sangue do povo em ardores de batalha, e os corações alinhavam-se firmes, resolutos, á voz do dever...

Tinha, pois, a palavra a monarchia...

E o que é que a monarchia fez?

.....

Gasta, podre, debatendo-se na impotencia dos organismos caçados, extenuados pela orgia, cheia de vergonhas, falha de planos, a monarchia que tem servido a Ingla-

terra e depauperado o país, o que é que havia de fazer?

Muitos dos seus estadistas têm liquidado em salteadores dos cofres publicos, quasi todos os outros em charlatães ineptos da politica rendosa, que vem sendo a vergonha da historia e o cancro da nossa existencia social.

O que havia a monarchia, pois, de fazer?

Sem duvida, o que todos esperavam. A monarchia havia de responder com o 20 d'agosto, embora tivesse de mandar a resposta, ao povo, na ponta dos sabres da policia, ou nas ferraduras dos cavallos da municipal.

E respondeu assim. Mandou carregar sobre o povo, e deixar o passo livre ás rapinagens inglesas.

Mais uma pagina negra que é preciso rasgar.

E' preciso não esquecer! Embora tivéssemos de ver, seis annos depois, o sr. D. Carlos cingindo, altivamente, a liga da Jarreteira, é preciso não esquecer.

Que não esqueçem os que soffrem... e, afinal, sempre lhes brilha uma aurora de justiça que, tendo, ás vezes, a enevoar-lhe o alvor laivos ensanguentados de vingança, é, comtudo, frequentemente, a redempção dos povos.

Que o governo se tivesse posto á frente d'esse movimento popular, que auxiliasse a guerra commercial, que aproveitasse o novo ardor que turbilhonava no sangue do país, que auxiliasse a subscrição nacional, que fizesse alguma coisa do que tinha a fazer, e este povo heroico teria tido a sua desforra!

Desforra digna e justa. Um povo insultado levantava-se, altivamente, para rebater a insolencia do insulto.

Mas a monarchia esqueceu!...

E nós deixamo-la esquecer, posto que não esqueçessemos! O 31 de Janeiro foi afogado em sangue, e os que tiveram a coragem de bater-se, nas ruas, contra a metralha da tyrannia, tiveram de ir arruinar a saude pelos presidios!

Para quê? Ah, que as responsabilidades não são só da monarchia, são tambem nossas, dos que se dizem republicanos! O tenente Coelho ainda está na Africa!

Nós, tambem, esqueçemos!

Que país tão pacato, santo Deus! Eu não queria loucuras, mas queria dignidade e coragem. O partido republicano portuguez é numeroso bastante e offerece muitas condições de moralidade e intelligencia. A republica é a unica forma actual de governo, consentanea com a dignidade do cidadão.

Que país tão pacato! Eu não queria loucuras, não, mas queria dignidade e coragem!

Havê-las-ha um dia?

Nós ainda temos esperanças, ainda temos crenças.

Instrucção publica

Instrucção secundaria

XXIV

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

«Papa, je retiens bien ce que je comprends, mais pas le reste» — exclamava um dia em que tinha de dar as provas publicas do seu aproveitamento, uma encantadora e ingenua creança de oito annos, a filha de M.^{me} d'Épinay, uma senhora muito distincta, que occupa um logar não menos distincto na historia da educação.

M.^{me} d'Épinay, a auxiliar ou collaboradora apreciadissima de Grimm e Diderot, orientada pelas idéas pedagogicas de Jean Jacques, cuidara directamente da educação de sua filha, não procedendo igualmente a respeito do filho, pela opposição tenaz do marido, que teimosamente o quiz e conseguiu entregar aos cuidados d'um professor detestavel, mas cujos processos de ensino se conformavam absolutamente com as idéas falsas que mr. d'Épinay possuia acerca de educação. E, no dia em que havia de proceder-se, deante de alguns amigos, ao exame da desventurada creança, que tivera a suprema desgraça de cair nas garras d'um mestre ignorante e rotineiro, foi que, a uma observação um pouco rude do pae, que nunca levára a bem que ella fosse subtraída ás lições do mestre de seu irmão, a gentilissima menina, e spirituosa e intelligente, dera a resposta com que abrimos o nosso artigo.

Resposta admiravel, na sua encantadora espontaneidade, e que, a bem dizer, vale por um bom e judicioso tractado de pedagogia! E lição não menos admiravel e expressiva, para todos aquelles que intendem como melhor processo de ensino o que é geralmente usado entre nós, e que consiste em abusar da memoria, obrigando o alumno a decorar o que não intende, a escrever sobre o que não conhece nem percebe, e a repeti-lo machinalmente na aula, como se fôra um simples automato, sem nenhuma consciencia do papel que representa ou que o obrigam a representar! E é ainda aquella adoravel creança que duramente condemna um tal processo, quando, ao observarem-lhe se ella, repetindo uma regra de syntaxe latina, em que o irmão claudicára, a apprendêra por gosto e convenientemente, exclama:

«Oh! mon Dieu, non, c'est parce qu'on l'a tant rabâchée à mon frère, que je l'ai retenue malgré moi et sans y rien comprendre». Maior e mais dura condemnação dos processos rotineiros ninguem seria capaz de formular, nem com tão singela eloquencia.

Não ha, com effeito, processo mais irracional e absurdo do que esse tão preconizado pela rotina, que se agarra á tradição como o

naufraço a taboa salvadora, e que se resume nisto, como, aliás, já observamos: fazer do alumno uma simples machina de repetição do texto do compendio, que o obrigam a estudar sem o comprehender e a repetir integralmente, sem alteração d'uma virgula, sob pena d'uma nota compromettedora e porventura eliminatória! É este processo que, sem contestação nem correção possível, tem imperado soberanamente neste reino e seus dominios! Também os resultados, elles ali estão bem patentes e manifestos, revelando-se numa esterilidade completa, numa disciplina mental que nos contrista e humilha. Isto é evidente.

Ora era contra esta inferioridade esmagadora que todos os espiritos sãos e disciplinados se insurgiam, reclamando um remedio energico; e é ainda contra a insufficiencia ou incorrecção dos meios que se pozeram em acção para o conseguir que os mesmos espiritos se insurgem. Quando se esperava que os novissimos programmas, sobre tudo pelo que respeita ao ensino das linguas, especialmente a portugueza—o que evidentemente mais carecia de reforma prompta e efficaz—se inspiram completamente nos salutarissimos preceitos da pedagogia moderna, vemos com o mais profundo desgosto que os sabios reformadores não conseguiram subtrair-se ao imperio ou influencia nefasta da tradição. Simplesmente deploravel.

Se é certo, como dissémos no artigo anterior, que, em parte, o programma da lingua e litteratura portugueza introduz melhoramentos apreciaveis, inspirados nas doutrinas dos grandes mestres, é tambem indubitavel, e muito para notar e condemnar, que, ainda em muitos pontos, está impregnado de velharias ridiculas, de anomalias inconciliaveis com o pensamento geral que parece ter presidido á sua elaboração.

Neste programma, por entre recommendações saltaes, que não podemos deixar de applaudir, pululam, numa contradicção flagrantissima, preceitos absurdos, conselhos indigestos, que, na practica, hão de ser de resultados funestissimos, como tem succedido até agora. O futuro no-lo demonstrará.

Um exemplo. Todos os mestres auctorizados, e como taes geralmente reconhecidos, condemnam hoje, por absurdos e prejudiciaes, os exercicios escriptos, feitos no domicilio do alumno, num aborrecimento bem imaginavel, sem o conveniente criterio, sem conhecimento preciso do assumpto, e por isso sem valor de nenhuma especie, quer sob o ponto de vista educativo e disciplinador da intelligencia, quer sob o da instrucção a adquirir.

Ninguém sabe hoje para que sirvam esses exercicios, a não ser para desmoralisar o alumno, esterilizando completamente a sua actividade intellectual, as suas faculdades inventivas, a sua espontaneidade.

Era esse um dos peores males de que soffria o nosso ensino; era contra um tal e tão condemnavel processo educativo que se elevavam as vozes mais auctorizadas; era contra uma practica tão absurda e condemnavel que se insurgiam todos os espiritos esclarecidos e previdentes. Compreende-se facilmente isto.

Diminuir quanto possível ou supprimir a somma dos exercicios escriptos, feitos na ausencia e fóra de toda a intervenção ou direcção intelligente do professor, e augmentar a dos exercicios oraes, na aula,

em presença de toda a classe, sob o sópro vivificante da palavra animada do mestre, tal é a expressão singela dos votos formulados por todas as auctoridades competentes, tal é a ambição modesta da pedagogia moderna.

C'est la confection et non la correction qu'il importe au professeur de diriger, recommande calorosamente um distincto homem de escola, com toda a auctoridade que resulta do seu profundo saber e larga experiencia do ensino. E é, com effeito, na sua cadeira que se põe bem em evidencia a instrucção e experiencia do mestre, a sua dedicação pelo ensino e conseguintemente pelos progressos do alumno.

Bem sabemos que é muito difficil dirigir uma classe, segundo os processos rigorosos que a methodologia aconselha e prescreve, e ninguém desconhece as pesadas responsabilidades que lhe são intimamente connexas. É preciso realmente ter-se muita dedicação pelo ensino, muito zelo profissional, para se triumphar das difficuldades que a uma tal e tão delicada empresa andam inherentes; porque adquirir as qualidades indispensaveis para se ser um bom professor, conseguir interessar o alumno na lição, por meio da palavra facil, clara e insinuante, dar-lhe explicações simples e comprehensíveis, não é facil nem se consegue sem grande esforço. Mas nisto é que está precisamente o merito do professor.

É evidente, porém, que só por tal feição é que o alumno se não aborrece na aula e pôde aproveitar das lições que recebe. Como é que o operario se habilita a trabalhar e adquire os conhecimentos technicos indispensaveis á sua profissão?

Pelos exemplos do mestre e dos seus companheiros de trabalho. De outro modo não o pôde conseguir. Por conseguinte, é tambem na aula e sob a direcção do professor que o alumno pôde instruir-se e educar-se.

Pois, não obstante isto ser materia corrente, apesar de ministros como Duruy e J. Simon, de mestres como Gréard e Michel Bréal abertamente o proclamarem, vemos com espanto que no programma que estamos analysando se prescrevem os exercicios escriptos que todos os mestres condemnam, feitos em casa; mas a que, aliás, o alumno é quasi senão sempre completamente extranho, um aborrecimento immenso e uma monotonia do seu isolamento! Parece phantastico.

Mas o programma tem outros defeitos que analysaremos no proximo artigo.

José Falcão

A comissão municipal republicana do Fayal (Açores) enviou á comissão do grupo academico republicano a quantia de 105000 réis destinada á reedição da *Cartilha do Povo*.

×

Hoje reune a comissão para analysar as propostas apresentadas por diversas typographias do país.

O Seminario Theologico da igreja presbyteriana de Nova Jersey convidou a faculdade de Theologia a fazer-se representar nas festas do quinquagesimo anniversario da nomeação do professor dr. William Henri Greens, que se realisam no dia 5 de maio proximo.

O conselho da faculdade resolveu agradecer o convite, que não podia aceitar.

CARTA DA INDIA

Meus amigos:— Se as gargalhadas fossem compatíveis com as desgraças, com as vergonhas de que tem sido theatro esta nossa India que foi outr'ora a nossa gloria e é hoje a nossa deshonra, se fosse possível esquecer com as tolices da metropole as infamias aqui do ultramar, nós teriamos rido muito, ririamos sempre que nos chegam os jornaes da Europa.

Que ignorancia, que desorientação! Todos fallam da India, e dos rhanes como se os conhecessem de perto, como se fallassem das aldeias nativas, de velhos companheiros da infancia, mas, por mal dos nossos peccados, com o mesmo conhecimento de causa com que eu lhes poderia fallar—eu sei lá!—dos mysterios indecifráveis das grandes chancellarias europeas.

E depois os ares cathedraes, imponentes, com que os jornalistas portuguezes asneiam sobre as coisas da India, são pavorosos.

Ora, eu, exilado por cá ha longos annos, amigo do meu país, e conhecedor, por dever d'officio, de todas estas coisas, accedo de bom grado ao vosso pedido de fazer um pouco de luz sobre essas trevas em que, ás apalpadellas, os amigos andam sem saberem onde está a razão, onde o desvario, onde a justiça, onde a arbitrariedade.

Vou talvez massa-los. Mas a falta de habito de escrever para a imprensa obriga-me a ser prolixo, a descer a minuciosidades, que não sendo de todo inuteis, têm talvez o defeito de melhor caberem em cartas intimas a pessoas amigas, que encontram em massudas laudas vindas de longe o maior lenitivo á dor pungente da saudade.

Desculpem e cortem o que lhes parecer demasiado.

×

Para avaliar o que é, o que tem sido o governo da India, e para pôdermos chegar á conclusão do que são e do que valem os ultimos acontecimentos que cá trouxeram o irmão do sr. D. Carlos, permittam que eu comece por indicar,—traços rapidos, os feitos e os successos dos ultimos annos. Começemos pelos governadores.

Em 1888 temos a nomeação do sr. Ferreira do Amaral que largou o governo da India quatro ou cinco meses depois. Não fez nada. Deixou tudo como tinha encontrado, a não ser o palacio do governador, que s. ex.^a installou no palacio do conde de Mahem, alugado e restaurado por conta do thesouro e sem necessidade, visto os governadores da India terem três palacios á sua disposição na pequena area de três leguas (Velha Goa, Pangim e Cabo). Não se podia exigir mais em tão pouco tempo, não é verdade?

Depois tomou posse o sr. general Vasco Guedes.

Este governo tornou-se celebre pelas eleições de Salsete, em 21 de setembro de 1889, em que as tropas commandadas pelo administrador do concelho e coronel Luiz Carneiro de Sousa e Faro mataram 23 eleitores. Sangue em todo o caso bem empregadinho, porque sem elle não teria vencido o partido regenerador.

Demittido Vasco Guedes, toma posse em meados de 1890 o general Francisco Maria da Cunha, o qual nos honrou com a sua presença, com a de todos os filhos e filhas

e com seis pombos que sempre o acompanhavam, pois na opinião de s. ex.^a *pombos uma vez em casa, pombos para sempre.*

De notavel no seu governo o esplendor dos bailes em casa dos regedores e que s. ex.^a jámais deixou de honrar com a sua presença.

Além d'isso esta notabilidade se impõe tambem: despêsas de viagem, pagas pelo governo, para o illustre general, familia e pombos, só a vinda para cá, approximadamente, 10 mil rupias (4.500\$000 réis).

Onze meses depois volta ao reino o sr. F. M. da Cunha e toma posse do governo o sr. Teixeira da Silva (almirante).

No seu curto governo de nove meses, s. ex.^a só cuidou dos casamentos de varias pessoas que o acompanhavam. Feitos os casamentos, é transferido e substituido pelo sr. Raphael d'Andrade.

Este senhor despeja os cofres publicos com presentes ao rei e a certas damas... dando constantes escandalos com mulheres, tanto aqui como fóra, pois devo fazer notar que s. ex.^a andou em constantes viagens pela India Britannica, numa patuscada que, na sua ultima viagem a Bombaim, se tornou celebre pelos passeios *au clair de lune* com uma *mice Mrs.*, mulher d'um alto funcionario do governo britannico.

Envio-lhes a relação d'algumas obras mandadas fazer pelo sr. Raphael d'Andrade e por ella verão como augmentaram as despêsas para o thesouro nesta tão triste governação:

Seis barracas para a Estrada de D. Paula, 5:000 rupias (500 libras); construcção d'um corêto junto ao palacio de Pangim, 800 rupias, e illuminação para o mesmo, 400 rupias.

A historia d'esta illuminação é bastante curiosa e talvez mais tarde lhes venha a fallar outra vez sobre o assumpto.

Em obras no palacio do Cabo (4 kilometros de Pangim), gastou o sr. Raphael uma tão importante somma que nunca ao certo constou fóra de palacio a quanto ella montava. Adquisição de um pára-raios para o Cabo, 1:500 rupias; pela vinda a este Estado do governador de Madrastra, mandou o sr. Raphael pedir ao governo auctorisação para mobilar os palacios.

Na compra de mobilia entraram 12 caixas com vinhos finos!

Devo fazer notar que os palacios foram mobilados em 1888, tendo esta despêsa importado em 5:000 rupias. Temos mais a compra de 6 cavallos para o celebre ex-corpo de policia. Para os adquirir nomeou o sr. Raphael uma comissão composta dos srs. capitão Gomes da Costa, major Raymundo Mendes, A. Campos, A. Condeça e alferes Holbeche e mais um, cujo nome não nos occorre agora, o que dá o lindo resultado d'um homem por cavallo.

A venda de cavallos é constante em Bombaim. Ali se encontram cavallos de primeira ordem, e portanto os membros da comissão parece que o que tinham a fazer era dirigirem-se a esta importante cidade. Mas não; de Pangim seguiram para o *Belagum* e, depois d'ahi estarem três dias, vão para *Poonhá* e por fim para Bombaim, com a aggravantesinha de cada um dos membros da comissão ganhar 6 rupias por dia (4\$400 réis).

O resultado foi o preço dos cavallos ser muito inferior ás despêsas da viagem e gratificações pagas á comissão.

Temos ainda a illuminação da

estrada de Pangim ao Cabo (palacio), que custou ao Estado 1:800 rupias. Ora a illuminação d'esta estrada é só proveitosa para os governadores ou para o patriarcha, quando se lembra d'ir tomar banho a Caranzalem.

Aqui têm, meus amigos, uma pequena relação d'obras mandadas fazer pelo sr. Raphael d'Andrade e devo-lhes ainda dizer o que este homem tem aqui feito no presente momento em que se acha revestido com poderes de commissario regio. Mas isso fica para segundas leituras.

Pela demissão do sr. Raphael veio o sr. visconde de Villa Nova de Ourem, as d'esse tractarei quando fallar da revolta. Antes d'isso quero-lhes fallar do caminho de ferro de Mormugão a Castle-Rock.

× Chega hoje a Coimbra o nosso presado amigo e prestante correligionario dr. Antonio José d'Ameida, que parte para S. Thomé no dia 23 do corrente mês.

Passará dois dias com os seus amigos d'esta cidade.

Restello

Do nosso presado collega o Paiz:

«Affirma-se que o grande conde de Restello vae publicar uma carta, em que estão collaborando os seus varios conselheiros intimos.

Aguardamos com impaciencia esse documento, que deve ser supinamente interessante, para o commentarmos com a devida justiça.

Estamos quasi depositos a illustrar a carta do homemzinho com a sua carantonha, que tão bem exprime o seu modo de ser moral.»

Falleceu em Amarante uma extremosa tia do nosso querido amigo e collega dr. Cerqueira Coimbra, a quem damos os mais sentidos pesames.

INDIA

Em Lisboa foram recebidos os seguintes telegrammas particulares:

«Belgum. 12 de março, ds 10 horas e 15 m.—Protestam telegrammas extorquidos camaras. Situação afflictiva.—(a) *Habitantes de Salsete*»

Bombay, 12 março, 3 h. e 6 m.—Colonia portugueza implora remoção governador Gô. Pedidos para conservação forçados. Segue memorial.—(a) *Accacio da Gama*»

Os jornaes governamentais continuaram a affirmar que os animos estão todos socegados e que o sr. Raphael d'Andrade sae do governo da India pelo seu estado de saude não lhe permittir a sua permanencia lá. Tambem esses jornaes continuaram a dizer que o sr. infante Affonso Henriques é muito competente para pacificar a India, introduzindo as reformas administrativas de que tanto necessita aquella colonia.

Vae tudo ás mil maravilhas.

Ao polo do norte

O explorador inglês capitão Wiggins, que está presentemente esperando em S. Petersburgo a chegada do barco que o deverá transportar ás aguas da Sibéria, projecta, no caso de não se terem recebido noticias definitivas a respeito de Nausen, emprender uma viagem de investigações ao norte da Siberia e, em primeiro lugar, ao cabo Tcheluskin, onde Nausen lhe promettera deixar indicações da direcção que tomaria depois de ter passado por aquell

Carta de Lisboa

Lisboa, 13 de março de 1896.

Hoje toda a gente vai ver o Gungunhana. Desde a madrugada que Lisboa vai para o Aterro esperar o Africa.

Entre os amigos da monarchia o Gungunhana assumiu proporções phantasticas.

O Sergio dá-se ares de que foi elle que apanhou o negro, o Mariano accusa-o de ter roubado a outra metade, o João Franco afirma que é elle o auctor da dictadura, o Navarro diz que o chalet do Luso é do negro.

O preto é tudo.

D'aqui a dois dias dirão que é elle e não o D. Carlos o rei de Portugal e, quando se proclamar a Republica (depois d'amanhã), lá vai o Gungunhana para o hotel de Paris contar as façanhas de seu bisavô D. João VI.

×

Uma bandalheira a chegada do preto. Diz-se que vai numa tipoiã de praça para a fortaleza de Monsanto.

Fallou-se a principio em que iria num coche da casa real. Como o Sergio de Castro esteja no Instituto Veterinario e outros se occupem a governar, a legislar e a politizar, não houve meio de arranjar quem puchasse o carro.

Do coche de D. João V passou-se pois ao calhambeque do Paço d'Arcos, um batedor de fama.

Quem deve ter pena d'isto é o D. Affonso. Para guiar duas pillecãs não ha outro.

Lá está vice-rei da India.

×

Parece que acertei no que disse da Italia e da Hespanha. Sou um grande politico. Assim eu podesse adivinhar o que se passará em Portugal.

Estava a escrever quando senti uma grande algazarra. Era gente a correr a fim de ver o Gungunhana.

Cheguei á rua do Ouro. Lá vinha o cortejo.

Áparte a cor e toilette dos personagens, o mesmo que aqui se vê.

Cortezãos e cosinheiros e damas nos trens da frente e o rei no ultimo.

Multidão immensa. Gargalhadas, commentarios, o diabo.

O preto seguiu pela Avenida. No habito de cumprimentarem o rei, os janotas cumprimentaram o negro. São parentes.

×

Pela multidão que esperava a chegada do rei preto, calcúlo o que não será na partida do rei branco. Que grande dia!

João da Nova.

Acha-se bastante incommodado o nosso querido amigo e collega dr. Quim Martins.

Que se livre depressa da imperitente doença são os nossos ardentes desejos.

Foi nomeado professor da cadeira de grego na Universidade, o sr. dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama, distincto cathedratico da faculdade de Theologia.

Bessa de Carvalho

Tem estado gravemente doente este nosso prezado amigo e director do nosso estimavel collega *A Voz Publica*.

Do coração desejamos as suas melhoras.

Recommendamos a todos os fieis catholicos d'esta deocese que leiam os discursos proferidos pelo sr. Bispo Conde na camara dos dezanove e, sobretudo, uma passagem da replica ao sr. conde de Bertandos, em que se falla do perjurio.

Chega a parecer inacreditavel que esse bispo diga taes dispautes.

Brevemente sairá o primeiro numero d'um semanario republicano, denominado *Portugal*, órgão do grupo academico republicano.

E, pegando em Alice como já fizera, collocou-a na cadeirinha.

Herminia aproveitou-se da presença do pae, em frente de quem M. de Lambrune não podia protestar sem commentar uma imprudencia, para prodigalisar á sua amiga todos os pequenos cuidados que o seu estado reclamava; depois, collocou-se junto dos criados que a levavam e acompanhou-os moderando-lhes a marcha com uma palavra ou um simples gesto.

—É' inacreditavel, dizia M. de Villy; Emmanuel contou-me em poucas palavras que vós tinheis vindo todos tres espera-lo de volta da caça, esperando que elle viesse pela porta pequena de que elle tem a chave e que Alice, que vinha pelo teu braço, cahira subitamente sem conhecimento.

—Mas, a proposito, que é feito do teu sobrinho? perguntou o coronel.

—Foi atrelar elle proprio a carruagem e provavelmente já partiu a todo o galope para Bernay buscar um medico, o pobre rapaz ia doido de todo.

—Acredito! respondeu Roland de modo que Herminia ouviu.

A velha M.^{me} de Villy não tinha sido prevenida, porque o filho recejava os resultados de uma emoção tão viva. De modo que só foi advertida pelo barulho que se fez no interior do castello á chegada do cortejo, quando M. de Lambrune se dirigia apressadamente

Cartas da India

Devido á amabilidade d'um nosso amigo, residente ha muito na India e conhecedor como poucos dos negocios e dos successos d'aquella nossa possessão, iniciamos hoje a publicação de uma série de cartas, que, escriptas com imparcialidade e conhecimento de causa devem interessar muitissimo as attencões dos nossos leitores avidos como bons portuguezes de se informarem de tudo que á India se refere.

Está já convalescente o nosso amigo e collega Germano Martins. Que se restabeleça breve do forte ataque d'influenza que teve, porque queremos vel-o aqui ao nosso lado.

A Tuna Academica vai no sabbado da proxima semana a Thomar, onde dará dous concertos. Preparam-lhe nessa cidade uma recepção muito festiva.

Annuario da Universidade

Acaba de ser publicado este annuario, cuja a recepção agradeçemos.

É impresso em magnifico papel marfim, typo novo e disposição excellente.

A benemerita Associação dos bombeiros voluntarios promove uma recita em seu beneficio, em que tomará parte o grande actor Taborda.

Foi approvedo com distincção no exame de pharmacia de 2.^a classe o sr. Virgilio Mesquita Lopes.

O 'Pimpão' illustrado

Vem esplendido o ultimo numero. O *Pimpão* consta de 16 paginas impressas em magnifico papel assefinado, quasi todas illustradas, sendo onze de texto em prosa e verso, d'uma grande variedade de assumptos interessantissimos, com magnificas gravuras, entre as quaes sobressae uma magnifica autotypia do tamanho de uma pagina e que, emoldurada, daria um elegante quadro para gabinete. Em outra pagina vem o Fado do Hilario, para piano e canto, em caracteres musicaes que são uma original e espirituosa variedade. Este numero do *Pimpão* tem o aspecto de uma publicação litteraria e artistica de primeira ordem, em nada inferior aos melhores jornaes illustrados do estrangeiro, tendo sobre elles a vantagem do preço, pois custa apenas 20 réis! Os seguintes numeros do *Pimpão* — que se publica duas vezes por semana

para ella a fim de lhe explicar o que se passou, com toda a especie de cautellas possivel. Foi toda a tremer que ella entrou no quarto da sua neta, onde Herminia ajudava a criada a despir Alice e a mette-la na cama.

—Minha filha! minha querida filha! dizia ella, cruzando as mãos. Que desgraça te succedeu, a ti que nunca fizeste nada, ao bom Deus? Vós bem sabeis, não é verdade, bem sabeis, mademoiselle de Croizy, que esta criança não merece a mais pequena afflicção! Alice, continuava ella, inclinando-se sobre a cabeça de M.^{me} de Villy como que para se convencer de que não podia deixar de ser ouvida, sou eu, a tua avó, que tantas vezes te embalou quando tu choravas, minha querida, e por causa de quem tu retinhas as lagrimas apesar dos teus grandes soffrimentos de criança, para me não causares pena!

Alice mais palida ainda entre os lençoes brancos e os cortinados azues do leito, mantinha-se sempre inerte, immovel.

—Dae-me para aqui um fauteuil, disse M.^{me} de Villy; não quero abandonar a cabeceira da minha infeliz neta.

Herminia tinha-se assentado numa cadeira, em frente d'ella.

—Ah! soluçava a excellente senho-

—serão igualmente illustrados e ao custo de 10 réis!

Para fazer a assignatura d'este interessante periodico basta dirigir um bilhete postal, com indicação de nome e morada para — O *Pimpão*, rua Formosa, 150 a 156 — Lisboa.

Passos em Tentugal

No domingo, 22, haverá como de costume esta festa.

Sabbado á noite, haverá procissão da igreja matriz d'esta villa para a igreja da Misericórdia, que costuma ser interessante, pela grande porção de candieiros que esbeltas pequenas levam.

Atraz da procissão irá, pela primeira vez, a nova Philharmonica Tentugalense.

No domingo, ás 4 horas da tarde, sairá da Misericórdia a procissão, que percorre as ruas d'esta villa. Antes da procissão pregará o sermão do Pretorio o rev.^o coadjutor de Montemor-o-Velho. Ao recolher haverá sermão do Calvario, pregado pelo rev.^o prior d'esta villa, Julio da Silva Carvalho.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 27 de fevereiro de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente a parte da sessão o administrador do concelho bacharel José Miranda.

Approvada a acta da sessão anterior, foi adoptada a conta de gerencia do anno de 1895, apresentada pelo presidente, que se retirou da sala, tomando a presidencia o vice-presidente.

Occupada de novo a presidencia pelo presidente, foi apresentado por elle o projecto do orçamento ordinario para o corrente anno civil, dizendo que ficava sobre a mesa para ser examinado pela vereação e exposto ao publico na forma da lei.

A camara encarregou a presidencia de fazer o preciso estudo acerca das dividas ás Juntas de parochia por effeito das disposições do codigo administrativo e do decreto de 6 de agosto de 1892.

Resolveu secundar o pedido feito superiormente pela junta fiscal de matrizes, para a revisão da matriz da contribuição predial de este concelho.

Concedeu auctorisação para se vedar ao transito de carros a rua entre o mercado e o edificio do hospicio dos abandonados por conveniencia das obras do collector de exgotos alli em construção, fazendo-se o transito pela serventia ao sul do mercado.

Mandou enviar ao commissario de policia uma participação da repartição competente acerca do deposito de matos na rua da rua da Moeda, feito por um proprietario.

Tomou conhecimento do fallecimento de um asylo no asylo dos cegos.

Mandou orçar a despeza com a collocação de novos degraus nas escadas de S. Thiago.

Resolveu contractar, diversos fornecimentos, segundo propostas apresentadas, de petroleo, azeite e alcool, para a illuminação do logar de Santo Antonio dos Olivaeas, casa da abegoria e casa das machinas; bem como de papel e artigos diversos de expediente para a secretaria e repartições da sua dependencia.

Mandou reparar o telhado e portas da loja n.^o 43 do mercado.

Auctorizou a compra de uma viga de madeira de mangue de 2 metros e meio para raios das rodas dos carros do serviço da limpeza.

Nomeou um louvado informador para o

serviço das congruas dos parochos, em substituição de outro, fallecido, da freguezia da Torre de Villela.

Mandou orçar a despeza com a reparação da ponte do Porto Seco, junto a Bolão.

Auctorizou a collocação de uma porta nova na loja pertencente ao municipio no Terreiro da Erva.

Auctorizou a presidencia a ordenar o pagamento dos vencimentos de feyereiro ao pessoal da secretaria e mais repartições.

Auctorizou a limpeza e plantação d'arvores nos taludes das estradas municipaes.

Mandou passar licenças para apascentamento de cabras a tres proprietarios, um da freguezia de Santo Antonio dos Olivaeas e a dois d'Eiras.

Atteuou acerca de duas petições para subsidios de lactação a menores.

Approvou o arrolamento de cães, relativo ao corrente anno.

Auctorizou diversos contractos d'avença para consumo d'agua.

Despachou requerimentos: — atestando acerca do comportamento de diversos, e auctorizando a collocação de letreiros em estabelecimentos de commercio; o levantamento de um deposito de garantia a fornecimentos feitos no anno de 1895; o arrendamento em praça de um terreno do municipio ao porto dos Lazarios; a venda de terrenos no cemiterio da Conchada; a collocação de signaes funerarios em sepulturas e a exhumação de cadaveres; a abertura de uma porta de um predio particular para as escadas de Santo Antonio da Pedreira; e a reforma da frontaria de tres predios, dois na rua dos Sapateiros e um na rua das Azeiteiras, sendo approvedos os respectivos alçados.

Indeferiu um requerimento para a venda de alguns loureiros cortados na quinta de Santa Cruz.

THEATRO AFFONSO TAVEIRA

DOMINGO 15 DE MARÇO

Espectaculo pelo Gremio Dramatico Adelino Veiga, com a oratoria de Braz Martins, em 3 actos e 4 quadros

O SANTO ANTONIO

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

Escolas e principios de criminologia moderna

PELO

DR. AFFONSO COSTA

1 vol. em 8.^o de 341 paginas

PREÇO — 800 RÉIS

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

DO MESMO AUCTOR:

Os peritos no processo criminal 700 réis

A Igreja e a questão social 1\$000 réis

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XX

Felizmente começou a ouvir-se na extremidade da aia o ruido do passo apressado de varias pessoas correndo. Dois criados traziam uma cadeirinha e, ao lado d'elles, com o chapéu na mão, vinha M. de Villy, esfallado e afflicto.

—Alice, onde está Alice?

—Socega, meu velho amigo, disse M. de Lambrune. É' um accidente, não vale nada, passa já... Tu bem sabes, o que são mulheres, e jovens principalmente... Uma syncope, perceb'st?

—Sim, não ha duvida, respondeu M. de Villy, tomando as mãos de Alice, mas é a primeira vez que isto lhe succede!

Tinha-se posto de joelhos deante d'ella e beijava-lhe a testa.

—Alice, minha querida Alice! repelia elle... Respira ella, ao menos?

—De certo, meu velho camarada, respondeu o coronel. Mas vamos depressa, façamo-la transportar para o castello que é agora o mais importante.

rapé, a applicação de compressas de agua gelada sobre a frente e simplesmente na barriga das pernas.

—O teu medico parece-me um asno, disse brutalmente o coronel a M. de Villy. Vou com elle a Bernay e de já a Caen onde estive num dos ultimos dias com um rapaz que ha pouco concluiu os estudos de medicina em Paris, um normando, antigo discipulo em Caen do nosso velho amigo L.^{***} que deve ser um pouco mais forte do que este invalido. Encontra-lo-ei sem duvida e no ultima comboio d'esta tarde, ou quando muito no primeiro de amanhã de manhã aqui estaremos ambos.

O velho medico de Bernay ia-se embora sufficientemente socegado, dizendo que naquella occasião nada mais havia a fazer e que voltaria no dia seguinte «para ver se por acaso se tinha manifestado alguma doença».

A noite foi terrivel para M. de Villy e para a sua pobre mãe. As compressas d'agua tirada d'um poço glacial não surtiram effeito; os sinapismos causaram uma agitação passageira e nada mais. Herminia tinha querido ficar acordada.

—Esta pobre criança, dizia M.^{me} de Villy ao filho, está tão afflicta como nós.

(Continúa)

1.ª publicação

13 Pelo juízo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 1.º officio — Escrivão Camillo — por appenso ao inventario a que se procedeu por obito de Antonio Lucas de Paiva e mulher Theresa Ferreira, moradores que foram no Loureiro, freguezia de Sernache, foi requerida por Joaquim Antonio Rodrigues e mulher Joaquina Rosa; Manoel Rodrigues da Paz e mulher Maria Rosa, proprietarios, residente na Freuma de Cima, freguezia d'Almalaguez, José Antonio e mulher Maria José; José Francisco Novo e mulher Maria da Luz, proprietarios, residentes no Casal Pequeno, freguezia de Miranda do Corvo, um processo de justificação a fim de se habilitarem como herdeiros de seu pae, sógro e avô Francisco José Mercador, casado que foi com Mathilde Rosa ou Mathilde de Jesus, fallecido em 18 de agosto de 1881, para os effeitos legaes e especialmente para poderem levantar da Caixa Geral dos Depósitos a quantia de 112,5363 réis alli existente, e que no referido inventario pertenceu áquelle fallecido, da qual pertence uma terça parte á justificante Joaquina Rosa, casada com Joaquim Antonio Rodrigues; uma terça parte a seu irmão José Mercador, solteiro, residente na Freuma de Cima, como representantes de seu pae o dito Francisco José ou Francisco José Mercador e a terça parte restante aos justificantes José Antonio e mulher Maria José, Maria Rosa e marido Manoel Rodrigues da Paz e Maria da Luz e marido Manoel digo marido José Marques Novo, como únicos e universaes herdeiros de sua mãe e sogra Maria Rosa, fallecida em 28 de abril de 1894, no estado de viuva de Francisco Antonio, filha do dito Francisco José Mercador. — Pelo que se passam editos de 30 dias e por estes se citam as pessoas incertas que se julguem com direito á quantia acima referida de 112,5363 réis, a fim de deduzirem o que tiverem a oppôr dentro do prazo legal e verem accusar a citação na 2.ª audiência d'este juízo, posterior ao dito prazo, que se contará desde a segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, declarando-se que as audiencias neste juízo se fazem ás segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, porque neste caso se farão nos seguintes se o não forem também, e sempre por 10 horas da manhã no tribunal judicial, sito na Praça Oito de Maio, d'esta cidade.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Neves e Castro.

12 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego. Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas. Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Caixeiro

11 Na casa de Augusto Luiz Martha, aceita-se um que tenha pratica de papelaria. Praça do Commercio, n.º 76 a 78. — Coimbra.

10 Vinho sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro. Também ha vinho bom a 70 réis o litro. Verde engarrafado, garrafa 100 réis. Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento. Taberna á 8ª Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

9 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordões e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhinites, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithias hepatica* como *renal na albuminuria, diabetes, etc.*, podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarías—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogeria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogeria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no **Café Lusitano**

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Cordões e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

12 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

5 Este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um **extraordinario e variadissimo** sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2,500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7,500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues e vestons*, feitos por medida, a principiar em 7,000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8,000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8,500.

Dita para *makferlanes, double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7,500 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1,800 a 8,000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões e sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 450 a 4,500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35,000 a 45,000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

51, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgets.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, esbo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

3 No dia 22 do corrente por 11 horas da manhã na rua do Visconde da Luz n.º 9, 102 a 106, pelo processo de fallencia de Domingos José Gomes, d'esta cidade, não de ser vendidos em lotes todos os artigos e mobilia do estabelecimento do fallido Domingos José Gomes, e em globo a mobilia da casa que foi habitação do mesmo fallido, artigos que abaixo vão indicados—e que serão postos em praça pelos preços da avaliação. *Artigos do estabelecimento*—Objectos de bijouteria; fazendas brancas, e outras, taes como: caixas para joias; sabonetes; caixas para luvas; voials de lã; diversos percaes; chitas; flanelas de lã; setins d'algodão; colletes d'espartilho; casteletas; flanelas para vestidos; cortes de lã; cheviotes e casimiras; bretanhas; lenços de algodão e de lã; rendas; sapatos de trança; sombrinhas; camisas brancas de flanela; capas; luvas; veludos; setins; chailes; tules; gravatas; fitas e outros artigos—escrivaninha; prensa e banca; cadeiras; bancos; candieiros; contador e canalisação; malas; manequins; cabides e outros objectos. *Mobilia da casa*—Sofá; cadeiras; mesas; candieiro de suspensão; armario com portas de vidro; louças e vidros; camas de ferro; fogão e objectos de cozinha.

Verifiquei a exactidão

Neves e Castro.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000,000

Fundo de reserva... 211.000,000

SEDE EM LISBOA

2 Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobillias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

QUINTA

1 Vende-se uma proximo d'esta cidade.

Dá bom rendimento, tem terra de semeadura, pinhal, arvores de fructo, olival, vinha, etc.

Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2,700

Semestre..... 1,350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2,400

Semestre..... 1,200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA